PHILIP
O TEMPO DESCONJUNTADO
SUMA
K DICK

O TEMPO DESCONJUNTADO

Tradução
Braulio Tavares

Sumário

O tempo desconjuntado

1

Victor Nielson saiu do frigorífico, nos fundos do supermercado, empurrando um carrinho cheio de batatas da safra de inverno até a seção de alimentos. Despejou-as no cesto quase vazio, e conferia uma em cada dez, em busca de cortes ou manchas. Uma batata grande escapuliu de sua mão e ele se abaixou para apanhá-la. Ao fazer isso espiou na direção dos caixas, das estantes cheias de balas e cigarros e das portas de vidro que davam para a rua. Alguns pedestres passavam na calçada, e viu do lado oposto da rua o reflexo do sol no para-lama de um Volkswagen que saía do estacionamento.

— Era minha mulher? — ele perguntou a Liz, a texana exuberante que operava o caixa.

— Não que eu saiba — disse ela, enquanto registrava duas caixas de leite e um pacote de carne moída. O senhor parado junto ao caixa enfiou a mão no paletó, buscando a carteira.

— Ela ficou de passar aqui — disse Vic. — Me avise quando ela aparecer.

Margo tinha combinado de pegar Sammy, o filho de dez anos, para ir fazer um raio X no dentista. Como era abril, época de pagar o imposto de renda, as reservas deles estavam baixas, e ele temia as consequências do exame.

Sem querer esperar mais tempo, foi ao telefone público perto da gôndola de latas de sopa, pôs uma moeda e discou.

— Alô — respondeu a voz de Margo.

— E então, você levou ele?

Margo respondeu, agitada:

— Tive que ligar para o dr. Miles e remarcar. Na hora do almoço lembrei que hoje é o dia em que devo ir com Anne Rubenstein levar a petição para o Departamento de Saúde. Temos que entregar isso hoje, porque os contratos já estão sendo emitidos, pelo que ficamos sabendo.

— Que petição é essa?

— Para obrigar a prefeitura a limpar aqueles três terrenos baldios com

alicerces de casas antigas. Ali onde as crianças brincam depois da aula. Aquilo é perigoso. Está cheio de arames enferrujados, lajes de concreto quebradas, e…

— Não podem mandar isso pelo correio? — ele interrompeu, mas por dentro estava aliviado. Os dentes de Sammy não cairiam até o mês seguinte, não havia nenhuma urgência em tratar deles agora. — Quanto tempo vocês vão demorar? Quer dizer que não vou ter carona para casa?

— Eu não sei — respondeu Margo. — Escute, querido. Estou com a sala cheia de mulheres aqui, estamos verificando os últimos detalhes para incluir na petição. Se não der para ir pegar você, eu te ligo lá pelas cinco. Tudo bem?

Depois que desligou, foi até o caixa. Não havia nenhum cliente para atender, e Liz tinha acendido um cigarro para aproveitar aqueles minutos. Ela sorriu para ele, seu rosto pareceu se iluminar.

— Como está o seu garoto? — perguntou.

— Está bem — disse ele. — Provavelmente aliviado porque não vai mais ao dentista.

— Eu tenho um dentista bem velhinho, um doce de pessoa — arrulhou ela. — Deve ter uns cem anos. Não me machuca nem um pouco, cutuca um pouquinho e pronto. — Repuxando o lábio com um dedo, a unha bem vermelha, ela mostrou uma obturação em ouro num dos molares superiores. Ele sentiu um bafo de cigarro e canela quando se inclinou para olhar. — Está vendo? Bem grande, e nem doeu. Nem um pouquinho!

O que será que Margo diria, pensou ele, se ela cruzasse essa porta que se abre automaticamente quando a gente chega perto e me visse espiando dentro da boca de Liz. Flagrado praticando um erotismo da última moda, não registrado no Relatório Kinsey.

Àquela hora da tarde a loja estava quase deserta. Em geral havia uma fila de clientes para passar no caixa, mas não naquele dia. Era a recessão, concluiu Vic. Cinco milhões de desempregados em fevereiro daquele ano. Está começando a afetar os negócios. Indo para a porta da frente, ele ficou avaliando o movimento na rua. Não havia dúvida. Menos gente do que o normal. Todo mundo em casa, conferindo as economias.

— Vai ser um ano ruim para os negócios — disse ele a Liz.

— E por que você se preocupa? — perguntou ela. — O mercado não é seu. Você só trabalha aqui, como todos nós. E não é tanto trabalho assim. — Uma cliente começou a colocar itens de alimentação no balcão do caixa, e Liz

começou a registrar um por um, enquanto continuava a falar com Vic. — De qualquer modo, não acho que vá haver nenhuma depressão. É só conversa dos democratas. Estou cansada de ouvir os democratas dizerem que a economia vai quebrar, esse tipo de coisa.

— Você não é democrata? — perguntou ele. — Lá do Sul?

— Não sou mais. Desde que me mudei para cá. Este é um estado republicano, então eu sou republicana. — A máquina registradora retiniu e a gaveta abriu automaticamente. Liz começou a colocar as mercadorias num saco de papel.

Do outro lado da rua, em frente à loja, a placa do American Diner Café o lembrou do cafezinho de todas as tardes. Talvez este fosse o melhor momento. Falou para Liz:

— Volto daqui a dez minutos. Pode segurar a barra sozinha?

— Ah, claaaro… — disse Liz com alegria, enquanto os dedos contavam o troco com rapidez. — Você vai agora, e depois saio eu e compro algumas coisas de que estou precisando. Pode ir.

Com as mãos nos bolsos, saiu da loja e parou no meio-fio para esperar uma brecha no trânsito. Nunca ia até a faixa de pedestres: sempre atravessava bem no meio do quarteirão, diretamente para o café, mesmo que tivesse que ficar esperando vários minutos. Era uma questão de honra, um componente da masculinidade.

No balcão do café, ele ficou mexendo a xícara preguiçosamente.

— Um dia paradão, hein — disse Jack Barnes, o vendedor de sapatos da Samuel’s Men Appareil, trazendo a xícara para se sentar perto dele. Como sempre, Jack tinha um ar murcho, como se tivesse passado o dia inteiro suando e cozinhando dentro da camisa e das calças de náilon. — Deve ser o clima — continuou ele. — Bastam uns diazinhos de primavera e o pessoal começa a comprar raquetes de tênis e fogareiros para acampamento.

Vic trazia no bolso o livro do mês do Clube do Livro. Ele e Margo tinham se filiado anos atrás, na época em que deram entrada numa casa e se mudaram para aquela vizinhança que dava grande importância àquelas coisas. Puxando o livro, ele o colocou em cima do balcão, girando-o para que Jack pudesse ler a capa. O vendedor de sapatos não demonstrou interesse.

— Entre para um clube de leitura — disse Vic. — Faz bem para a cabeça.

— Eu leio livros — disse Jack.

— Sim. Aqueles livrinhos de bolso que você compra na Becker’s Drugs.

Jack disse:

— É de ciência que este país precisa, não de romances. Você sabe muito bem que esses clubes do livro só propõem aqueles romances sobre cidades pequenas onde acontecem crimes sexuais e toda a sujeira sobe para a superfície. Não acho que isso seja ajudar a ciência americana.

— O Clube do Livro também publica a *História* de Toynbee — disse Vic. — Você pode muito bem ler isso. — Ele ganhara esse título como brinde. Embora não tivesse terminado de ler, reconhecia que era uma grande obra literária e histórica, que valia a pena ter na estante. Continuou: — De qualquer modo, por piores que sejam alguns livros, não são tão ruins quanto aqueles filmes de sexo para adolescentes, sobre corridas de carros, filmes do tipo James Dean e tudo o mais.

Movendo os lábios enquanto lia, Jack olhou o título do livro do clube.

— Romance histórico — disse. — Sobre o sul. Época da Guerra Civil. Eles continuam empurrando esse tipo de coisa. Essas senhorinhas sócias desses clubes não se cansam de ler isso a vida inteira?

Vic ainda não tinha tido tempo de examinar bem o livro.

— Nem sempre eu compro o que eles oferecem — explicou. O livro em questão era *A cabana do Pai Tomás*. De uma autora de que ele nunca ouvira falar: Harriet Beecher Stowe. A contracapa elogiava o livro, dizendo que era uma denúncia corajosa do tráfico de escravos da época anterior à Guerra Civil no Kentucky. Um relato honesto sobre as práticas sórdidas a que eram submetidas as jovens negras indefesas.

— Uau — disse Jack. — Acho que vou gostar desse aí.

— Não dá para saber pelo que diz na contracapa — disse Vic. — Todo livro hoje em dia é elogiado assim.

— É verdade. Neste mundo ninguém age mais baseado em princípios. Olha para os anos de antes da Segunda Guerra Mundial e compara com agora. Veja que diferença. Não havia tanta desonestidade e delinquência e obscenidade e drogas por toda parte. Garotos arrombando carros, essas rodovias e essas bombas de hidrogênio… e os preços subindo. Como o preço que vocês das lojas e mercadinhos cobram pelo café. É terrível. Para onde vai esse dinheiro todo?

Ficaram discutindo a respeito disso. A tarde foi passando, devagar, preguiçosamente, e nada ou quase nada aconteceu.

Às cinco horas, quando Margo Nielson pegou o casaco, as chaves do carro e saiu de casa, Sammy não estava por perto. Brincando por aí, sem dúvida. Mas ela não teve tempo de procurá-lo, tinha que buscar Vic logo, ou ele iria pensar que ela não estava a caminho e pegaria o ônibus para casa.

Ela voltou correndo para dentro de casa. Na sala, seu irmão, bebendo uma lata de cerveja, ergueu a cabeça e murmurou:

— Ué, já voltou?

— Não fui ainda — respondeu ela. — Não sei onde Sammy está. Podia ficar de olho nele enquanto vou e volto?

— Claro — disse Ragle.

Mas o rosto dele mostrava uma tal exaustão que ela imediatamente desistiu de sair. Os olhos dele, vermelhos e inchados, fixaram-se nela com um apelo irresistível. Ele havia tirado a gravata e arregaçado as mangas da camisa, e ao beber a cerveja seu braço tremia. Espalhados em volta dele e de toda a sala, os papéis do seu trabalho formavam um círculo do qual ele era o centro. Ele não podia sequer sair dali. Estava ilhado.

— Lembre-se, tenho que levar isso ao correio e enviar registrado até as seis — disse ele.

À sua frente, as pastas dos arquivos formavam uma pilha torta, desarrumada. Ele vinha reunindo aquele material havia anos. Livros de referência, tabelas, gráficos, todas as correspondências que ele enviara para o concurso até então, mês após mês… De diferentes maneiras, ele dera um jeito de compactar todas as suas colaborações para poder examiná-las. No momento, estava usando o que ele chamava de método de examinar os gráficos em "sequência": isso exigia cópias do gráfico em papel opaco, nos quais o lugar assinalado permitia a entrada de luz através de um ponto perfurado. Ao folhear aquilo velozmente com o polegar, ele podia ver o ponto em movimento. O ponto de luz pulava para lá e para cá, para cima e para baixo, e aos olhos dele esse movimento criava um padrão. Para ela, não havia padrão algum naquilo. Mas era justamente por isso que ele era capaz de acertar. Ela tinha mandado colaborações para o concurso algumas vezes e nunca acertara.

— Já está muito adiantado? — perguntou ela.

Ragle disse:

— Bem, já o localizei no tempo. Quatro horas da tarde. Agora, só resta…

— ele fez uma careta — … localizar no espaço.

Pregado no mural de compensado na parede estava o concurso daquele dia, na forma oficial fornecida pelo jornal. Centenas de pequenos quadradinhos, cada um deles numerado de acordo com sua posição na horizontal e na vertical. Ragle tinha marcado a coluna vertical, o elemento tempo. Era a coluna 344, ela viu o alfinete vermelho cravado naquele ponto. Mas o *lugar*. Isso era mais difícil, aparentemente.

— Largue isso por alguns dias — disse ela. — Descanse. Você está trabalhando demais nisso nos últimos meses.

— Se eu largar — disse Ragle, rabiscando alguma coisa com a esferográfica — vou recuar uma porção de posições. Vou perder… — Ele encolheu os ombros. — Vou perder tudo que ganhei desde 15 de janeiro. — Usando uma régua de cálculo, ele traçou a junção de duas linhas.

Cada resposta que ele enviava ao concurso tornava-se um dado a mais nos seus arquivos. Desse modo, explicava ele, suas chances de estar correto iam aumentando com o passar do tempo. Quanto mais elementos ele tinha para calcular, mais fácil isso se tornava. Mas para Margo parecia o contrário, como se ele estivesse tendo cada vez mais dificuldade. "Por quê?", perguntara ela um dia. "Porque não posso me dar o luxo de errar," respondeu ele. "Quanto mais vezes eu acerto, maior o meu investimento." E o concurso não acabava. Talvez ele já tivesse perdido a conta do seu investimento, do lucro acumulado de todos os seus acertos. Ele sempre acertava. Era um talento que tinha, e ele sabia utilizá-lo. Mas era ao mesmo tempo um fardo desgastante, essa tarefa diária que tinha começado apenas como uma brincadeira, ou, na melhor das hipóteses, como uma maneira de ganhar uns poucos dólares quando acertava um palpite. E agora ele não conseguia parar.

Acho que esse é o objetivo deles, pensou ela. Fazem você se envolver, e talvez você nunca viva o bastante para receber o prêmio. Mas ele recebia: o *Gazette* pagava regularmente pelas suas respostas corretas. Ela não sabia o montante exato, mas aparentemente era na faixa de uns cem dólares por semana. De todo modo, pagava as contas. Mas ele trabalhava tanto — ou até mais — quanto se tivesse um trabalho comum. Das oito da manhã, quando o jornal era jogado na varanda, até as nove ou dez da noite. A pesquisa constante. O refinamento dos métodos. E, acima de tudo, o medo constante de cometer um erro. De mandar uma resposta errada e ser desclassificado.

Mais cedo ou mais tarde, os dois sabiam, ia acabar acontecendo.

— Quer que eu traga um café? — perguntou Margo. — Posso fazer um sanduíche, alguma coisa assim, antes de sair. Sei que você não almoçou.

Ele assentiu, preocupado.

Pousando o casaco e a bolsa, ela foi para a cozinha e procurou na geladeira alguma coisa que pudesse preparar para ele. Enquanto trazia os pratos para a mesa, a porta dos fundos foi escancarada e Sammy entrou com um cachorro da vizinhança, ambos desgrenhados e sem fôlego.

— Ouviu a geladeira abrindo, não foi? — perguntou ela.

— Estou morrendo de fome — arquejou Sammy. — Posso comer um dos hambúrgueres congelados? Não precisa fritar, eu como assim mesmo. Prefiro assim porque dura mais.

Ela disse:

— Vá direto para o carro. Assim que eu preparar um sanduíche para o tio Ragle, vamos pegar seu pai lá no mercado. E leve esse cachorro lá para fora, ele não mora aqui.

— Está bem — disse Sammy. — Acho que posso comer alguma coisa no mercado. — A porta bateu com força depois que ele saiu com o cão.

— Já encontrei o Sammy — disse ela a Ragle, ao levar um sanduíche e um copo de suco de maçã. — Não precisa se preocupar com o que ele está fazendo. Ele vai comigo até o centro.

Aceitando o sanduíche, Ragle disse:

— Sabe, talvez eu estivesse melhor se me dedicasse a apostar nas corridas de cavalos.

Ela riu alto.

— Você não ia ganhar era nada.

— Pode ser.

Ele começou a comer, pensativo. Mas não tocou no suco: preferiu a cerveja morna da lata que estava segurando havia mais de uma hora. Como é que ele pode fazer todos aqueles cálculos matemáticos intrincados e beber cerveja morna?, pensou Margo, enquanto pegava de novo o casaco e a bolsa e saía às pressas na direção do carro. Isso devia atrapalhar o pensamento. Mas ele está acostumado. No serviço militar ele adquiriu o hábito de beber cerveja morna dia sim, dia não. Durante dois anos ele e um colega serviram num pequeno atol do Pacífico, cuidando de uma estação meteorológica e de um transmissor de rádio.

O trânsito do fim da tarde, como sempre, estava intenso. Mas o

Volkswagen conseguia se enfiar nas brechas e ela chegou a tempo. Os carros maiores e mais desajeitados pareciam atolados, como enormes tartarugas terrestres.

Foi o melhor investimento que já fizemos, pensou ela. Comprar um carro estrangeiro pequeno. E nunca vai ficar velho: aqueles alemães constroem as coisas com tanta precisão. Ele só tem um probleminha na embreagem, e com apenas vinte e quatro mil quilômetros rodados... mas nada é perfeito. No mundo inteiro. Certamente não em nossa época, com bombas H e a Rússia e a alta dos preços.

Com a cara na janela, Sammy disse:

— Por que não podemos ter um daqueles Mercedes? Por que temos que andar num carrinho pequeno que parece um besouro? — O desdém dele era evidente.

Sentindo-se ofendida — seu próprio filho, um traidor dentro de casa! — ela disse:

— Escute, rapazinho: você não entende absolutamente nada de carros. Não é você que tem de pagar as prestações, dirigir no meio desse maldito trânsito ou lavar o carro. Guarde suas opiniões para você mesmo.

Carrancudo, Sammy disse:

— Parece um carro de brinquedo.

— Diga isso ao seu pai. Quando chegarmos na loja.

— Eu tenho medo — respondeu Sammy.

Ela virou à esquerda no meio do trânsito, esquecendo de dar seta, e um ônibus buzinou atrás dela. Malditos ônibus enormes, pensou ela. Lá na frente avistou a entrada do estacionamento do mercado, engatou a segunda e cruzou a calçada, passando por baixo do enorme letreiro em néon que dizia: SUPERMERCADO LUCKY PENNY.

— Chegamos — disse ela a Sammy. — Espero não termos nos desencontrado.

— Vamos entrar — exclamou Sammy.

— Não. A gente espera aqui.

Esperaram. Dentro da loja, os caixas iam despachando uma longa fila heterogênea de clientes, a maioria empurrando os carrinhos de grades finas de metal inoxidável. As portas automáticas se abriam e depois se fechavam, abriam e fechavam. No estacionamento, davam partida nos carros.

Um sedã Tucker vermelho, maravilhoso, passou devagar ao lado deles. Ela

e Sammy ficaram admirando-o.

— Que inveja dessa mulher — murmurou ela. O Tucker era uma opção de carro tão radical quanto o VW, mas muito mais estiloso. Claro que era grande demais, não era um carro prático. Mas mesmo assim...

Talvez no ano que vem, pensou ela. Quando chegar a hora de trocar este aqui. Mas ninguém troca um VW, você fica com um desses para sempre.

Pelo menos os VW podem ser incluídos numa transação. Podemos comprar um carro sem prejuízo. Na rua, o Tucker vermelho entrou suavemente no fluxo do tráfego.

— Uau! — disse Sammy.

Ela não disse nada.

2

Às sete e meia daquela noite, Ragle Gumm deu uma olhada pela janela da sala e avistou os vizinhos, os Black, se aproximando pela calçada escura, obviamente com a intenção de fazer uma visita. Uma silhueta provocada pela luz do poste atrás deles indicava um objeto na mão de Junie Black, uma caixa ou pacote. Ele resmungou.

— O que foi? — perguntou Margo. Do lado oposto da sala, ela e Vic assistiam ao programa de Sid Caesar na TV.

— Visitas — disse Ragle, ficando de pé. Nesse instante a campainha da porta tocou. — Nossos vizinhos — completou. — Acho que não dá para fingir que não estamos em casa.

Vic disse:

— Talvez eles vão embora quando virem que a TV está ligada.

Os Black, ansiosos para subir mais um degrau na escala social, fingiam ter desprezo por televisão e por qualquer coisa que aparecesse na tela, desde números de palhaços até a Ópera de Viena apresentando o *Fidelio* de Beethoven. Vic chegara a dizer que, se a Segunda Vinda de Cristo fosse anunciada pela TV, os Black não fariam a menor questão de assistir. E Ragle respondeu a isso dizendo que, quando a Terceira Guerra Mundial estourasse e as bombas H começassem a cair, o primeiro aviso viria através do sinal do Conelrad via TV, e os Black reagiriam a isso dando de ombros. É uma lei da sobrevivência, dissera Ragle. Os que se recusam a responder aos novos estímulos perecem. Adapte-se, ou desapareça... uma nova versão de uma regra atemporal.

— Vou abrir a porta — disse Margo — já que nenhum de vocês quer se mexer. — Levantando-se do sofá, ela foi abrir a porta da frente. Ragle a ouviu exclamar: — Olá! — E depois: — O que é isto? O que é… ui! Está quente.

A voz jovem e autoconfiante de Bill Black respondeu:

— Lasanha. Ponha dentro de um pouco de água quente.

— Vou preparar um *espresso* — disse Junie, cruzando a sala direto para a cozinha, levando a caixa de comida italiana.

Inferno, pensou Ragle. Esta noite não trabalho mais. Por que será que toda vez que eles inventam uma moda, têm que trazer para cá? Será que não conhecem mais ninguém?

Esta semana é o café *espresso*. Para combinar com a moda da semana passada: lasanha. De qualquer modo, tudo se encaixa. Na verdade o sabor deve ser bom... embora ele nunca conseguisse se acostumar com o café italiano, forte e amargo. Sempre parecia café queimado.

Chegando à sala, Bill Black cumprimentou, afável:

— Oi, Ragle. Oi, Vic.

Estava com a roupa elegante que costumava usar na época, colarinho abotoado, calças justas... e, claro, o corte de cabelo. Aquele corte curto e uniforme, que só fazia Ragle pensar no corte militar. Talvez fosse isto: o desejo, por parte de profissionais jovens e ambiciosos como Bill Black, de parecer fazer parte de um regimento, parte de um mecanismo colossal. E num certo sentido eles faziam, mesmo. Todos eles ocupavam postos menores como funcionários de grandes organizações. Bill Black, especificamente, trabalhava na prefeitura, no departamento de abastecimento de água. Todo dia sai para o trabalho a pé, não de carro, andando com passo confiante, de terno, parecendo um poste devido às calças e ao paletó tão exageradamente justos. E tão obsoletos, pensava Ragle. Um renascimento fugaz de um estilo arcaico de roupa masculina… Ver Bill Black movendo-se em casa pela manhã e à noite dava a impressão de estar assistindo a um filme antigo. E o passo rápido e sacudido dele aumentava essa impressão. Até mesmo a voz, pensou Ragle. Uma voz acelerada, aguda. Chegava a ser estridente.

Mas ele vai chegar em algum lugar, pensou. O que há de estranho no mundo é que esses tipos diligentes e esforçados, sem ideias próprias, que imitam os seus superiores até no estilo de gravata e na posição do queixo, acabam sempre chamando a atenção. Acabam sendo escolhidos. Sobem na vida. Nos bancos, nas companhias de seguros, nas grandes companhias elétricas, nas empresas que constroem mísseis, nas universidades. Ele já os vira no papel de professores assistentes que ensinam matérias obscuras — pesquisas de seitas heréticas cristãs do século V — enquanto avançam em sua carreira profissional, implacavelmente, centímetro a centímetro, dando tudo

que podem. Capazes de quase tudo, menos de mandar as esposas para servirem de isca no prédio da administração central.

E mesmo assim, Ragle até que gostava de Bill Black. O rapaz — ele parecia jovem; Ragle tinha quarenta e seis anos, Black não teria mais que vinte e cinco — tinha uma visão racional das coisas, uma perspectiva aceitável. Ele aprendia, registrava os fatos novos, assimilava. Era alguém com quem se podia conversar, não seguia uma cartilha de preceitos morais, de verdades pré-fabricadas. Podia ser afetado pelo que acontecia.

Por exemplo, pensou Ragle, se a TV começasse a ser algo aceito nos círculos sociais mais elevados, Bill Black na manhã seguinte estaria com uma TV em cores em sua sala de estar. Há algo de positivo nisso. Não vamos chamar o rapaz de “não adaptável” só porque ele se recusa a assistir ao programa de Sid Caesar. Quando as bombas H começarem a cair, não é o Conelrad que vai nos salvar. Morreremos todos.

— Como vão as coisas, Ragle? — perguntou Black, sentando na beira do sofá. Margo tinha ido para a cozinha com Junie. Diante da TV, Vic estava carrancudo, incomodado com a interrupção, tentando captar o que fosse possível de uma cena entre Caesar e Carl Reiner.

— Sempre grudado na caixa dos idiotas — disse Ragle a Black, tentando fazer uma paródia das frases habituais do outro. Mas Black entendeu o comentário literalmente.

— É o grande passatempo nacional — murmurou, posicionando o corpo de forma a não ficar virado para a TV. — Pensei que isso atrapalhasse você, nessas coisas que você faz.

— Eu consigo fazer o que preciso — disse Ragle. Tinha enviado sua resposta às seis da tarde.

Na TV, a cena acabou, começou um comercial. Vic desligou o aparelho. Seu ressentimento se voltou contra as propagandas.

— Porcaria de anúncios — disse ele. — Por que será que nos comerciais o volume é sempre mais alto do que nos programas? A gente sempre precisa baixar.

Ragle disse:

— Os comerciais geralmente são uma transmissão local. Os programas vêm da Costa Leste, por cabo.

— Existe *uma* solução para o problema — disse Black.

Ragle disse:

— Black, por que você usa essas calças apertadas assim, tão ridículas? Você fica parecendo um marinheiro.
Black sorriu e disse:
— Você nunca folheia a *New Yorker*? Eu não inventei isso, você sabe. Eu não controlo a moda masculina, não ponha a culpa em mim. Moda masculina é sempre uma coisa esquisita.
— Mas você não precisa seguir a moda.
— Quem precisa estar em contato com o público — disse Black — nunca é patrão de si mesmo. A gente usa o que todo mundo está usando. Não é assim, Victor? Você também lida com pessoas, deve concordar comigo.
Vic respondeu:
— Eu uso camisa branca comum, do mesmo tipo, há dez anos, e uma calça normal de lã. É suficiente para quem trabalha com comércio.
— Também usa um avental — disse Black.
— Só quando estou lavando as alfaces — disse Vic.
— A propósito — disse Black —, como estão os índices das vendas no varejo neste mês? Os negócios ainda estão em baixa?
— Um pouco — respondeu Vic. — Mas não é preocupante. A gente espera uma melhora para daqui a um mês, um mês e pouco. É um ciclo, uma coisa sazonal.
Para Ragle, foi muito clara a mudança de tom do cunhado. Assim que a conversa mudou para os negócios, os negócios dele, ele se tornou profissional, discreto, dando respostas táticas. Os negócios nunca estavam em baixa, estavam sempre a ponto de melhorar. E não importa o quanto os índices nacionais caíssem, os negócios nunca eram afetados. Era como perguntar a um homem como ele se sente, pensou Ragle. Ele sempre vai dizer que se sente bem. Pergunte como estão os negócios, e ele automaticamente vai dizer ou que estão terríveis ou que estão melhorando. E nenhuma das duas significa coisa alguma, é apenas uma resposta.
Para Black, Ragle disse:
— E como anda o preço da água? O mercado está firme?
Black deu uma risada, divertindo-se.
— Está, as pessoas ainda estão tomando banho e lavando os pratos.
Chegando à sala, Margo perguntou:
— Ragle, vai querer um café *espresso*? E você, querido?
— Para mim, não — disse Ragle. — Tomei no jantar toda a minha cota de

café para hoje. Já vai me manter acordado.
Vic respondeu:
— Vou querer uma xícara.
— Lasanha?... — Margo perguntou aos três.
— Não, obrigado — disse Ragle.
— Aceito um pedaço — disse Vic, e Black assentiu, junto com ele. — Precisa de ajuda?
— Não — disse Margo, saindo.
— Não se afunde nessas coisas italianas — disse Ragle a Vic. — É gordurosa. Cheia de massa e de temperos. Sabe que isso não faz bem.
Black completou:
— Sim, você já está com uma barriguinha, Victor.
Brincando, Ragle comentou:
— Bem, o que você espera de um cara que trabalha em um supermercado?
Isso pareceu alfinetar Vic. Ele fechou a cara para Ragle e murmurou:
— Pelo menos é trabalho de verdade.
— O que isso quer dizer? — disse Ragle. Mas ele sabia ao que Vic estava se referindo. Pelo menos era um trabalho com um salário fixo, um trabalho para onde você vai todo dia de manhã e de onde você volta toda noite. Não era uma coisa que você faz na sala da casa onde mora. Não era ficar quebrando a cabeça com algo que sai no jornal... como um menino. Vic falara isso uma vez, durante uma discussão entre os dois. Bote no correio uma tampa de caixa de cereal e uma moeda e receba seu Selo Mágico Decodificador.
Dando de ombros, Vic respondeu:
— Não tenho vergonha nenhuma de trabalhar em um supermercado.
— Não foi isto que você quis dizer — disse Ragle. Por alguma obscura razão, ele se deliciava com esses insultos dirigidos à sua concentração nos concursos do *Gazette*. Provavelmente por causa de alguma sensação pessoal de culpa por viver desperdiçando tempo e energia, um desejo de ser punido. Para que pudesse seguir em frente. Era melhor ter uma força externa censurando-o do que sentir a dor íntima e profunda da dúvida e da autocensura.
E ao mesmo tempo, ele ficava satisfeito em saber que suas respostas diárias ao concurso davam uma renda mensal superior ao salário de escravo que Vic ganhava no mercado. E ele não precisava perder aquele tempo enorme indo e

voltando de ônibus.

Vindo mais para perto dele, Bill Black puxou uma cadeira e disse:

— Fiquei pensando se você tinha visto isto aqui, Ragle — disse.

Desdobrou, em uma atitude um tanto confidencial, um exemplar do *Gazette* daquele dia. Quase com reverência, abriu na página 14. Ali, bem no alto, via-se uma fileira de fotos de homens e mulheres. No centro, uma foto do próprio Ragle Gumm em pessoa, e embaixo dela a legenda: "Grande vencedor histórico do nosso concurso 'Onde o homenzinho verde vai aparecer agora?', Ragle Gumm. Campeão nacional deste concurso, liderando há dois anos ininterruptos, um recorde histórico".

As outras pessoas apresentadas ali acertavam em menor escala. O concurso era nacional, e distribuído pelos jornais regionais. Nenhum jornal local tinha cacife suficiente para arcar com todos os prêmios. Os custos do concurso eram mais altos — ele havia feito o cálculo uma vez — do que o famoso concurso "Old Gold" de meados da década de 1930, ou o eterno "Por que eu uso sabão Oxydol, em 25 palavras ou menos". Mas é claro que aquilo aumentava a circulação dos jornais, nestes tempos em que o cidadão médio preferia ler histórias em quadrinhos ou então assistir...

Estou ficando como Bill Black, pensou Ragle. Reclamando da TV. Isso já virou um passatempo nacional por si mesmo. Imagine só todas aquelas residências cheias de gente dizendo: "O que aconteceu com este país? Por que o nível da educação caiu tanto? E a moralidade? Por que rock 'n' roll em vez de artistas adoráveis como Jeanette MacDonald e as músicas de Nelson Eddy em *Maytime*, as coisas que escutávamos quando tínhamos a idade deles?".

Sentado ao lado dele, Bill Black segurava o jornal, apontando para a foto. Estava evidentemente animado com aquilo. Deus do céu, a foto do velho Ragle Gumm num jornal de circulação nacional! Que honra! Uma celebridade, morando na casa ao lado.

— Escute, Ragle — disse Black. — Você ganha uma boa grana com esse concurso do "homenzinho verde", não é verdade? — A inveja era mais do que visível no seu rosto. — Um par de horas por dia, e você fatura o dinheiro da semana toda.

Ragle respondeu, com ironia:

— É, moleza.

— Não, eu sei que isso dá muito trabalho — disse Black. — Mas é um

esforço criativo, você é o seu próprio patrão. Não é um “trabalho”, como trabalhar numa mesa num escritório.

— Eu trabalho numa mesa.

— Eu sei — insistiu Black —, mas é como se fosse um passatempo. Não estou subestimando. Tudo bem dedicar mais esforço a um passatempo do que ao trabalho do escritório. Sei que quando estou na garagem usando minha furadeira elétrica, estou suando para valer. Mas... há uma diferença. — Ele se virou para Vic. — Você sabe o que eu quero dizer. Não é um trabalho enfadonho. É o que eu falei: criativo.

— Nunca vi a coisa por esse lado — disse Vic.

— Não acha que o que Ragle faz é criativo? — perguntou Black.

Vic respondeu:

— Não, não necessariamente.

— O que você acha que é isso, então, quando um cara ganha a vida com seu próprio esforço?

— Eu só acho — disse Vic —, que Ragle tem a habilidade de adivinhar as respostas certas, uma atrás da outra.

— Adivinhar! — exclamou Ragle, sentindo-se ofendido. — Como é que você pode dizer isso, depois de ver todas as pesquisas que eu faço? Avaliando todas as respostas anteriores? — Para ele, “adivinhação” era a última coisa de que se podia chamar aquilo. Se fosse adivinhação bastaria que ele se sentasse com o gráfico em branco na mão, fechasse os olhos, fizesse algum movimento vago com a mão e depois a baixasse até tocar num quadradinho no meio de tantos outros. Depois bastaria marcar com a caneta e postar no correio. E esperar pelo resultado. — Vocês adivinham quando preenchem sua declaração de imposto de renda? — Era a sua analogia predileta para o que fazia no concurso. — Vocês fazem isso uma vez por ano. Eu faço todos os dias. — Virando-se para Bill Black, ele disse: — Imagine ter que fazer uma nova declaração de renda todo dia. É a mesma coisa. Eu repasso todos os formulários anteriores onde guardo registros, uma pilha deles. Todos os dias. E não há o que adivinhar. É exato. Números. Adição e subtração. Gráficos.

Houve um silêncio.

— Mas você se diverte, não? — perguntou Black finalmente.

— Acho que sim — respondeu.

— O que acha de me ensinar? — perguntou Black, um pouco tenso.

— Não — disse ele. Black já tinha tocado nesse assunto uma porção de vezes.

— Não acho que eu possa chegar a competir com você — disse Black. Ragle deu uma risada. — Só quero poder faturar alguns dólares de vez em quando. Por exemplo, eu queria construir um muro nos fundos de casa, para que no inverno a lama não fique invadindo o nosso quintal. Isso iria me custar uns sessenta dólares, só de material. Digamos que eu acertasse no concurso... Quantas vezes precisaria? Quatro vezes?

— Quatro vezes — disse Ragle. — Você ganharia vinte dólares. E seu nome iria para o quadro dos vencedores. Você estaria no jogo.

Vic falou:

— Estaria competindo com o Charles Van Doren dos concursos de jornal.

— Considero isso um elogio — disse Ragle. Mas a hostilidade que sentiu o deixou desconfortável.

A lasanha não durou muito. Todos eles comeram um pouco. Por causa dos gracejos de Bill Black e de Ragle, Vic se sentiu na obrigação de comer o máximo possível. Sua esposa o observou com olho crítico enquanto ele terminava.

— Quando sou eu que cozinho, você nunca come tanto — disse Margo.

Agora ele preferia ter comido um pouco menos.

— Estava gostoso — disse ele, animado.

Com uma risadinha, Junie Black disse:

— Talvez ele queira morar conosco por algum tempo.

Seu rostinho esperto adquiriu uma expressão familiar, um tanto mal-intencionada, que certamente iria aborrecer Margo. Para uma mulher de óculos, pensou Vic, Junie Black podia adquirir uma expressão incrivelmente depravada. Na verdade, ela não era feia. Mas seu cabelo preto pendendo dos lados, em duas tranças bem grossas, ele não gostava daquilo. Na verdade, não tinha qualquer interesse nela. Não gostava de mulheres pequenas, de cabelos pretos, ativas, especialmente aquelas que davam risadinhas e que, como Junie, insistiam em se esfregar nos maridos alheios depois de um cálice de xerez.

Era o cunhado dele quem reagia bem a Junie Black, de acordo com as fofocas de Margo. Tanto Ragle quanto Junie, que passavam o dia inteiro em casa, tinham tempo de sobra só para si. Isso não era nada bom, Margo vivia

repetindo. Um homem passando o dia inteiro em casa, num bairro residencial, onde todos os outros maridos estavam longe, no escritório, e somente as esposas ficavam em casa. Por assim dizer.

Bill Black disse:

— Vou confessar, Margo: não foi ela quem preparou isto. Compramos quando voltávamos para casa. Num desses lugares de comida pronta lá na Plum Street.

Junie Black, nem um pouco envergonhada, gargalhou.

Depois que as duas mulheres tiraram a mesa, Bill sugeriu umas rodadas de pôquer. Eles relutaram um pouco, e então foram buscar as fichas, o baralho, e logo estavam jogando por um *penny* a ficha, todas as cores pelo mesmo valor. Era um ritual que praticavam duas vezes por semana. Ninguém lembrava como tinha começado. As mulheres, provavelmente, tinham iniciado o processo: tanto Junie quanto Margo adoravam jogar.

Quando estavam jogando, Sammy apareceu.

— Pai — disse ele —, posso mostrar uma coisa?

— Eu estava justamente pensando onde você estava — disse Vic. — Está quieto demais hoje à noite. — Tendo abandonado as cartas durante aquela rodada, ele podia desviar a atenção por um instante. — O que é? —, perguntou. Provavelmente o filho queria algum conselho.

— Mas fale baixo — advertiu Margo. — Você está vendo que a gente está jogando. — A expressão tensa no seu rosto e o tremor na voz indicavam que ela estava com uma mão razoavelmente boa.

Sammy disse:

— Pai, eu não sei como fazer a antena funcionar. — Ele pousou junto da pilha de fichas de Vic uma caixa de metal com fios aparentes e peças que lembravam componentes eletrônicos.

— Mas o que é isso? — perguntou Vic, sem entender.

— Meu receptor de cristal — disse Sammy.

— O que é um receptor de cristal?

Foi Ragle quem falou:

— É uma coisa que eu o ensinei a fazer — explicou. — Um dia desses eu estava contando a ele sobre a Segunda Guerra Mundial e falei do receptor de rádio que a gente operava.

— Rádio — disse Margo. — Isso não é uma coisa ultrapassada?

Junie Black disse:

— Isso que você tem aí é um rádio?
— Uma forma primitiva de rádio — disse Ragle. — A mais antiga.
— Ele não vai acabar levando um choque, não? — perguntou Margo.
— De jeito nenhum — disse Ragle. — Isso não usa eletricidade.
— Vamos dar uma olhada — disse Vic. Ele ergueu a caixa de metal e a examinou de perto, lamentando não entender o bastante para poder ajudar o filho. Mas a verdade é que não sabia nada de eletrônica, o que era bastante visível. — Bem — disse ele, com voz incerta —, talvez tenha sido um curto-circuito em alguma parte.
Junie falou:
— Lembram os programas de rádio que a gente costumava ouvir antes da Segunda Guerra? "A Estrada da Vida." Aquelas novelas. "Mary Martin."
— "Mary Marlin" — corrigiu Margo. — Isso era... Deus do céu. Vinte anos atrás. Fico encabulada.
Cantarolando "Clair de Lune", o tema de "Mary Marlin", Junie completou a rodada de apostas.
— Às vezes tenho saudade do rádio — disse ela.
— Hoje você tem rádio com imagem — disse Bill Black. — O rádio era só a parte sonora da televisão.
— O que é que se pode captar nesse receptor? — perguntou Vic ao filho. — Ainda existem estações de rádio transmitindo? — Ele tinha a vaga impressão de que as rádios tinham encerrado suas atividades vários anos atrás.
Ragle disse:
— Talvez ele possa monitorar sinais que os navios mandam para o porto. Instruções para aterrissagem de aviões.
— Chamadas da polícia — disse Sammy.
— Isso mesmo — disse Ragle. — A polícia ainda usa o rádio para a comunicação entre seus carros. — Estendendo a mão, ele pegou o aparelho de Vic. — Eu posso refazer o circuito depois, Sammy. Mas agora estou com uma mão de cartas muito boa. Que tal amanhã?
Junie disse:
— Talvez ele possa captar discos voadores.
— Isso — disse Margo. — Era o que você devia tentar.
— Nunca pensei nisso — disse Sammy.
— Esses tais de discos voadores não existem — disse Bill Black com mau humor, mexendo inquieto em sua mão de cartas.

— Ah, não? — disse Junie. — Não se engane. Já foram vistos por muita gente para que você possa desmentir assim. Ou você não acredita nesses depoimentos, todos muito bem documentados?
— Balões para estudar o clima — disse Bill Black. Vic estava tentado a concordar com ele e viu Ragle assentindo. — Meteoros. Fenômenos meteorológicos.
— Certamente — disse Ragle.
— Mas eu li que algumas pessoas já chegaram a viajar neles — disse Margo.
Todos riram, menos Junie.
— É verdade — disse Margo. — Eu vi na TV.
Vic disse:
— Eu até admito que parece existir alguma coisa estranha acontecendo lá no alto.
Ele lembrou de uma experiência sua. No verão anterior, em uma viagem para acampar, ele tinha visto um objeto brilhante cruzando o céu em uma velocidade que nenhum avião, nem mesmo um avião a jato, poderia igualar. Parecia muito mais um projétil. Num instante já tinha desaparecido no horizonte. E às vezes, à noite, ele tinha ouvido rumores profundos, como se veículos pesados estivessem cruzando o céu com velocidade reduzida. As janelas tinham vibrado, de modo que não eram ruídos internos da cabeça dele, como Margo sugeriu. Ela havia lido um artigo numa revista popular de medicina dizendo que ruídos no interior da cabeça indicavam pressão sanguínea alta, e depois disso insistiu para que ele fosse fazer um check-up com os médicos do seu plano de saúde.
Ele pegou de volta o receptor de rádio inacabado, devolveu ao filho e voltou a se concentrar no jogo. As cartas da rodada seguinte já haviam sido distribuídas e era sua vez de puxar a aposta.
— Vamos instalar o receptor como parte do equipamento oficial do nosso clube — disse Sammy. — Ele vai ficar trancado dentro da sede do clube, e ninguém pode mexer nele, só o pessoal autorizado. — No quintal dos fundos, os garotos da vizinhança, se reunindo de acordo com o instinto de grupo, tinham erguido uma construção feia mas sólida, usando tábuas, arames e papel alcatroado. Atividades importantes eram realizadas ali, várias vezes por semana.
— Ótimo — disse Vic, examinando suas cartas.

— Quando ele fala “ótimo” — disse Ragle —, é porque não tem nada na mão.

— Já reparei nisso — disse Junie. — E quando ele joga as cartas na mesa e se levanta é porque tem um *four*.

Naquele momento exato, ele estava com vontade de se levantar da mesa. A lasanha e o *espresso* tinham sido demais para ele, e no seu estômago aquilo tudo, misturado com o jantar, começava a produzir efeitos.

— Vai ver que eu tenho um *four* agora — disse.

— Você está pálido — disse Margo. E para Ragle: — Talvez ele esteja com alguma coisa.

— Talvez seja a gripe asiática — disse Vic. Empurrando a cadeira para trás ele ficou de pé. — Volto daqui a pouco. Não saí do jogo. Vou só tomar alguma coisa para aquietar o estômago.

— Oh, querido — disse Junie. — Ele comeu demais. Você tinha razão, Margo. Se ele morrer a culpa é minha.

— Não vou morrer — disse Vic. — O que posso tomar? — perguntou à esposa. Como dona da casa, ela era a encarregada do setor de remédios.

— Tem um pouco de Dramamine no armário de remédios — ela respondeu, preocupada, descartando duas cartas na mesa. — No armário do banheiro.

— Você não toma calmante quando está com *indigestão,* não é? — questionou Bill Black, quando Vic deixou a sala e seguiu pelo corredor. — Ora, está levando isso longe demais.

— Dramamine não é calmante — respondeu Vic enquanto se afastava. — É um remédio para enjoo.

— Dá no mesmo. — A voz de Black soou pelo corredor, até que ele chegou ao banheiro.

— Dá nada — murmurou Vic, irritado pela indigestão. Ergueu o braço no escuro e tateou à procura do fio para acender a lâmpada.

Margo falou lá da sala:

— Venha logo, querido. Quantas cartas vai querer? Você está nos atrasando.

— Está bem — murmurou ele, ainda procurando o fio. — Quero três cartas — disse em voz alta. — São as três cartas de cima, na minha mão.

— Não, senhor — disse Ragle. — Venha cá e entregue as cartas. Senão vai dizer depois que nós pegamos as cartas erradas.

Ele ainda não tinha encontrado o fio pendurado, na escuridão do banheiro.

Sua náusea e sua irritação cresceram, e ele começou a esbarrar nas coisas no escuro, com os dois braços levantados, as mãos espalmadas para cima, com os polegares se tocando. As mãos descreveram um círculo grande. Sua cabeça bateu na quina do armariozinho de remédios e ele praguejou.

— Você está bem? — disse Margo. — O que foi que houve?

— Não consigo achar o fio da luz — disse ele, agora já furioso, querendo tomar logo uma pílula e voltar para o jogo. A tendência inata dos objetos para desaparecer... e então brotou de súbito na sua mente a lembrança de que não havia fio com interruptor pendurado. Havia um interruptor embutido na parede, à altura do ombro, perto da porta. Logo o encontrou, acendeu a luz e pegou o vidrinho de pílulas no armário. Um instante depois, encheu um copo d'água, tomou a pílula e voltou do banheiro às pressas.

Por que eu estava me lembrando de um fio pendurado?, perguntou-se ele. Um fio bem específico, pendurado numa altura específica, num lugar específico.

Eu não estava tateando às cegas. Como estaria se estivesse em um banheiro desconhecido. Estava procurando um fio que já havia usado muitas vezes. Usado tantas vezes que eu já tinha um reflexo involuntário, gravado no meu sistema nervoso.

— Isso já aconteceu com vocês? — perguntou ele, ao se sentar de volta na mesa.

— Jogue — disse Margo.

Ele pegou três cartas, apostou, igualou as apostas dos demais, perdeu e recostou-se, acendendo um cigarro. Junie Black arrastou as apostas para si, dando aquele seu sorriso vazio.

— Já aconteceu o quê? — perguntou Bill Black.

— Procurar um interruptor que não existe.

— Era isso que você estava fazendo, para demorar tanto? — disse Margo, chateada por ter perdido.

— Por que eu achei que estava acostumado a ter um fio pendurado, com interruptor na ponta? — ele disse para ela.

— Não sei — respondeu ela.

Na sua mente, ele fez um levantamento rápido de todas as lâmpadas de que se lembrava. Em casa, na loja, na casa dos amigos. Em todas havia interruptores de parede.

— É muito raro encontrar um interruptor de lâmpada, do tipo pera,

pendurado num fio — disse ele em voz alta. — Isso sugere uma lâmpada bem antiquada, com aquele cordãozinho.

— É muito fácil — disse Junie Black. — Quando você era criança. Muitos, muitos anos atrás. Lá pelos anos 1930, quando todo mundo morava em casas antiquadas, só que não eram antiquadas na época.

— Mas por que eu pensaria nisso agora? — perguntou ele.

Bill falou:

— Isso é interessante.

— É mesmo — concordou ele.

Todos pareceram se interessar.

— O que me dizem disto? — anunciou Bill. Ele tinha um certo interesse em psicanálise, o jargão freudiano aparecia de vez em quando nas suas conversas, um sinal de sua familiaridade com questões culturais. — Uma regressão à infância devido ao estresse. Você estava se sentindo mal. A tensão nos impulsos subconscientes da sua mente avisava que alguma coisa estava indo mal dentro do corpo. Muitos adultos regridem para a infância quando adoecem.

— Quanta bobagem — disse Vic.

— Existe algum fio de lâmpada que você não recorda conscientemente — continuou Junie. — Algum posto aonde você costumava ir quando tinha aquele seu velho Dodge, que bebia muita gasolina. Ou um lugar que você frequentava algumas vezes por semana, ano após ano, como uma lavanderia ou um bar, mas que não era um dos lugares mais importantes, como sua casa ou a loja.

— Isso me incomoda — disse ele. Não estava mais com vontade de jogar pôquer, e se manteve um pouco afastado da mesa.

— Como está seu estômago? — perguntou Margo.

— Vou sobreviver — respondeu.

Todos pareciam ter perdido o interesse na experiência dele. Todos exceto Ragle, talvez. Ragle o olhava com o que podia ser descrito como uma cautelosa curiosidade. Como se quisesse perguntar algo mais a Vic, mas por alguma obscura razão estivesse se contendo.

— Vamos jogar — disse Junie. — De quem é a vez?

Bill Black distribuiu uma rodada de cartas. O dinheiro foi jogado na mesa. Na sala ao lado, a TV ligada tocava uma música dançante. A imagem havia sido desligada.

No andar de cima, no seu quarto, Sammy estava mexendo no receptor.

A casa estava quente e tranquila.

O que há de errado?, perguntou-se Vic. *O que foi que aconteceu ali? Onde foi que eu estive, que eu não consigo mais lembrar?*

3

Thump!

Barbeando-se diante do espelho do banheiro, Ragle Gumm ouviu o jornal da manhã sendo jogado na varanda. Um espasmo muscular fez seu braço tremer. A lâmina de barbear escorregou pela pele do queixo e ele a afastou rapidamente. Respirou fundo, fechou os olhos por um momento e, abrindo-os de novo, continuou a fazer a barba.

— Já terminou? — perguntou sua irmã detrás da porta fechada.

— Já — disse ele. Lavou o rosto, deu pancadinhas nas bochechas com a mão umedecida de loção, enxugou o pescoço e os braços e abriu a porta do banheiro.

Vestindo um roupão, Margo se materializou no umbral e passou rapidamente por ele.

— Acho que ouvi seu jornal — disse ela por cima do ombro, enquanto fechava a porta. — Vou levar Vic para a loja. Você pode fazer Sammy sair? Ele está na cozinha...

A voz dela foi abafada pelo barulho da torneira sendo aberta.

Voltando ao seu quarto, Ragle terminou de abotoar a camisa. Examinou várias gravatas, separou do meio delas uma de linha verde-escura, colocou-a, pôs o paletó, e disse para si mesmo:

— Agora, o jornal.

Antes de sair para pegá-lo, ele se deteve em seus livros de referência, pastas, gráficos, mapas, máquinas de escanear. Nesse dia, executando todo esse processo, conseguiu postergar em onze minutos seu primeiro contato com o jornal. Arrumou a mesa da sala — a sala estava fria e úmida por causa da noite e cheirava a cigarro — e só então abriu a porta da frente.

Ali, no piso de concreto da varanda, estava o *Gazette*. Enrolado, preso por um elástico de borracha.

Ragle apanhou o jornal, puxou com força o elástico. Ele deu um salto e

sumiu por entre as moitas em frente a varanda.

Por vários minutos ele se limitou a ler as notícias da primeira página. Leu a respeito da saúde do presidente Eisenhower, a dívida pública, as manobras conspiratórias dos líderes do Oriente Médio. Então virou o jornal e começou a olhar as tiras de quadrinhos. Depois leu as cartas dos leitores. Quando estava nesta parte, Sammy passou correndo às suas costas e saiu da casa.

— Tchau — disse o garoto. — Vejo você à tarde.

— O.k. — respondeu ele, mal dando atenção à presença do garoto.

Margo apareceu em seguida, passou por ele e saiu para a calçada, já estendendo a chave à sua frente. Abriu a porta do Volkswagen, entrou e ligou o carro. Enquanto esperava que esquentasse, ela limpou a umidade acumulada no para-brisa. O ar da manhã estava cortante. Na rua, crianças iam na direção da escola. Carros eram ligados.

— Esqueci de chamar o Sammy — disse Ragle, quando Vic saiu da casa para a varanda, passando por ele. — Mas ele saiu por conta própria.

— Relaxa — disse Vic. — Não se canse muito com o seu concurso.

Com o paletó no ombro, desceu os degraus que levavam à calçada. Um instante depois, Margo engatou a marcha no Volkswagen, e ela e Vic sumiram por entre o rugido do motor, pegando a rua que levava ao centro da cidade.

Esses carros pequenos fazem um barulho danado, pensou Ragle. Demorou o máximo que pôde na varanda, lendo o jornal, depois o ar frio da manhã o venceu e ele entrou, indo para a cozinha.

Até então ele não tinha olhado a página 16, a página que trazia o formulário do concurso “Onde o homenzinho verde vai aparecer agora?”. A maior parte da página era ocupada pelo gráfico. Além dele havia apenas instruções, comentários e registros dos ganhadores anteriores. O registro dos ganhadores no páreo: os nomes de todos que ainda estavam na competição vinham listados ali, no menor tipo de letra que o jornal era capaz de usar. O nome dele, é claro, aparecia enorme. Sozinho. Num box isolado. Todos os dias ele o via lá. Abaixo do seu nome, os outros tinham uma existência fugidia, não ficavam na memória de ninguém.

A cada dia do concurso o jornal apresentava uma série de pistas, e ele as lia cuidadosamente, antes de se dedicar à tarefa de resolver o teste propriamente dito. O problema, é claro, era apontar o único quadradinho certo entre os 1208 reproduzidos no gráfico. As pistas não ajudavam muito, mas ele

presumia que, de um modo meio periférico, elas continham dados, e ele as memorizava por uma questão de hábito, esperando que a mensagem delas o ajudasse subliminarmente, já que nunca o faziam literalmente.

“Um gole é tão grande quanto uma milha.”

Algum fluxo bem oblíquo de associação livre de ideias, talvez... Ele deixou aquela frase críptica ser assimilada pela sua mente, mergulhando em camadas cada vez mais profundas. Para despertar reflexos, ou algo assim. Gole, *swallow*, sugere o processo de engolir, de comer ou beber. E é claro que *swallow* também é andorinha, o que sugere voo. O voo não é um símbolo para o ato sexual? E após as migrações as andorinhas não voltavam para Capistrano, que fica na Califórnia? O resto da frase o fazia lembrar aquele provérbio, “um erro vale tanto quanto uma milha”. Por que teriam usado “grande”, então, em vez de “vale tanto quanto”? Grande sugeria baleias... a grande baleia branca. Ah, a associação livre em pleno funcionamento. Voando por sobre as águas, possivelmente rumo à Califórnia. Então ele pensou na Arca e na pomba branca. O ramo de oliveira. A Grécia. Isso sugeria o ato de cozinhar... Os gregos trabalham com restaurantes. Comida, novamente! Faz sentido. Pombos são um prato gourmet.

“O sino bateu no ri-ri.”

Essa o deixou encrencado. Uma frase absurda, só isso. *Bells*. Sinos? O bramir dos veados? Uma sugestão de homossexualidade? “Ri-ri” sugeria o riso dos efeminados. E havia o sermão famoso de John Donne: “Por quem os sinos dobram”. Que era também o título de um livro de Hemingway. O sino podia ser a sineta indicando a hora do chá. Toca o sino, o chá é servido. Pequena sineta de prata. A missão! A missão católica em Capistrano, o lugar para onde as andorinhas voltam em suas migrações! Parecia se encaixar.

Enquanto ele meditava nas pistas, ouviu passos na calçada. Pousando o jornal, ele foi olhar quem era.

Um homem se aproximava da casa, um sujeito alto, magro, de meia-idade, usando um terno folgado de tweed e fumando um charuto. Tinha uma aparência bondosa, como se fosse um religioso ou um inspetor de esgotos. Embaixo do braço trazia um envelope de papel pardo. Ragle o reconheceu. Era um representante do *Gazette*: já o visitara em inúmeras ocasiões, às vezes para trazer pessoalmente um cheque para Ragle — cheque que normalmente vinha pelo correio — e às vezes para esclarecer pequenos detalhes relativos a algum concurso. Ragle ficou preocupado. O que será que Lowery queria

agora?

Sem pressa, Lowery chegou na varanda, ergueu o braço e tocou a campainha.

Sinos, pensou Ragle. Pessoas religiosas. Talvez as pistas estivessem lá para avisá-lo de que o jornal ia mandar Lowery visitá-lo naquele dia.

— Olá, sr. Lowery — disse Ragle, abrindo a porta para deixar entrar o visitante.

— Olá, sr. Gumm — disse o outro, com um sorriso cheio de simpatia. Não havia nenhuma gravidade em sua atitude, nada sugerindo que trazia más notícias, que havia algo errado.

— Por que veio até aqui? — perguntou Ragle, abrindo mão das boas maneiras em nome da ansiedade.

Lowery, mastigando a ponta do seu Dutch Master, encarou-o e disse:

— Tenho alguns cheques para o senhor. O jornal achou melhor que eu os trouxesse pessoalmente, porque sabiam que eu estava vindo hoje para este lado da cidade. — Ele deu alguns passos pela sala. — E tenho algumas perguntas para fazer. Só por uma questão de segurança. Sobre as respostas que mandou para o concurso de ontem.

— Coloquei seis respostas no correio — disse ele.

— Isso mesmo, recebemos todas elas. Mas o senhor se esqueceu de indicar a hierarquia. — Abrindo o envelope pardo, ele tirou os seis formulários, que já tinham sido fotocopiados e reduzidos a um tamanho mais conveniente. Estendendo um lápis para Ragle, Lowery disse: — Sei que foi só um descuido de sua parte... mas eles precisam ser numerados pela ordem.

— Que droga — disse ele. Como podia ter se apressado tanto? Rapidamente, ele marcou os números na ordem correta, de um a seis. — Aí está — disse, devolvendo-os. Que descuido estúpido. Podia ter perdido o concurso sem mais nem menos.

Lowery sentou-se, escolheu a resposta marcada com o número 1 e a examinou com cuidado por um tempo surpreendentemente longo.

— Está certa? — perguntou Ragle, embora soubesse que Lowery não tinha como saber. As respostas eram mandadas para o quartel-general responsável pelo concurso em Nova York ou Chicago, onde quer que se fizessem essas coisas.

— Bem — disse Lowery —, o tempo dirá. Mas esta, então, é a sua primeira resposta. Sua resposta principal.

— É.

Este era um segredo entre ele e a organização do concurso: ele tinha permissão para enviar mais de uma resposta para o problema de cada dia. Eles o deixavam enviar até dez, estipulando que deveriam ser numeradas por ordem de preferência. Se a resposta número 1 estivesse errada, era destruída — como se nunca tivesse sido enviada — e eles consideravam então a segunda, e assim por diante até a última. Em geral, ele se sentia seguro o bastante de suas soluções para limitar o número de respostas a três ou quatro. Claro que, quanto menor o número delas, mais satisfeitos ficavam os organizadores do concurso. Ninguém mais, que ele soubesse, tinha esse privilégio. O único propósito disso era mantê-lo no concurso.

A proposta tinha vindo dos organizadores, depois de uma vez em que ele errou a resposta por apenas um pequeno número de quadrinhos. Suas respostas geralmente agrupavam quadrinhos que se tangenciavam, mas às vezes ele não conseguia se decidir entre dois quadrinhos muito afastados um do outro no gráfico. Nesses casos, ele corria o risco, mas sua intuição não era muito forte. Mas quando ele sentia que a solução estava numa região próxima, ele se sentia mais seguro. Ou uma ou outra das respostas acabava sendo certa. Em dois anos e meio de participação no concurso, ele tinha errado oito vezes. Nesses dias, nenhuma das respostas que mandou estava correta. Mas os organizadores tinham permitido que ele continuasse. Havia uma cláusula nas regras permitindo que ele recebesse um bônus pelas respostas certas acumuladas. A cada trinta respostas corretas, ele tinha direito a uma resposta errada. E assim a coisa seguia. Usando recursos desse tipo ele continuava participando do concurso. Ninguém de fora sabia que ele já havia errado alguma vez. Era um segredo entre ele e o jornal. E nenhum dos dois tinha interesse de que esse fato viesse a público.

Era evidente que ele tinha se tornado valioso, do ponto de vista da publicidade. Por que motivo o público gostava de saber que a mesma pessoa acertava de novo todos os dias — isso ele não conseguia compreender. Obviamente, se ele ganhava era derrotando outros competidores. Mas esse era o jeito de pensar do público. As pessoas reconheciam o nome dele. Como o jornal explicou uma vez, a teoria era que o público gostava de ver um nome com quem pudesse se identificar. Eles resistiam à mudança. Era uma espécie de lei da inércia: enquanto ele estivesse fora do páreo, o público preferiria vê-lo (e a qualquer outro) fora, no momento em que estivesse por cima, bem,

iriam querer que continuasse perpetuamente. A força conservadora trabalhava a seu favor. No momento, aquelas imensas pressões reacionárias moviam-se a seu favor, e não contra. Isso era, para usar uma expressão de Bill Black, “nadar a favor da corrente”.

Lowery, sentado e de pernas cruzadas, fumando e piscando diante da fumaça, perguntou:

— Já deu uma olhada no problema de hoje?

— Não — respondeu Ragle. — Só nas pistas. Elas querem dizer alguma coisa?

— Não literalmente.

— Sei disso. Quero dizer, elas significam algo real, alguma coisa com forma, com sentido? Ou aquilo é só para nos fazer acreditar que alguém lá na cúpula sabe a resposta?

— O que quer dizer com isto? — perguntou Lowery, com um pouco de impaciência.

— Eu tenho uma teoria. Não é uma teoria muito séria, mas é divertido pensar nela. De que talvez não exista resposta certa.

Lowery ergueu uma sobrancelha.

— Se for assim, baseados em que nós dizemos que alguém acertou e todos os outros erraram?

— Talvez vocês examinem todas as respostas e acabem decidindo que uma delas causa melhor impressão do que as outras. Esteticamente.

Lowery disse:

— Você está projetando em nós a sua própria técnica.

— Minha técnica? — Ele ficou perplexo.

— Isso — disse Lowery. — Você trabalha de um ponto de vista estético, e não racional. Essas máquinas de escanear que você construiu. Você percebe a existência de um padrão no espaço e de um padrão no tempo. Você tenta preencher isso. Completar o padrão. Antecipar em que direção ele iria se avançasse mais um passo. Isso não é racional, não é um processo de natureza intelectual. É assim que agem os... deixe-me ver... os fabricantes de vasos de barro. Não digo isso como uma crítica. O seu modo de trabalhar é problema seu. Mas você não adivinha, duvido que alguma vez tenha decifrado o sentido das pistas. Se tivesse, na verdade, não estaria perguntando.

Não, ele percebeu. Eu nunca adivinhei o que as pistas querem dizer. Nunca me ocorreu que alguém o fizesse, que alguém as lesse e fosse capaz de extrair

delas algum sentido concreto. Algo como juntar as letras iniciais das palavras, de três em três, somar dez e chegar ao número de um quadradinho específico. Pensando nisso, ele deu uma risada.

— Do que está rindo? — perguntou Lowery, sisudo. — Isto é um assunto sério. Há muito dinheiro envolvido.

— Estava pensando em Bill Black.

— Quem é esse?

— Um vizinho. Ele quer que eu o ensine a acertar os testes.

— Bem, se é feito de acordo com uma base estética...

— ... então eu não posso — completou Ragle. — Falta de sorte, a dele. Foi por isso que eu ri. Ele vai ficar desapontado, porque queria faturar alguns dólares.

Com uma expressão sugerindo indignação moral, Lowery disse:

— Você gosta de saber que o talento que você possui não pode ser ensinado? Que não se trata de uma técnica, no sentido habitual, é mais um... — Ele procurou a palavra certa. — ... Deus sabe o quê. Obviamente, não tem a ver com sorte.

— Fico feliz ouvindo alguém falar assim.

Lowery disse:

— Será que alguém pode imaginar, de boa-fé, que você seria capaz de simplesmente adivinhar a resposta certa, todo dia, todo santo dia? Isso é ridículo. Não é possível nem calcular as chances disso. Ou quase isso. Sim, nós já calculamos. Uma pilha de grãos de feijão daqui até Betelgeuse.

— O que é Betelgeuse?

— Uma estrela distante. É uma metáfora. Em todo caso, sabemos que não envolve algum tipo de adivinhação... exceto talvez no estágio final. Quando se trata apenas de uma escolha entre dois ou três quadrinhos.

— Nesse caso, posso até tirar cara ou coroa — concordou Ragle.

— Mas então — disse Lowery, pensativo, esfregando o queixo e agitando o charuto para cima e para baixo —, quando é uma questão de dois ou três quadrinhos apenas, no meio de mais de mil, não faz diferença. Qualquer um de nós pode tentar adivinhar, nesse estágio.

Ragle concordou.

Na garagem de casa, Junie Black se agachou diante da máquina de lavar para enchê-la de roupas. O piso de concreto estava frio debaixo dos seus pés

descalços. Tremendo, ela endireitou o corpo, derramou um punhado de sabão dentro da máquina, fechou a portinhola de vidro e apertou o botão. As roupas, por trás do vidro, começaram a girar. Ela guardou a caixa, olhou o relógio de pulso e saiu da garagem.

— Ah — exclamou, surpresa. Ragle estava de pé na entrada.

— Pensei em dar um pulo aqui — disse ele. — Minha irmã está passando roupa. Fica aquele cheiro de pano chamuscado pela casa inteira. É como se alguém tivesse queimado penas de pato e discos de vinil dentro de um galão de óleo.

Ela viu que ele a olhava de cima a baixo pelo canto do olho. As sobrancelhas hirsutas e cor de palha dele se juntaram, e seus ombros volumosos se contraíram quando ele cruzou os braços. Na luz da tarde a pele dele mostrava um bronzeado profundo e uniforme, e ela se perguntou como ele conseguia aquilo. Ela nunca conseguira se bronzear bem, por mais que tentasse.

— O que é isso que você está usando? — perguntou ele.

— Uma calça reta — disse ela.

— Calças compridas. Um dia desses eu estava me perguntando, qual a razão psicológica da admiração que eu tenho por mulheres que usam calças compridas? E então eu pensei: e por que não teria?

— Obrigada. Eu acho.

— Você fica muito bem assim. Principalmente de pés descalços. Como aqueles filmes em que a heroína caminha pelas dunas de areia, erguendo os braços para o céu.

— Como se saiu hoje no seu concurso?

Ele deu de ombros. Evidentemente queria tirar aquilo da cabeça.

— Achei que faria bem em dar uma volta — respondeu. E mais uma vez ele a examinou, meio de soslaio. Era um olhar elogioso para ela, mas ela sempre ficava pensando se teria deixado um botão da roupa aberto. Ela quase não resistia à tentação de abaixar os olhos e conferir. Mas, exceto pelos pés e por um pedaço da barriga, seu corpo estava todo coberto.

— Barriga de fora — disse ela.

— Sim, estou vendo — disse Ragle.

— Você gosta?… — disse ela, numa voz que pretendia ser brincalhona.

Ragle respondeu, quase bruscamente:

— Passei aqui para saber se você queria ir nadar um pouco. Está fazendo

um dia legal, não muito frio.

— Estou cheia de serviço em casa — disse ela. Mas ela gostava da ideia. No parque público, na extremidade norte da cidade, onde começavam os morros desabitados, havia um parque de diversões que tinha uma piscina. Naturalmente era mais utilizado pelas crianças, mas adultos também o frequentavam, e de vez em quando bandos inteiros de adolescentes. Ela sempre se sentia bem quando estava cercada de adolescentes, fazia poucos anos que tinha deixado a escola, e para ela essa transição não tinha corrido perfeitamente. Na sua imaginação, ainda pertencia àquela turma que se exibia em carros modernos, com rádios tocando música pop na maior altura... as garotas usando suéter e meias soquetes, e os rapazes em jeans e suéter de caxemira.

— Vá pegar sua roupa de banho — disse Ragle.

— O.k., mas vai ser só por uma hora, depois tenho que voltar. — Hesitando, ela continuou: — Margo não viu... não viu você vir até aqui, viu? — Ela já havia descoberto que Margo adorava fofocar.

— Não. Margo está... — Ele fez um gesto vago. — Está ocupada passando roupa — concluiu. — Distraída. Você sabe.

Junie foi desligar a máquina de lavar roupa, pegou a roupa de banho e uma toalha, e logo ela e Ragle estavam cruzando a cidade a pé, indo na direção do parque e da piscina.

Estar com Ragle fazia com que se sentisse tranquila. Sempre tinha se sentido atraída por homens grandes, corpulentos, principalmente homens mais velhos. Para ela, Ragle tinha a idade ideal. E olhe só as coisas que ele já havia feito, a sua carreira militar no Pacífico, por exemplo. E a sua fama nacional devido ao concurso do jornal. Ela gostava do rosto dele, ossudo, sério, com algumas marcas; era rosto de homem de verdade, sem nenhum traço de papada, de flacidez. O cabelo tinha algo de descolorido, branqueado, crespo, parecia nunca ser penteado. Ela sempre achara que um homem que penteava muito o cabelo era efeminado. Bill passava meia hora no espelho todas as manhãs, ajeitando o cabelo, embora, agora que tinha optado por um corte rente, quase militar, isso o distraísse menos. Ela detestava pôr a mão em cabelo espetado, aqueles pelinhos eriçados pareciam uma escova de dentes. E Bill cabia perfeitamente naquele seu paletozinho elegante, de ombros estreitos... ele praticamente não tinha ombros. O único esporte que ele praticava era o tênis, e isso realmente despertava nela uma certa animosidade.

Um homem usando calções brancos, meias soquetes, tênis brancos nos pés! Um menino de colégio, na melhor das hipóteses... o que Bill de fato era quando os dois se conheceram.

— Você não se sente sozinho? — ela perguntou a Ragle.

— Como assim?

— Por não ter se casado. — Quase todos os garotos que ela conhecera no colégio estavam casados agora, todos com exceção dos que eram casos perdidos. — Quero dizer, é bacana você morar com sua irmã e seu cunhado, mas você não gostaria de ter sua própria casa, sua própria esposa? — Ela enfatizou *esposa*.

Pensativo, Ragle respondeu:

— Um dia vou acabar pensando nisso. Mas a verdade é que eu não passo de um vagabundo.

— Um vagabundo — ecoou ela, pensando em todo o dinheiro que ele ganhava graças ao concurso. Só Deus sabia o montante que ele tinha acumulado ao longo dos anos.

— Eu não gosto de coisas definitivas — explicou ele. — Fiquei com um certo temperamento nômade, provavelmente por causa da guerra. E mesmo antes disso, a minha família se mudava com frequência. Meus pais eram divorciados. Minha personalidade tinha uma verdadeira resistência à ideia de se fixar num lugar. De se definir em termos de uma única casa, uma única esposa, uma única família com crianças.

— O que há de errado nisso? Isso quer dizer segurança.

— Mas eu tenho minhas dúvidas. — Ficou algum tempo em silêncio e depois falou: — Eu passei a ter dúvidas. Depois que fui casado.

— Ah — disse ela, com interesse. — Quando foi isso?

— Anos atrás. Antes da guerra. Quando eu tinha vinte e poucos anos. Conheci uma garota que era secretária numa empresa de transportes. Uma garota muito legal. Os pais eram poloneses. Uma garota atenta, inteligente. Ambiciosa demais para mim. Tudo que ela queria era pertencer àquele grupo de pessoas que dão festas no jardim. Churrascos no quintal.

— Não vejo nada de errado nisso — disse Junie. — É natural a pessoa querer viver com elegância e distinção. — Essa expressão ela aprendera na revista *Casas Melhores, Jardins Melhores*, que ela e Bill assinavam.

— Pois bem, eu te disse que sou um vagabundo — grunhiu Ragle, e mudou de assunto.

O caminho estava ficando inclinado, e eles começaram a subir. Ali, as casas tinham gramados mais amplos, quintais cheios de flores, mansões espaçosas, imponentes, residências de pessoas abastadas. As ruas eram de traçado irregular. Começaram a aparecer pequenos bosques, e lá no alto eles já avistavam o começo da floresta propriamente dita, para lá da última rua, Olympus Drive.

— Não me importaria de morar aqui — disse Junie. Muito melhor, pensou ela, do que aquelas casas de conjunto habitacional, de só um andar, sem alicerces. No primeiro dia de ventania forte podiam perder o teto. E se você deixar a mangueira do jardim ligada a noite inteira a garagem fica cheia de água.

Entre as nuvens do céu, um ponto luminoso cruzou rapidamente o espaço e sumiu. Momentos depois ela e Ragle ouviram um rugido fraco, quase absurdamente remoto.

— Um avião a jato — disse ela.

Erguendo o rosto com uma careta, Ragle protegeu os olhos e espreitou o céu, parado bem no meio da calçada, com os pés bem separados.

— Acha que pode ser um jato russo? — perguntou ela, provocando-o.

— Gostaria de saber o que está acontecendo lá em cima.

— Você quer dizer, o que Deus anda fazendo?

— Não — disse ele. — Não se trata de Deus. Estou falando das coisas que passam voando por aí, de vez em quando.

— Vic estava falando ontem à noite sobre estar procurando um fio de interruptor no banheiro, você se lembra?

— Lembro — respondeu ele, e recomeçaram a subir a colina.

— Eu fiquei pensando. Isso nunca me aconteceu.

— Que bom — disse Ragle.

— Mas acabei me lembrando de uma coisa parecida. Um dia eu estava do lado de fora, varrendo a calçada. Ouvi o telefone tocar dentro de casa. Isso foi mais ou menos um ano atrás. Enfim, eu estava esperando um telefonema que era muito importante. — O telefonema era de um rapaz que ela conhecia dos tempos de escola, mas ela não mencionou esse detalhe. — Bem, eu larguei a vassoura e corri para dentro. Você sabe que são dois degraus para subir para a nossa varanda?

— Sei — disse ele, prestando atenção.

— Eu subi correndo. E subi três degraus. Quero dizer, achei que havia um

degrau a mais. Não, não cheguei a *pensar* assim, nestes termos. Não disse mentalmente: eu tenho que subir três degraus…

— Você quer dizer que subiu três degraus sem pensar.

— Isso — disse ela.

— Caiu?

— Não. Não é a mesma coisa de haver três e você pensar que são só dois. Num caso assim você cai de cara e quebra um dente. Quando são dois e você pensa que são três, é muito estranho. Você tenta subir mais um, e seu pé desce com toda força: bang! Não é bem uma pancada, é como, bem, como se você tentasse firmar o pé numa coisa que não existe.

Ela ficou em silêncio. Sempre que tentava explicar alguma coisa de maneira mais teórica acabava se enrolando.

— Hummmm — disse Ragle.

— Era disso que Vic estava falando, não era?

— Hummmm — disse Ragle novamente, e deixou o assunto morrer. Não estava disposto a conversar sobre aquilo.

Ao lado dele, na luz quente do sol, Junie Black esticou o corpo, deitada de costas, os braços estirando-se de lado, os olhos fechados. Ela tinha trazido um pano semelhante a uma toalha, listrado de azul e branco, e estava deitada sobre ele. Sua roupa de banho de duas peças, de lã preta, lembrava a ele tempos passados, carros com bancos extras no porta-malas, jogos de futebol, a orquestra de Glenn Miller. Os pesados rádios portáteis de madeira e tecido que levavam para a praia… garrafas de coca-cola enfiadas na areia, garotas com longos cabelos louros, deitadas de bruços se apoiando nos cotovelos, como as moças magrelas daquelas propagandas.

Ficou olhando até que ela abriu os olhos. Estava sem os óculos, como sempre fazia quando estava na companhia dele.

— Oi — disse ela.

Ragle disse:

— Você é uma mulher muito atraente, Junie.

— Obrigada — disse ela, sorrindo. E voltou a fechar os olhos.

Atraente, pensou ele, embora imatura. Não só boba, mas claramente retardada. Vivia com a cabeça na época de estudante... Pelo gramado, um bando de garotos corria gritando e batendo uns nos outros. Dentro da piscina, jovens espalhavam água, moças e rapazes molhados e misturados a tal ponto

que pareciam todos idênticos. Só quando as garotas saíram da água é que se via que usavam duas peças, e os rapazes apenas calções.

Na alameda de cascalho, um vendedor de sorvete empurrava seu carrinho esmaltado de branco. A sineta tocava, chamando a atenção das crianças.

Sinetas de novo, pensou Ragle. Talvez a pista fosse para me dizer que eu viria aqui com June Black — ou *Junie*, como o gosto corrompido dela preferia para o próprio nome.

Será que eu seria capaz de me apaixonar por uma garota bobinha, fútil, mal saída do colégio, casada com um jovem carreirista e que ainda prefere uma banana split coberta de acompanhamentos a um bom vinho, um bom uísque ou mesmo uma cerveja preta?

As mentes superiores, pensou ele, se curvam quando se veem diante deste tipo de criatura. O encontro e o acasalamento dos opostos. Yin e Yang. O velho Doutor Fausto vê a jovem camponesa varrendo a calçada, e lá se vão seus livros, seus conhecimentos, sua filosofia.

No princípio, refletiu ele, era verbo.

Ou, no princípio era o *ato*. Se você fosse Fausto.

Veja só isto aqui, ele pensou consigo mesmo. Curvando-se sobre a garota aparentemente adormecida, falou:

— *Im Anfang war die Tat*.

— Vá para o inferno — murmurou ela.

— Sabe o que isso quer dizer?

— Não.

— Quer saber?

Soerguendo o corpo, ela abriu os olhos e disse:

— Você sabe que a única língua que eu já estudei foram dois anos de espanhol na escola secundária. Então não fique se exibindo. — Chateada, ela virou de lado, dando as costas para ele.

— Era poesia — disse Ragle. — Eu estava tentando fazer amor com você.

Virando de frente, ela o encarou.

— Você quer? — perguntou Ragle.

— Deixe eu pensar — disse ela. — Não, nunca ia dar certo. Bill ou Margo iam acabar descobrindo, e então ia começar um sofrimento enorme, e talvez você acabasse sendo expulso do seu concurso.

— O mundo todo ama quem ama — disse ele e, inclinando-se para ela, segurou-a pelo pescoço e a beijou. A boca de Junie era seca, pequena, e

moveu-se tentando escapar dele, ele teve que segurar com força seu pescoço com a mão.

— Socorro — disse ela fracamente.

— Eu te amo — disse ele.

Ela o olhou com olhos aflitos, as pupilas quentes e escuras, como se ela pensasse que... Deus sabe o que ela estaria pensando. Provavelmente nada. Era como se ele tivesse agarrado algum animalzinho franzino e assustado. O animalzinho tinha senso de alerta e reflexos rápidos — embaixo do corpo dele ele se debateu e enterrou as unhas nos seus braços — mas não racionalizava nem fazia planos a longo prazo. Se ele o soltasse, o bichinho pularia de lado, alisaria o pelo e logo esqueceria. Perca o medo, fique calma. E não se lembre de nada do que aconteceu.

Aposto, pensou ele, que ela fica atônita todo começo de mês quando o rapaz que entrega os jornais vem pegar seu pagamento. Que jornal? Que entregador? Que dois e cinquenta?

— Quer que a gente seja expulso do parque? — disse ela, ao ouvido dele. O rosto dela, relutante e cheio de rugas, o encarava desafiador, por baixo do seu.

Um casal que ia passando virou-se para olhar para eles e sorriu.

A mente de uma virgem, pensou ele. Havia nela algo tão tocante... a capacidade de esquecer fazia com que ela se tornasse novamente inocente, o tempo inteiro. Não importa o quanto ela se envolva com os homens, conjeturou ele, ela provavelmente continuará fisicamente intocada. Tranquila como sempre fora. De suéter e sapatinhos de boneca. Mesmo quando chegar aos trinta anos, trinta e cinco, quarenta. O penteado vai mudar ao longo dos anos, ela vai usar mais maquiagem, provavelmente fará uma dieta. Mas, a não ser por isso, eternamente a mesma.

— Você não costuma beber, não é? — perguntou ele. O sol quente e aquela situação toda tinham despertado a vontade de tomar uma cerveja. — Será que consigo te convencer a parar um pouco num bar, por aí?

— Não — disse ela. — Quero tomar sol.

Ele a ajudou a se levantar. Ela se sentou, ajeitou o biquíni e tirou alguns fiapos de grama que haviam se grudado aos seus joelhos.

— O que Margo diria? — disse ela. — Ela vive espionando para todos os lados, querendo descobrir alguma coisa errada.

— Margo deve ter saído para apresentar sua petição — disse Ragle. — Para

obrigar a prefeitura a limpar as ruínas dos terrenos baldios.

— Isso é muito louvável. Muito mais do que atacar a esposa de outra pessoa. — Ela tirou da bolsa um frasco de óleo de bronzear e começou a esfregar o líquido nos ombros, fazendo questão de ignorar a presença dele.

Ele sabia que um dia a teria. Circunstâncias casuais, um certo estado de espírito. E valeria a pena, pensou. Valeria a pena mexer os pauzinhos para que acontecesse.

Cara idiota aquele Black, pensou ele.

Lá longe do parque, na direção da cidade, uma certa extensão irregular verde e branca o fez lembrar de Margo. As Ruínas. Eram visíveis dali. Três quarteirões inteiros de alicerces de concreto que nunca tinham sido arrancados pelos tratores. As casas propriamente ditas, ou os edifícios que tinham existido ali, já haviam sido derrubados havia muito tempo, anos atrás, deixando apenas aqueles blocos de concreto desgastados pela chuva, rachados, amarelados. De longe, parecia algo agradável. As cores eram bonitas.

Dali ele podia ver garotos entrando e saindo das Ruínas. Um dos lugares preferidos deles para brincar. Sammy brincava lá de vez em quando. Os porões tinham se transformado em cavernas. Abrigos. Margo provavelmente tinha razão: um dia uma criança ia morrer sufocada ali, ou de tétano ao se cortar num arame enferrujado.

E aqui estamos nós sentados, pensou ele. Cozinhando ao sol. Enquanto Margo está em plena batalha na prefeitura, fazendo seu dever cívico em benefício de todos nós.

— Talvez a gente devesse voltar — disse ele a Junie. — Tenho que trabalhar na minha resposta de hoje. — Meu trabalho, pensou ele com ironia. Enquanto Vic dá duro no supermercado e Bill, na companhia de águas, eu levo o dia na vadiagem.

Isto o fez desejar uma cerveja ainda mais do que antes. Assim que ele pegasse uma cerveja, seus problemas iam acabar. Aquele desconforto pungente deixaria de incomodá-lo.

— Olhe aqui — disse ele a Junie, ficando de pé. — Vou ali naquela barraca de refrigerantes para ver se por acaso eles vendem cerveja. Pode ser que tenha.

— Fique à vontade.

— Quer alguma coisa? Cerveja preta? Uma coca?

— Não, muito obrigada — disse ela, num tom bastante formal.

Ele subiu a suave inclinação do gramado rumo à barraca de refrigerantes, pensando: vou ter que abater Bill Black mais cedo ou mais tarde. Em combate.

Não havia como prever a reação do sujeito se ficasse sabendo. Seria ele o tipo que vai direto em busca de seu rifle de caça calibre 22 e, sem uma só palavra, fuzila o invasor do mais sagrado reduto de um homem, aquele campo elísio onde somente o dono e senhor pode pastar?

Pense no caçador que abateu a corça do rei.

Ragle chegou numa alameda pavimentada onde brotavam bancos verdes de madeira. Nos bancos, muitas pessoas, geralmente de idade, apreciavam a vista da encosta gramada e da piscina lá embaixo. Uma senhora idosa e corpulenta sorriu para ele.

Será que ela sabe?, pensou. Será que sabe que o que viu lá embaixo não foi uma travessura primaveril entre dois jovens, mas um pecado? Um quase adultério?

— Boa tarde — disse para ela, jovialmente.

Ela o cumprimentou jovialmente com a cabeça.

Remexendo nos bolsos, ele encontrou algumas moedas. Uma fila de garotos esperava diante da barraca de refrigerantes. Os garotos estavam comprando cachorros-quentes, pirulitos, Eskibon e laranjadas. Ele entrou na fila.

Tudo estava tão quieto.

Uma desolação estonteante se abateu sobre ele. Que desperdício tinha sido sua vida inteira. Ali estava ele, quarenta e seis anos, brincando em uma sala com um concurso de jornal. Sem um emprego sério, com salário de verdade. Sem filhos. Sem esposa. Sem casa própria. Dando em cima da mulher do vizinho.

Uma vida que não valia nada. Vic tinha razão.

Eu podia muito bem desistir, decidiu ele. O concurso. Tudo. Partir para outro lugar. Fazer outras coisas. Suar a camisa num campo de petróleo, com um capacete de metal na cabeça. Limpar folhas secas. Calcular números numa escrivaninha, no escritório de uma companhia de seguros. Vender imóveis.

Qualquer coisa seria mais madura do que aquilo. Mais responsável. Estou arrastando comigo um passatempo de infância que não acaba nunca, como montar aeromodelos.

A criança à sua frente recebeu sua barra de doce e saiu correndo. Ragle colocou sua moeda de cinquenta centavos no balcão da barraca.

— Tem cerveja? — perguntou ele. Sua voz soou engraçada. Fina e distante. O vendedor, com avental e boné brancos, o encarou e não se mexeu. Nada aconteceu. Não se ouvia nenhum som, em parte alguma. Crianças, carros, o vento, tudo estava inaudível.

A moeda de cinquenta centavos caiu, atravessando a madeira, mergulhando. Desapareceu.

Estou morrendo, pensou Ragle. Ou algo assim.

O medo se apossou dele. Tentou falar, mas seus lábios não se moviam. Estava preso naquele silêncio. Não, de novo não, pensou ele.

De novo não!

Está acontecendo de novo.

A barraca de refrigerantes se desmanchou em pontos. Moléculas. Ele viu as moléculas, descoloridas, sem as qualidades que as compunham. Então viu através daquilo, viu o espaço que havia por trás, viu a colina, as árvores e o céu. Viu a barraca de refrigerantes desaparecer, com o barraqueiro, a máquina registradora, o grande recipiente de laranjada, as torneiras de servir coca e cerveja preta, as caixas cheias de gelo e de garrafas, a grelha de preparar cachorros-quentes, os frascos de mostarda, as prateleiras cheias de cones, a fileira de tampas de metal por baixo das quais havia diferentes tipos de sorvete.

No lugar onde ela existira, havia agora apenas um pedaço de papel no chão. Ele estendeu a mão e apanhou o papel. Nele estava impresso, em letras maiúsculas: BARRACA DE REFRIGERANTES. Virando-se, ele caminhou de volta, vacilante, passando por crianças que brincavam, pelos bancos, pelas pessoas idosas. Enquanto caminhava enfiou a mão no bolso do paletó e pegou a caixinha de metal que trazia ali.

Parou, abriu a caixa e olhou para os pedaços de papel que havia dentro dela. Então colocou o novo papel junto com os outros.

Seis, ao todo. Seis vezes.

Suas pernas bambeavam, e no seu rosto pareciam se formar partículas de frio. Gotas geladas escorriam para dentro do seu colarinho, por trás da gravata verde.

Ele desceu a encosta até Junie.

4

Quando o sol começou a se pôr, Sammy Nielson demorou-se uma hora a mais galopando nas Ruínas. Com Butch Cline e Leo Tarski, ele havia arrastado uma grande quantidade de tabuinhas de telhado, que eles amontoaram para formar uma posição defensiva bem sólida. Provavelmente seriam capazes de sustentar aquela posição por um tempo indefinido. A tarefa seguinte foi juntar torrões de terra, daqueles com pedaços de grama, os melhores para arremessar à distância.

O vento frio do entardecer soprava em volta dele. Ele se agachou por trás do parapeito, tremendo.

Aquela trincheira precisava ser mais funda. Agarrou uma tábua que despontava do solo e a puxou para si. Uma massa de tijolo, cinzas, plantas e sujeira se partiu e rolou aos seus pés. Ele viu surgirem ali duas lajes de concreto e entre elas uma fenda, mais um trecho do velho porão, ou quem sabe de um esgoto.

Não dava para adivinhar o que podia haver ali. Ele se deitou, estendeu o braço e pegou punhados de gesso e de cerca de arame. Pedaços de sujeira caíam sobre ele.

Naquela meia-luz, forçando a vista para enxergar lá dentro, ele viu um bloco amarelado de papel. Uma lista telefônica. Por baixo dele, revistas empapadas de chuva.

Ele puxou mais coisas, e mais, febrilmente.

*

Na sala de visitas, antes do jantar, Vic estava sentado de frente para o cunhado. Ragle perguntara se ele tinha dois minutinhos. Queria conversar. Vendo a expressão sombria do cunhado, Vic falou:

— Quer que feche a porta?

Na sala de jantar, Margo tinha começado a pôr a mesa. Os tinidos dos pratos se misturavam ao som do noticiário das seis horas que vinha da TV.

— Não — disse Ragle.
— É sobre o concurso?
Ragle disse:
— Estou pensando em abandonar o concurso voluntariamente. Ele está exigindo muito de mim. A tensão. Escute. — Ele se inclinou para mais perto de Vic. Seus olhos estavam avermelhados. Ele disse: — Vic, estou tendo um colapso nervoso. Não comente nada com Margo. — Sua voz oscilou e ficou muito baixa. — Achei que devia conversar com você.
Era difícil saber o que dizer.
— É por causa do concurso? — perguntou Vic finalmente.
— Provavelmente — disse Ragle.
— Quanto tempo tem isso?
— Já faz umas semanas, agora. Dois meses. Esqueci. — Ele mergulhou no silêncio, olhando para além de Vic, para o chão.
— Já conversou com as pessoas do jornal?
— Não.
— Eles não vão criar a maior confusão?
— Não ligo para o que eles fizerem. Não consigo continuar. Talvez eu faça uma viagem para bem longe. Talvez saia do país.
— Meu Deus — disse Vic.
— Estou esgotado. Talvez, depois que eu tirar um tempo para descansar, digamos uns seis meses, eu me sinta melhor. Eu podia arranjar algum trabalho manual para fazer. Numa linha de montagem. Ou ao ar livre. O que eu quero resolver com você é o lado financeiro. Eu tenho contribuído para a casa com duzentos e cinquenta dólares por mês, essa foi a média do ano passado.
— Foi isso mesmo — disse Vic. — Acho que está correto.
— Será que você e Margo conseguem ficar sem isso? E manter as prestações da casa, as prestações do carro, tudo isso?
— Claro — disse ele. — Acho que conseguimos, sim.
— Quero deixar com você um cheque de seiscentos dólares — disse Ragle. — Para algum imprevisto. Se vocês precisarem, descontem o cheque. Se não, guardem. Melhor depositá-lo numa conta... Cheques só têm valor durante um mês, não é isso? Abram uma conta de poupança, tem juros de quatro por cento.
— Não comentou nada disso com Margo?

— Ainda não.
Parada na porta, Margo anunciou:
— O jantar está quase pronto. Por que vocês dois estão aí sentados, tão sérios?
— Negócios — disse Vic.
— Posso sentar também para escutar? — perguntou ela.
— Não — disseram os dois ao mesmo tempo.
Sem uma palavra, ela saiu.
— Continuando — disse Ragle. — Se isso não o incomoda. Pensei em ir para o Hospital dos Veteranos. Posso usar minha condição de veterano de guerra e conseguir algum tipo de assistência médica. Mas não tenho certeza, acho que isso não é da conta deles. Pensei também em usar meu certificado de veterano para me inscrever na universidade e frequentar alguns cursos.
— Cursos de quê?
— Ah, digamos, filosofia.
Aquilo soava bizarro para Vic.
— Por quê? — ele perguntou.
— A filosofia não é um refúgio e um consolo?
— Não sabia disso. Talvez tenha sido, um dia. A impressão que eu tenho é que é algo que tem a ver com as teorias sobre a realidade fundamental e sobre qual é o propósito da vida.
Firme, Ragle, perguntou:
— E o que há de errado nisso?
— Nada, se você acha que isso vai te ajudar.
Ragle continuou:
— Já li bastante sobre isso, tempos atrás. Estava pensando no bispo Berkeley. Os idealistas. Por exemplo... — Ele fez um gesto indicando o piano no lado oposto da sala. — Como você pode saber se esse piano existe?
— Não podemos — disse Vic.
— Talvez ele não exista.
Vic respondeu:
— Sinto muito, mas no que me diz respeito, tudo isso é apenas um monte de palavras.
Ouvindo isso, o rosto de Ragle ficou inteiramente sem cor. Sua boca se abriu. Olhando para Vic, ele se endireitou na cadeira.
— Você está bem? — perguntou Vic.

— Tenho que pensar um pouco sobre isso — disse Ragle com esforço. Ficou de pé. — Desculpe. Voltamos a falar mais tarde. O jantar está pronto, alguma coisa assim. — Ele cruzou a porta para a sala de jantar.

Pobre sujeito, pensou Vic. Isso de fato está fazendo mal a ele. A solidão, o isolamento, ficar sentado aí o dia inteiro... a futilidade disso tudo.

— Posso ajudar a pôr a mesa? — perguntou ele à esposa.

— Está tudo pronto — disse Margo. Ragle já tinha atravessado a sala e ido para o banheiro. — O que houve? — perguntou Margo. — O que há de errado com Ragle esta noite? Parece tão acabado... Mas ele não perdeu o concurso, não? Sei que ele teria me dito, mas...

— Conversamos mais tarde — disse Vic. Abraçou a esposa e a beijou. Ela se aconchegou ao corpo dele.

Se ele tivesse algo assim, pensou Vic, talvez se sentisse melhor. Uma família. Nada no mundo se compara a isso. E ninguém pode tirar isso de nós.

Na mesa do jantar, enquanto comiam, Ragle Gumm ficou sentado, profundamente pensativo. Do lado oposto ao dele, Sammy tagarelava sobre seu clube e sobre as poderosas máquinas de guerra. Ele não escutava.

Palavras, pensou ele.

O problema central da filosofia. A relação entre a palavra e o objeto... O que é uma palavra? Um signo arbitrário. Mas vivemos nas palavras. Nossa realidade é entre palavras, não entre coisas. Nada existe como uma “coisa”, de qualquer maneira. É uma estrutura da mente. A *coisidade*... um senso de substância. Uma ilusão. A palavra é mais real do que o objeto que ela representa.

A palavra não representa a realidade. A palavra é realidade. Para nós, pelo menos. Talvez Deus chegue aos objetos. Nós, contudo, não.

No paletó, pendurado no armário da entrada, estava a caixa de metal com os seis papéis ali guardados.

BARRACA DE REFRIGERANTES
PORTA
PRÉDIO DA FÁBRICA
RODOVIA
BEBEDOURO
VASO DE FLORES

A voz de Margo o arrancou do devaneio.

— Eu já disse para não brincar ali. — Seu tom de voz, alto e cortante, atrapalhou a linha de raciocínio de Ragle. — Não brinque lá, está ouvindo? Preste atenção, Sammy. É sério.

— Como se saíram com a petição? — perguntou Vic.

— Tive uma reunião com algum funcionário de segundo escalão. Ele disse alguma coisa sobre a prefeitura não dispor de verbas no momento. O que mais me dá raiva é que, quando liguei na semana passada, eles disseram que os contratos estavam sendo preparados e os trabalhos começariam em pouco tempo. Isso é um bom exemplo. Não se pode obrigá-los a fazer o que quer que seja. A gente fica indefesa. Uma pessoa sozinha é indefesa.

— Talvez Bill Black pudesse inundar aqueles terrenos — disse Vic.

— Aham — disse ela —, e então todas as crianças se afogariam ali, em vez de cair e rachar a cabeça.

Depois do jantar, enquanto Margo lavava a louça na cozinha e Sammy via TV deitado no chão da sala, Vic e Ragle conversaram mais um pouco.

— Peça ao pessoal do concurso para tirar uma licença por uns tempos — sugeriu Vic.

— Duvido que eles concordem. — Ele conhecia bem as regras e não se lembrava de nada estabelecido nesse sentido.

— Faça um teste.

— Talvez — disse ele, esfregando uma mancha no tampo da mesa.

Vic disse:

— Aquilo da noite passada me deixou realmente perturbado. Espero não ter preocupado você. Não queria ser responsável por você estar se sentindo deprimido.

— Não — disse Ragle. — Se alguma coisa é responsável por isso, é provavelmente o concurso. E June Black.

— Preste atenção — disse Vic. — Você consegue coisa muito melhor do que a Junie. E de qualquer modo, ela já tem alguém.

— Um palerma.

— Não importa. É a instituição que conta, não o indivíduo.

Ragle disse:

— É difícil pensar em Bill e June Black como uma instituição. De qualquer modo, não estou no clima para questionar instituições agora.

— Me conte o que aconteceu — disse Vic.

— Nada.

— Vamos, diga.
Ragle disse:
— Alucinações. Só isso. Recorrentes.
— Pode entrar em detalhes?
— Não quero.
— É algo parecido com a experiência que eu tive ontem à noite? Não quero ser indiscreto. Aquilo me perturbou. Acho que tem alguma coisa errada.
— *Tem* alguma coisa errada — disse Ragle.
— Não quero dizer com você ou comigo ou com qualquer pessoa. Quero dizer em geral.
— O tempo — disse Ragle — está desconjuntado.
— Acho que devíamos comparar nossas observações.
— Não vou te contar o que aconteceu comigo. Você vai ouvir e levar a sério. Mas amanhã, ou outro dia, quando estiver lá no seu supermercado matando o tempo com as garotas do caixa, você vai ficar sem assunto e vai começar a falar de mim. E vai fofocar até elas terem uma convulsão de tanto rir. Eu já ouvi fofocas demais a meu respeito. Lembre-se, sou um herói nacional.
— É você quem sabe. Mas talvez a gente pudesse chegar a alguma conclusão. Falo sério, estou preocupado.
Ragle não disse nada.
— Você não pode se fechar numa concha assim — disse Vic. — Eu tenho uma responsabilidade com minha mulher e meu filho. Você não consegue mais se controlar? Sabe do que é capaz e do que não é?
— Não vou sair por aí que nem um louco — disse Ragle. — Ou pelo menos não tenho nenhum motivo para acreditar que isso vai acontecer.
— Temos que viver todos na mesma casa — lembrou Vic. — Digamos que eu fale que...
Ragle o interrompeu:
— Se eu sentir que sou uma ameaça para vocês, vou embora. Terei que ir, de todo jeito, provavelmente dentro de uns dois dias. Então, se vocês conseguirem aguentar esse tempo, vai dar tudo certo.
— Margo não vai te deixar ir embora.
Ouvindo isso, ele deu uma risada.
— Ela vai ter que deixar — disse.
— Tem certeza de que não está apenas se sentindo mal porque sua vida

amorosa está toda estragada?

Ragle não respondeu. Ele se levantou da mesa e foi até a sala de visitas, onde Sammy estava deitado assistindo *Gunsmoke*. Se jogou no sofá e começou a assistir também.

Não posso contar para ele, pensou.

Isso é ruim. Muito ruim.

— Que tal esse faroeste? — perguntou ele a Sammy no comercial.

— Legal — disse Sammy. Ele viu um pedaço de papel amassado saindo do bolso da camisa do garoto. O papel tinha um aspecto sujo, envelhecido, e Ragle se curvou para olhar mais de perto. Sammy não prestou atenção.

— O que é isso no seu bolso? — perguntou Ragle.

— Ah — disse Sammy. — Eu estava preparando os nossos fortes de defesa lá nas Ruínas. E arranquei uma tábua, aí achei um monte de listas telefônicas velhas e revistas e mais uma porção de coisas.

Estendendo a mão, Ragle puxou o papel do bolso do menino. O papel se rasgou em suas mãos. Eram tiras finas, e em cada uma delas havia palavras impressas em letras maiúsculas. Estavam sujas pela chuva e pelo tempo.

POSTO DE GASOLINA
VACA
PONTE

— Encontrou isso lá nos terrenos baldios? — perguntou ele, incapaz de pensar com clareza. — Você desenterrou isso?

— Foi — disse Sammy.

— Posso ficar com eles?

— Não.

Ele experimentou um acesso maníaco de raiva.

— Tudo bem, então — disse, da maneira mais razoável que conseguiu. — Posso oferecer alguma coisa em troca. Ou posso comprá-lo.

— Para que você quer? — disse Sammy, afastando os olhos da TV. — Eles valem alguma coisa?

Ele respondeu, com sinceridade:

— Estou colecionando isso.

Foi até o armário do corredor, enfiou a mão no paletó que estava pendurado, tirou a caixinha de metal, levou-a de volta para a sala. Sentando perto de Sammy, ele abriu a caixa e mostrou ao menino os seis pedaços de

papel que já tinha juntado.
— Dez centavos cada — disse Sammy.
O garoto tinha cinco papéis ao todo, mas dois deles estavam tão estragados que era impossível ler as palavras impressas. Mas Ragle pagou os cinquenta centavos, de qualquer maneira, guardou os papéis e se afastou para pensar no assunto.
Talvez seja uma piada, pensou. Estou sendo vítima de uma pegadinha. Só porque sou um Herói Vencedor de Concurso de Primeira Classe.
Jogada publicitária do jornal.
Mas isso não fazia sentido. Sentido nenhum.
Pasmo, ele ficou alisando as cinco tiras de papel, o máximo que pôde, e depois as guardou dentro da caixinha junto com as outras. Em alguns aspectos sentia-se ainda pior do que antes.

Mais tarde, na mesma noite, ele pegou uma lanterna, vestiu um casaco e partiu na direção das Ruínas.
As pernas doíam um pouco depois da caminhada longa que fizera com Junie, e quando chegou aos terrenos baldios ele já estava se perguntando se o esforço valia a pena. A princípio o facho de luz da lanterna revelou apenas as silhuetas das paredes partidas de concreto, poços meio cheios da chuva da primavera, pilhas de tábuas e de pedaços de gesso. Durante algum tempo ele vagou por ali, projetando a luz numa direção e em outra. Finalmente, depois de tropeçar e cair por cima de um novelo de arame enferrujado, chegou a um abrigo rústico montado com pedaços de lixo, algo claramente construído pelos garotos.
Se abaixando, ele projetou a luz no chão em volta do abrigo. E, Deus do céu, ali na área iluminada as bordas de papel amarelado brilharam. Ele enfiou a lanterna embaixo do braço e com ambas as mãos agarrou e puxou até conseguir arrancar dali o papel. Puxou para si um maço volumoso. Sammy tinha razão: parecia uma lista telefônica, ou pelo menos parte de uma delas.
Junto com a lista ele conseguiu arrancar da terra os restos de algumas revistas de papel brilhante, tamanho grande. Depois disso, viu-se projetando a luz apenas no que parecia uma cisterna ou parte de um sistema de esgotos. Muito arriscado, pensou. Melhor tentar à luz do dia.
Agarrando a lista e as revistas que tinha encontrado, ele começou a caminhar de volta para casa.

Que lugar desolado, pensou. Não admira que Margo queira que façam uma limpeza nisto aqui. Esse pessoal deve ter perdido o juízo. Bastaria um braço quebrado e a prefeitura seria vítima de uma ação judicial.

Mesmo as casas mais próximas pareciam às escuras, desabitadas. E a calçada à frente estava rachada, juncada de lixo.

Belo lugar para as crianças.

Quando chegou em casa, levou o guia telefônico e as revistas para a cozinha. Vic e Margo ainda estavam na sala de visitas, e nenhum dos dois reparou que ele trazia algo. Sammy já tinha ido dormir. Ele forrou a mesa da cozinha com papel, e ali, com cuidado, depositou o que trouxera.

As revistas estavam úmidas demais para manusear, então ele as levou para perto do aquecedor, para secá-las. E na mesa da cozinha começou a examinar a lista telefônica.

Assim que a abriu, ele percebeu que o volume não tinha mais a capa, nem as primeiras e últimas páginas. Era apenas o miolo.

Não era a lista a que ele estava acostumado. A tinta da impressão era mais escura, e as letras eram maiores. As margens eram mais largas, também. Ele supôs que se referia a uma localidade menor.

As estações telefônicas tinham nomes que não eram familiares. Florian, Edwards, Lakeside, Walnut. Ele virou as páginas, sem procurar nada em particular, o que haveria para procurar? Qualquer coisa, pensou. Algo fora do comum. Algo que parecesse saltar aos olhos. Por exemplo, ele não conseguia saber havia quanto tempo tinha sido editada aquela lista. Era do ano passado? Dez anos atrás? Há quanto tempo imprimiam listas telefônicas?

Entrando na cozinha, Vic falou:

— O que é que você tem aí?

Ele disse:

— Uma lista telefônica velha.

Vic se inclinou para olhar por cima do ombro dele. Depois foi até a geladeira.

— Quer um pedaço de torta? — perguntou.

— Não, obrigado — disse Ragle.

— Aquilo ali também é seu? — disse Vic, apontando as revistas que secavam.

— É — disse ele.

Vic desapareceu de volta na sala, levando consigo duas fatias de torta.

Ragle pegou a lista telefônica e a levou até o corredor, onde ficava o telefone. Sentou no banquinho, escolheu um dos números ao acaso, ergueu o fone e discou. Depois de um momento ouviu uma série de cliques e depois a voz da telefonista.

— Que número discou?

Ele conferiu o número.

— Bridgeland 3-4465.

Houve uma pausa.

— Poderia desligar o telefone e depois discar o número novamente? — disse a telefonista com sua voz arrogante e prática.

Ele desligou, esperou um momento, pegou o aparelho e discou de novo.

Imediatamente outra voz entrou na ligação.

— Que número está discando? — disse a voz de outra telefonista, diferente da primeira.

— Bridgeland 3-4465 — disse ele.

— Só um momento, senhor — disse a voz.

Ele esperou.

— Desculpe, senhor — disse a telefonista. — Poderia conferir o número novamente?

— Por quê? — disse ele.

— Só um momento, senhor — disse a telefonista, e nesse instante a linha ficou muda. Não havia ninguém do outro lado. Ele escutou a ausência de vida ali. Esperou, mas nada aconteceu.

Depois de um tempo ele desligou o fone, esperou e discou o número mais uma vez.

Desta vez veio um som de sirene, estridente, subindo e descendo junto ao ouvido, ensurdecedor. O sinal indicativo de discagem errada.

Ele escolheu outros números ao acaso e discou. Todas as vezes caiu na sirene. Número errado. Por fim ele fechou a lista, hesitou e então discou o número de falar com a telefonista.

— Telefonista.

— Estou tentando ligar para Bridgeland 3-4465 — disse ele. Não dava para saber se era alguma das telefonistas anteriores. — Podia discar para mim? Só estou conseguindo o sinal de número errado.

— Sim, senhor. Só um momento, senhor. — Uma longa pausa. E então: — Qual era o número, senhor?

Ele repetiu.

— Este número encontra-se desligado — disse a telefonista.

— Poderia então verificar outros números para mim?

— Sim, senhor.

Ele leu outros números da mesma página. Todos haviam sido desligados.

Claro. Uma lista telefônica antiga. Era óbvio. Era verdade: provavelmente uma série inteira de números antigos que haviam sido desligados.

Ele agradeceu mais uma vez e desligou.

Não tinha conseguido provar nada, nenhuma descoberta.

Uma explicação possível era que todos aqueles números tivessem sido atribuídos a localidades vizinhas. As localidades tinham sido absorvidas pelo crescimento urbano, e um novo sistema de números foi instalado. Talvez quando fora feita a troca do sistema via telefonista para o sistema de discagem direta, só recentemente, cerca de um ano atrás.

Sentindo-se meio bobo, ele voltou para a cozinha.

As revistas tinham começado a secar, e ele sentou com uma delas no colo. Fragmentos se desprenderam quando ele virou a primeira página. Era uma daquelas revistas “para toda a família” e trazia logo no início um artigo sobre o cigarro e o câncer de pulmão. Depois, um artigo sobre o secretário Dulles e a França. Depois outro artigo, sobre um homem que fizera uma viagem pela Amazônia com os filhos. Depois, contos: faroeste, detetives, aventuras nos mares do Sul. Anúncios, cartuns. Ele leu os cartuns e abaixou a revista.

A revista seguinte tinha mais fotos: era algo parecido com a *Life*. Mas o papel não era da mesma alta qualidade das publicações da Luce. Ainda assim, era uma revista de primeira linha. A capa tinha se perdido, ele não pôde saber se era a *Look*. Achou que fosse, ou então uma que ele vira algumas vezes, chamada *Ken*.

A primeira reportagem com fotos narrava um terrível acidente ferroviário na Pensilvânia. A reportagem seguinte...

Uma atriz loura, adorável, de aparência um tanto escandinava. Estendendo o braço, ele puxou a lâmpada mais para perto, para iluminar melhor a página.

A garota tinha uma cabeleira farta, de cabelos bem cuidados e longos. Tinha um sorriso incrivelmente doce, um tipo de sorriso meio inocente mas íntimo, que o cativou. O rosto era um dos mais lindos que ele já vira, e além disso ela exibia um queixo e um pescoço ricos, fortes, sensuais, não aquele tipo de pescoço tão comum da maioria das estrelas, mas um pescoço adulto, e

ombros magníficos. Nenhum trecho ossudo, nem flácido. Uma mistura de lugares, decidiu ele. Cabelo alemão. Ombros suíços ou noruegueses.

Mas o que o prendeu de verdade, deixando-o num estado de quase incredulidade, foi a visão da silhueta dela. Puxa vida, pensou. E uma garota que parece tão pura. Como podia ser assim tão bem feita de corpo?

E ela parecia feliz em se mostrar. Inclinava-se para a frente, e a maior parte do seu colo se projetava e se exibia. Pareciam ser os seios mais macios, mais firmes e mais naturais deste mundo. E pareciam ser bem cálidos, também.

Ele não reconheceu o nome da garota. Mas pensou: aqui está a resposta para a necessidade que temos de uma mãe. Olhe só para isto.

— Vic — disse ele, erguendo-se e levando a revista para a sala. — Dê uma olhada nisto — disse, pondo a revista no colo de Vic.

— O que é? — perguntou Margo, do outro lado da sala.

— Você vai achar chato — respondeu Vic, pondo de lado a fatia de torta. — São de verdade, não são? — ele disse. — São, dá para a parte de baixo. Não está com suporte. A sustentação é incrível.

— Ela está inclinada para a frente — disse Ragle.

— Uma mulher, não é? — disse Margo. — Me deixe ver. Não vou reclamar.

Ela veio e ficou por trás de Ragle, e os três examinaram a foto. Era uma foto a cores, de página inteira. É verdade que a chuva havia manchado e desbotado a revista, mas mesmo assim não havia dúvida, aquela mulher era sem igual.

— E ela tem um rosto tão gentil — disse Margo. — Tão refinado, tão civilizado.

— Mas sensual — disse Ragle.

Embaixo da foto havia uma legenda: “Marilyn Monroe durante sua visita à Inglaterra, para filmar na companhia de Sir Laurence Olivier”.

— Já ouviu falar nela? — perguntou Margo.

— Não — respondeu Ragle.

— Deve ser uma atriz inglesa — sugeriu Vic.

— Não — disse Margo. — Diz aí que ela estava visitando a Inglaterra. E o nome parece americano.

Eles passaram para o texto da reportagem.

— Falam como se fosse muito famosa — disse Margo. — Todas essas multidões. Ruas cheias de gente.

— Isso é lá — disse Vic. — Talvez seja assim na Inglaterra, não nos Estados Unidos.
— Não, aqui fala alguma coisa sobre fã-clubes dela nos Estados Unidos.
— Onde arranjou isso? — Vic perguntou a Ragle.
Ele respondeu:
— Lá nos terrenos baldios. Naquelas Ruínas. Que vocês estão pedindo para a prefeitura limpar.
— Talvez seja uma revista muito antiga — disse Margo. — Mas Laurence Olivier ainda está vivo... Me lembro de ter visto *Ricardo III* na TV no ano passado.
Eles se entreolharam.
— Quer me falar agora sobre a sua alucinação?
— Que alucinação? — perguntou Margo no mesmo instante, olhando para Ragle. — Era sobre isso que vocês dois estavam conversando e não quiseram que eu ouvisse?
Depois de uma pausa, Ragle disse:
— Eu andei tendo umas alucinações, querida. — Ele tentou sorrir para a irmã de modo encorajador, mas o rosto dela continuou com uma expressão dura de preocupação. — Não fique tão ansiosa. Não é tão ruim assim.
— E o que é? — questionou ela.
— Tenho tido problemas com palavras.
Imediatamente ela respondeu:
— Problemas com a fala? Ah, meu Deus... foi assim que o presidente Eisenhower ficou depois do derrame.
— Não, não foi isso que eu quis dizer — falou ele. Os outros dois ficaram esperando, mas agora que ele tentava explicar parecia quase impossível. — Quero dizer que as coisas não são o que parecem ser.
E se calou.
— Parece uma música de Gilbert e Sullivan — disse Margo.
— É isso aí — disse Ragle. — Não consigo explicar de um jeito melhor do que isso.
— Então você não acha que está perdendo o juízo — disse Vic. — Você não acha que o problema é com você: é do lado de fora. É nas coisas propriamente ditas. Como a minha experiência com o fio de lâmpada.
Depois de uma hesitação, ele assentiu.
— Suponho que sim — disse. Por alguma razão ele sentia uma aversão a

associar a experiência de Vic à dele. Não parecia que fossem semelhantes.
Provavelmente é só esnobismo da minha parte, pensou.
Margo, numa voz vagarosa, ameaçadora, falou:
— Acham que tem alguém nos fazendo de otários?
— Que coisa estranha pra se dizer — disse ele.
— O que você quer dizer com isso? — disse Vic.
— Não sei — disse ela. — Mas na *Revista do consumidor* eles estão sempre dizendo para a gente ficar atenta a fraudes, propaganda enganosa. Você sabe, roubo no peso das mercadorias, coisas assim. Talvez essa revista aí, a propaganda sobre essa Marilyn Monroe, seja só conversa fiada. Estão tentando fazer publicidade de uma atrizinha qualquer, fingindo que todo mundo a conhece, para que quando as pessoas ouvirem falar nela pela primeira vez digam, “Ah, claro, aquela atriz famosa”. Bem, eu acho que tudo que ela tem é um problema com as glândulas. — Ela se calou, repuxando a orelha em um tique nervoso. Sua testa estava franzida com rugas de preocupação.
— Então você acha que ela é uma invenção de alguém? — perguntou Vic, com uma risada.
— Uma fraude? — disse Ragle.
Aquilo acendia uma luz na mente dele. Longe, num nível quase que inconsciente.
— Talvez eu não vá embora — disse ele.
— Você ia embora? — disse Margo. — Parece que ninguém aqui se sente na obrigação de me contar coisa alguma. Estou vendo que você ia embora daqui amanhã, e nunca mais ia voltar. Ia mandar um cartão-postal lá do Alaska.
A amargura dela o deixou desconfortável.
— Não é nada disso — Ragle disse. — Desculpe, querida. De qualquer jeito, vou ficar por aqui. Não se preocupe.
— Você tinha a intenção de abandonar o concurso?
— Eu não tinha decidido ainda — disse ele.
Vic não falou nada. Para o cunhado, Ragle disse:
— O que acha que podemos fazer? Como daremos o próximo passo, seja qual for?
— Não faço ideia — disse Vic. — Você tem experiência com pesquisas. Arquivos, dados, gráficos. Comece a manter um registro dessas coisas todas.

Não é você o sujeito capaz de perceber padrões?

— Padrões — repetiu ele. — Sim, imagino que sou mesmo. — Não tinha pensado em usar seu talento para aquilo. — Talvez funcione.

— Junte tudo. Reúna todas as informações, ponha tudo preto no branco, ora, que inferno, construa uma dessas suas máquinas de escanear e aplique nessas coisas para poder vê-las do jeito que você vê o resto.

— Impossível — disse ele. — Não temos um ponto de referência. Nada com que comparar.

— São contradições simples — discordou Vic. — Uma revista com um artigo sobre uma estrela do cinema mundialmente famosa, da qual nunca ouvimos falar: isso é uma contradição. Devemos examinar a revista, cada linha, cada palavra. Ver quantas outras contradições existem, em relação ao que sabemos do mundo fora da revista.

— E a lista telefônica — disse ele. Ver as páginas amarelas, a listagem comercial. E talvez, nas Ruínas, encontrar mais material.

O ponto de referência. As Ruínas.

5

Bill Black estacionou o Ford ’57 na sua vaga reservada no estacionamento dos empregados no edifício do Escritório Distrital da Administração do Município, o EDAM. Subiu o caminho sinuoso até a entrada do prédio, passou pelo balcão da recepcionista e foi para sua sala.

Primeiro abriu a janela, depois tirou o paletó e o pendurou em um armário. Ondas do ar frio da manhã entraram na sala. Ele respirou profundamente, espreguiçou-se duas vezes e deixou-se cair na cadeira giratória, rolando-a até ficar junto à mesa. Na cestinha de metal havia dois bilhetes. O primeiro era uma brincadeira: apenas uma receita, recortada de alguma revista de culinária, descrevendo o modo de preparar uma *casserole* de frango e manteiga de amendoim. Ele jogou a receita no lixo e pegou o segundo bilhete. Desdobrou-o com um floreio e leu. “Homem na casa tentou ligar para números de Bridgeland, Sherman, Devonshire, Walnut e Kentfield.”

Eu não acredito, pensou Black. Guardou o bilhete no bolso, levantou da mesa e foi pegar o paletó no armário, fechou a janela, saiu da sala, cruzou o corredor, passou pelo balcão da recepcionista, deixou o edifício e caminhou até o estacionamento, na direção do seu carro. Um momento depois tinha dado marcha à ré até a rua e estava dirigindo rumo ao centro da cidade.

Bem, nem tudo na vida pode ser perfeito, pensou enquanto avançava no trânsito matutino. O que será que isso significa? Como isso aconteceu?

Algum estranho devia ter passado pela rua dele e pedido para usar o telefone. Ah! Muito engraçado isso.

Desisto, pensou. É apenas uma dessas coisas absurdas que desafiam a análise. Não há nada o que fazer senão esperar e ver o que acontece depois. Quem fez os telefonemas, por que e como.

Que confusão, ele comentou consigo mesmo.

Parou junto à calçada, na rua dos fundos do prédio do *Gazette*. Saiu do carro, enfiou uma moeda na máquina do estacionamento e entrou pela escada

dos fundos.
— O sr. Lowery está? — perguntou à moça no balcão.
— Creio que não, senhor — disse ela, virando-se para o painel telefônico. — Se quiser aguardar, posso fazer alguns telefonemas e tentar localizá-lo.
— Obrigado — disse ele. — Diga que é Bill Black.
A moça ligou para várias salas e depois disse:
— Lamento, sr. Black. Disseram que ele não chegou ainda, mas está para chegar. Vai querer aguardar?
— Tudo bem — disse ele, sentindo-se abatido. Deixou-se cair num banco, acendeu um cigarro e ficou sentado, cruzando os dedos das mãos.
Depois de quinze minutos ouviu vozes no corredor. Uma porta se abriu e a silhueta alta, magra e de calças folgadas de Stuart Lowery apareceu.
— Ah, olá, sr. Black — disse ele, com sua atitude tranquila de sempre.
— Adivinhe o que me esperava hoje no escritório — disse Bill Black. Estendeu o bilhete, que Lowery leu cuidadosamente.
— Estou surpreso — disse.
— É apenas um acidente sem sentido — disse Black. — Uma chance em um bilhão. Alguém deve ter imprimido uma lista de bons restaurantes e a enfiou no chapéu, e veio num dos caminhões de suprimento, e quando estava descarregando alguma coisa a lista caiu do chapéu. — Ele teve uma ideia súbita. — Alguém que descarregava repolhos, por exemplo. E então Vic Nielson estava levando os repolhos para dentro do frigorífico, viu a lista caída no chão e pensou: ora, isso mesmo que eu precisava, uma lista de bons restaurantes. Então ele pegou aquele papel e o levou para casa, e o pregou na parede junto do telefone.
Lowery deu um sorriso sem muita convicção.
— Estou pensando: será que alguém anotou os números que ele discou? — perguntou Black. — Pode ser importante.
— Me parece que um de nós vai ter que ir lá na casa dele — disse Lowery. — Eu não estava pensando em ir de novo antes do fim desta semana. Você podia ir lá hoje à noite.
— Acha que pode ter um traidor infiltrado?
— Uma infiltração bem-sucedida — disse Lowery.
— Exato.
— Vamos ver o que conseguimos descobrir.
— Vou dar um pulo lá hoje à noite — disse Black. — Depois do jantar.

Vou levar alguma coisa para mostrar a Ragle e Vic. Até lá eu penso em algo. — Fez menção de sair e então disse: — Como ele se saiu no teste de ontem?

— Parece que estava tudo correto.

— Ele está ficando inquieto de novo. Os sinais estão todos aí. Mais latas vazias de cerveja no quintal, um saco de lixo cheio delas. Como ele pode tomar tanta cerveja e trabalhar ao mesmo tempo? Eu o observo há três anos e ainda não entendo.

Com uma cara muito séria, Lowery disse:

— Aposto que é esse o segredo. Não está em Ragle, está na cerveja.

Fazendo um aceno de despedida, Black deixou o edifício do *Gazette*.

No trajeto de volta à EDAM, um pensamento recorrente começou a incomodá-lo. Havia uma possibilidade que ele não queria encarar. Tudo o mais podia ser mantido sob controle. Para tudo havia um jeito. Mas...

Suponhamos que Ragle estivesse recobrando sua sanidade mental?

Naquela noite, depois que deixou a sede do EDAM, Black parou em uma loja de conveniência e procurou algo que pudesse levar. Finalmente sua atenção foi atraída por um suporte cheio de canetas esferográficas. Ele arrancou várias canetas e saiu, levando-as na mão.

— Ei, cavalheiro! — gritou o caixa, indignado.

— Ah, desculpe — disse Black. — Esqueci.

De fato, era verdade: por um instante ele havia se esquecido de que ali tinha de executar os gestos praticados por todo mundo. Ele tirou algumas notas da carteira, recebeu o troco e correu para o carro.

Sua ideia era ir à casa de Vic levando as canetas, dizer a Vic e Ragle que elas tinham sido enviadas como brindes de propaganda para o Departamento de Águas, mas que os funcionários estavam proibidos de aceitá-las. Será que eles queriam ficar com elas? Praticou mentalmente essa versão enquanto dirigia para casa.

O melhor método era sempre o mais simples.

Estacionando na entrada, ele subiu depressa os degraus da varanda e entrou. Enroscada no sofá, Junie estava pregando um botão em uma blusa. Ela parou imediatamente e ergueu os olhos furtivamente, com uma tal expressão de culpa que ele percebeu que ela havia saído mais uma vez com Ragle, de mãos dadas, trocando promessas.

— Oi — disse ele.

— Oi — disse Junie. — Como foi hoje no trabalho?
— O mesmo de sempre.
— Adivinhe o que aconteceu hoje.
— O que foi que aconteceu hoje?
Junie disse:
— Eu estava na lavanderia recolhendo sua roupa e encontrei Bernice Wilks, e começamos a conversar sobre a escola, estudamos juntas em Cortez High, aí voltamos no carro dela, almoçamos, e depois vimos um show. Acabei de chegar. Por isso o jantar hoje serão quatro tortas de carne congeladas.
— Adoro tortas de carne.
Ela se levantou do sofá. Estava encantadora com sua saia longa de retalhos, sandálias e blusa de decote largo com botões grandes. O cabelo estava preso no alto com cuidado, amarrado atrás.
— Você é maravilhoso — disse ela com alívio. — Pensei que ia ficar furioso e começar a dar gritos.
— Como está Ragle? — perguntou ele.
— Não vi Ragle hoje.
— Bem — disse ele, com certa lógica —, como ele estava na última vez em que o viu?
— Estou tentando lembrar quando foi que o vi.
— Você esteve com ele ontem — disse ele.
Ela piscou.
— Não — disse.
— Foi o que você me disse ontem à noite.
Em dúvida, ela disse:
— Tem certeza?
Esta era a parte que mais o irritava: não era que ela trocasse uns abraços com Ragle, mas que ficasse inventando histórias mal contadas que nunca se encaixavam e que só serviam para causar mais confusão. Especialmente porque ele precisava muito saber a condição mental de Ragle.
Era uma tolice viver com uma mulher que fora escolhida por ser assim acessível... Era possível confiar nela quando se tratava de fazer algumas bobagens e, entre elas, fazer o que era preciso. Mas quando chegava a hora de relatar o que acontecera, sua tendência inata de mentir para se defender acabava pondo tudo a perder. O que era preciso ali era uma mulher capaz de cometer uma indiscrição e depois falar a respeito dela. Mas agora era tarde

para recompor tudo.

— Vamos, me fale sobre o velho Ragle Gumm — disse ele.

Junie disse:

— Eu sei que você tem suas desconfianças, mas elas apenas refletem as projeções da sua mente deturpada. Freud demonstrou que as pessoas neuróticas fazem isso o tempo inteiro.

— Basta me dizer, por favor — disse ele — como Ragle vem se sentindo estes dias. Não ligo para o que você andou fazendo.

Isto funcionou.

— Pois escute aqui — exclamou Junie, com uma voz aguda, esganiçada, que ecoou por toda a casa —, o que você quer que eu faça? Que eu diga que estou tendo um caso com Ragle, é isso? Eu fiquei aqui parada o dia inteiro, pensando, sabe o que eu estava pensando?

— Não — disse ele.

— Que é bem possível que eu deixe você, Bill. Que eu e Ragle vamos para outro lugar.

— Só vocês dois? O homenzinho verde não vai junto?

— Imagino que isso seja uma ironia quanto à competência de Ragle. Você está insinuando que ele não pode sustentar a mim e a ele.

— Que se dane — disse Bill Black, e foi sozinho para a outra sala.

Junie surgiu instantaneamente à frente dele.

— Você me menospreza porque eu não tenho tanto estudo quanto você — disse ela. Seu rosto, riscado de lágrimas, parecia perder o foco e ficar inchado. Não parecia tão encantadora agora.

Antes que ele pudesse esboçar uma resposta, a campainha soou.

— A porta — disse ele.

Junie o encarou e depois deu meia-volta e saiu da sala. Ele a ouviu abrir a porta da frente e então sua voz, seca e só em parte sob controle, e a voz de outra mulher.

A curiosidade o fez ir olhar.

Na varanda havia uma mulher corpulenta de meia-idade, de aspecto tímido, usando um sobretudo. Carregava uma prancheta e uma pasta de couro, e trazia na manga uma braçadeira com uma insígnia. A mulher falava com Junie com uma voz monótona, contínua, e ao mesmo tempo vasculhava o interior da pasta.

Junie virou-se para ele.

— Ela é da Defesa Civil — disse.

Vendo que ela ainda estava perturbada demais para conversar, Black foi até a porta e ficou no lugar dela.

— Do que se trata? — perguntou.

A timidez da mulher aumentou. Ela pigarreou com força e disse:

— Lamento incomodá-los justo na hora do jantar, mas sou vizinha de vocês, moro no final da rua, e estou participando de uma campanha de porta em porta em favor da DC, a Defesa Civil. Estamos precisando muito de voluntários e pensamos se não haveria na sua casa alguém que ficasse em casa durante o dia e pudesse dedicar uma hora do seu tempo, ou um pouco mais, durante a semana.

Black disse:

— Creio que não. Minha esposa fica em casa, mas ela tem outros compromissos.

— Sei — disse a mulher. Ela fez algumas anotações, depois deu um sorriso humilde para ele. Evidentemente ela aceitava um não como resposta logo na primeira tentativa. — Obrigada, de qualquer modo — disse ela. Hesitando, meio sem saber como se despedir, ela disse: — Meu nome é Keitelbein, sra. Kay Keitelbein. Moro na casa da esquina. Aquela casa antiga, de dois andares.

— O.k. — disse ele, começando a fechar a porta.

Junie reapareceu, segurando um lenço de encontro ao rosto, e disse com voz trêmula:

— Talvez alguém daqui do lado possa se oferecer como voluntário. Ele passa o dia em casa. O sr. Gumm, Ragle Gumm.

— Obrigada, senhora… — disse a mulher.

— Black — disse Bill Black. — Boa noite, sra. Keitelbein. — Ele fechou a porta e acendeu a luz da varanda.

— É o dia inteiro — disse Junie. — Vendedores de revestimento, de vassouras, gente oferecendo planos de economia doméstica. — Ela o encarou com olhos desamparados, dobrando o lenço de um jeito, depois de outro.

— Sinto muito pela briga — disse ele. Mas ainda não tinha obtido nenhuma informação dela. Eram os altos e baixos das intrigas domésticas de todo dia. Mulheres eram piores do que políticos.

— Vou preparar as tortas — disse Junie, e foi na direção da cozinha.

Com as mãos nos bolsos ele foi atrás dela, ainda com a determinação de

arrancar qualquer informação que conseguisse.

Saindo da calçada e indo até a varanda da casa ao lado, Kay Keitelbein tocou a campainha.

A porta foi aberta por um homem simpático, roliço, vestindo camisa branca e calças escuras amassadas, que a cumprimentou.

Ela disse:

— O senhor... é o sr. Gumm?

— Não — disse ele. — Sou Vic Nielson, mas Ragle está em casa. Entre, por favor. — Ele abriu mais a porta e ela entrou. — Sente-se, se quiser, fique à vontade. Vou chamá-lo.

— Obrigado, sr. Nielson — disse ela.

Sentou-se perto da porta, em uma cadeira de espaldar reto, segurando no colo a pasta de couro e os folhetos que trazia. A casa, quente e agradável, cheirava a jantar. Não era uma hora muito boa para fazer essas visitas, pensou ela. Muito em cima da hora da refeição. Mas dali ela podia ver a mesa da sala de jantar: eles ainda não tinham se sentado. Uma mulher atraente, de cabelo castanho, estava pondo a mesa. A mulher deu uma olhadela na sua direção. A sra. Keitelbein a cumprimentou com um leve aceno.

E então Ragle Gumm entrou na sala e veio ao seu encontro.

Caridade, pensou ele, assim que a viu.

— Pois não? — disse ele, já se preparando.

A mulher malvestida, de rosto diligente, se levantou da cadeira.

— Sr. Gumm — disse ela —, lamento importuná-lo, mas estou aqui em nome da DC, Defesa Civil.

— Entendi — disse ele.

Ela explicou que morava logo ali na esquina. Enquanto escutava, ele pensou por que razão ela escolhera procurar a ele, e não a Vic. Provavelmente por causa de sua fama. Ele recebia muitos pedidos pelo correio, pedidos para que ele colaborasse financeiramente com causas que viveriam mais do que ele próprio.

— Sim, geralmente passo o dia em casa —, admitiu ele, depois que ela acabou de explicar —, mas fico trabalhando. Eu trabalho como autônomo.

— Apenas uma ou duas horas por semana — disse a sra. Keitelbein.

Isso não parecia ser muita coisa.

— Para fazer o quê? — perguntou ele. — Eu não tenho carro, se estão precisando de alguém que dirija. — Uma vez a Cruz Vermelha batera à porta, à procura de motoristas voluntários.

A sra. Keitelbein disse:

— Não, sr. Gumm, é uma aula de instruções em caso de catástrofe.

Aquilo pareceu adequado.

— Que boa ideia — disse ele.

— Perdão?...

— Instruções em caso de catástrofe. Soa interessante. Algum tipo especial de catástrofe?

— A Defesa Civil age sempre que acontece uma catástrofe, de inundações a tornados. É claro que a bomba de hidrogênio é o que mais nos preocupa, especialmente agora que a União Soviética tem esses novos mísseis ICBM. O que queremos é treinar pessoas em todas as partes da cidade para saber o que fazer em caso de uma catástrofe de qualquer natureza. Ministrar primeiros socorros, acelerar a evacuação, saber distinguir alimentos provavelmente contaminados. Por exemplo, sr. Gumm, cada família deveria ter sempre em casa um estoque de comida para sete dias, inclusive um estoque de sete dias de água potável.

Ainda em dúvida, ele disse:

— Deixe o seu telefone comigo. Vou pensar no assunto.

Com um lápis a sra. Keitelbein escreveu seu nome, endereço e número de telefone na margem inferior de um panfleto.

— A sra. Black, da casa vizinha, foi quem sugeriu seu nome — disse ela.

— Ah — disse ele. E instantaneamente pensou na ideia de que Junie via aquilo como um pretexto para os dois se encontrarem. — Pelo que entendi há várias pessoas da vizinhança que vão assistir a essas aulas.

— Sim — disse a sra. Keitelbein. — Pelo menos é o que esperamos.

— Ponha meu nome — disse ele. — Estou certo de que posso assistir a essas aulas uma ou duas horas por semana.

A sra. Keitelbein agradeceu e se retirou. Ele fechou a porta quando ela saiu.

É bom para Junie, pensou.

E agora, jantar.

— Você se inscreveu, então? — perguntou Margo, quando todos se sentavam à mesa.

— Por que não? — disse ele. — É uma coisa de utilidade prática, e

patriótica.
— Mas você já vive ocupado demais com o seu concurso.
— Uma ou duas horas por semana não vão fazer muita diferença.
— Está fazendo eu me sentir culpada — suspirou Margo. — Não tenho nada para fazer o dia todo, e você tem. Quem devia ir era eu. Talvez eu vá.
— Não — disse ele, não querendo tê-la do lado. Não se aquilo fosse servir como um pretexto para sair com Junie. — Você não foi convidada. Só eu.
— Isso não parece justo — disse Vic. — Então as mulheres não podem ser patriotas?
Foi a vez de Sammy entrar na conversa:
— Eu sou patriota. Lá no nosso clube a gente tem o melhor canhão atômico dos Estados Unidos, e está apontado para Moscou. — Ele produziu ruídos de explosão com a boca.
— Como vai aquele seu receptor de rádio? — perguntou Ragle.
— Vai bem — respondeu Sammy. — Já terminei.
— Já captou alguma coisa?
— Até agora nada, mas não vai demorar.
— Avise a gente quando captar — disse Vic.
— Só preciso fazer uns ajustes — disse Sammy.
Depois que Margo tirou os pratos e trouxe a sobremesa, Vic disse a Ragle:
— Fez algum progresso hoje?
— Mandei a resposta às seis — disse Ragle. — Como sempre.
— Estou me referindo àquele outro assunto — disse Vic.
Na verdade, ele avançara muito pouco. O concurso o mantivera concentrado o dia todo.
— Comecei a listar os fatos isolados que encontrei nas revistas — disse Ragle. — Sob diferentes categorias. Até ter tudo listado e classificado não há muito que eu possa dizer. — Ele criara doze categorias diferentes: política, economia, cinema, arte, crime, moda, ciência etc. — Acabei procurando as marcas de carros na seção de vendas, os nomes das marcas mais conhecidas: Chevrolet, Plymouth, DeSoto. Todas aparecem com vendedores, menos uma.
— Qual? — disse Vic.
— Tucker.
— Isso é estranho — disse Vic.
— Talvez o vendedor use alguma marca pessoal — disse Ragle. — Algo como: “Norman G. Selkirk, vendedor de Tuckers”. Mas de qualquer maneira,

eu te repasso para você ficar sabendo.
Margo disse:
— Por que usou o nome "Selkirk"?
— Não sei — disse ele. — Escolhi um nome ao acaso.
— Não existe acaso — disse Margo. — Freud demonstrou que existe sempre uma razão psicológica. Pense bem no nome "Selkirk". Ele lhe lembra o quê?
Ragle pensou um pouco.
— Talvez eu tenha visto o nome quando folheei a lista telefônica. — Essas malditas associações de ideias, pensou ele. Como nas pistas do concurso. Não importava o quanto a pessoa se esforçasse, jamais ia conseguir ter tudo sob controle. Elas é que o controlavam. — Achei! — disse ele finalmente. — O homem que serviu de inspiração para a história de *Robinson Crusoé* se chamava Alexander Selkirk.
— Não sabia que o livro se baseava em algo real — disse Vic.
— É, sim — disse Ragle. — Houve um náufrago de verdade.
— Por que será que você pensou nele? — comentou Margo. — Um homem vivendo sozinho numa ilha minúscula, criando sua própria sociedade, seu próprio mundo. Todos os seus utensílios, roupas...
— Porque — disse Ragle — eu passei dois anos numa ilha assim, durante a Segunda Guerra Mundial.
Vic disse:
— Você já tem alguma teoria?
— Sobre o que está havendo de errado? — Ragle fez um leve sinal de cabeça indicando a presença de Sammy, que escutava tudo.
— Tudo bem — disse Vic. — Ele está acompanhando a história toda. Não está, McBoy?
— Estou — disse Sammy.
Piscando o olho para Ragle, Vic disse ao filho:
— Então fale para a gente o que é que há de errado.
Sammy disse:
— Eles estão tentando fazer a gente de otários.
— Ele me ouviu dizer isso — disse Margo.
— Quem está tentando fazer a gente de otários? — perguntou Vic.
— O... o inimigo — disse Sammy, depois de uma hesitação.
— Que inimigo? — perguntou Ragle.

Sammy pensou um pouco e disse:

— O inimigo que está ao redor de nós, por toda parte. Eu não sei como se chamam. Mas estão em todo lugar. Acho que são os Vermelhos.

Ragle disse ao garoto:

— E como é que estão nos fazendo de otários?

Cheio de confiança, Sammy respondeu:

— Eles estão com suas armas de raios otarizadores virados para nós o tempo todo.

Todos gargalharam. Sammy ficou vermelho e começou a brincar com o prato de sobremesa já vazio.

— São raios otarizadores atômicos? — perguntou Vic.

Sammy murmurou:

— Eu esqueci se são atômicos ou não.

— Ele está muito à nossa frente — disse Ragle.

Depois do jantar, Sammy foi para o seu quarto. Margo lavou os pratos na cozinha, e os dois homens foram para a sala. Quase na mesma hora a campainha tocou.

— Talvez sua amiga Keitelbein esteja de volta — disse Vic, indo para a porta.

Parado lá fora estava Bill Black.

— Oi — disse ele ao entrar. — Trouxe umas coisinhas aqui para vocês. — Ele jogou para Ragle um par de objetos, que o outro apanhou no ar. Canetas esferográficas, e das boas, pela aparência. — Para você também — disse Bill a Vic. — Uma empresa do norte mandou de brinde, mas não podemos aceitar. Tem aí uma lei da prefeitura sobre não aceitar presentes. A gente pode comer o presente, pode beber, fumar, na hora em que o recebe, mas não pode ficar com ele.

— Mas tudo bem se der para a gente — disse Vic, examinando suas canetas. — Bem, obrigado, Black. Estas aqui vão ser úteis lá na loja.

Será que devemos dizer alguma coisa a Black? Conseguiu cruzar o olhar com o do cunhado. Pensou ter visto um sinal de assentimento e disse:

— Você tem um minuto?

— Acho que sim — disse Black.

— Tem uma coisa que a gente quer te mostrar — disse Vic.

— Claro — disse Black. — Vamos ver.

Vic se levantou para ir buscar as revistas, mas Ragle disse de repente:

— Espere um minuto. — E para Black: — Você já ouviu falar de alguma pessoa chamada Marilyn Monroe?

Ouvindo isso, Black ficou com uma expressão desconfiada no rosto.

— O que é isso? — disse com voz arrastada.

— Ouviu ou não ouviu?

— Claro que ouvi — disse ele.

— Está mentindo — disse Vic. — Ele acha que é uma pegadinha e não quer morder a isca.

— Vamos, responda honestamente— disse Ragle. — Não é pegadinha.

— Claro que ouvi falar dela — disse Black.

— Quem é ela?

— Ela... — Black olhou a sala ao lado para ver se Margo ou Sammy podiam escutar. — Ela é uma atriz de Hollywood.

"Que diabos", pensou Ragle.

— Fique aqui — disse Vic. Saiu e voltou com a revista. Abrindo-a para que Black visse as fotos, disse: — Qual filme dela pode ser considerado o melhor?

— É uma questão de opinião — disse Black.

— Diga um filme, apenas.

— *A megera domada*.

Ragle e Vic examinaram o artigo, mas não havia nenhuma menção à comédia de Shakespeare.

— Diga outro — disse Vic. — Esse aqui não está na lista.

Black fez um gesto de irritação.

— Mas o que é isso? Eu não vou muito ao cinema.

Ragle disse:

— De acordo com este artigo, ela é casada com um importante dramaturgo. Qual é o nome dele?

Sem hesitação, Black respondeu:

— Arthur Miller.

Bem, decidiu Ragle, isso acaba com a questão.

— E por que é que nós nunca ouvimos falar nela? — ele perguntou a Black.

Com um grunhido de desdém, Black respondeu:

— Não bote a culpa em mim.

— Faz muito tempo que ela é famosa?

— Não. Não especialmente. Você se lembra de Jane Russell. Aquela

publicidade enorme que fizeram em torno de *O proscrito*.

— Não — disse Vic. Ragle também balançou a cabeça, negando.

— Bem, de qualquer maneira... — Black estava claramente perturbado, mas tentando não demonstrar. — Eles têm toda uma máquina para cuidar disso. Tornar uma pessoa estrela da noite para o dia. — Ele se calou e chegou mais perto para olhar a revista. — O que é isso? Posso olhar também, ou é segredo?

— Deixe ele olhar — disse Ragle.

Depois que examinou a revista, Black disse:

— Bem, isso já tem alguns anos. Talvez ela já tenha sumido do mapa. Mas quando Junie e eu começamos a sair, antes de casarmos, íamos ver filmes no drive-in e eu me lembro de ter visto esse *Os homens preferem as louras*, que a revista cita.

Vic falou alto, na direção da cozinha:

— Ei, amor, Bill Black já ouviu falar nela.

Margo apareceu, enxugando um pratinho azul.

— Ouviu? Bem, acho que isso resolve tudo.

— Resolve o quê? — perguntou Black.

— Estávamos testando uma teoria — disse Margo.

— Que teoria?

Ragle disse:

— Nós três começamos a pensar que alguma coisa tinha dado errado.

— Onde? — disse Black. — Não entendi.

Nenhum deles respondeu.

— O que mais vocês têm para me mostrar?

— Nada — disse Ragle.

— Eles acharam uma lista telefônica — disse Margo. — Junto com as revistas. Parte de uma lista.

— Onde achou tudo isso?

Ragle disse:

— Por que diabos você se importa?

— Não me importo — disse Black. — Só acho que vocês perderam o juízo. — Ele estava começando a soar zangado. — Me deixem ver essa lista telefônica.

Vic foi buscar a lista e a entregou a ele. Black sentou-se e folheou as páginas, com a mesma expressão frenética no rosto.

— Qual é o problema aqui? — disse ele. — É da parte norte do estado. Eles não usam mais esses números. — Ele fechou a lista com força e a jogou em cima da mesa. A lista quase caiu no chão, mas Vic a pegou a tempo. — Estou admirado com vocês três — disse Black. — Especialmente você, Margo. — Estendendo a mão ele pegou de novo a lista de Vic, ficou de pé e caminhou até a porta. — Trago isso de volta para vocês em um ou dois dias. Quero olhar melhor e ver se localizo um pessoal que estudou com Junie em Cortez High. Há uma porção deles que ela não consegue encontrar. Provavelmente já se casaram, a esta altura. A maior parte são garotas.

Saiu e fechou a porta atrás de si.

— Ele ficou bem aborrecido — disse Margo depois de uma pausa.

— Não sei o que dizer disso tudo — disse Vic.

Ragle ficou imaginando se devia ir atrás de Bill e pegar a lista de volta. Mas aparentemente aquilo não tinha valor algum, e ele não foi.

Furioso, Bill escancarou a porta de casa, passou pela esposa e foi direto para o telefone.

— Alguma coisa errada? — perguntou Junie. — Brigou com alguém? Com Ragle? — Ela se aproximou dele pelas costas, enquanto ele discava o número de Lowery. — Me diga o que houve. Teve alguma discussão com Ragle? Quero saber o que foi que ele disse. Se ele falou que aconteceu alguma coisa entre nós dois, está mentindo.

— Cai fora daqui — disse Black. — Por favor, Junie. Pelo amor de Deus. Isso aqui é trabalho. — Ele a encarou com tanta raiva que ela desistiu e retirou-se.

— Alô. — A voz de Lowery soou no ouvido dele.

Black agachou-se e apertou bem o fone junto à boca, falando baixo para Junie não ouvir.

— Fui até lá — disse ele. — Eles encontraram uma lista telefônica, atual ou quase isso. Está comigo agora. Consegui tirar das mãos deles. Nem sei como.

— Não sabe onde encontraram?

— Não — admitiu ele. — Me aborreci e vim para casa. Foi algo que me abalou de fato, entrar lá e ouvi-los dizer: “Ei, Black, já ouviu falar de uma mulher chamada Marilyn Monroe” e trazerem lá de dentro umas revistas sujas, mofadas, e praticamente esfregam as coisas no meu nariz. Foram alguns minutos bem terríveis. — Ele ainda estava trêmulo e suando,

prendendo o telefone com o ombro enquanto tirava do bolso os cigarros e o isqueiro. O isqueiro escorregou dos seus dedos e saiu rolando, ficando fora do alcance. Ele o olhou, resignado.

— Estou entendendo — disse Lowery. — Eles não têm Marilyn Monroe. Era algo que não se encaixava.

— Não — concordou ele.

— Você disse que as revistas e a lista telefônica estavam molhadas?

— Sim — disse ele. — Bastante.

— Então eles devem tê-los encontrado numa garagem ou ao ar livre. Pode ter sido naquele arsenal que foi bombardeado, que era mantido pela prefeitura. Os escombros ainda estão lá, o pessoal de vocês nunca limpou.

— Mas não podemos! — exclamou Black. — Aquilo é terreno da prefeitura. Só eles podem mexer. E de qualquer modo não tem nada ali. Só uns blocos de cimento e um sistema de esgotos antigo.

— Vocês deviam conseguir um caminhão da prefeitura, uma equipe de homens e pavimentar aquilo tudo. Botar uma cerca em volta.

— Estamos tentando conseguir a permissão das autoridades — disse ele. — De qualquer modo, não acho que foi lá que eles encontraram o material. Se foram eles que o acharam, e estou dizendo “se”, é porque alguém os “plantou” lá.

— Deixou como pistas, você quer dizer — disse Lowery.

— Isso, fragmentos de informação.

— Pode ser.

— Então, basta pavimentar aquele terreno, e vão ter que plantar um pouco mais perto da casa, não importa quem seja. E por que motivo Ragle, Vic ou Margo estariam mexendo naqueles terrenos? Ficam a quase um quilômetro de distância, e... — Nesse momento, ele se lembrou da petição de Margo. Talvez aquilo explicasse tudo. — Talvez tenha razão —, disse. — Esqueça. — Ou então o garoto Sammy. Bem, não tinha importância. Ele tinha conseguido reaver a lista telefônica.

— Você não acha que ele olhou muita coisa nessa lista, enquanto esteve com ele, não é? — disse Lowery. — Nada além dos números que tentou chamar?

Black sabia o que ele estava pensando.

— Ninguém procura o próprio número — respondeu. — É uma coisa que ninguém nunca pensa em olhar, o próprio número numa lista telefônica.

— Está com ela aí?
— Estou.
— Leia para mim o que ele teria descoberto.
Equilibrando o fone, Black pegou o volume rasgado e cheio de manchas e o folheou até chegar na letra R. Sim, lá estava.

Ragle Gumm & Cia. Sucursal 25	Kentwood 6 0457
Entre 17h e 8h	Walnut 4 3965
Depto. de Remessa	Roosevelt 2 1181
Primeiro andar	Bridgefield 8 4290
Segundo andar	Bridgefield 8 4291
Terceiro andar	Bridgefield 8 4292
Depto. de Recebiment	Walnut 4 3882
Emergência	Sherman 1 9000

— Fico pensando no que teria acontecido se ele tivesse aberto nessa página — disse Black.
— Só Deus sabe. Provavelmente entraria em coma catatônico.
Black tentou imaginar o diálogo, se Ragle Gumm tivesse encontrado aqueles números e feito o telefonema — qualquer um dos números listados sob a rubrica de “Ragle Gumm & Cia., Sucursal 25”. Que diálogo bizarro teria sido, pensou ele. Quase impossível de imaginar.

6

No dia seguinte, depois que chegou da escola, Sammy Nielson pegou seu receptor de rádio, ainda sem funcionar, e o levou para o quintal, para a sede do “clube”.

Por cima da porta do clube havia uma placa que seu pai arranjara para ele no supermercado. O mesmo homem que pintava os letreiros para o mercado pintara essa placa: PROIBIDO O ACESSO DE FASCISTAS, NAZISTAS, COMUNISTAS, FALANGISTAS, PERONISTAS, SEGUIDORES DE HLINKA E/ OU DE BÉLA KUN.

Tanto seu pai quanto seu tio haviam insistido que não poderia haver uma placa melhor do que esta, então ele a havia pregado.

Com a chave ele destrancou o cadeado da porta e levou o receptor para dentro. Entrou, trancou a porta e, com um fósforo, acendeu a lanterna de querosene. Então removeu os tampões colocados nos buracos de espiar lá fora e olhou cuidadosamente para ver se algum inimigo estava vigiando.

Ninguém à vista. Somente o quintal vazio. Roupas penduradas para secar na casa ao lado. Fumaça cinza se elevando de um incinerador de lixo.

Ele se sentou à mesa, pôs os fones de ouvido e começou a passar a fina agulha ao longo do cristal de galena. A cada toque, só ouvia estática. Cada vez mais a inclinava, até que por fim escutou — ou imaginou ter escutado — vozes muito baixas e distantes. Ele deixou a agulha no ponto em que estava e começou a girar devagar o botão ao longo da bobina de sintonia. Uma voz se destacou por entre as outras, uma voz masculina, mas fraca demais para que alguém pudesse distinguir as palavras.

Talvez eu precise de uma antena maior, pensou.

Mais fio.

Ele saiu, trancou o clube e foi andar pelo quintal, à procura de algum fio metálico. Enfiou a cabeça para dentro da garagem. Na extremidade oposta viu a bancada de trabalho do seu pai.

Começou a procurar em uma extremidade da bancada, e quando chegou no

final já havia encontrado um grande rolo de arame não isolado, que provavelmente servia para pendurar quadros na parede ou fazer um varal, se o pai um dia quisesse construir um.

Eles não vão se importar, decidiu.

Levou o arame para dentro do clube, subiu na parte lateral para alcançar o teto e prendeu o arame à antena que estava ligada ao receptor de cristal. Com dois arames ele fez uma longa antena que corria toda a extensão do quintal.

Talvez precise ficar mais alta, decidiu ele.

Encontrou um espigão pesado e prendeu a ponta da antena nele, e flexionando o braço atirou o espigão para cima do teto da casa. A antena ficou meio pendurada. Assim não vai funcionar, pensou ele. Tem que ficar bem presa.

Entrou em casa e subiu as escadas para o segundo andar. Havia uma janela que dava para a parte plana do telhado. Ele a abriu por dentro e um instante depois estava engatinhando no telhado.

Lá de baixo, sua mãe gritou:

— Sammy, você não está subindo no telhado, está?

— Não! — gritou ele de volta. Eu *já estou* no telhado, pensou, fazendo uma sutil distinção mental. O espigão com a antena pendurada estava na parte inclinada, mas ele colou o corpo às telhas, rastejou para a frente e o agarrou. Onde amarrá-lo, agora?

O único lugar era a antena da TV.

Amarrou a extremidade da antena ao cano de metal do mastro da TV, e pronto. Rapidamente rastejou de volta, entrou pela janela, correu para baixo, foi para o quintal e voltou a entrar no clube.

Logo estava sentado à mesa, diante do cristal, e movendo o botão em busca de sintonia.

Desta vez, a voz masculina podia ser ouvida com clareza nos fones de ouvido. E havia uma porção de outras vozes em volta. As mãos dele tremiam de excitação enquanto mexia na sintonia para separá-las. Fixou-se na voz mais alta de todas.

As vozes estavam em algum tipo de conversa, e ele começou a escutá-las bem no meio do assunto.

— ... daquele tipo comprido que parece com baguete de pão. Praticamente quebra seus dentes quando você morde. Não sei para que servem. Casamentos, talvez, onde tem uma porção de gente que você não conhece e

você quer que os aperitivos demorem...

O homem falava pausadamente, as palavras bem separadas umas das outras.

— ... não a dureza, mas o anis. Está em tudo, mesmo nos de chocolate. Há um tipo branco, com nozes. Sempre me lembram aqueles crânios embranquecidos pelo sol que se encontram no deserto... crânios de serpentes, de coelhos... de pequenos mamíferos. Que imagem, hein? Crave os seus dentes num crânio de cascavel com mais de cinquenta anos ... — O homem gargalhou, também relaxado, quase emitindo um autêntico "ha ha ha ". — Bem, é mais ou menos por aí, Leon. Ah, só mais uma coisa. Sabe aquilo que seu irmão Jim falou sobre as formigas andarem mais depressa nos dias mais quentes? Fui pesquisar e não encontrei nada sobre isso. Pergunte se ele tem certeza, porque eu saí de casa e fiquei observando formigas durante umas duas horas depois que conversei com você, e quando o sol ficou bastante quente, para valer, elas pareciam estar caminhando na mesma velocidade de antes.

Não estou entendendo, pensou Sammy.

Ele mexeu na bobina até captar outra voz, seca e rápida.

— ... CQ, chamando CQ. Aqui é W3840-Y chamando CQ. Chamando CQ. Aqui é W3840-Y chamando se há CQ. Há algum CQ com alguém. W3840-Y chamando por CQ. CQ. Aqui é W3840-Y chamando CQ. CQ. Venha CQ. Existe aí um CQ. Aqui é W3840-Y chamando CQ. CQ...

Continuou assim o tempo inteiro, e ele moveu a bobina mais para a frente.

A voz seguinte era profunda e tão vagarosa que ele desistiu quase imediatamente.

— ... não... não... de novo... o quê?... para... o... não, não creio...

Só bobagem, pensou ele, desapontado. Mas de qualquer modo eu consegui fazer funcionar.

Continuou tentando.

Guinchos e chiados obrigaram o garoto a fazer uma careta. Depois sinais telegráficos frenéticos. Código, isso ele sabia. Código Morse. Talvez algum navio que estivesse afundando no Atlântico, com a tripulação remando através do óleo em chamas.

O próximo estava melhor.

— ... às 3:36, exatamente. Vou rastrear para você. — Um longo silêncio. — Sim, vou rastrear daqui. Pode esperar. — Silêncio. — Sim, você espera aí. Está me ouvindo? — Silêncio. — O.k., pode ficar esperando. O quê? — Um

longo, longo silêncio. — Não mais como 2.8. 2.8. Captou? Nordeste. O.k., o.k. Está bem.

Ele olhou para seu relógio de pulso do Mickey Mouse. Eram aproximadamente 3h36 da tarde, mas o relógio às vezes tinha variações, ele não podia ter certeza.

Foi então que, no céu bem por cima do clube, escutou um rumor surdo e profundo, fazendo-o estremecer. E ao mesmo tempo a voz nos fones falou:

— Ouviu isso? Sim, vi que ele mudou de direção. Bem, acho que é tudo para esta tarde. A toda a velocidade, agora. Sim. O.k. Desligo.

A voz cessou.

Caramba, pensou Sammy. Espere só até meu pai e tio Ragle ouvirem isso.

Removendo os fones de ouvido, ele saiu correndo do clube, cruzou o quintal, entrou em casa.

— Mãe! — gritou. — Onde está tio Ragle? Está na sala trabalhando?

Sua mãe estava na cozinha, esfregando o escorredor de louça.

— Ragle saiu para pôr a resposta no correio — disse ela. — Hoje ele acabou mais cedo.

— Ah, droga! — exclamou Sammy, arrasado.

— O que é isso, rapazinho?

— Ah — murmurou ele —, eu captei um foguete ou coisa parecida no meu receptor de cristal, queria que ele escutasse. — O garoto ficou girando em círculos, sem saber o que fazer.

— Não quer que eu vá ouvir? — perguntou a mãe.

— Pode ser — respondeu ele, carrancudo. Saiu para o quintal, e Margo o seguiu.

— Só posso ouvir por um ou dois minutos — disse ela. — Depois tenho que voltar para casa, tenho muita coisa para fazer antes do jantar.

Às quatro da tarde Ragle Gumm postou sua encomenda registrada com as respostas no correio central. Duas horas antes do fim do prazo, pensou ele. Mostra do que sou capaz quando é preciso.

Pegou um táxi de volta para o quarteirão onde morava, mas não desceu na frente de casa. Saltou na esquina, perto da casa antiquada de dois andares, pintada de cinza, com uma varanda de madeira meio inclinada.

Não existe nenhuma chance de Margo passar por aqui e nos ver, ele percebeu. Ela nunca vai muito além da casa ao lado.

Ele subiu os degraus que conduziam à varanda e tocou numa das três campainhas de latão que havia junto da porta. Lá longe, por dentro das cortinas de renda que tapavam a porta, bem no fim de um corredor longo e de pé-direito alto, ele ouviu uma sineta tocar.

Uma sombra se aproximou. A porta se abriu.

— Ah, sr. Gumm — disse a sra. Keitelbein. — Esqueci de avisar sobre os dias em que as turmas se reúnem.

— Tudo bem — disse ele. — Eu ia passando em frente e pensei em tocar aqui e perguntar.

A sra. Keitelbein disse:

— A turma se reúne duas vezes por semana. Às duas da tarde nas terças, e às três nas quintas. Fica fácil de lembrar.

Com precaução, ele perguntou:

— Tem tido sorte em recrutar pessoas?

— Não tem sido incrivelmente fácil — disse ela com um sorriso enviesado.

Naquela tarde ela não parecia tão cansada. Usava uma bata longa cinza-azulada, saltos baixos e não exibia mais aquela fragilidade e aquela aura de solteirona idosa que cria um gato castrado e lê romances detetivescos. Agora, ela parecia mais aquela mulher ativa, que frequenta a igreja e organiza bazares de caridade. O tamanho da casa, o número de campainhas e de caixas de correio, tudo sugeria que ela ganhava a vida, pelo menos em parte, alugando quartos. Aparentemente ela dividira sua antiga casa espaçosa para esse fim.

— Só por curiosidade — disse ele —, sabe de alguém que eu talvez conheça e que se inscreveu? Eu ficaria mais confiante se soubesse que na turma tem alguém conhecido.

— Eu teria que olhar no meu caderno. Quer entrar e aguardar um pouco?

— Claro.

A sra. Keitelbein entrou pelo corredor e foi para o último quarto. Quando ela não reapareceu, ele caminhou naquela direção.

O tamanho do quarto o deixou surpreso. Era um cômodo enorme, parecia um auditório, havia até correntes de ar, uma lareira convertida em aquecedor a gás, um candelabro no teto, cadeiras agrupadas bem juntas no canto, um certo número de portas pintadas de amarelo de um lado e janelas altas e largas do lado oposto. Junto de uma estante de livros, a sra. Keitelbein estava de pé, consultando um livro grande, do tipo usado em contabilidade.

— Não estou encontrando — disse ela, inesperadamente, fechando o livro. — Eu tinha tudo isso anotado, mas, com essa confusão... — Ela fez um gesto mostrando o salão desarrumado. — Estamos tentando arrumar tudo para a primeira reunião. Cadeiras, por exemplo. Não temos cadeiras suficientes. E precisamos de um quadro-negro... mas a escola pública nos prometeu um. — De repente, ela o agarrou pelo braço e disse: — Escute, sr. Gumm. Há uma escrivaninha de carvalho no porão, e eu queria trazê-la aqui para cima. Durante o dia todo tentei conseguir alguém que pudesse ajudar meu filho, Walter, a trazê-la. Acha que podia ajudar? Walter disse que dois homens, cada um pegando de um lado, podem trazê-la para cá em poucos minutos. Tentei erguê-la, mas não consegui.

— Ora, com muito prazer — disse ele. Tirou o paletó e o colocou no encosto de uma cadeira.

Um adolescente desengonçado e sorridente entrou no salão. Usava um suéter branco de torcida de futebol, calça jeans e sapatos pretos reluzentes. Disse um "oi" tímido para Ragle.

Depois que os apresentou, a sra. Keitelbein os conduziu na descida de uma escada com degraus bastante desencorajadores, estreitos, até um porão de concreto úmido e com fiação exposta, vidros de conserva vazios e cobertos de teias de aranha, mobília descartada, colchões e uma banheira bem antiquada.

A escrivaninha de carvalho tinha sido arrastada até perto da escada.

— É uma escrivaninha maravilhosa — disse a sra. Keitelbein, andando em volta dela, com olhar crítico. — Quero ficar sentada nela enquanto não estiver no quadro-negro. Era a mesa que meu pai usava, o avô de Walter.

Walter disse, numa voz de tenor gutural:

— Pesa uns setenta quilos. Muito bem distribuídos, mas a parte de trás é mais pesada, eu acho. Acho que podemos levar a mesa de lado, para que passe na abertura. Dá para pegar pela parte de baixo. Eu levanto primeiro, de costas. Quando eu levantar do meu lado, você pega do seu. Certo? — Ele já estava se agachando de costas para o móvel, tateando embaixo em busca de pegada. — Quando levantarmos eu pego com mais firmeza.

Dos seus anos de vida militar, Ragle se orgulhava de ter adquirido uma boa condição física. Mas quando ergueu a escrivaninha à altura da cintura, estava vermelho e arquejando. A mesa oscilou enquanto Walter buscava a melhor posição para segurar. Então ele foi para a escada, a mesa balançou nas mãos

de Ragle e eles começaram a subir os degraus.

Por três vezes tiveram que abaixar a escrivaninha ao longo da escada, a primeira para que Ragle descansasse um pouco e as outras duas porque não conseguiram fazer o móvel passar pela abertura e foi preciso mudar de posição. Finalmente conseguiram chegar à parte de cima e levar a mesa para o salão. Com um baque surdo ela foi largada pelos seus dedos doloridos, e pronto.

— Eu agradeço muito sua bondade — disse a sra. Keitelbein, saindo do porão e desligando a lâmpada da escada. — Espero que não tenha se machucado ou algo assim. Ela é mais pesada do que eu imaginava.

O filho dela o olhava com a mesma timidez de antes.

— O senhor é o mesmo sr. Gumm que é o ganhador do concurso? — perguntou.

— Sou — disse Ragle.

O rosto simpático do rapaz ficou com uma expressão envergonhada.

— Talvez eu não devesse perguntar, mas eu sempre quis perguntar isso a algum cara que ganha um monte de dinheiro num concurso... Você acha que é sorte ou acha que é como ganhar um belo salário, assim como um advogado ganha um grande salário caso ele saiba de alguma coisa que nenhum outro advogado sabe? Ou como alguns pintores de quadros que valem milhões?

— É muito trabalho, trabalho duro — disse Ragle. — É assim que eu vejo. Eu levo de oito a dez horas por dia.

O rapaz assentiu.

— Ah, sim. Sei o que quer dizer.

— Como o senhor começou? — perguntou a sra. Keitelbein.

— Não sei. Vi num jornal e mandei uma resposta. Isso faz uns três anos. Simplesmente fui ficando. Minhas respostas estavam certas desde o começo.

— As minhas não — disse Walter. — Nunca ganhei uma vez sequer. Já mandei umas quinze respostas.

— Sr. Gumm, antes que vá embora eu gostaria de te dar uma coisa. Espere aqui. — A sra. Keitelbein foi apressada para um cômodo vizinho. — Pela sua ajuda.

Ele pensou: um ou dois biscoitos, provavelmente.

Mas quando ela voltou, trazia na mão um adesivo em cores vivas.

— Para o seu carro — disse, estendendo-o para ele. — Para colar na janela de trás. É um adesivo da Defesa Civil: a gente mergulha em água morna, o

papel se solta, e então é só colar no vidro da janela. — Ela sorriu.

— Eu não tenho um carro no momento — disse ele.

O rosto dela ficou cheio de decepção.

— Ah... — disse.

Com uma risada exagerada, mas simpática, Walter disse:

— Ora, talvez possa pregar atrás do seu paletó!

— Lamento muito — disse a sra. Keitelbein, desconcertada. — Bem, agradeço de qualquer forma. Gostaria de poder recompensá-lo, mas não sei como. Vou tentar tornar as aulas o mais interessantes que puder. O que me diz disso?

— Acho ótimo — disse ele. Pegando o paletó, ele foi na direção do corredor. — Tenho que ir agora. Vejo vocês na terça-feira, então. Às duas.

No canto do salão, no peitoril de uma janela, alguém tinha colocado uma espécie de maquete, e ele parou para examiná-la.

— Vamos usar isso — disse a sra. Keitelbein.

— O que é? — perguntou ele. Parecia ser a miniatura de uma base militar: um quadrado oco onde minúsculos soldados executavam suas tarefas. A cor das peças era marrom esverdeado ou cinzento. Tocando com a ponta do dedo o cano de uma arma que se projetava do topo, ele viu que era madeira entalhada.

— Bastante real — disse.

Walter respondeu:

— Construímos várias dessas. Quero dizer, as primeiras turmas. As turmas da Defesa Civil, quando morávamos em Cleveland. Minha mãe trouxe quando viemos, acho que ninguém quis ficar com elas. — Ele deu mais uma daquelas risadas estrondosas. Era mais uma reação nervosa do que algo agressivo.

— Esta é uma réplica de um forte dos mórmons — disse a sra. Keitelbein.

— Que diabo — disse Ragle. — Isso me interessa. Sabe, eu lutei na Segunda Guerra Mundial. Servi no Pacífico.

— Não me lembro de ter lido isso a seu respeito — disse a sra. Keitelbein. — Uma celebridade como o senhor... De vez em quando vejo um artigo sobre o senhor em alguma revista. Não é o senhor que tem um recorde de maior número de vitórias entre todos os concursos de jornais e televisão?

— Suponho que sim.

Walter perguntou:

— O senhor viu combates pesados no Pacífico?
— Não — disse ele com simplicidade. — Eu e outro cara ficamos isolados num pedacinho de terra com meia dúzia de palmeiras, numa cabana de ferro corrugado, com um transmissor de rádio e instrumentos para analisar o clima. Ele fazia as medições e eu transmitia os resultados para uma base da Marinha a trezentos quilômetros dali. Isso nos ocupava durante uma hora por dia. O resto do dia eu ficava deitado, tentando prever as mudanças do tempo. Eu tentava fazer predições meteorológicas corretas. Isso não fazia parte do nosso trabalho: nós apenas mandávamos as medições e eles lá é que faziam as previsões. Mas eu acabei me tornando bastante bom naquilo. Eu olhava o céu e, com a ajuda das medições, acabava acertando mais do que errando meus palpites.
— Imagino que para o Exército e a Marinha as condições atmosféricas deviam ser algo muito importante — disse a sra. Keitelbein.
Ele respondeu:
— Uma tempestade pode acabar com uma operação de desembarque, pode dispersar um comboio de carregamentos. Pode mudar o rumo de uma guerra.
— Talvez tenha sido aí que o senhor adquiriu sua prática — disse Walter. — Para o concurso. Apostando no clima.
Ragle deu uma risada ouvindo isto.
— Pode ser. É o que eu fazia: aprendi a apostar no cavalo certo. Eu dizia que ia chover às dez da manhã, e meu colega apostava que não. Desse jeito conseguimos aguentar dois anos ali. Fazendo isso e tomando cerveja. Uma vez por mês eles traziam nossos suprimentos e deixavam uma quantidade suficiente de cerveja. Suficiente para um batalhão. O único problema é que a gente não tinha como gelar a bebida. Era cerveja morna, dia após dia. — Como ele não conseguia mais parar, quando começava a se lembrar daquele tempo... Doze, treze anos atrás... Ele tinha trinta e três anos. Trabalhava em uma lavanderia a seco quando chegou a carta de convocação militar.
— Olhe só, mãe — disse Walter, entusiasmado. — Tive uma ideia muito boa agora: que tal se o sr. Gumm falasse para as nossas turmas a respeito das experiências dele na guerra? Ele podia dar às pessoas uma ideia das coisas. Sabe como é, a sensação de perigo iminente e tudo o mais. Ele provavelmente lembra uma porção de coisas dos treinamentos que recebeu quando era soldado, assuntos de segurança, o que fazer sob fogo inimigo, situações de emergência...

Ragle disse:

— Mas eu só tenho isso pra dizer, isso que eu disse agora.

— Mas o senhor se lembra de histórias que os soldados contavam uns aos outros, sobre ataques aéreos e bombardeios — insistiu Walter. — Não precisa ter acontecido diretamente com o senhor.

Garotos são sempre iguais, pensou Ragle. Aquele ali falava mais ou menos as mesmas coisas que Sammy. Sammy tinha dez anos, aquele garoto devia ter uns dezesseis. Mas ele gostava de ambos. E via aquilo tudo como um elogio.

A fama, pensou ele. Essa é a minha recompensa por ser o maior, ou o mais duradouro, dos vencedores na história dos concursos de jornal. Os garotos entre dez e dezesseis anos pensam que eu sou alguém.

Isso o divertia. E ele disse:

— Vou vestir meu uniforme completo de general quando vier aqui na terça-feira.

Os olhos do rapaz se arregalaram, mas logo ele se empertigou e tentou parecer *blasé*.

— Está brincando! — disse. — Um general mesmo? Quatro estrelas?

— Certamente — disse ele, com a maior solenidade possível. A sra. Keitelbein sorriu, e ele sorriu para ela.

Às cinco e meia da tarde, quando o mercado encerrou suas atividades e foi fechado, Vic Nielson chamou os três ou quatro funcionários que trabalhavam nos caixas para uma conversa.

— Escutem — disse ele. Tinha planejado aquilo o dia inteiro. As persianas já tinham sido descidas, os clientes tinham ido embora. Na caixa registradora, um dos subgerentes contava o dinheiro e preparava o material para o dia seguinte. — Quero que vocês me façam um favor. É uma experiência psicológica. Vai demorar só uns trinta segundos. Certo? — Ele se dirigia principalmente a Liz: ela era uma espécie de líder entre os caixas, e se ela concordasse os outros provavelmente fariam o mesmo.

— Não podemos fazer isso amanhã? — disse Liz. Ela já havia vestido o casaco e trocado os sapatos comuns por saltos altos. Vestida assim, parecia um enorme display de propaganda de suco de abacaxi em 3D.

Vic respondeu:

— Minha esposa está aí no estacionamento, esperando por mim. Se eu não chegar dentro de mais um minuto ela começa a buzinar. Então não vai

demorar.

Os outros caixas, todos homens, baixinhos, olharam para Liz para ver sua reação. Ainda estavam todos com seus aventais brancos e lápis atrás da orelha.

— Está bem — disse ela. Balançando o dedo para ele, falou: — Mas é melhor que esteja dizendo a verdade. Quero sair logo daqui.

Ele foi até o setor de frutas, pegou um saco de papel de uma das gôndolas e começou a soprar dentro dele. Liz e os outros o olharam sem muito interesse.

— O que eu quero que vocês façam é isto — disse ele, mostrando o saco cheio de ar. — Vou estourar esse saco e gritar uma ordem. Quero que façam exatamente o que eu disser. Não pensem. Apenas façam imediatamente assim que me ouvirem gritar. Quero que reajam sem tempo para pensar. Entenderam?

Mascando um pedaço de chiclete que havia tirado da prateleira de doces, Liz disse:

— Sim, entendemos. Vá logo, estoure o saco e dê a ordem.

— Virados para mim — disse ele. Os quatro ficaram de pé, de costas para as portas de vidro. Eram a única porta que eles cruzavam sempre que chegavam na loja ou saíam dela. — O.k. — disse ele e, erguendo o saco cheio de ar, gritou: — Corram! — E então estourou o saco. Quando gritou, os quatro tiveram um pequeno sobressalto. Quando o saco explodiu com um terrível estouro no interior da loja vazia, os quatro dispararam como lebres.

Nenhum deles correu para a porta. Em grupo, correram todos para a esquerda, na direção de uma pilastra de suporte. Deram seis, sete, oito passos até lá... e pararam, arquejantes, desorientados.

— O que foi isso? — questionou Liz. — O que significa? Você disse que ia estourar o saco de papel primeiro, mas em vez disso você gritou.

— Obrigado, Liz — disse ele. — Foi ótimo. Pode ir encontrar com seu namorado.

Enquanto eles se retiravam da loja, os caixas o olharam com escárnio.

O subgerente que contava dinheiro falou:

— Era para eu correr também?

— Não — disse ele, mal o ouvindo, sua mente estava concentrada no experimento.

— Tentei me esconder embaixo da registradora — disse o subgerente.

— Obrigado — disse ele. Saindo da loja, fechou a porta atrás de si e cruzou

o estacionamento na direção do Volkswagen.

Mas dentro do Volkswagen havia um enorme pastor-alemão de pelo negro, que observou atento sua chegada. E o para-lama dianteiro do carro estava amassado. E o carro precisava ser lavado urgentemente.

E eu aqui falando em experimentos psicológicos, ele pensou. Não era o carro dele. Não era Margo. Ele tinha visto um VW entrando no estacionamento mais ou menos na hora em que ela costumava ir buscá-lo. O resto tinha sido completado pela sua mente.

Ele voltou para a loja. Quando chegou perto, a porta se abriu e o subgerente pôs a cabeça para fora e disse:

— Victor, sua esposa está no telefone. Quer falar com você.

— Obrigado — disse ele, segurando a porta, entrando e indo direto para o telefone na parede.

— Querido — disse Margo, assim que ele deu o alô. — Desculpe, mas não pude ir buscá-lo. Ainda quer que eu vá ou prefere vir de ônibus? Se estiver cansado eu te pego, mas se vier de ônibus você deve chegar mais rápido.

— Vou de ônibus — disse ele.

Margo disse:

— Hoje entrei lá no clube de Sammy, para escutar o tal rádio dele. É fascinante.

— Que bom — disse ele, colocando o fone de volta no lugar. — Vejo você mais tarde.

— Ouvimos todo tipo de transmissão.

Depois de dar boa-noite ao subgerente, ele caminhou até a esquina e pegou um ônibus. Logo estava indo para casa, no meio de comerciários e de pessoas que vinham das compras, senhoras idosas e crianças voltando da escola.

Havia uma lei municipal proibindo fumar nos ônibus, mas ele se sentia perturbado o bastante para acender um cigarro. Abrindo a janela junto ao rosto conseguia fazer com que a maior parte da fumaça saísse por ali, afastando-a da mulher que estava sentada ao lado.

Meu experimento foi um sucesso, pensou. Funcionou melhor do que eu esperava.

Ele imaginara que os caixas correriam cada um em uma direção diferente, um para a porta, outro para a parede, um para longe da porta... Isso daria apoio à sua teoria de que esta situação que estavam vivendo agora era de certa forma algo episódico. De que grande parte das suas vidas tinha

transcorrido em outro lugar, um outro lugar de que nenhum deles se lembrava.

Mas cada pessoa tem seus próprios reflexos. Não seriam os mesmos para aqueles quatro. Todos tinham disparado na mesma direção. Na direção errada, mas foi algo uniforme. Agiram como um grupo, não como indivíduos.

Isso queria dizer, simplesmente, que as experiências básicas e anteriores de todos os quatro tinham sido semelhantes.

O que isso queria dizer?

A teoria dele não cobria tudo isso.

Fumando e abanando a fumaça para fora da janela do ônibus, ele tentou, mas não conseguiu montar outra teoria.

Exceto, pensou ele, alguma explicação medíocre: por exemplo, que os quatro caixas tinham exercido juntos algum tipo de função. Talvez tivessem vivido juntos numa mesma pensão, ou comido juntos em uma mesma lanchonete durante alguns anos, ido juntos para a escola...

Temos muita coisa vazando para dentro do nosso mundo, pensou ele. Uma gota pingando aqui, duas do outro lado. Uma mancha escura se formando no teto. Mas o que é isso que está se infiltrando? O que significa?

Tentou impor à própria mente uma ordem racional. Vejamos como fui capaz de perceber isso, pensou ele. Comi lasanha demais e me retirei de um jogo de pôquer, onde tinha uma mão bem razoável, e fui ao banheiro para tomar um remédio.

Havia algo anterior àquilo?

Não, decidiu. Antes desse momento, seu universo era ensolarado. Crianças brincando, vacas mugindo, cães abanando o rabo. Homens aparando o gramado em um domingo de tarde, enquanto acompanhavam um jogo na TV. Podíamos ter continuado assim para sempre. Sem reparar em nada.

Exceto, pensou ele, a alucinação de Ragle.

E o que era, ele ficou pensando, essa alucinação? Ragle nunca chegara a contar tudo.

Mas é algo que vai na linha da minha experiência, ele pensou. De algum modo, por algum motivo, Ragle se percebeu transpondo a barreira do real. Alargando um buraco. Ou então tinha visto esse alargamento, talvez uma fenda se abrindo, um rasgo.

Podemos tentar juntar tudo aquilo que sabemos, ele percebeu, mas isso não nos leva a nada, exceto que há algo de errado nisso tudo. E é o que temos

para começar. As pistas que estamos obtendo não nos dão uma solução, mas nos mostram o alcance dessa impressão de coisa errada.

Só acho, pensou ele, que cometemos um erro ao deixar Bill Black levar aquela lista telefônica.

E o que devemos fazer agora?, perguntou-se. Realizar mais experimentos psicológicos?

Não. Um já tinha sido o bastante. O que ele realizara involuntariamente no banheiro. Mesmo este último, mais recente, tinha provocado mais mal do que bem, produzido mais confusão do que propriamente uma verificação.

Não me confundam mais ainda, pensou ele. Já estou desnorteado o bastante para o resto da vida. Afinal, o que sei com certeza? Talvez Ragle tivesse razão: devíamos pegar todos os grandes livros de filosofia e começar a adquirir uma base sólida, desde o bispo Berkeley até o resto — ele não conhecia filosofia o bastante para se lembrar de muitos nomes.

Talvez, pensou, se eu fechar bem os olhos, deixando entrar apenas um pouquinho de luz, e me concentrar neste ônibus, nessas mulheres velhas e pesadas com suas sacolas de compras, e as estudantes tagarelando, e os funcionários públicos lendo o jornal vespertino, e o motorista com seu pescoço avermelhado, talvez eles todos desapareçam. Essa cadeira que range embaixo de mim. O cheiro de escapamento toda vez que o ônibus acelera. As sacudidelas. O balanço. Os anúncios nas janelas. Talvez tudo isto simplesmente se dissolva...

Apertando os olhos ele tentou anular a presença do ônibus e dos passageiros. Tentou durante uns dez minutos. Sua mente entrou num certo estupor. O umbigo, pensou ele de modo turvo. Concentre-se num ponto. Ele olhou o botão de parada na lateral do ônibus, bem à sua frente. O botão branco, redondo. Vamos, pensou ele. Suma.

Suma.

Sum

Su

S

...

Com um sobressalto, ele despertou. Tinha devaneado.

Auto-hipnose, declarou para si mesmo. Até acabar cochilando, como faziam outros passageiros à sua volta. As cabeças todas oscilando ao sabor do balanço do ônibus. Esquerda, direita. Para a frente. De lado. Direita.

Esquerda. O ônibus parou num sinal. As cabeças continuaram todas em um mesmo ângulo.

Para trás, quando o ônibus arrancou.

Para a frente, quando o ônibus parou.

Sumam.

Suma

Sum

Su

E então, através dos olhos semicerrados, ele viu os passageiros sumindo.

Olhe só, pensou ele. Como é agradável.

Não. Não estavam sumindo.

O ônibus e os passageiros não tinham sumido nem um pouco. Por todo o ônibus uma mudança profunda estava acontecendo, e como no seu experimento na loja, aquilo não se encaixava. Não era o que ele tinha esperado.

Dane-se, pensou ele. Sumam!

As laterais do ônibus tornaram-se transparentes. Através delas ele enxergava a rua, a calçada e as lojas. O esqueleto do ônibus eram varas muito finas. Hastes de metal e uma caixa oca, vazia. Nenhuma outra cadeira. Somente uma faixa, uma certa extensão de piso, onde se erguiam formas verticais indistintas, onde espantalhos haviam sido colocados. Não eram gente viva. Os espantalhos balançavam para a frente, para trás, para a frente, para trás. Lá adiante ele via o motorista: o motorista não mudara. O pescoço avermelhado. Forte, costas largas. Dirigindo um ônibus oco.

Os homens ocos, pensou ele. Devíamos ter pesquisado nos poetas.

Ele era a única pessoa de verdade naquele ônibus, além do motorista.

O ônibus se movia de verdade. Avançava através da cidade, indo do setor comercial para o setor residencial. O motorista o estava levando para casa.

Quando ele voltou a abrir os olhos por completo, todas as pessoas estavam ali de volta, balançando as cabeças. As mulheres com as compras. Os funcionários. Os estudantes. O barulho, os cheiros, as conversas.

Nada está funcionando direito, ele pensou.

O ônibus buzinou para um carro que vinha saindo do estacionamento. Tudo tinha voltado ao normal.

Experimentos, pensou ele. E se eu tivesse caído no chão, através do ônibus? Com medo, ele pensou: e se eu também tivesse deixado de existir?

Era isso que Ragle tinha visto?

7

Quando chegou em casa, não havia ninguém.

Por um instante ele foi tomado de pânico. *Não*, pensou.

— Margo! — gritou.

Todos os cômodos estavam desertos. Ele andou de um lado para o outro, tentando não perder o controle.

Então notou que a porta dos fundos estava aberta.

Saindo para o quintal, ele olhou em volta. Ainda nenhum sinal deles. Ragle, Margo, Sammy, ninguém à vista.

Ele seguiu pelo caminho pavimentado, passou pelo varal, passou pelas roseiras, na direção do clube de Sammy, que tinha sido construído contra a cerca dos fundos.

Assim que ele bateu na porta, viu um buraco na parede ser destapado e o olho do filho aparecer.

— Ah, oi, pai! — disse Sammy. A porta foi destrancada e ele entrou.

Dentro do clube ele viu Ragle sentado à mesa, com fones nos ouvidos. Margo estava sentada junto dele, diante de um monte de folhas de papel. Ambos estiveram escrevendo: havia páginas e mais páginas cobertas de rabiscos feitos às pressas.

— O que está acontecendo? — perguntou Vic.

— Estamos monitorando — respondeu Margo.

— Estou vendo — disse ele. — Mas o que estão sintonizando?

Ragle, ainda com os fones de ouvido, olhou para ele com os olhos brilhantes e disse:

— Estamos captando *eles*.

— Quem? — perguntou Vic. — Quem são *eles*?

— Ragle diz que talvez levemos anos para descobrir — disse Margo, o rosto animado, os olhos brilhantes. Sammy estava parado, imóvel, em um transe de êxtase: todos os três em um estado que Vic nunca vira antes. —

Mas descobrimos um modo de ouvir o que dizem. E já começamos a tomar notas. Veja. — Ela empurrou o monte de folhas para ele. — Isto é o que eles falam: estamos copiando tudo.

— Radioamadores? — perguntou Vic.

— Isso — disse Ragle — mas também comunicações entre as naves e a base. Com certeza existe uma base aqui bem próxima.

— Naves — ecoou Vic. — Você quer dizer navios?

Ragle apontou para o céu.

Meu Deus, pensou Vic. E ele sentiu, então, a mesma tensão e a mesma excitação. O mesmo frenesi.

— Quando eles passam aqui por cima — disse Margo —, o som fica claro e forte. Durante cerca de um minuto. Depois vai sumindo. Conseguimos ouvir as conversas, não só sinais, mas conversas mesmo. Eles falam muitas bobagens.

— Grandes gozadores — disse Ragle. — É gozação o tempo inteiro.

— Me deixe ouvir — disse Vic.

Quando se sentou à mesa, Ragle passou os fones e ele os encaixou na cabeça.

— Quer que eu sintonize? — disse Ragle. — Eu sintonizo e você escuta. Quando o sinal estiver alto e claro, me diga. Eu deixo o botão nesse ponto.

Um sinal acabou aparecendo. Era uma voz de homem dando informações sobre algum processo industrial. Ele escutou, e depois disse:

— Me falem o que vocês descobriram. — Ele estava impaciente demais para ficar apenas escutando aquela voz que falava sem parar. — O que conseguem me dizer?

— Por enquanto, nada — disse Ragle, sem perder o ar de satisfação. — Mas você não está entendendo? *Nós sabemos que eles estão lá.*

— Já sabíamos disso — disse Vic. — Todas as vezes que eles nos sobrevoavam.

Tanto Ragle quanto Margo, e agora também Sammy, pareceram um tanto desapontados. Depois de uma pausa, Margo espiou o irmão. Ragle disse:

— É um conceito difícil de explicar.

Do lado de fora do clube, uma voz soou:

— Ei pessoal. Cadê vocês?

Margo ergueu a mão, numa advertência. Todos ficaram em silêncio.

Alguém os procurava no quintal. Vic escutou passos do lado de fora. E

então a voz novamente, desta vez mais próxima:

— Pessoal?...

Baixinho, Margo sussurrou:

— É Bill Black.

Sammy destampou um orifício na parede.

— Isso — sussurrou. — É o sr. Black.

Afastando o filho para o lado, Vic se abaixou e espiou através do buraco. Bill Black estava parado no meio da alameda, obviamente procurando por eles. Seu rosto tinha uma expressão de desagrado e de perplexidade. Não havia dúvida de que ele entrara, vira a casa vazia e saíra à procura deles.

— O que será que ele quer? — disse Margo. — Talvez se ficarmos quietos ele vá embora. Talvez queira nos convidar para jantar com eles, ou para sair.

Ficaram esperando.

Bill Black andou para lá e para cá, chutando a grama.

— Ei, gente! Onde vocês se meteram?

Silêncio.

— Eu vou me sentir muito idiota se ele nos descobrir aqui dentro — disse Margo, com um risinho nervoso. — É como se fôssemos crianças, ou coisa assim. Ele está muito engraçado, esticando o pescoço desse jeito, tentando nos encontrar. Como se achasse que estamos escondidos no mato.

Pendurada em uma parede do clube havia uma pistola de brinquedo que Vic dera para o filho em um Natal. Era uma arma cheia de ornamentos em forma de barbatanas e de fios, e a caixa a descrevera como "Foguete Desintegrador Robótico, do século XXIII, Capaz de Desintegrar Montanhas". Sammy tinha passado algumas semanas correndo com ela para todos os lados, apertando o gatilho furiosamente, até que a mola quebrou e agora a arma pendia da parede como um troféu, destinada a intimidar apenas pela mera presença ali.

Vic pegou a pistola. Destrancou a porta do clube, abriu-a e foi para o lado de fora.

De costas para ele, Bill Black chamou:

— Ei, pessoal. Onde vocês estão?

Vic agachou-se e apontou a arma para Black.

— Você é um homem morto — disse.

Girando o corpo para encará-lo, Black viu a arma. Empalideceu e começou a erguer os braços. Então reparou no clube, viu Ragle, Margo e Sammy espiando pela porta, viu os adornos coloridos no corpo esmaltado da pistola.

Suas mãos se abaixaram e ele disse:
— Ha-ha.
— Ha-ha — repetiu Vic.
— O que vocês estavam fazendo? — perguntou Black. De dentro da casa dos Nielson apareceu Junie Black. Ela desceu os degraus que conduziam ao quintal, devagar, para se juntar ao marido. Ela e Bill franziram a testa e ficaram próximos um do outro. Ela pôs um braço em volta da cintura dele, e Bill não disse nada.
— Oi — falou Junie.
Margo saiu do clube.
— Estavam fazendo o quê? — disse ela, com uma voz capaz de fazer qualquer mulher se encolher. — Sentindo-se muito à vontade dentro da nossa casa?
Os Black ficaram apenas olhando.
— Ora, vamos — disse Margo, cruzando os braços. — Relaxem, sintam-se em casa.
— Vai com calma — disse Vic.
Margo virou-se para ele e falou:
— Sim, eles simplesmente chegam e vão entrando. Em cada quarto, imagine só. O que achou? — disse, virando-se para Junie. — As camas estão bem arrumadas? Tem poeira nas cortinas? Gostou de alguma coisa?
Ragle e Sammy também saíram do clube e se juntaram a Vic e a esposa. Os quatro encararam o casal Black.
Por fim, Bill Black falou:
— Peço desculpas por termos entrado sem licença na propriedade de vocês. Nós queríamos apenas convidá-los para ir ao boliche hoje à noite.
Junto do marido, Junie mostrava um sorriso idiota. Vic teve pena dela. Ela claramente não fazia ideia de que podia ter ofendido alguém, não tinha sequer consciência de que ultrapassara um limite. Em seu suéter e suas calças de algodão azul, o cabelo preso com uma fita, parecia muito bonita e meio infantil.
— Desculpe — disse Margo. — Mas vocês não deviam invadir a casa alheia dessa forma, você sabe disso, Junie.
Junie recuou, vulnerável, insegura.
— Eu...— murmurou.
— Já pedi desculpas — disse Black. — O que mais querem, pelo amor de

Deus? — Ele parecia igualmente perturbado.

Vic estendeu a mão e eles apertaram a mão um do outro. Fim de papo.

— Fiquem aí se quiserem — disse Vic a Ragle, indicando o clube. — Vamos entrar e ver como vai ser o jantar.

— O que vocês têm aí dentro? — disse Black. — Quero dizer, claro que se não é da minha conta é só me dizer. Mas vocês todos estão com um ar muito sério.

Sammy falou:

— Você não pode entrar no nosso clube.

— Por que não? — perguntou Junie.

— Porque não são membros — disse Sammy.

— Podemos nos filiar? — disse Junie.

— Não — disse Sammy.

— Por que não?

— Não podem, e pronto — disse Sammy, olhando para o pai.

— É isso aí — disse Vic. — Que pena.

Ele e Margo, junto com os Black, subiram os degraus e entraram na casa pela porta dos fundos.

— Não jantamos ainda — disse Margo, que continuava tensa, hostil.

— Não pensamos em sair direto para o boliche — protestou Junie. — Viemos só para combinar, antes que vocês fizessem outros planos. Olha, se vocês ainda não jantaram, por que não vêm lá para casa, jantar com a gente? Temos um pernil de carneiro e muita ervilha, e Bill trouxe sorvete quando veio do trabalho. — Ela olhou para Margo, a voz trêmula quase numa súplica. — E então?

— Muito obrigada — disse Margo —, mas talvez em outra oportunidade.

Bill Black não parecia ter se acalmado ainda. Ele se manteve afastado das duas, numa atitude meio ofendida e fria.

— Sabem que são sempre bem-vindos na nossa casa — disse ele, conduzindo a esposa para a porta da frente. — Se quiserem ir ao boliche, passem lá em casa por volta das oito. Se não... — Ele deu de ombros. — Bem, não tem problema.

— A gente se vê — disse Junie de longe, enquanto Bill a conduzia para fora. — Espero que venham! — Ela deu um sorriso ansioso, e então a porta se fechou.

— Que mulher chata — disse Margo. Abrindo uma torneira de água quente,

ela começou a encher a chaleira.

Vic disse:

— É possível construir toda uma técnica psicológica sobre o modo como as pessoas agem quando estão assustadas, antes que tenham tempo de pensar.

Enquanto preparava o jantar, Margo falou:

— Bill Black apenas parece ser mais racional. Ele ficou com as mãos erguidas até perceber que era uma pistola de brinquedo, e só então as abaixou.

Vic disse:

— Quais são as chances de ele entrar aqui justamente naquele momento, em especial?

— Um deles sempre está aqui. Você sabe como eles são.

— É verdade — disse ele.

Trancado no clube, Ragle Gumm, com os fones no ouvido, monitorava um sinal forte e tomava notas de vez em quando. Ao longo dos anos, em seu trabalho voltado ao concurso, ele aprendera um excelente sistema para fazer anotações rápidas, um sistema desenvolvido por ele mesmo. Enquanto escutava, ele não apenas fazia um registro constante do que ouvia como também anotava seus comentários, ideias e reações pessoais. Sua caneta esferográfica — a que Bill Black dera de presente — voava.

Observando-o, Sammy disse:

— Você escreve depressa mesmo, tio Ragle. Você vai conseguir ler isso tudo quando acabar?

— Vou, sim.

Aquele sinal de áudio, sem sombra de dúvida, emanava do campo de pouso próximo dali. Ele reconheceu a voz do operador. O que queria descobrir agora era a natureza do tráfego aéreo que subia e descia ali. Para onde iam? Passavam por sobre as cabeças deles a uma velocidade alucinante. Que velocidade alcançavam? Por que ninguém na cidade tinha qualquer informação sobre aqueles voos? Seria alguma instalação militar secreta, com naves experimentais, novas, que o público desconhecesse? Mísseis de reconhecimento... instrumentos para rastrear aeronaves...

Sammy disse:

— Aposto que você ajudou a decifrar códigos dos japoneses na Segunda Guerra.

Ouvindo o comentário do garoto, Ragle teve mais uma vez uma súbita e completa sensação de futilidade. Trancado ali no clube de brinquedo de um menino, com um fone apertado no ouvido, horas a fio escutando um receptor de cristal de galena montado por um jovem estudante... ouvindo radioamadores e controladores de tráfego aéreo, como se ele próprio não passasse de um mero colegial.

Eu devo estar louco, pensou.

Sou um cara que, dizem, lutou numa guerra. Tenho quarenta e seis anos, sou, supostamente, um adulto.

Sim, pensou. Sou um homem que fica vagabundeando pela casa e ganha a vida respondendo quebra-cabeças de jornal tipo do “Onde o homenzinho verde vai aparecer agora?”. Enquanto outros adultos têm emprego, esposa, casa própria.

Sou um retardado, um psicótico. Tenho alucinações. Sim, pensou. Insano. Infantil e lunático. O que estou fazendo sentado aqui? Devaneios, na melhor das hipóteses. Fantasias sobre foguetes passando no céu, exércitos, conspirações. Paranoia.

Uma psicose paranoica. Imaginando que sou o centro de um vasto esforço de milhões de homens e mulheres, algo que envolve bilhões de dólares e um trabalho sem fim... um universo inteiro girando à minha volta. Cada molécula age em função de mim. Uma irradiação de importância, de dentro para fora... até as estrelas. Ragle Gumm, o objetivo de todos os processos cósmicos, desde o Big Bang até a entropia final. Toda a matéria e todo o espírito, prontos para girar ao meu redor.

Sammy disse:

— Tio Ragle, acha que pode decifrar o código deles, como fez com o dos japoneses?

Animando-se, ele disse:

— Não existe nenhum código. Eles estão só conversando, como qualquer pessoa. É só um cara sentado numa torre, vendo as naves pousarem. — Ele se virou para o garoto, que o fitava com intensidade. — Um cara qualquer, de trinta e poucos anos, que gosta de jogar sinuca uma vez por semana e de assistir televisão. Que nem a gente.

— Um dos inimigos.

Irritado, Ragle disse:

— Esqueça essa conversa. Por que você fala desse jeito? Isso está só na sua

cabeça. — Culpa minha, pensou. Fui eu que botei tudo lá.

Nos fones de ouvido, a voz estava dizendo: “... tudo bem, FL-3488. Estou com tudo aqui já corrigido. Pode prosseguir. Sim, você deve estar praticamente em cima de nós”.

O clube estremeceu.

— Lá vai um — disse Sammy, animado.

A voz continuou: “... inteiramente claro. Não, está bem. Você está passando sobre ele agora”.

Ele, pensou Ragle.

— ... lá embaixo — disse a voz. — Sim, você está olhando para Ragle Gumm em pessoa. O.k., tudo certo. Pode deixar.

A vibração se extinguiu.

— Foi embora — disse Sammy. — Talvez tenha pousado.

Deixando os fones na mesa, Ragle Gumm ficou de pé.

— Pode ficar escutando um pouco — disse.

— Aonde você vai? — perguntou Sammy.

— Dar uma volta — disse Ragle. Destrancou a porta do clube e saiu para o ar fresco e cortante da noite.

A luz acesa na cozinha da casa... sua irmã e seu cunhado na cozinha. Preparando o jantar.

Vou embora, disse Ragle para si mesmo. Vou cair fora daqui. Já pensei nisso antes. Agora não posso mais esperar.

Caminhando com cuidado em volta da casa, ele chegou à varanda, entrou na casa e foi direto para o seu quarto, sem que Vic ou Margo o ouvissem. Lá, juntou todo o dinheiro que encontrou nas gavetas, nas roupas, nos envelopes ainda fechados, e todas as moedas que havia num frasco. Vestindo um casaco, deixou a casa pela porta da frente e caminhou com passos firmes pela calçada afora.

Um quarteirão mais adiante, um táxi ia passando. Ele ergueu o braço e o carro parou.

— Me leve para a estação Greyhound — disse.

— Sim, sr. Gumm — disse o motorista.

— Você me conhece? — Lá estava de novo, a projeção da personalidade paranoica infantil: o ego infinito. Todo mundo sabe a meu respeito, todo mundo está pensando em mim.

— Claro — disse o motorista, dando partida no carro. — O senhor é o cara

que ganha naquele concurso. Vi sua foto no jornal e pensei, puxa vida, esse cara mora aqui na cidade. Talvez um dia ele faça uma corrida no meu táxi.

Então era algo legítimo, pensou Ragle. A velha zona indistinta entre a realidade e a insanidade mental. A fama verdadeira se misturando à fantasia da fama.

Quando um taxista me reconhece, decidiu ele, provavelmente não é algo só na minha cabeça. Mas se o céu se abrir e Deus falar meu nome... então é a psicose tomando conta.

Seria difícil diferenciar.

O táxi percorreu ruas escuras, passando por lojas e casas. Finalmente, no centro da cidade, parou diante de um prédio de cinco andares e encostou no meio-fio.

— Chegamos, sr. Gumm — disse o motorista, saltando para abrir a porta.

Ragle desceu do carro e enfiou a mão no bolso para pegar a carteira. Olhou para o edifício enquanto o motorista pegava a conta.

Na iluminação da rua, aquele prédio parecia familiar. Mesmo sendo à noite, ele o reconheceu.

Era o prédio do *Gazette*.

Voltando para junto do táxi, ele disse:

— Ei, eu pedi para ir para a estação Greyhound.

— O quê? — disse o taxista, atônito. — Foi isso mesmo que disse? Que diabo, parece que foi mesmo. — Ele voltou para dentro do carro e ligou o motor. — Claro, lembrei agora. Mas a gente começou a conversar sobre aquele seu concurso, e eu acabei pensando no jornal. — Enquanto voltava a dirigir, ele virou a cabeça sorrindo para Ragle. — O senhor está tão ligado ao *Gazette* na minha cabeça... Que idiota que eu sou.

— Está tudo bem — disse Ragle.

O carro rodou, rodou. A certa altura ele perdeu a noção das ruas por onde passavam.

Não fazia mais ideia de onde estavam. As silhuetas escuras das fábricas fechadas estavam do lado direito, bem como o que pareciam ser trilhos de uma estrada de ferro. Por várias vezes o táxi sacolejou e fez barulho ao passar por cima dos trilhos. Ele viu terrenos baldios... um distrito industrial, sem uma luz sequer acesa.

O que o taxista diria se eu o mandasse sair da cidade?, pensou Ragle.

Inclinando-se para a frente, ele bateu no ombro do motorista.

— Ei — disse.
— Sim, sr. Gumm? — disse o homem.
— Que tal se você me levasse direto para fora da cidade? Deixe o ônibus para lá.
— Sinto muito, senhor — disse o outro. — Não posso guiar na estrada fora dos limites da cidade. Há uma lei que proíbe. Nossa licença é urbana, não podemos concorrer com as linhas de ônibus. É lei.
— Vocês deviam ter o direito de faturar um pouco mais de grana. Pense só, uma viagem de oitenta quilômetros com o taxímetro rodando... aposto como você seria capaz de fazer isso, com ou sem lei.
— Não, nunca fiz isso — disse o taxista. — Alguns motoristas talvez façam, mas eu não. Não quero perder minha licença. Se a patrulha rodoviária pega um táxi da cidade rodando na estrada, eles param na hora, e se estiver com o relógio ligado, *bam*, lá se vai a licença do taxista. Uma licença que custa cinquenta. Sem falar no ganha-pão.
Ragle pensou: será que querem me impedir de sair da cidade? É tudo uma conspiração deles?
Minha insanidade de novo, pensou.
Ou não?
Como posso saber? Que provas eu tenho?
Uma placa de neon azul brilhava no meio de um campo vasto e ilimitado. O táxi foi se aproximando e parou junto de uma calçada.
— Chegamos — disse o motorista. — É aqui a estação rodoviária.
Abrindo a porta, Ragle desceu para a calçada. A placa de neon não falava em Greyhound. Dizia: LINHAS DE ÔNIBUS NONPAREIL.
— Ei! — disse ele, com um sobressalto. — Eu falei Greyhound.
— Aqui é a Greyhound — disse o motorista. — Quero dizer, é a mesma coisa. Aqui é a rodoviária. A Greyhound não para aqui. O estado só autoriza franquia para uma empresa de ônibus, em uma cidade desse tamanho. A Nonpareil já está aqui há anos, antes da Greyhound. A Greyhound tentou comprar a franquia, mas eles não quiseram vender. Então, a Greyhound tentou...
— Está bem — disse Ragle. Pagou a corrida, deu uma gorjeta e caminhou para dentro do prédio baixo de alvenaria, a única construção que havia em um raio de quilômetros. De um lado e do outro crescia mato. Mato alto, garrafas quebradas... papel sujo. Uma área deserta, pensou ele. Na periferia

da cidade. Bem ao longe dava para ver o clarão de um posto de gasolina, e muito depois as luzes de uma rua. Mais nada. O ar frio da noite o fez estremecer, e ele empurrou a porta de madeira e entrou na sala de espera.

Sentiu uma explosão de som distorcido e estridente e foi envolvido por uma atmosfera carregada, iluminada de azul. A sala de espera, repleta de gente, estava diante dele. Os bancos cheios de marinheiros adormecidos e melancólicos, mulheres grávidas de aparência exausta, homens idosos com sobretudos, vendedores ambulantes com suas pastas de amostras, crianças vestidas dos pés à cabeça, agitadas e fazendo bagunça. Havia uma longa fila entre o lugar onde ele estava e o guichê de passagens. E ele pôde ver logo, sem dar um passo, que a fila não estava andando.

Fechou a porta atrás de si e entrou no fim da fila. Ninguém deu a menor atenção. Este é um momento em que eu gostaria que minha psicose virasse realidade, pensou. Gostaria que todas essas pessoas me conhecessem, pelo menos para deixarem o guichê à minha disposição.

Qual será o intervalo entre as partidas dos ônibus da Nonpareil?

Acendeu um cigarro e tentou relaxar. Encostando-se na parede, aliviou um pouco do peso sobre as pernas. Mas isso não ajudou muito. Por quanto tempo vou ficar preso aqui?, ele se perguntou.

Meia hora depois ele avançara apenas alguns centímetros. E ninguém havia se afastado do guichê. Esticando o pescoço, ele tentou ver o vendedor por trás da janela com grades. Não conseguiu. Uma mulher corpulenta, idosa, de casaco preto, era a primeira pessoa da fila. Estava de costas para ele e ele presumiu que ela estaria comprando um bilhete. Mas ela não acabava nunca. A transação nunca chegava ao fim. Logo atrás dela, um homem magro, de meia-idade, com um paletó transpassado, mordiscava um palito e parecia entediado. Depois dele, um casal jovem murmurava, envolvido no próprio diálogo. E depois a fila se misturava um pouco e ele não via senão as costas do homem à sua frente.

Depois de quarenta e cinco minutos ele continuava no mesmo ponto. Será que quem já é doido pode perder o juízo?, pensou. Afinal, o que é preciso para comprar uma passagem da empresa Nonpareil? Ia ter que ficar ali para sempre?

Um medo crescente começou a se instalar nele. Talvez tivesse que ficar naquela fila até morrer. Uma realidade imutável... o mesmo homem à frente dele, o mesmo soldado jovem atrás dele, a mesma mulher de ar infeliz e olhar

vazio sentada no banco logo adiante.

Atrás dele, o jovem soldado se mexeu, inquieto, esbarrou nele e pediu desculpas:

— Ops, lamento, amigo.

Ele respondeu com um grunhido.

O soldado cruzou os dedos das mãos e estalou as juntas. Passou a língua pelos lábios e disse a Ragle:

— Ei, companheiro, posso pedir um favor? Pode guardar este lugar para mim na fila? — Antes que Ragle pudesse responder, o soldado se virou para a mulher atrás dele. — Senhora, preciso ir ver se o meu amigo está bem, posso voltar para este lugar aqui?

A mulher concordou.

— Obrigado — disse ele, e saiu abrindo caminho entre as pessoas, indo até o canto da sala de espera.

Lá no canto outro soldado estava sentado, com as pernas bem afastadas, o rosto caído sobre os joelhos, os braços pendidos. O companheiro se agachou do lado dele, sacudiu-o e começou a falar com urgência. O soldado curvado ergueu a cabeça, e Ragle viu os olhos inchados e a boca torta, frouxa, de bêbado.

Pobre sujeito, pensou. Em plena bebedeira. Durante seu tempo de serviço militar, ele ficara muitas vezes em uma estação rodoviária remota, de ressaca, tentando voltar para a base.

O primeiro soldado voltou a passos rápidos e retomou a posição na fila. Agitado, ele repuxava o lábio com os dedos. Ergueu os olhos para Ragle e disse:

— Olhe, essa fila aqui não está andando nada. Acho que estou parado aqui desde as cinco da tarde. — Ele tinha um rosto jovem e macio, agora atormentado pela ansiedade. — Tenho que voltar logo para a minha base. Phil e eu temos que estar lá às oito da manhã, antes que a nossa licença expire.

Para Ragle, ele aparentava ter dezoito ou dezenove anos. Louro, um pouco magro. Estava bem claro que era ele quem resolvia os problemas da dupla.

— É uma pena — disse Ragle. — Sua base fica longe?

— No aeroporto, nesta mesma rodovia — disse o soldado. — A base de mísseis, na verdade. O antigo aeroporto.

Ragle pensou: meu Deus do céu. É o lugar onde aquelas coisas pousam e

decolam.

— E aí vocês vieram conhecer os bares da cidade — disse, num tom de conversa descontraída, até onde conseguiu se controlar.

O soldado respondeu:

— Que diabo, não, não aqui nesse fim de mundo. — O desagrado no rosto dele era visível. — Não, estamos vindo direto do litoral. Tiramos uma semana de licença, estávamos dirigindo.

— Dirigindo — repetiu Ragle. — E como vieram parar aqui?

O jovem soldado disse:

— O motorista é o Phil. Eu não dirijo. E ele não consegue mais ficar sóbrio. Estávamos com um carro velho, uma geringonça. Que já largamos lá trás. Não dá para esperar que ele melhore. De todo jeito, teríamos que trocar um pneu também. Ficou lá no acostamento, com um pneu baixo. É um Dodge ’36, deve valer uns cinquenta paus, por aí.

— Se vocês tivessem alguém que pudesse dirigir — disse Ragle —, topariam ir de carro?

O soldado o encarou sério e disse:

— E o pneu furado?

— Eu dou minha contribuição — disse ele. Pegando o soldado pelo braço, ele o retirou da fila e caminharam através da sala de espera até o colega adormecido. — Talvez fosse melhor ele ficar aqui até a gente ter o carro em condições — continuou. O tal Phil não parecia capaz de andar para muito longe, ou muito bem. Parecia ter apenas uma noção muito vaga de onde estava.

O outro inclinou-se e falou para ele:

— Ei, Phil, esse cara disse que leva o carro. Me dê as chaves.

— É você, Wade? — gemeu o outro, em pleno coma.

Wade se agachou junto dele e revirou os seus bolsos.

— Aqui — disse, tirando um molho de chaves e entregando-o a Ragle. Virou-se para o amigo e disse: — Preste atenção. Você fica aqui. A gente vai andar de volta até o carro e fazer ele funcionar. Aí a gente vem pegar você aqui. Certo? Você está bem?

Phil assentiu.

— Vamos — disse Wade para Ragle. Quando empurraram a porta e saíram para a rua fria e escura, Wade disse: — Espero que o filho da puta não tenha um ataque de pânico e saia correndo por aí. Nunca mais vamos achá-lo.

Como estava escuro lá fora. Ragle mal conseguia enxergar o pavimento rachado, cheio de mato, sob os seus pés, quando ele e Wade se puseram a caminho.

— Isso aqui não é o fim do mundo? — disse Wade. — Eles sempre botam essas estações rodoviárias do lado de uma favela, quando é um lugar grande o bastante para ter favela. Quando não é, botam onde Judas perdeu as botas, como essa aqui. — Ele caminhou firme, pisando com ruído em lixo que eles nem enxergavam direito. — Muito escuro. Como eles distribuem os postes de luz aqui, de dois em dois quilômetros?

Atrás dele ouviu-se um grito rouco, que os fez parar. Ragle virou-se e viu, parado embaixo da lua azul néon das Linhas de Ônibus Nonpareil, o outro soldado. Tinha cambaleado para fora da sala de espera e tentado segui-los; agora, oscilava para um lado, depois para o outro, gritando pelos dois, dando alguns passos, parando, pondo no chão as duas malas que carregava.

— Ah, meu Deus — disse Wade. — Vamos ter que voltar. Senão ele vai desabar aí e nunca vamos encontrá-lo. — Ele começou a voltar para a estação e Ragle não teve escolha a não ser acompanhá-lo. — Se deixar ele dorme a noite inteira aí nesse terreno.

Quando alcançaram o outro soldado, ele se agarrou a Wade, apoiou a cabeça nele e disse:

— Vocês foram embora e me deixaram.

— Você precisa ficar aqui — disse Wade. — Fique aqui com a bagagem, enquanto vamos buscar o carro.

— Eu tenho que dirigir — disse Phil.

Com muito esforço, Wade conseguiu explicar a situação. Ragle, andando em círculos, sem opção, imaginou se aguentaria aquilo por muito tempo. Finalmente Wade apanhou uma das malas e se pôs de novo a caminho, dizendo a Ragle:

— Vamos andando. Pegue a outra, senão ele vai acabar perdendo e nunca mais vamos achar.

— Alguém deve ter me roubado — murmurou Phil.

Avançaram, cambaleando. Ragle logo perdeu a noção do tempo e espaço. Um poste de luz aumentou, passou por sobre as cabeças deles, inundando-os temporariamente com um brilho amarelo, e depois sumiu às suas costas. Daí a pouco foi a vez de outro. Passaram por um terreno baldio, e depois dele apareceu a construção quadrada e inerte de uma fábrica.

Ele e seus dois companheiros prosseguiram, cambaleando, por cima de trilhos, um depois do outro. Do lado direito, surgiram plataformas de concreto para descarga, da altura do ombro. Phil esbarrou numa delas e aproveitou para se encostar um pouco, escondendo o rosto no braço, visivelmente já adormecido.

Lá na frente, perto da estrada, Ragle avistou o vulto de um automóvel parado.

— É aquele? — perguntou.

Os dois soldados ergueram a cabeça para olhar.

— Acho que sim — disse Wade, animando-se. — Ei, Phil, aquele não é o carro?

— Claro — disse Phil.

O carro pendia para um lado. Um pneu estava baixo. Então eles tinham encontrado mesmo.

— Agora temos que conseguir um pneu — disse Wade, jogando as duas malas no banco de trás. — Vamos botar o macaco, tirar a roda e ver de que tamanho precisamos.

No porta-malas do carro, ele e Ragle encontraram um macaco. Enquanto isso Phil tinha saído vagando; eles o viram a certa distância, parado, a cabeça jogada para trás enquanto olhava o céu.

— Ele fica desse jeito por mais de uma hora — disse Wade, enquanto suspendiam o carro. — Mais à frente tem um posto de gasolina da Texaco, passamos por ele pouco antes do pneu baixar. — Demonstrando habilidade e experiência, ele tirou a roda e a levou rolando para a beira da estrada. Ragle o seguiu. — Onde está Phil? — disse Wade, olhando em volta.

Phil havia sumido.

— Diabos que o carreguem — disse Wade. — Deve ter se perdido.

Ragle disse:

— Vamos até o posto. Eu não tenho a noite toda, e vocês também não.

— Isso é verdade — disse Wade. E, num tom mais filosófico: — Talvez ele volte e durma dentro do carro e a gente encontre ele aqui quando voltar. — Ele começou a andar, rolando a roda do carro à sua frente, veloz.

Quando chegaram no posto de gasolina, estava às escuras. O dono já havia fechado tudo e ido para casa.

— Macacos me mordam — praguejou Wade.

— Talvez haja outro posto por perto — disse Ragle.

— Não me lembro de ter visto outro. E agora, o que acha? — Ele parecia travado, incapaz de pensar em outra coisa para fazer.

— Vamos. Vamos tentar.

Depois de uma caminhada longa e cansativa eles avistaram lá na frente o quadrado branco, vermelho e azul de um posto Standard.

— Amém — disse Wade. E para Ragle: — Sabe, eu estava andando e rezando como um maluco. E olhe só. — Ele rolou o pneu mais depressa ainda, dando gritinhos de triunfo. — Vamos! — gritou para Ragle, que o acompanhava bem de perto.

Dentro do posto, um rapaz todo arrumadinho no uniforme branco da companhia os olhou sem interesse.

— Ei, camarada — disse Wade, abrindo a porta. — Quer vender um pneu para a gente? Mexa-se.

O rapaz pousou uma tabela que estava preenchendo, pegou um cigarro que estava no cinzeiro e saiu com eles para ver o pneu.

— Para que modelo? — perguntou ele a Wade.

— Sedã Dodge ’36 — disse Wade.

O rapaz projetou a luz de uma lanterna elétrica no pneu, tentando ver o tamanho certo. Depois pegou um enorme manual encadernado e folheou as páginas. Ragle teve a impressão de que ele examinou cada página pelo menos quatro vezes, virando-as primeiro para um lado, depois para o outro. Finalmente ele fechou o manual e disse:

— Não tenho nada para vocês.

— O que sugere, então? — disse Ragle com paciência. — Esse soldado e o colega dele precisam estar na base antes da licença acabar.

O frentista coçou o nariz com o lápis e disse:

— Tem uma borracharia aqui na estrada. Fica a uns oito quilômetros.

— Não podemos caminhar oito quilômetros — disse Ragle.

O rapaz disse:

— Minha picape Ford está estacionada ali atrás. — Ele apontou com o lápis. — Um de vocês fica aqui com o pneu. O outro pode pegar o carro. A borracharia é num posto Seaside. No primeiro semáforo. Tragam o pneu novo para cá e eu coloco para vocês. Vai custar seis dólares pela mão de obra. — Ele foi à registradora e trouxe um molho de chaves, que entregou a Ragle. — E enquanto estiver lá, vá na lanchonete 24 horas que fica em frente, do outro lado da estrada. Você vai me trazer um misto quente e um milk-shake.

— Algum sabor especial?

— Pode ser abacaxi — disse o rapaz, estendendo a Ragle uma nota de um dólar.

— Eu espero aqui — disse Wade. — Não demore! — gritou, quando Ragle foi se afastando.

— Está bem — disse Ragle.

Minutos depois ele estava dando marcha à ré na picape e pegando a estrada deserta. Seguiu na direção indicada pelo frentista e logo avistou os postes de luz da rodovia.

Mas que situação, pensou.

8

O rapaz de short e camiseta colocou a ponteira do filme no rolo e a prendeu. Girou o rolo até que o filme ficasse bem preso e então apertou o botão que dava início à transferência. Uma imagem apareceu na tela de dezesseis polegadas. O rapaz sentou na beira da cama para olhar.

Primeiro, a imagem mostrava uma rodovia pavimentada de seis pistas. Na faixa do meio cresciam arbustos e capim. De cada lado da rodovia viam-se outdoors com propagandas de produtos variados. Carros passavam pela estrada. Um deles mudou de pista. Outro diminuiu a velocidade para pegar um atalho.

Uma picape Ford amarela apareceu na imagem.

Do alto-falante do aparelho, uma voz soou:

— Essa é uma picape Ford 1952.

— Sim — disse o rapaz.

A picape, agora de lado, exibia seu perfil. Depois vinha na direção da câmera. O rapaz olhou com atenção sua imagem de frente.

A escuridão se fez. A picape acendeu os faróis. O rapaz a observou pela frente, pelo lado, por trás. As luzes traseiras em particular.

A luz do dia voltou à tela. A picape avançava à luz do sol. Ela mudou de pista.

— O código de trânsito exige que o motorista faça um sinal com a mão quando vai mudar de pista — disse a voz.

— Certo — disse o rapaz.

A picape parou no cascalho do acostamento.

— O código de trânsito exige que, sempre que um veículo parar, o motorista faça um sinal com a mão — disse a voz.

O rapaz se levantou e foi rebobinar a fita.

— Já peguei tudo isso — ele falou baixinho. Ele rebobinou a fita e pôs outro rolo. Quando o estava instalando, o telefone tocou. De onde estava, ele

respondeu em voz alta:

— Alô.

O toque parou e da parede veio uma voz abafada que ele não reconheceu, dizendo:

— Ele ainda está parado na fila.

— Está bem — disse o rapaz.

Houve um clique de fone sendo desligado. O rapaz terminou de colocar a fita e iniciou a transferência.

Na tela apareceu a imagem de um homem de uniforme. Calça marrom enfiada nas botas, cinto de couro, pistola no coldre, camisa marrom, gravata no colarinho, paletó marrom bem grosso, boné e óculos escuros. O homem de uniforme deu uma volta, mostrando-se por todos os lados. Então montou numa moto, ligou o motor e partiu com ruído.

A tela o mostrou seguindo pela rua de moto.

— Está bem — disse o rapaz de short e camiseta. Ele pegou o barbeador elétrico, ligou e terminou de fazer a barba enquanto acompanhava a imagem na tela.

O guarda rodoviário na tela começou a perseguir um carro. Depois de algum tempo ele emparelhou e fez sinais para que o carro parasse no acostamento. O rapaz de short, barbeando-se, concentrado, estudou a expressão no rosto do guarda rodoviário.

O guarda disse:

— Olá. Posso ver sua carteira de motorista?

O rapaz disse:

— Olá. Posso ver sua carteira de motorista?

A porta se abriu e um homem de meia-idade, vestindo camisa branca e calças amarrotadas, saiu do carro, enfiando a mão no bolso.

— Qual foi o problema, guarda? — disse.

O guarda disse:

— Sabe que esta é uma área com limite de velocidade, senhor?

O rapaz disse:

— Sabe que esta é uma área com limite de velocidade, senhor?

O motorista disse:

— Sim, e eu vinha dirigindo a menos de oitenta por hora, como vi na placa.

Ele entregou a carteira de motorista ao guarda, que a pegou e examinou. Na tela apareceu uma ampliação do documento. Ela continuou ali até que o rapaz

de short terminasse de fazer a barba, passasse loção pós-barba, bochechasse na pia um enxaguante bucal, borrifasse desodorante nas axilas e fosse buscar uma camisa. Então a licença desapareceu.

— Sua carteira expirou, senhor — disse o guarda.

Enquanto tirava uma camisa pendurada no cabide, o rapaz disse:

— Sua carteira expirou, senhor.

O telefone tocou. Ele deu um pulo até a mesinha de videotransferência, apertou a tecla de pausa e falou alto:

— Alô.

Da parede a voz abafada disse:

— Ele está conversando agora com Wade Schulmann.

— Está bem — disse o rapaz.

Houve um clique e a voz desligou. Ele foi até o aparelho e desta vez adiantou a fita a toda a velocidade. Quando parou e apertou o botão de rodar, o guarda estava andando em volta de outro automóvel e dizendo à mulher sentada ao volante:

— A senhora pode, por favor, pisar no pedal de freio?

— Não entendo o porquê disso — disse a mulher. — Estou com pressa e é ridículo incomodar as pessoas dessa maneira. Além do mais, eu conheço as leis.

O rapaz pôs a gravata, afivelou o cinturão de couro, e o coldre.

— Sinto muito, senhor — disse ele, enquanto ajustava na cabeça o boné. — Sua lanterna traseira não está acendendo. Não é permitido dirigir sem a lanterna traseira funcionando. Precisa estacionar o seu carro. Posso ver sua carteira de motorista?

Quando estava enfiando o casaco, o telefone tocou novamente.

— Alô — disse ele, se examinando no espelho.

— Ele está indo para o carro com Wade Schulman e Philip Burns — disse a voz abafada.

— Está bem — disse o rapaz. Voltando para a videotransferência, ele procurou a imagem que mostrava o guarda em primeiro plano, de frente, e se comparou a ele no espelho. Está bom demais, concluiu.

— Agora estão entrando no posto Standard — disse a voz. — Fique pronto para partir.

— Já estou saindo — disse ele.

Ele saiu, fechou a porta, subiu a rampa de concreto até o local onde a moto

estava estacionada. Sentou-se e, erguendo o corpo, desceu o pé com todo o peso no pedal, fazendo o motor roncar. Guiou a moto com destreza até chegar à rua escura, onde acendeu o farol, engatou a marcha e encheu o motor de combustível. Com um barulho estridente a moto então se pôs a caminho. Ele se equilibrou com alguma falta de prática até que ela adquiriu velocidade, e só então relaxou e deixou o corpo pender para trás. No primeiro cruzamento virou à direita, na direção da rodovia.

Já estava na rodovia quando percebeu que tinha esquecido alguma coisa. O que seria? Alguma parte do uniforme.

Os óculos escuros.

Tinha usado os óculos na noite anterior? Enquanto disparava pela rodovia, ultrapassando automóveis e caminhões, ele tentou se lembrar. Talvez sim, para minimizar o clarão dos faróis que vinham de frente. Firmando o guidom com uma das mãos, ele tateou com a outra no bolso interno do casaco. Lá estavam eles. Pegou e os encaixou no rosto. Como ficava tudo escuro, com aquelas lentes. Por um instante ele não viu nada, apenas a treva noturna.

Talvez tivesse sido um erro.

Tirando os óculos, ele experimentou olhar a estrada com eles e depois sem eles. À sua esquerda, um veículo enorme começou a se aproximar, ele deu pouca atenção. Um automóvel puxando um trailer à sua frente, ele acelerou a moto para ultrapassá-lo. O carro acelerou também.

Dane-se, pensou ele. Tinha esquecido, sim, alguma coisa. As luvas. Suas mãos nuas, uma firmando o guidom, a outra segurando os óculos escuros, estavam começando a ficar entorpecidas de frio.

Tinha tempo para ir buscá-las? Não, pensou ele.

Apertando os olhos, ele procurou algum sinal da picape Ford amarela. Ela devia entrar na rodovia perto do semáforo.

À sua esquerda, o trailer tinha se adiantado, estava à sua frente agora. Ele percebeu que o carro estava gradualmente indo para sua pista. Meu Deus, pensou. Guardou os óculos e desviou a moto para a pista à sua direita. Uma buzina soou: havia outro carro bem do seu lado direito. Ele desviou de volta. Ao mesmo tempo, o trailer veio com tudo em sua direção. Sua mão voou para a buzina. Que buzina? Motos tinham buzinas? Sirenes. Ele se inclinou, tentando ligar a sirene.

Quando ela começou a soar, o trailer deixou de derivar para sua pista, retornando para a pista onde estava antes. E o carro à sua direita aliviou um

pouco, dando-lhe mais espaço.

Notando isto, ele se sentiu mais confiante.

Quando finalmente conseguiu avistar a picape Ford amarela, já estava começando a gostar daquele trabalho.

Assim que ouviu a sirene às suas costas, Ragle entendeu que eles estavam decididos a pegá-lo. Não diminuiu. Mas também não acelerou. Esperou até ter certeza de que era uma moto, e não um carro, que vinha no seu encalço. E viu apenas uma.

Agora, tenho que usar minha noção de tempo e espaço, pensou. Meu talento de mestre.

Ele avaliou o tráfego à sua frente, a posição e a velocidade de cada carro. Então, quando estava com tudo bem nítido na mente, deu um corte brusco para a esquerda, entre dois carros. O carro mais atrás diminuiu, pois não tinha escolha. Sem muito esforço ele conseguira enfiar a picape num bloco compacto de tráfego. Então, numa rápida sucessão, saiu mudando de pista até se instalar à frente de uma imensa carreta de vários eixos, que o escondeu de quem quer que viesse atrás. A sirene continuava soando. Agora ele sabia exatamente onde a moto estava. E, pensou, ela com certeza me perdeu de vista.

Entre a carreta e o sedã que ia adiante, suas luzes traseiras não podiam ser vistas. E à noite o patrulheiro podia se guiar apenas pelas luzes.

De súbito a moto despontou na pista à sua esquerda. O guarda olhou de lado e o identificou. Mas ali não tinha como se aproximar da picape; tudo que podia fazer era seguir em frente. O tráfego continuava, veloz. Os motoristas não podiam saber quem estava sendo perseguido; pensavam que a moto queria apenas ganhar terreno no meio deles.

Agora ele vai ter que esperar por mim lá na frente, pensou Ragle. Mudou de pista imediatamente, cortando para a pista da esquerda, para deixar duas pistas de tráfego entre ele e a moto. Ele vai estar no acostamento, pensou. Diminuiu bastante a velocidade, forçando os carros que vinham atrás a ultrapassá-lo pela direita. O tráfego do seu lado direito ficou intenso.

Teve um vislumbre momentâneo da moto parada sobre o cascalho do acostamento. O patrulheiro uniformizado olhava lá para trás. Não viu a picape passar, e um segundo depois Ragle estava em segurança. Uma boa dianteira. Agora ele acelerou, e pela primeira vez começou a ganhar posições

do tráfego.
Daí a pouco viu o sinal que procurava.
Mas não avistou o posto de gasolina Seaside que o rapaz lhe dissera para procurar.
Estranho, pensou ele.
Seria melhor sair da rodovia, pensou. Para não ser perseguido novamente. Sem dúvida eu violei alguma coisa; esta picape não tem as faixas obrigatórias de tinta refletora na traseira, ou algum detalhe desse tipo. Tudo pode servir de desculpa para que o mecanismo se ponha em movimento e todas as forças comecem a convergir sobre mim.
Eu sei que tudo não passa de minha psicose, pensou, mas, mesmo assim, não quero que eles me alcancem.
Sinalizando com a mão, ele conseguiu deixar a rodovia. A picape afastou-se sacolejando num trecho irregular de terra cheio de sulcos. Assim que parou, ele desligou as luzes e o motor. Ninguém vai me notar aqui, ele pensou. Mas onde diabos estou? E o que faço agora?
Esticando o pescoço, ele olhou em volta à procura de qualquer sinal do posto Seaside. A estrada que cruzava a rodovia, no sinal, sumia na escuridão, iluminada apenas ao longo de algumas centenas de metros. Nada ali. Uma estradinha qualquer. Esta rodovia é a via de saída da cidade.
Lá bem longe na rodovia era possível ver o ponto colorido de um sinal de néon.
Vou até lá, decidiu ele. Será que posso correr o risco de pegar a rodovia de novo?
Esperou até que, olhando para trás, visse um bloco denso de tráfego se aproximando. E então, ligando o motor, arrancou de vez e voltou à pista uma fração de segundo antes dos outros carros. Se houvesse algum guarda se aproximando, tudo que ele veria à frente seria mais um par de faróis traseiros entre tantos outros. Um momento depois, Ragle identificou o letreiro néon como o de um bar à beira da estrada. Um clarão quando ele surgiu à sua frente: o estacionamento, chão de cascalho, uma placa comprida dizendo BAR DO FRANK — PETISCOS E DRINQUES. As janelas iluminadas e uma construção baixa de estuque, pentagonal, meio moderna. Poucos carros parados. Ele deu sinal e deixou a rodovia, entrando direto no estacionamento. A picape avançou sacudindo e parou bem a tempo, a um metro da parede do bar. Tremendo, ele trocou de marcha e deu a volta até a lateral, ocultando o

carro entre latas de lixo e pilhas de caixotes junto à entrada de serviço. O local onde sem dúvida paravam os caminhões de entrega.

Depois que desceu da picape ele caminhou até o lado oposto para verificar se o carro podia ser avistado dali. Não, não da rodovia. Não por um carro que estivesse passando em frente. E se alguém perguntasse, tudo que ele tinha a fazer era negar que tivesse alguma relação com aquela picape. Como podiam provar que ele havia chegado nela? Cheguei andando, diria. Ou então: peguei uma carona com alguém que entrou naquela outra estrada, a do sinal.

Empurrou a porta do bar e entrou. Talvez eles aqui saibam onde fica o posto Seaside, pensou. Este deve ser provavelmente o local onde o cara me encarregou de comprar o misto quente e o milk-shake.

Na verdade, pensou, tenho certeza. Há gente demais aqui. Como na estação de ônibus. O mesmo padrão.

A maior parte das mesas reservadas estava ocupada por casais. O balcão em forma de rosquinha ficava no centro, e havia um grande número de homens sentados, comendo ou bebendo. O local tinha cheiro de hambúrguer frito, e uma vitrola de fichas berrava alguma música num canto.

Não havia carros em número suficiente para justificar tantas pessoas.

Por enquanto ninguém tinha reparado na sua chegada. Ele recuou, fechou de novo a porta sem entrar e afastou-se dali a passos rápidos, atravessando de volta o estacionamento e indo para a lateral onde havia deixado a picape.

Grande demais. Moderno demais. Muitas luzes, muita gente… Será este o estágio final da minha doença mental? Medo de gente? Suspeitar de qualquer agrupamento ou qualquer atividade humana, suspeitar da cor, da vida, do barulho… Eu fujo deles, pensou. Perversamente. Buscando as trevas.

De volta à escuridão ele localizou a picape, entrou, ligou o motor e então, com os faróis ainda apagados, deu ré até ficar de frente para a rodovia. Quando surgiu uma brecha no tráfego ele entrou na pista mais próxima. Estava em movimento mais uma vez, afastando-se da cidade, num carro alheio. De um frentista de posto que ele jamais vira em sua vida. Estou roubando esta picape, constatou ele. Mas o que mais posso fazer?

Sei que estão conspirando contra mim. Os dois soldados, o frentista. Planejando algo contra mim. A estação rodoviária também. O taxista. Todo mundo. Não posso confiar em ninguém. Eles me mandaram vir nesta picape apenas para ser preso pelo primeiro guarda que aparecesse. Provavelmente as luzes traseiras da picape, quando acesas, formam as palavras ESPIÃO RUSSO.

Quase um pedido de violência para um paranoico, pensou.
Sim, pensou ele. Eu sou aquele cara que anda por aí com um cartaz ME CHUTE preso às costas. Por mais que tente, ele não consegue se virar rápido o bastante para ver o que está escrito. Mas a sua intuição lhe diz que o cartaz está ali. Ele observa as outras pessoas, analisa suas ações. Ele faz deduções a partir do comportamento dos outros. Ele infere que está com aquele cartaz nas costas porque vê as pessoas fazendo fila para lhe dar um chute.
Não vou mais entrar em nenhum lugar muito iluminado. Não vou mais conversar com pessoas que não conheço. Não existem estranhos quando se trata de mim: todo mundo me conhece. Eles são amigos ou inimigos…
Um amigo, pensou. Quem? Onde? Minha irmã? Meu cunhado? Os vizinhos? Confio neles tanto quanto em qualquer pessoa. Mas não o bastante.
E assim, aqui vou eu.
Continuou dirigindo. Nenhum outro anúncio de néon surgiu à sua frente. A terra, de ambos os lados da rodovia, permanecia escura e sem vida. O tráfego diminuíra bastante. Só de vez em quando um par de faróis relampejava diante dos seus olhos, vindo pela faixa contrária.
Sozinho.
Abaixando os olhos, ele reparou que o carro tinha um rádio instalado no painel. Ele reconheceu a barra vertical de sintonia. Os dois botões.
Se eu ligar, vou ouvi-los falando sobre mim.
Estendeu a mão, hesitou, depois ligou o rádio. Ele começou a zumbir. Gradualmente as válvulas se aqueceram; sons começaram a brotar, a maior parte deles, ruídos de estática. Ele foi mexendo no volume enquanto guiava.
— … depois — disse uma voz esganiçada.
— … não. — disse outra voz.
— … o melhor que pude.
— … tudo bem. — Uma série de estalidos.
Estão ligando uns para os outros, pensou Ragle. As ondas de rádio estão alarmadas. Ragle Gumm nos enganou! Ragle Gumm fugiu!
A voz esganiçada soou:
— … com mais experiência.
Ragle pensou: na próxima vez, mandem uma equipe com mais experiência. Cambada de amadores.
— … bem que podia … não mais.
Bem que podiam desistir, completou ele. Não adianta mais persegui-lo. Ele

é muito astuto. Muito sagaz.

A voz guinchou:

— … segundo Schulmann.

Esse deve ser o Comandante Schulmann, disse Ragle para si mesmo. O Supremo Comandante com quartel-general em Genebra. Mapeando todas as suas estratégias de alto escalão para sincronizar movimentos militares do mundo inteiro e fazê-los convergir sobre esta picape amarela. Frotas de navios de guerra cortando as espumas para me perseguir. Canhões atômicos. O arsenal de sempre.

A voz esganiçada começou a lhe dar nos nervos, e ele desligou o rádio. Como ratos. Ratinhos choramingando e correndo de um lado para o outro… aquilo lhe causava arrepios.

De acordo com o hodômetro, ele já havia viajado mais de trinta quilômetros. Uma longa distância. Nenhuma cidade. Nenhuma luz. E agora, nem mesmo tráfego. Somente a estrada à sua frente, e a faixa divisória pintada no pavimento do seu lado esquerdo. O pavimento iluminado pelos faróis.

Escuridão, um plano sem fim. No alto, as estrelas.

Nem mesmo fazendas? Placas?

Meu Deus, pensou ele. O que aconteceria se este carro quebrasse aqui? Aqui, onde eu estou? Se ele quebrasse em *qualquer* lugar?

Talvez eu não esteja avançando. Talvez eu tenha ficado preso numa espécie de limiar. Como rodas de uma picape deslizando sobre o cascalho, girando inutilmente, sem avançar. A ilusão de movimento. Barulho do motor, barulho das rodas, faróis no pavimento. Mas imobilidade.

E no entanto ele se sentia inquieto demais para parar o veículo. Para descer e olhar em volta. Que se dane isto tudo, pensou. Pelo menos estava seguro ali dentro da picape. Havia alguma coisa em volta dele. Uma concha de metal. Um painel à frente, um assento embaixo. Mostradores, volante, pedais, botões.

Melhor do que aquele vazio lá fora.

E então, bem longe do lado direito, ele viu uma luzinha. E, um pouco depois, uma placa recebeu de cheio o clarão dos faróis. Indicava um cruzamento. Outra estrada que se estendia para a direita e para a esquerda.

Diminuindo a marcha, ele virou à direita assim que chegou na encruzilhada.

Uma pavimentação quebrada e estreita surgiu sob a luz dos faróis. A picape

sacolejou e oscilou; ele diminuiu a velocidade ainda mais. Uma estrada abandonada. Sem manutenção. As rodas da frente da picape afundaram numa vala; ele engrenou segunda e quase parou. Quase partiu um eixo. Seguiu dirigindo com muito mais cautela. A estrada fazia curvas, e daí a pouco começou a se elevar.

Colinas e um matagal denso o cercavam agora. Um galho de árvore sob as rodas; ele ouviu quando estalou. Um bicho de pelo branco passou fugindo, frenético. Ele virou bruscamente para evitá-lo, e as rodas foram parar na areia solta. Aterrorizado, ele torceu o volante. O pesadelo de momentos antes… atolado e girando, afundando no solo fofo e arenoso.

Reduzindo a marcha, ele fez a picape subir aquela ladeira íngreme. A estrada agora era de terra batida. Sulcos profundos, deixados por veículos anteriores. Algo arranhou o teto da picape, e ele involuntariamente abaixou a cabeça. Os faróis revelavam folhagem, que invadia a estrada, enquanto a frente da picape agora encarava o começo de uma descida. Então a estrada fez uma curva fechada para a esquerda, ele fez o volante obedecer. A estrada reapareceu à sua frente, um caminho recortado no meio de arbustos bem aparados. Foi ficando cada vez mais estreita, e ele pisou no freio ao se deparar com um buraco.

Na curva seguinte os pneus saíram da estrada; as rodas do lado direito escorregaram para dentro do mato, o carro girou, ele pisou no freio e desligou o motor. A picape ficou inclinada. Ele se sentia deslizando para longe do volante, e com as duas mãos conseguiu se agarrar na maçaneta da porta. A picape inclinou-se mais, com ruído, e acabou se imobilizando, quase caída de lado.

Agora acabou, pensou ele.

Depois de alguns momentos, conseguiu abrir a porta e puxar o corpo para fora.

Os faróis ainda acesos brilhavam por entre as árvores e as moitas. O céu brilhava acima. A estrada quase desaparecia, mas voltava a subir mais adiante. Virando-se, Ragle olhou para a direção de onde viera. Lá embaixo podia ver uma linha de luzes, a rodovia. Mas nenhuma cidade. Nenhuma construção. A borda do morro interrompia as luzes, tapava-as.

Ele começou a subir novamente a estrada, agora caminhando, mais pelo tato do que pela vista. Quando seu pé direito começava a roçar nas folhas, ele se desviava para o lado oposto. Como num aparelho de radar, pensou.

Manter-se na rota certa, ou seguir cegamente em frente.

No meio da folhagem ele ouvia o farfalhar de movimentos. Coisas que fugiam ao som de sua aproximação. Inofensivas, pensou. Se não fossem, não estariam se afastando o mais depressa que podiam.

De repente, seu pé falseou; tropeçando, ele conseguiu se endireitar de novo. A estrada agora estava horizontal. Arquejando, ele parou para respirar. Tinha alcançado o topo do morro.

À sua direita, uma luz brilhava. Uma casa, longe da estrada. Uma casa de rancho. Habitada, evidentemente. Luz brilhando nas janelas.

Ele caminhou para lá, numa estradinha de terra que conduzia a uma cerca. Tateando, descobriu o portão. Com alguma dificuldade conseguiu empurrá-lo para trás. Um caminho de terra, com dois sulcos longos e profundos, levava até a casa. Depois de tropeçar e cair algumas vezes, ele esbarrou em alguns degraus de pedra.

A casa. Tinha chegado lá.

Com os braços estendidos, ele subiu os degraus de pedra até a varanda. Suas mãos tatearam junto à porta até encontrar, pendurada ali, uma sineta ao estilo antigo.

Ele tocou e ficou à espera, ofegante, tremendo com o vento frio da noite.

A porta se abriu e uma mulher de meia-idade, cabelos castanhos, vestida com desleixo, o encarou. Vestia calças folgadas marrons e uma camisa xadrez marrom e vermelho, e usava botinas de cano alto e botão. “A sra. Keitelbein”, disse a mente dele. É ela. Mas não era. Ele olhou para ela e ela o olhou de volta.

— Sim?… — disse ela. Atrás dela, na sala, outra pessoa, um homem, olhou por cima do ombro dela para Ragle. — O que deseja? — disse ela.

Ragle disse:

— Meu carro quebrou.

— Oh. Pode entrar — disse a mulher. Abriu mais a porta para que ele entrasse. — Está machucado? Está sozinho? — Ela deu um passo à frente e passou os olhos pela varanda, para ver se havia mais alguém.

— Estou sozinho — disse ele. Mobília em madeira de bordo… uma poltrona baixa, mesa, bancada longa tendo em cima uma máquina de escrever. Uma lareira. Tábuas largas, vigas no teto.

— Que agradável — disse ele, dando uns passos na direção da lareira.

Um homem, segurando um livro aberto.

— Pode usar nosso telefone — disse ele. — Teve que caminhar muito?

— Não foi tanto assim — respondeu Ragle.

O homem tinha um rosto cheio, afável, liso como o de um menino. Parecia ser bem mais novo que a mulher; filho dela, talvez. Como Walter Keitelbein, pensou ele. Uma semelhança incrível. Por um instante…

— Teve sorte de nos encontrar — disse a mulher. — Nossa casa é a única casa ocupada no morro inteiro. Todos os outros ficam fora até o verão.

— Estou vendo — disse ele.

— Ficamos aqui durante o ano inteiro — disse o rapaz.

A mulher disse:

— Sou a sra. Kesselman. Este é o meu filho.

Ragle encarou os dois.

— O que houve? — perguntou a sra. Kesselman.

— Eu… eu pensei que havia reconhecido seu nome — disse Ragle. O que isso queria dizer? A mulher evidentemente não era a sra. Keitelbein. E o rapaz não era Walter. Então, o fato de que eram parecidos não queria dizer coisa alguma.

— O que estava procurando nesta estrada? — disse a mulher. — Isto aqui é um morro totalmente abandonado, quando os moradores estão fora. Sei que parece uma coisa paradoxal eu dizer isso, já que moro aqui.

Ragle disse:

— Eu estava procurando um amigo.

Isso pareceu satisfazer os Kesselman. Ambos assentiram.

— Meu carro saiu da estrada numa daquelas curvas e tombou de lado — disse Ragle.

— Ah, que coisa — disse a sra. Kesselman. — Que desagradável. Ele caiu da estrada? Caiu no barranco?

— Não — disse ele. — Mas precisa ser rebocado. Tenho medo de entrar nele e tentar sair, porque aí sim, ele pode cair lá embaixo.

— Por favor, nem chegue perto dele — disse a sra. Kesselman. — Já tivemos casos aqui de automóveis deslizando pela encosta e indo parar lá no fundo. Quer telefonar para seu amigo e avisar que está bem?

Ragle disse:

— Não sei o número do telefone dele.

— Não quer procurar na lista? — perguntou o jovem sr. Kesselman.

— Não sei o nome dele — disse Ragle. — Nem sequer sei se é um homem.

— E nem sei sequer, pensou ele, se ele ou ela existe.

Os Kesselman sorriram para ele, um sorriso de confiança. Supondo, é claro, que o que ele acabara de dizer não fosse tão enigmático quanto parecia.

— Gostaria de ligar pedindo um reboque? — perguntou a sra. Kesselman, mas o filho dela a interrompeu:

— Ninguém vai mandar um reboque para cá a esta hora da noite — disse o rapaz. — Já passamos por esse problema com todas as mecânicas da região. Eles não cedem.

— Tem razão! — disse a sra. Kesselman. — Pois é, que problema. Sempre receamos que isso acontecesse conosco. Mas nunca aconteceu. Afinal, conhecemos bem a estrada, depois de tantos anos.

O jovem Kesselman disse:

— Posso levá-lo até a casa do seu amigo, se você souber onde fica. Também posso levá-lo de volta à rodovia ou até mesmo para a cidade. — Ele olhou para a mãe e ela fez um gesto de assentimento.

— É muito gentil de sua parte — disse Ragle. Mas ele não queria sair dali. Ficou parado perto da lareira, aquecendo o corpo e desfrutando da tranquilidade daquela sala. Parecia, aos seus olhos, sob alguns aspectos, a casa mais civilizada em que ele já tinha estado, até onde ia sua memória. As gravuras nas paredes. Nenhuma bagunça. Nenhuma quinquilharia desnecessária. E tudo arrumado com bom gosto, os livros, os móveis, as cortinas… tudo ali satisfazia o seu senso inato de ordem. Sua percepção de padrões. Existe um equilíbrio estético real aqui, decidiu ele. É por isso que é tão acolhedora.

A sra. Kesselman esperou que ele fizesse ou dissesse algo. Ele se limitou a ficar parado diante da lareira, e ela disse:

— Gostaria de beber alguma coisa?

— Sim — disse ele. — Obrigado.

— Vou ver o que temos — disse ela. — Com licença. — Ela saiu da sala, e o filho continuou ali.

— Está bem frio lá fora — disse o filho dela.

— Está — disse Ragle.

Desajeitadamente, o rapaz estendeu a mão.

— Meu nome é Garret — disse. Eles apertaram as mãos. — Eu trabalho com decoração de interiores.

Isso explicava o bom gosto daquela sala.

— Esta sala aqui é muito bacana — disse Ragle.

— Você trabalha com o quê? — perguntou Garret Kesselman.

— Eu mexo com jornal — disse Ragle.

— Mas olha só — disse Garret. — Está brincando! Deve ser um trabalho fascinante. Quando eu estava na universidade fiz dois anos de jornalismo.

A sra. Kesselman voltou com uma bandeja trazendo três pequenos copos e uma garrafa de formato incomum.

— É uísque amargo do Tennessee — disse ela, pousando a bandeja sobre uma mesinha com tampo de vidro. — Da destilaria mais antiga do país. Jack Daniel's, Black Label.

— Nunca ouvi falar — disse Ragle —, mas soa promissor.

— É um excelente uísque — disse Garret, estendendo para Ragle um copo com uma dose. — Parece um pouco com o uísque canadense.

— Eu costumo beber cerveja — disse Ragle. Experimentou o uísque e ele lhe pareceu o.k. — Bom —, disse ele.

Os três ficaram em silêncio.

— É uma hora meio ingrata para dirigir por estas bandas à procura de alguém — disse a sra. Kesselman, quando Ragle tomou sua dose e estava se servindo de outra. — A maior parte das pessoas só encara estes morros à luz do dia. — Ela se instalou de frente para ele. O filho sentou no braço da sua poltrona.

Ragle disse:

— Tive uma discussão com a minha esposa e não consegui mais ficar dentro de casa. Tive que sair um pouco.

— Que pena — disse a sra. Kesselman.

— Nem sequer parei para pegar algumas roupas — disse Ragle. — Não tinha nenhum objetivo em mente, só queria sair de casa. Então lembrei desse meu amigo e pensei que podia me esconder na casa dele por uns tempos, até eu descobrir o que vou fazer. Não o vejo há anos. Provavelmente ele já se mudou há muito tempo. É terrível quando um casamento acaba assim. Parece o fim do mundo.

— É mesmo — disse a sra. Kesselman.

Ragle continuou:

— O que acham de me deixarem dormir aqui esta noite?

Os dois se entreolharam. Envergonhados, começaram ambos a responder ao mesmo tempo. O impulso inicial da resposta era dizer “não”.

— Preciso dormir em algum lugar — adiantou-se Ragle. Enfiou a mão no bolso interno do casaco e tirou a carteira. Contou o dinheiro. — Tenho aqui uns duzentos dólares. Posso pagar de acordo com o incômodo que estou causando. Eu pago pelo incômodo.

A sra. Kesselman disse:

— Então nos dê um momento, para conversarmos. — Erguendo-se, ela fez um gesto chamando o filho. Os dois desapareceram no aposento ao lado, fechando a porta.

Preciso ficar aqui, pensou Ragle. Serviu-se de outra dose do uísque do Tennessee, levantou-se e foi com o copo para mais perto da lareira, onde se deixou envolver pelo calor.

Aquela picape, pensou ele. Com um rádio. Deve ter pertencido a *eles*; se não, não teria um rádio. O rapaz no posto Standard… era um representante deles.

É uma prova, pensou Ragle. O rádio é uma prova. Não é uma coisa da minha cabeça, é um fato.

Pelos seus frutos os reconhecereis, pensou ele. E os frutos deles são o fato de que se comunicam por rádio.

A porta se abriu. A sra. Kesselman e o filho voltaram.

— Nós discutimos a questão — disse ela, voltando a se sentar no sofá em frente de Ragle. O filho ficou de pé junto dela, com uma expressão grave. — É bem claro para nós que o senhor está sob estresse. Vamos deixar que fique, vendo que está num momento tão infeliz. Mas queremos que seja honesto conosco, e não achamos que tenha sido até agora. A sua situação envolve mais coisas do que nos disse.

Ragle respondeu:

— Tem razão.

Os Kesselman trocaram olhares.

— Eu estava dirigindo sem rumo, pensando em me suicidar — disse Ragle. — Quero dizer, acelerar o mais possível e sair da estrada. Cair num barranco. Mas perdi a coragem.

Os Kesselman o encararam horrorizados.

— Oh, não! — disse a sra. Kesselman. Ela ficou de pé e foi na direção dele. — Sr. Gumm…

— Meu nome não é Gumm — disse Ragle. Mas obviamente eles o tinham reconhecido. Sabiam quem ele era desde o começo.

Todo mundo no universo me conhece. Eu não devia ficar surpreso. Na verdade, não estou surpreso.

— Eu sei quem o senhor é — disse a sra. Kesselman —, mas não quis constrangê-lo, se o senhor não estava disposto a nos dizer.

— Se não se importa de responder, quem é o sr. Gumm? Acho que eu deveria saber, mas não sei — disse Garret.

A mãe respondeu:

— Querido, este é o sr. Gumm que ganha há anos o concurso do *Gazette*. Lembra, na semana passada vimos na TV um programa a respeito dele. — Para Ragle, ela disse: — Oh, eu sei tudo ao seu respeito. Em 1937 eu participei do concurso "Old Gold". E eu cheguei ao primeiro lugar, acertei todos os testes.

— Mas ela trapaceou — disse o filho.

— Foi — disse a sra. Kesselman. — Eu e uma amiga costumávamos sair durante o horário do almoço, juntávamos nossos trocados até completar cinco dólares e comprávamos uma folha com respostas que um jornaleiro vendia por baixo do pano.

Garret disse:

— Espero que não se incomode se tiver que dormir no porão. Não é um porão de fato, nós o transformamos no quarto da bagunça, já faz alguns anos. Tem banheiro e tem uma cama. Nós o usamos para abrigar visitantes que não conseguem descer o morro.

— Mas o senhor não está mais pretendendo… tirar a própria vida, não é? — perguntou a sra. Kesselman. — Essa ideia já abandonou sua mente?

— Já — respondeu Ragle.

Com alívio, ela falou:

— Estou tão feliz com isso. Como sua colega de concursos, eu ficaria triste demais. Todos nós torcemos para que o senhor continue ganhando.

— Imagine só — disse Garret. — Nós vamos entrar para a história como as pessoas que impediram o sr. — ele tropeçou um pouco no nome — o sr. Gumm de ceder a um impulso de autodestruição. Nossos nomes vão ficar associados ao nome dele. É a fama.

— É a fama — concordou Ragle.

Outra rodada de uísque do Tennessee foi servida. Os três ficaram sentados na sala, bebendo e olhando uns para os outros.

9

A campainha da porta tocou. Junie Black largou a revista e foi atender.

— Telegrama para o sr. William Black — disse o mensageiro uniformizado da Western Union. — Assine aqui, por favor. — Ele lhe estendeu um lápis e um bloco; ela assinou e recebeu o telegrama.

Fechando a porta, ela levou o telegrama para o marido.

— Para você — disse.

Bill Black abriu o telegrama, virou o corpo para evitar que a mulher pudesse ler e viu o que estava escrito: MOTO PERDEU PICAPE. GUMM ULTRAPASSOU BAR. PODE DAR SEU PALPITE.

Nunca mande um menino fazer o serviço de um homem, pensou Bill Black. Seu palpite é tão bom quanto o meu. Ele olhou o relógio de pulso. Nove e meia da noite. Cada vez mais tarde. Era tarde demais agora.

— O que diz aí? — perguntou Junie.

— Nada — disse ele. Será que conseguirão encontrá-lo?, pensou. Espero que sim. Porque se não conseguirem, alguns de nós estaremos mortos amanhã a esta hora. Deus sabe quantos milhares de pessoas morrerão. Nossas vidas dependem de Ragle Gumm. Dele e do seu concurso.

— É uma catástrofe — disse Junie. — Não é? Dá para saber pela expressão do seu rosto.

— Trabalho. Coisas da prefeitura.

— É mesmo? Não minta para mim. Aposto que isto tem alguma coisa a ver com Ragle. — Num gesto repentino ela arrancou o telegrama da mão dele e correu para fora da sala. — E é! — gritou, parando e lendo rapidamente. — O que foi que você fez? Contratou alguém para matá-lo? Eu sei que ele desapareceu. Estava conversando com Margo no telefone, e ela disse que…

Ele conseguiu pegar o telegrama de volta.

— Você não faz a menor ideia do que é isto aqui — disse ele, esforçando-se para manter o controle.

— Eu vou lhe dizer o que é. Assim que Margo me disse que Ragle tinha

desaparecido…

— Ragle não desapareceu — disse ele, quase perdendo o controle. — Ele saiu andando, só isso.

— Como você sabe?

— Eu sei.

— Você sabe porque é o responsável pelo desaparecimento dele.

E num certo sentido, pensou Bill Black, ela tem razão. Sou responsável porque quando ele e Vic saíram de dentro daquele “clube”, eu pensei que eles estavam brincando.

— Tudo bem — disse ele. — Sou responsável, sim.

Os olhos dela mudaram de cor. As pupilas se contraíram.

— Oh, eu odeio você — disse ela, balançando a cabeça. — Queria cortar seu pescoço fora.

— Vá em frente. Talvez seja uma boa ideia.

— Vou até a casa deles.

— Por quê?

— Vou dizer a Vic e a Margo que você é o responsável. — Junie seguiu apressada para a porta da frente; ele a seguiu e a agarrou. — Me solta — disse ela, tentando se livrar dele. — Vou dizer a eles que eu e Ragle estamos apaixonados, e que, caso ele sobreviva às suas maldades…

— Sente-se aí — disse ele. — Fique quieta. — Então ele pensou de novo na possibilidade de Ragle não estar lá no dia seguinte para trabalhar no teste. Sentiu uma onda de pânico, que começou a tomar conta de seu corpo. — Acho que vou me trancar dentro do closet — disse ele à esposa. — Não, acho que vou me enterrar num buraco no chão. Bem fundo.

— Culpa infantil — disse Junie, com menosprezo.

— Medo. Puro medo.

— Você está envergonhado.

— Não. Medo infantil. Medo de adulto.

— Medo de adulto — disse ela com um ruído de desdém. — Isso não existe.

— Existe, sim — disse ele.

Garret colocou uma toalha de banho limpa, dobrada, no braço da cadeira, e com ela uma esponja e uma barra de sabonete ainda na embalagem.

— Vai ter que se arranjar sem pijamas — disse ele. — O banheiro é nesta

porta aqui. — Ele abriu a porta e Ragle viu um corredor estreito, como a passagem interna de um navio, conduzindo a um banheiro torto, do tamanho de um armário.

— Ótimo — disse Ragle. O uísque o tinha deixado sonolento. — Obrigado. Vejo vocês amanhã.

— Deixamos alguns livros e revistas aqui no quarto da bagunça — disse Garret. — Caso perca o sono e queira ler um pouco. Tem também um tabuleiro de xadrez e outros jogos. Mas acho que nenhum para só uma pessoa.

Ele saiu. Ragle ouviu seus passos subindo para o andar de cima. A porta no topo da escada se fechou.

Sentando na cama, Ragle arrancou os sapatos e os deixou cair no chão. Depois agarrou os dois, cada um por um dedo, ergueu-os e procurou um lugar onde colocá-los. Reparou numa prateleira que corria por toda a extensão da parede. Em cima dela havia uma lâmpada, um relógio de corda e um pequeno aparelho de rádio de plástico branco.

Assim que viu o rádio ele voltou a calçar os sapatos, abotoou a camisa e subiu apressadamente a escada.

Eles quase me enganaram. Mas acabaram se entregando. Subiu a escada de dois em dois degraus e empurrou a porta lá no alto. Tinha se passado apenas um minuto e pouco desde que Garret subira por ali. Ragle ficou parado no corredor, escutando. Ouviu bem distante o som da voz da sra. Kesselman.

Está entrando em contato com eles. Falando por telefone ou transmitindo pelo rádio. Ou uma coisa ou a outra. Com o mínimo de ruído possível, ele avançou pelo corredor, na direção de onde vinha a voz. O corredor, às escuras, terminava numa porta entreaberta. Uma faixa de luz vazava para o corredor, e quando chegou mais perto ele viu que era uma sala de jantar.

De roupão e chinelos, um turbante prendendo os cabelos, a sra. Kesselman estava pondo comida para um cachorrinho preto num pratinho pousado no chão. Tanto ela quanto o cão tiveram um pequeno susto quando Ragle empurrou a porta. O cachorro recuou e começou a dar pequenos latidos em staccato.

— Oh! — disse a sra. Kesselman. — O senhor me assustou. — Ela segurava uma caixa de biscoitos para cachorro. — Precisa de alguma coisa?

Ragle disse:

— Há um rádio lá embaixo no meu quarto.

— Tem, sim — disse ela.
— É assim que eles se comunicam.
— Quem?
— Eles. Não sei quem são, mas eles estão por toda parte. São eles que estão me perseguindo. — E, pensou Ragle, a senhora e seu filho fazem parte disso. Quase me enganaram. Pena que se esqueceram de esconder o rádio. Mas provavelmente vocês não tiveram tempo.
Vindo do corredor, Garret entrou na sala.
— Está tudo bem? — perguntou ele, com voz preocupada.
A mãe respondeu:
— Querido, feche a porta, para que eu possa conversar em particular com o sr. Gumm, está bem?
— Quero ele aqui — disse Ragle. Ele foi na direção de Garret, que piscou e deu um passo para trás, os braços se agitando indefesos. Fechando a porta, Ragle disse: — Não tenho como saber se vocês ligaram para alguém avisando que eu estou aqui. Tenho que me arriscar e supor que não deu tempo.
Não sei para que outro lugar posso ir, pensou ele. Certamente não esta noite.
— Bem, mas o que quer dizer isto tudo? — perguntou a sra. Kesselman. Curvando-se, ela recomeçou a botar comida para o cãozinho, que depois de mais alguns latidos para Ragle voltou a se concentrar no prato de biscoitos. — O senhor está sendo perseguido por um grupo de pessoas e diz que nós fazemos parte desse grupo. Isso quer dizer então que aquela sua alegação de estar querendo praticar suicídio era inventada.
— Eu inventei isso — admitiu ele.
— E por que eles o estão perseguindo? — perguntou Garret.
Ragle disse:
— Porque eu sou o centro do universo. Pelo menos, é o que posso inferir pela maneira como eles agem. Agem como se eu fosse exatamente isso. Isto é tudo de que eu disponho. Eles tiveram um trabalho gigantesco para construir um mundo falso ao meu redor para me manter tranquilo. Prédios, carros, uma cidade inteira. Com aparência natural, mas completamente irreal. A parte que eu não entendo é o concurso.
— Ah, sim — disse a sra. Kesselman. — O seu concurso.
— Evidentemente ele desempenha um papel crucial nisto tudo — disse

Ragle. — Mas isso me deixa desconcertado. Sabem para que ele serve?

— Eu não sei mais do que o senhor — disse a sra. Kesselman. — Claro, nós sempre ouvimos dizer que esses concursos são manipulados, mas, exceto pelos boatos de sempre…

— Eu estou perguntando — disse Ragle — se a senhora sabe o que o concurso significa de verdade.

Nenhum dos dois falou. A sra. Kesselman, de costas para ele, continuou alimentando o cachorro. Garret sentou numa cadeira e cruzou as pernas, recostando-se, com as mãos cruzadas atrás da cabeça, tentando parecer calmo.

— Será que vocês sabem o que eu faço todos os dias? — perguntou Ragle. — Quando estou supostamente calculando onde o homenzinho verde vai aparecer no gráfico? Eu devo estar fazendo alguma outra coisa. Eles sabem o que é, e eu não.

Mas os Kesselman continuavam em silêncio.

— Vocês chamaram alguém? — perguntou Ragle.

Garret estremeceu, constrangido. A sra. Kesselman parecia abalada, mas continuou a dar biscoitos ao cachorro.

— Posso dar uma olhada no resto da casa? — perguntou ele.

— Claro — disse a sra. Kesselman, endireitando-se. — Olhe aqui, sr. Gumm. Nós estamos fazendo o melhor possível para recebê-lo, aqui. Mas… — Com um gesto eloquente, ela desabafou: — Honestamente, o senhor está nos deixando tão preocupados que nem sei mais o que estamos fazendo. Nós nunca o vimos antes em toda nossa vida. O senhor está doido, é isso? Talvez esteja, porque certamente está agindo como se estivesse. Gostaria que nunca tivesse aparecido aqui. Gostaria… — Ela hesitou. — Bem, eu ia dizendo que gostaria que o senhor voltasse para a estrada e pegasse seu carro. Não é justo nos causar tanta preocupação.

— Isso mesmo — murmurou Garret.

Será que estou cometendo um erro?, Ragle se perguntou.

— Expliquem o rádio — disse ele em voz alta.

— Não há o que explicar — respondeu a sra. Kesselman. — É um rádio comum de cinco válvulas que nós conseguimos logo depois da Segunda Guerra. Está lá embaixo há anos. Não sei nem se ainda funciona. — Agora ela parecia zangada. As mãos tremiam e o rosto estava tenso, vincado de fadiga. — Todo mundo tem um rádio. Algumas casas têm dois ou três.

Ragle abriu cada uma das portas que havia na sala de jantar. Uma delas dava para uma despensa, com prateleiras e depósitos. Ele disse:

— Quero dar uma olhada no resto da casa. Entrem aqui, para que eu não precise me preocupar com o que estarão fazendo enquanto eu olho. — Havia uma chave enfiada na fechadura da porta da despensa.

— Por favor — disse a sra. Kesselman, olhando-o com desespero, quase sem voz.

— Só por alguns minutos — disse ele.

Eles se olharam. A sra. Kesselman fez um gesto de resignação, e os dois entraram em silêncio na despensa. Ragle a trancou por fora e correu o ferrolho. Guardou a chave no bolso.

Agora ele se sentia bem melhor.

O cachorro preto, junto ao seu prato, o observou atentamente. Por que está me olhando?, pensou ele. E então percebeu que o cão tinha comido toda a comida e estava esperando que ele lhe servisse mais. O pacote continuava em cima da mesa de jantar comprida, onde a sra. Kesselman o tinha deixado. Ele derramou mais alguns biscoitos no pratinho e o cão voltou a comer.

De dentro do armário vinha a voz de Garret, distintamente audível:

— … admita isto, ele é maluco.

Ragle disse, alto:

— Eu não sou maluco. Eu vi essa coisa crescer, passo a passo. Ou pelo menos eu fui me tornando consciente dela passo a passo.

A sra. Kesselman falou através da porta do armário:

— Ouça, sr. Gumm. Está muito claro para nós que o senhor acredita em tudo o que diz. Mas não vê o que está fazendo? Pelo fato de acreditar que todos estão contra o senhor, acaba colocando todos contra o senhor.

— Como nós dois — disse Garret.

Havia muito a considerar no que eles diziam. Ragle, indeciso, falou:

— Eu não posso correr riscos.

— Vai ter que correr algum risco com alguém — disse a sra. Kesselman. — Ou então não vai conseguir viver.

Ragle disse:

— Vou dar uma olhada no resto da casa, e depois resolvo.

A voz da mulher, controlada, civilizada, continuou:

— Pelo menos ligue para sua família e diga a eles que o senhor está bem. Para não ficarem preocupados a seu respeito. Provavelmente estão muito

inquietos.

— Devia deixar que nós ligássemos — disse Garret. — Para que eles não avisassem a polícia ou algo assim.

Ragle saiu da sala de jantar. Primeiro inspecionou a sala de estar. Nada parecia fora de ordem. O que esperava encontrar, afinal? O mesmo velho problema… ele não saberia, até o instante em que encontrasse. E talvez mesmo assim não teria certeza.

Na parede, ao lado de um pequeno piano do tipo espineta, havia um telefone, um aparelho de plástico cor-de-rosa brilhante, com um fio espiralado. Junto dele, de pé na estante, uma lista telefônica. Ele a puxou.

Era a mesma lista que Sammy tinha encontrado no terreno baldio. Ele a abriu. A primeira página, uma folha em branco, estava cheia de números e nomes rabiscados a lápis, ou com giz vermelho, caneta esferográfica, caneta-tinteiro… Endereços, anotações apressadas de datas, horas, compromissos… Uma lista telefônica corrente, atual, usada naquela casa, por aquelas pessoas. Números pertencentes a estações como Walnut, Sherman, Kentfield, Devonshire.

O número pregado no aparelho da parede era um número de Kentfield.

Isso explicava muita coisa.

Levando a lista consigo, ele voltou à parte interna da casa, até a sala de jantar. Tirou a chave do bolso e destrancou a porta da despensa, abrindo-a por inteiro.

Estava vazia. Um grande buraco havia sido cortado na parede do fundo, uma abertura circular recente de madeira e gesso através da qual dava para ver um quarto de dormir. Eles tinham aberto aquela passagem numa questão de minutos. No chão, junto do buraco, estavam duas hastes que pareciam brocas de furadeira; uma delas estava dobrada, danificada. Tamanho errado. Muito pequena. E a outra provavelmente nem tinha sido experimentada; eles tinham achado uma terceira do tamanho certo e acabaram rápido o serviço, fugindo dali com tanta pressa que tinham largado para trás as peças.

Segurando as brocas na palma da mão, ele percebeu que não se pareciam com nada que ele tivesse visto antes em toda a sua vida.

Enquanto estavam conversando com ele, razoavelmente, racionalmente, estavam abrindo um buraco na parede dos fundos para fugir.

Não tem jeito, fui vencido, disse ele para si mesmo. Melhor entregar os pontos.

Fez uma ronda superficial na casa. Nenhum sinal dos dois. A porta dos fundos estava aberta, batendo ao vento de fim de noite. Eles tinham saído. Estavam longe agora. Ele sentiu o vazio no interior da casa. Somente ele e o cachorro. Nem mesmo o cachorro, pois não havia sinal dele agora. O cachorro tinha ido atrás deles.

Ele podia pegar a estrada; possivelmente em algum lugar da casa encontraria uma lanterna elétrica que poderia usar. Talvez achasse até um casaco grosso para vestir. Com um pouco de sorte, poderia ganhar uma boa distância antes que os Kesselman voltassem com reforços. Podia se esconder na floresta, esperar a luz do dia. Tentar alcançar a rodovia… caminhar até o pé do morro, não importa quantos quilômetros houvesse até lá.

Que perspectiva desanimadora. Ele recuou diante da ideia. Precisava de repouso e de sono, não de mais uma caminhada.

Ou então… ele podia permanecer na casa e, no tempo que lhe restasse, explorá-la o máximo possível. Descobrir tudo que conseguisse antes que eles viessem à sua procura.

Esta última ideia lhe agradou, se é que precisava escolher entre as duas.

Voltou à sala de visitas. Desta vez abriu gavetas e armários e examinou a parte interna de objetos comuns, como o aparelho de TV no canto da sala.

Em cima do aparelho de TV, montado num estojo de mogno, havia um gravador de fita. Ele apertou o botão e um rolo de fita, já colocado, começou a girar. Depois de um instante, o aparelho de TV foi ligado. A fita, ele percebeu, continha vídeo, além do áudio. Recuando, ele olhou para a tela.

Na imagem apareceu Ragle Gumm, primeiro uma tomada de frente, depois uma de lado. Ragle Gumm caminhando por uma rua residencial orlada de árvores, passando por carros estacionados, trechos de grama. Depois um primeiro plano dele, de rosto inteiro.

Do alto-falante da TV brotou uma voz:

— Este é Ragle Gumm.

Na imagem, ele viu Ragle Gumm sentado numa cadeira reclinável no quintal de uma casa, usando uma camisa esporte com motivos havaianos e short.

— Vocês vão ouvir agora um trecho de uma conversa típica dele — disse a voz no alto-falante.

E então Ragle ouviu sua própria voz:

— *… chegar em casa antes de você, então eu faço* — ele estava dizendo.

— *Senão, podemos fazer isso amanhã. Tudo bem por você?*

Eles me captaram mesmo, o preto no branco, pensou ele. Ou melhor, em cores.

Ele pausou a fita. A imagem permaneceu fixa. Então ele desligou o botão e a imagem foi se reduzindo até ser apenas um ponto brilhante que por fim desapareceu completamente.

Não admira que todo mundo me reconheça. Eles foram treinados.

Quando eu começar a pensar que estou louco, vou me lembrar dessa máquina de fita. O programa de treinamento de identificação, onde eu sou o tópico central.

Quantas fitas iguais a esta estarão dentro de quantas máquinas em quantas casas. Numa área de que tamanho? Todas as casas por onde passei. Todas as ruas. Todas as cidades, talvez.

A Terra inteira?

Ele ouviu, bem longe, o barulho de um motor. Isto o pôs em movimento.

Não vão demorar muito, percebeu ele. Abriu a porta da frente e o barulho ficou mais forte. Na escuridão lá embaixo, um par de faróis em movimento piscou e depois se escondeu.

Mas para que isto tudo?, pensou ele. Quem são eles?

Como as coisas são na realidade? Eu preciso ver.

Andando às pressas pela casa ele foi examinando um objeto depois do outro, passando de um aposento para outro. Móveis, livros, comida na cozinha, objetos pessoais nas gavetas, roupas penduradas nos cabides… O que seria mais revelador?

Na varanda dos fundos ele se deteve. Tinha chegado ao fim da casa. Ali havia apenas uma máquina de lavar roupa, esfregões pendurados num suporte, pacotes de sabão em pó, uma pilha de jornais e revistas.

Ele agarrou a pilha e puxou para si uma mão cheia das publicações, deixando-as cair ao chão, abrindo-as às pressas, ao acaso.

A data de um jornal fez com que ele parasse de procurar. Ele ficou de pé, segurando-o diante de si.

10 de maio de 1997.

Quase quarenta anos no futuro.

Os olhos dele passaram pelas manchetes. Um aglomerado sem sentido de fatos triviais: um assassinato, emissão de títulos para angariar fundos para estacionamentos, morte de um cientista famoso, manifestações na Argentina.

E na parte debaixo da página, a manchete: DEPÓSITOS DE MINÉRIO VENUSIANO SOB DISPUTA.

Litígio nas cortes internacionais concernente à propriedade de territórios em Vênus… Ele leu o mais rápido que pôde, e então jogou o jornal no chão e passou a folhear as revistas.

Uma edição da *Time*, datada de 7 de abril de 1997. Enrolando-a como um canudo, ele a enfiou no bolso da calça. Mais edições da *Time*; ele passou os olhos em todas, abrindo-as, tentando devorar todos os artigos ao mesmo tempo, tentando entender e reter o que conseguisse. Moda, pontes, pinturas, medicina, hóquei no gelo — tudo, o mundo do futuro exposto diante dele numa prosa bem cuidada. Resumos concisos de cada setor da sociedade que ainda não tinham começado a existir…

Que *tinham* começado a existir. Que existiam *agora*.

Aquilo era uma revista contemporânea. Estavam no ano de 1997. Não 1959.

Na estrada lá fora, o barulho de um automóvel chegando e parando o levou a agarrar o restante das revistas. Uma braçada delas. Ele começou a abrir a porta que dava para o jardim.

Vozes. No lado de fora, homens caminhavam; o facho de uma lanterna reluziu. Sua braçada de revistas esbarrou na porta e algumas delas deslizaram para o chão. Ele se agachou para recolhê-las.

— Aí está ele — disse uma voz, e a lanterna virou-se na sua direção, ofuscando-o. Ele virou-se para dar as costas a ela e ergueu uma das revistas para ver a capa.

Na capa da *Time* de 14 de janeiro de 1996, estava uma imagem dele. Uma pintura a cores. Com as palavras: RAGLE GUMM — O HOMEM DO ANO.

Sentando no degrau do alpendre ele abriu a revista e encontrou o artigo. Fotos dele quando bebê. Sua mãe e seu pai. Ele criança, na escola fundamental. Virou as páginas, freneticamente. Ele como era agora, depois da Segunda Guerra Mundial, ou fosse qual fosse a guerra em que ele tinha de fato lutado… uniforme militar, um sorriso na direção da câmera.

Uma mulher que era sua primeira esposa…

Então uma foto em plano amplo, as torres nítidas, os minaretes, uma instalação industrial do tamanho de uma cidade.

A revista foi tirada das suas mãos. Ele ergueu os olhos e viu, para seu espanto, que os homens que o punham de pé e o retiravam do alpendre vestiam macacão comum.

— Cuidado com aquele portão — disse um deles.

Ele teve um vislumbre de árvores escuras, homens pisando em canteiros de flores, esmagando plantas sob os sapatos, fachos de lanternas se entrecruzando na alameda, indo até a estrada. E lá na estrada caminhões parados com os motores ruidosamente ligados, faróis acesos. Caminhões de serviço, verde-oliva, de tonelada e meia. Familiares, também. Como os macacões que vestiam.

Caminhões da prefeitura. Homens do serviço de manutenção da prefeitura.

E então um dos homens ergueu alguma coisa diante do seu rosto, uma bolha de plástico que o homem apertou com os dedos. A bolha se rompeu, liberando gases.

Firmemente seguro por quatro homens, Ragle Gumm não pôde fazer outra coisa senão aspirar aqueles gases. O facho de uma lanterna iluminou com um clarão aquela névoa amarelada diante do seu rosto; ele fechou os olhos.

— Não o machuquem — murmurou uma voz. — Sejam cuidadosos com ele.

O metal do caminhão debaixo dele era frio, úmido. Como se ele tivesse sido, pensou, depositado num tanque de refrigeração. Produtos do campo, prontos para serem transportados para a cidade. Prontos para entrarem no mercado no dia seguinte.

10

A alegre luz de uma manhã ensolarada encheu o seu quarto com um clarão esbranquiçado. Ele pôs a mão sobre os olhos, sentindo um pouco de náusea.

— Vou fechar as cortinas — disse uma voz. Reconhecendo a voz, ele abriu os olhos. Vic Nielson estava junto à janela, correndo as cortinas.

— Voltei — disse Ragle. — Não cheguei a lugar nenhum. Não avancei um passo sequer. — Ele lembrou-se de ter corrido, de ter subido um morro, pelo meio do mato. — Fui até lá em cima. No topo. Mas eles me trouxeram de volta. — Quem?, pensou ele. Disse em voz alta: — Quem me trouxe para cá?

Vic respondeu:

— Um taxista grandalhão, que devia pesar uns cento e cinquenta quilos. Carregou você até a porta da frente e depois até o sofá. — Depois de um instante, ele completou: — A corrida custou, a você ou a mim, dependendo de quem vai bancar, onze dólares.

— Onde me encontraram?

— Num bar.

— Que bar?

— Nunca ouvi falar nele. Fora dos limites da cidade. Direção norte. No setor industrial, perto dos trilhos dos trens de carga.

— Veja se lembra o nome do bar — disse Ragle. Parecia importante, mas ele não sabia por quê.

— Posso perguntar a Margo — disse Vic. — Ela estava acordada; nós dois estávamos. Só um minuto. — Ele saiu do quarto. Depois de alguns instantes, Margo apareceu ao pé da cama.

— Bar do Frank, Petiscos e Drinques — disse ela.

— Obrigado — disse Ragle.

— Como se sente? — ela perguntou.

— Melhor.

— Posso preparar alguma coisa leve para você comer?

— Não — disse Ragle. — Obrigado.

Vic disse:

— Você capotou de verdade. Não foi cerveja. Seus bolsos estavam cheios de batatas fritas, daquelas cortadas bem fininhas.

— Algo mais? — perguntou Ragle. Devia haver outra coisa. Ele lembrava de ter enfiado alguma coisa no bolso da calça, uma coisa valiosa que ele queria trazer de volta.

— Só um guardanapo de papel do Bar do Frank — disse Margo.

— E uma porção de moedas. De dez e de vinte e cinco centavos.

— Talvez você estivesse dando uns telefonemas — disse Vic.

— Estava — disse ele. — Acho. — Alguma coisa a respeito de um telefone. Uma lista telefônica. — Estou lembrando um nome. Jack Daniels.

Vic disse:

— Esse era o nome do taxista.

— Como você sabe? — perguntou Margo.

— Ragle chamava o motorista por esse nome — respondeu Vic.

— E os caminhões do serviço de manutenção da prefeitura? — perguntou Ragle.

— Você não falou nada sobre eles — disse Margo. — Mas é fácil ver por que estava com eles em mente.

— E por quê? — disse Ragle.

Ela começou a erguer as persianas da janela.

— Eles estão aí fora desde que o dia amanheceu, desde antes das sete. O barulho provavelmente afetou seu subconsciente e você pensou neles.

Soerguendo o corpo, Ragle olhou pela janela. Estacionado junto ao meio-fio do lado oposto da rua estavam dois caminhões de manutenção verde-oliva. Uma equipe de operários da prefeitura, em seus macacões, estava abrindo um buraco na rua; o barulho dos seus martelos mecânicos o incomodou, e ele percebeu que já vinha escutando aquilo havia algum tempo.

— Parece que vão demorar por aí — disse Vic. — Deve ser algum problema com a tubulação de água.

— Sempre fico nervosa quando eles começam a cavar buracos na rua — disse Margo. — Fico com medo de eles irem embora e deixarem o buraco aberto. Sem voltar para terminar o trabalho.

— Eles sabem o que estão fazendo — disse Vic. Despedindo-se de Margo e de Ragle, ele saiu para o trabalho.

Mais tarde, depois que conseguiu levantar da cama, vacilante, e depois que tomou banho, se barbeou e se vestiu, Ragle Gumm foi até a cozinha e preparou um copo de suco de tomate e um ovo cozido com torradas sem manteiga.

Sentado à mesa, ele bebericou um pouco do café que Margo havia deixado em cima do fogão. Não estava com apetite. À distância podia ouvir o ratatá dos martelos mecânicos. Há quanto tempo será que isso está aí?, pensou ele.

Acendeu um cigarro e pegou o jornal do dia. Vic ou Margo o tinham trazido e deixado na cadeira junto da mesa, onde ele o encontraria.

A textura do papel era repulsiva para ele. Mal conseguiu segurá-lo.

Dobrando as primeiras páginas, ele foi olhar a página do concurso. Lá, como sempre, estavam os nomes dos vencedores. O nome dele, num box especial. Em toda a sua glória.

— Que tal o concurso de hoje? — perguntou Margo, da sala ao lado. Ela vestia uma calça capri com uma camisa branca de algodão de Vic e estava lustrando o aparelho de TV.

— O mesmo de sempre — disse ele. A visão do seu nome na página do jornal o deixou inquieto, desconfortável, e a náusea que sentira mais cedo naquela manhã começou a voltar. — É engraçado. Ver o nome da gente impresso no jornal. De repente é uma coisa que dá nos nervos. Produz um choque.

— Meu nome nunca apareceu no jornal — disse ela. — Exceto em alguns daqueles artigos que fizeram sobre você.

Sim, pensou ele. Artigos a meu respeito.

— Eu sou bem importante — disse ele, pousando o jornal na mesa.

— Ah, você é, sim — disse Margo.

— Eu tenho a impressão de que o que eu faço afeta toda a raça humana.

Ela se endireitou e parou de lustrar.

— Que coisa peculiar para se dizer. Eu não vejo como… — Ela se interrompeu. — Afinal, um concurso é só um concurso.

Voltando para o seu quarto, ele começou a arrumar seus mapas, gráficos, tabelas e equipamentos. Cerca de uma hora depois estava profundamente mergulhado no esforço de resolver o problema daquele dia.

Ao meio-dia, Margo bateu na porta fechada.

— Ragle, posso interromper um pouquinho? Se não puder, é só dizer.

Ele abriu a porta, agradecendo aquela pausa.

— Junie Black quer falar com você — disse Margo. — Ela jura que vai levar só um minuto. Eu disse que você não havia acabado ainda. — Ela fez um gesto, e Junie Black apareceu vindo da sala. — Está muito bem-vestida — disse Margo, olhando-a.

— Vou fazer compras no centro da cidade — explicou Junie. Estava com um conjunto de lã vermelha, meias de náilon e sapatos altos e tinha um pequeno casaco sobre os ombros; o cabelo exibia um penteado e ela usava bastante maquiagem. Seus olhos pareciam mais negros do que de costume, e os cílios dramaticamente compridos. — Feche a porta — disse ela a Ragle. — Preciso falar com você.

Ele fechou a porta.

— Escute — disse Junie. — Você está bem?

— Estou — respondeu ele.

— Eu sei o que aconteceu com você. — Ela pôs as mãos nos ombros dele e então afastou-se, com um estremecimento de angústia. — Ele que se dane! — exclamou. — Eu disse a ele que o abandonaria se ele fizesse alguma coisa a você.

— Bill? — perguntou Ragle.

— Ele é o responsável. Ele mandou pessoas seguirem e espionarem você. Contratou detetives particulares. — Ela caminhou pelo quarto, tensa, fumegante. — Bateram em você, não foi?

— Não. Eu acho que não.

Ela avaliou aquilo.

— Talvez eles quisessem apenas assustar você.

— Não acho que isso tenha nada a ver com o seu marido — disse Ragle, hesitante. — Ou com você.

Abanando a cabeça, Junie disse:

— Eu sei que tem. Eu vi o telegrama que ele recebeu. Quando você estava sumido, ele recebeu um telegrama. Não queria que eu visse, mas eu consegui roubar dele. Lembro exatamente o que dizia. Era sobre você. Um relatório sobre você.

— Dizendo o quê?

Por um instante ela acessou todas as suas faculdades mentais. Depois, com fervor, recitou:

— "Moto perdeu caminhão. Gumm passou bar. Pode dar seu palpite."

— Tem certeza disso? — perguntou ele, sabendo o quanto ela era avoada.

— Tenho. Decorei antes que ele tomasse de volta.

Caminhões da prefeitura, pensou ele. Do lado de fora, na rua, os caminhões verde-oliva continuavam lá. Os homens ainda estavam mexendo na rua; já tinham cavado bastante àquela altura.

— O trabalho de Bill não tem ligação com o serviço de manutenção, não é? — disse ele. — Não é ele quem despacha os caminhões de serviço, não?

— Eu não sei o que ele faz lá na companhia de água. E não quero saber, Ragle. Está ouvindo? Não quero saber. Eu lavo minhas mãos quanto a ele. — De repente ela correu para Ragle e o envolveu com os braços, enquanto dizia ao seu ouvido: — Ragle, eu me decidi. Essa coisa dele, essa vingança criminosa dele, matou tudo, para sempre. Bill e eu acabamos. Olhe. — Ela arrancou a luva esquerda e agitou a mão diante do rosto dele. — Está vendo?

— Não — disse ele.

— Minha aliança de casamento. Não estou usando. — Ela pôs a luva de novo. — Vim aqui para lhe dizer isso, Ragle. Lembra quando eu e você estávamos deitados juntos na grama, e você leu poesias para mim e disse que me amava?

— Lembro.

— Não ligo para o que Margo vai falar, ou o que qualquer pessoa possa falar — disse Junie. — Tenho uma reunião hoje às duas e meia com um advogado. Vou conversar com ele sobre a minha separação de Bill. Depois, eu e você podemos ficar juntos pelo resto das nossas vidas, sem ninguém para interferir. E se ele tentar alguma das suas manobras pesadas de criminoso, eu chamo a polícia.

Agarrando a bolsa, ela abriu a porta para o corredor.

— Você vai sair? — Ragle perguntou, meio zonzo por se ver no meio do redemoinho.

— Tenho que ir ao centro da cidade — disse Junie. Ela olhou para um lado e para o outro da casa e fez uma pantomima, na direção dele, de estar mandando um beijo ardente. — Vou tentar telefonar mais tarde — disse ela num sussurro, inclinando-se para ele. — E contarei o que o advogado disser. — A porta se fechou à sua saída, e ele ouviu seus saltos martelando o piso enquanto ela se afastava. Lá fora, um carro ligou o motor. Ela se foi.

— O que foi isso tudo? — perguntou Margo, lá da cozinha.

— Ela está chateada — disse Ragle. — Brigou com Bill.

Margo disse:
— Se você é importante para toda a raça humana, então você deveria arranjar algo melhor do que ela.
— Você disse a Bill Black que eu tinha sumido?
— Não. Mas disse a Junie. Ela deu um pulo aqui, depois que você saiu. Eu falei que estava preocupada demais, por não saber onde você estava, para dar atenção ao que ela queria dizer. De qualquer modo, acho que era apenas uma desculpa dela para falar com você, ela realmente não estava querendo conversar comigo. — Secando as mãos numa toalha de papel, ela disse: — Ela parecia legal, ainda agora. Ela é muito bonita fisicamente. Mas é tão infantilizada. Parece as garotas que Sammy traz para brincar aqui.
Ele mal escutava o que Margo tinha para lhe dizer. A cabeça doía e ele se sentia mais enjoado e confuso do que antes. Ecos da noite…
Lá fora, os homens da equipe de manutenção da prefeitura, apoiados nas pás, acendiam cigarros e pareciam estar sempre de olho nas casas da vizinhança.
Eles estão aí para me vigiar?, perguntou-se Ragle.
Sentiu uma aversão estranha e automática por eles; era algo na fronteira do medo. E ele não sabia por quê. Tentou voltar atrás, lembrar o que acontecera com ele. Os caminhões verde-oliva… gente correndo, gente se arrastando. A certa altura, uma tentativa de se esconder. E alguma coisa valiosíssima que ele achara, mas que tinha escapado dele ou sido arrancada por alguém…

11

Na manhã seguinte, Junie Black telefonou para ele.

— Estava trabalhando? — perguntou.

— Sempre estou trabalhando — disse Ragle.

— Bem, eu conversei com o sr. Tompkins, o advogado. — O tom da voz dela o avisou de que ela tinha a intenção de contar a história com detalhes. — Que trabalho mais desagradável — disse ela, suspirando.

— Me avise de tudo que acontecer — disse ele, ansioso para voltar ao trabalho e resolver o problema do concurso. Mas, como sempre, ele ficava fascinado por ela. Deixava-se envolver em suas tramas elaboradas, histriônicas. — O que foi que ele disse? — perguntou. Afinal de contas, tinha que encarar aquilo tudo com seriedade; se ela levasse a questão aos tribunais, ele podia ser acusado de cúmplice.

— Oh, Ragle. Eu queria tanto te ver agora. Quero você aqui comigo. Pertinho de mim. Isto é um sacrifício tão grande.

— Me diga o que ele falou.

— Ele disse que tudo depende de como Bill se sente. Que bagunça. Quando posso te ver? Estou com medo de ir à sua casa. Margo me olhou do pior jeito que já me olharam na vida toda. Ela pensa que quero ficar com você por conta do seu dinheiro, ou o quê? Ou é só a mentalidade mórbida dela de sempre?

— Diga o que foi que ele disse.

— Odeio conversar com você pelo telefone. Por que não dá um pulo aqui, e fica um pouquinho? Ou será que Margo vai ficar desconfiada? Você sabe, Ragle, eu me sinto tão bem, agora que tomei a decisão. Eu posso ser eu mesma com você, e não ser mais bloqueada por tantas dúvidas. Este é o momento mais importante na minha vida, Ragle. É uma coisa realmente solene. Como uma igreja. Quando eu acordei hoje de manhã, eu senti como se tivesse acordado numa igreja, e em toda a minha volta estava o espírito

santo. E eu perguntei a mim mesma quem era o espírito e logo o identifiquei como sendo você. — Ela ficou em silêncio, esperando que ele acrescentasse algo à conversa.

— E quanto àquela questão da Defesa Civil?

— O que tem? Eu acho uma boa ideia.

— Você vai estar lá?

— Não. Como assim?

— Achei que era essa a ideia.

— Ragle — disse ela com exasperação —, sabe, às vezes você é tão misterioso que eu me perco.

Ele percebeu, a essa altura, que tinha cometido um erro. Não lhe restava nada senão esquecer o assunto das aulas de Defesa Civil. Era inútil tentar explicar a ela o que ele tinha em mente e o que pensara quando a sra. Keitelbein o tinha abordado.

— Olhe, June — disse ele —, eu quero muito ver você, tanto quanto você quer me ver. Possivelmente mais, até. Mas eu tenho este maldito concurso para resolver.

— Eu sei. Você tem sua responsabilidade. — Ela disse isso com resignação. — O que me diz de hoje à noite, depois que você botar sua resposta no correio?

— Vou tentar ligar para você — disse Ragle. Mas o marido dela estaria em casa, portanto isso não adiantaria em nada. — Talvez hoje, um pouco mais tarde. No fim da tarde. Acho que posso mandar minha resposta um pouco mais cedo hoje. — Ele estava com sorte e avançando bem, até aquela hora.

— Não. Eu não vou estar em casa hoje à tarde. Tenho um almoço com uma pessoa que conheço há muitos anos. Uma amiga. Sinto muito, Ragle. Há tantas coisas que eu queria dizer a você, fazer com você. Uma vida inteira diante de nós. — Ela continuou falando, e ele ouvindo. Por fim ela disse adeus e ele desligou, sentindo-se deprimido.

Como era difícil se comunicar com ela.

Quando ele ia voltar para o quarto, o telefone tocou novamente.

— Quer que eu atenda? — perguntou Margo, da outra sala.

— Não — disse ele. — Provavelmente é para mim. — Ele ergueu o receptor, com a expectativa de ouvir a voz de June. Mas, em vez dela, uma voz feminina, mais idosa, falou de maneira hesitante:

— O… o sr. Gumm está?

— Sou eu — disse ele. O desapontamento o deixou carrancudo.

— Oh, sr. Gumm. Estava pensando se o senhor se lembrou da aula da Defesa Civil. Aqui é a sra. Keitelbein.

— Estou lembrado — mentiu ele. — Olá, sra. Keitelbein. — Adotando uma postura mais severa, ele disse: — Sra. Keitelbein, lamento ter que…

Ela o interrompeu:

— É hoje à tarde. Hoje é terça. Às duas da tarde.

— Não vou poder ir — disse ele. — Estou preso aqui no meu trabalho para o concurso. Em outro momento…

— Oh, céus. Mas, sr. Gumm, eu tomei a liberdade de contar a todos eles a respeito do senhor. Todos esperam ouvi-lo falar sobre a Segunda Guerra Mundial. Telefonei para cada um pessoalmente, e todos estão entusiasmados.

— Eu lamento.

— Mas isto é uma calamidade — disse ela, visivelmente arrasada. — Talvez o senhor pudesse vir, mesmo sem falar nada; se pudesse ficar aqui na aula e apenas responder perguntas… sei que isso também os agradaria muito. Não poderia encontrar um tempinho para vir? Walter pode ir buscá-lo de carro e pode levá-lo de volta quando acabar. A aula nunca dura mais do que uma hora, então tudo não levaria mais de uma hora e quinze, no máximo.

— Ele não precisa me pegar de carro. A senhora mora a meio quarteirão da minha casa.

— Oh, tem razão. O senhor mora logo acima, aqui na rua. Então com certeza o senhor pode vir, sr. Gumm, por favor, um favor pessoal para mim.

— Está bem — disse ele. Não tinha tanta importância. Uma hora e pouquinho.

— Muito obrigada. — O alívio e a gratidão o inundaram através da voz dela. — Eu agradeço muito.

Depois que desligou, Ragle passou imediatamente a trabalhar nas respostas do dia. Tinha apenas umas duas horas até mandá-las pelo correio, e, como sempre, a sensação de que elas tinham de ser enviadas era muito forte.

Às duas horas, ele subiu os degraus de madeira abaulada e tinta descascando que conduziam à varanda da casa dos Keitelbein, e tocou a campainha.

Abrindo a porta, a sra. Keitelbein disse:

— Seja bem-vindo, sr. Gumm.

Por trás dela, ele avistou na penumbra um ajuntamento de senhoras com

vestidos estampados e uns poucos homens inexpressivos e magros. Todos o olharam, e ele entendeu que tinham estado todos de pé aguardando a sua chegada.

Agora a aula podia começar. Até aqui, pensou ele. Minha importância. Mas aquilo não lhe trouxe satisfação alguma. A única pessoa importante para ele não estava lá. A verdade é que ele tinha muito pouco poder sobre Junie Black.

A sra. Keitelbein o conduziu até a mesa, a escrivaninha antiga que ele e Walter tinham carregado escada acima. Ela colocou uma cadeira para que ele sentasse de frente para a plateia.

— Aqui — disse ela, apontando a cadeira. — O senhor senta aqui.

Ela tinha se arrumado para a aula, uma longa saia transpassada de seda e uma blusa com mangas bufantes e rendas, que trouxe à mente dele festas de formatura e recitais de música.

— Muito bem — disse ele.

— Antes que lhe perguntem alguma coisa — disse ela —, eu gostaria de discutir alguns aspectos da Defesa Civil com a turma, apenas para passarmos logo por essa parte. — Ela deu um tapinha no braço dele. — Esta é a primeira vez que temos uma celebridade em nossos encontros. — Sorrindo, ela se sentou à mesa e deu algumas batidas pedindo ordem.

As indistinguíveis senhoras e seus cavalheiros ficaram em silêncio. O burburinho foi morrendo. Eles haviam sentado nas primeiras filas de cadeiras dobráveis que Walter tinha colocado ali. O próprio Walter estava sentado numa cadeira lá nos fundos da sala, perto da porta. Usava suéter, calças folgadas e gravata e cumprimentou Ragle formalmente, inclinando a cabeça.

Eu devia ter botado o paletó, pensou Ragle. Tinha aparecido em mangas de camisa e agora sentia-se pouco à vontade.

— Na nossa última aula — disse a sra. Keitelbein, cruzando as mãos diante de si sobre a mesa —, alguém levantou uma questão a respeito da nossa impossibilidade de interceptar todos os mísseis inimigos, na eventualidade de um ataque surpresa de força total contra os Estados Unidos. Isto é verdade. Sabemos que seria impossível derrubar todos os mísseis. Uma porcentagem deles vai furar nossas defesas. Esta é a verdade terrível, e temos que encará-la e lidar com ela.

Os homens e as mulheres — eles respondiam como um só corpo, como imagens repetidas uns dos outros — ficaram com uma expressão sombria nos

rostos.

— Se estourar uma guerra — disse a sra. Keitelbein —, vamos ter que encarar, na melhor das hipóteses, uma terrível ruína. Mortos e moribundos na casa das dezenas de milhões. Cidades em escombros, precipitação radioativa, colheitas contaminadas, o germoplasma das futuras gerações inevitavelmente danificado. Mesmo no melhor dos cenários, estaríamos presenciando uma catástrofe em uma escala jamais vista na terra. Os fundos que o nosso governo destina à defesa, que nos parecem às vezes um fardo e uma sangria, seriam uma gota num balde comparados a essa hecatombe.

O que ela diz é verdade, pensou Ragle. Enquanto a escutava, pôs-se a imaginar as mortes, o sofrimento… mato selvagem crescendo nas ruínas das cidades, metal corroído e ossos espalhados numa planície de cinzas sem contornos. Um mundo sem vida, sem sons…

E então ele experimentou, sem qualquer aviso, uma tremenda sensação de perigo. A presença iminente daquilo, a realidade daquilo, o destruiu. Quando a coisa desabou sobre ele, ele emitiu um gemido baixo e quase deu um salto em sua cadeira. A sra. Keitelbein fez uma pausa. Todos se viraram simultaneamente na direção dele.

Estou perdendo tempo, pensou ele. Concurso de jornal. Como pude ficar tão fora da realidade?

— Não está se sentindo bem? — perguntou a sra. Keitelbein.

— Eu estou… bem — disse ele.

Uma pessoa da turma ergueu a mão.

— Pois não, sra. F. — disse a sra. Keitelbein.

— Se os soviéticos dispararem os seus mísseis, vários de uma vez, será que os nossos mísseis antimísseis, usando ogivas termonucleares, não seriam capazes de derrubar um número maior deles do que se fossem disparados em pequenas ondas sucessivas? Pelo que a senhora falou na semana passada…

— Bem lembrado — disse a sra. Keitelbein. — De fato, nós poderíamos esgotar os nossos mísseis antimísseis nas primeiras horas da guerra, e só então descobrir que o inimigo não planejava vencer a guerra com um ataque único e esmagador como o dos japoneses em Pearl Harbor, mas em vez disso planejavam vencer minando nossa resistência aos poucos com bombas de hidrogênio, durante um período de anos, se necessário.

Outra mão se ergueu.

— Sim, sra. P. — disse ela.

Uma parte meio fora de foco destacou-se da plateia, uma mulher dizendo:

— Mas os soviéticos têm condições de sustentar um ataque tão longo? Na Segunda Guerra Mundial, os nazistas não acabaram descobrindo que sua economia não era capaz de suportar as perdas diárias dos grandes bombardeios que eles sofriam nos ataques contínuos contra Londres?

A sra. Keitelbein virou-se para Ragle.

— Talvez o sr. Gumm pudesse responder esta — disse.

Por um momento, Ragle não entendeu que a mulher havia se dirigido a ele. De repente, ele a viu fazendo gestos com a cabeça em sua direção.

— O quê? — perguntou ele.

— Fale para nós sobre as perdas que os nazistas sofreram com os grandes bombardeiros — disse ela. — Nos ataques aéreos contra a Inglaterra.

— Eu estava no Pacífico — disse ele. — Sinto muito, não sei grande coisa sobre o teatro de guerra europeu.

Ele não conseguia lembrar coisa alguma sobre a guerra na Europa; em sua mente nada restava a não ser aquela sensação de perigo imediato. A sensação empurrara tudo o mais para fora, deixando-o vazio. Por que estou sentado aqui?, pensou ele. Eu devia estar… onde?

Passeando pela relva de uma pradaria com Junie Black… estendendo uma toalha na encosta suave e ensolarada da colina, sentindo o cheiro da grama e o sol da tarde. Não, ali não. Isso também já acabou? Uma forma externa e vazia, apenas, sem substância; o sol não está brilhando de verdade, o dia não está de fato quente, mas bastante frio, cinza, com uma chuva quieta, e aquelas cinzas malignas se depositando por cima de todas as coisas. Grama nenhuma, apenas tocos chamuscados, partidos. Poças de água contaminada…

Em sua mente ele corria atrás dela, atravessando uma encosta vazia, deserta. Ela diminuía, desaparecia ao longe. O esqueleto da vida, um suporte de espantalho branco, quebradiço, erguido em forma de cruz. Rindo. Buracos no lugar dos olhos. O mundo inteiro se tornando transparente, pensou ele. Eu estou dentro e olhando para fora. Espiando através de uma rachadura e vendo... o vazio. Olhando o vazio nos olhos.

— Meu entendimento — disse a sra. Keitelbein, dirigindo-se à sra. P. — é que as perdas mais importantes da Alemanha foram os pilotos experientes, e não os aviões. Eles podiam construir aviões para substituir os que iam sendo abatidos, mas eram precisos meses para treinar um piloto. Isso serve de exemplo para uma das mudanças que nos aguardam na próxima guerra, a

primeira Guerra do Hidrogênio: os mísseis não serão pilotados, portanto não haverá perda de pilotos experientes. Os mísseis não vão deixar de ser lançados simplesmente porque não há ninguém para pilotá-los. Enquanto existirem fábricas, os mísseis continuarão vindo.

Na mesa, diante dela, havia uma folha mimeografada. Ragle entendeu que ela estava lendo essa folha. Uma programação pronta, preparada pelo governo.

É o governo quem está falando, pensou ele. Não é apenas uma mulher de meia idade que quer fazer algo de útil. Isto são fatos, não são uma opinião isolada.

Isto é a realidade.

E, pensou ele, eu estou dentro dela.

— Nós temos alguns modelos para lhes mostrar — disse a sra. Keitelbein. — Meu filho Walter os preparou. Eles mostram várias instalações de importância vital. — Ela fez um gesto para o filho, ele ficou de pé e veio na sua direção.

— Se este país quiser sobreviver à próxima guerra — disse Walter em sua voz jovem de tenor —, ele vai ter que inventar um novo sistema de produção. A fábrica, como a conhecemos, vai ser varrida da face da terra. E dará lugar a uma rede de instalações industriais subterrâneas.

Por um momento ele desapareceu das vistas de todos: tinha ido até uma saleta ao lado. Todos aguardaram, com expectativa. Quando voltou, ele trazia uma grande maquete, que colocou sobre a mesa, bem à vista de todos.

— Esta maquete mostra o modelo de um sistema de fábricas industriais — disse ele. — Para ser construído a dois ou três quilômetros de profundidade, a salvo de qualquer ataque.

Todos ficaram de pé para enxergar melhor. Ragle virou a cabeça e viu, sobre a mesa, uma praça de torres e edifícios, réplicas de instalações e dos minaretes de um complexo industrial. Como é familiar, pensou ele. E os dois, inclinados sobre a maquete… aquela cena tinha acontecido antes, em algum lugar do passado.

Ficando de pé, ele se aproximou para ver melhor.

Uma página de revista. Uma fotografia, mas não uma fotografia da maquete, e sim uma foto do original que a maquete reproduzia.

Será que existia mesmo uma fábrica igual àquela?

Vendo a intensidade do seu olhar, a sra. Keitelbein perguntou:

— É uma réplica muito convincente, não é, sr. Gumm?

— Muito — disse ele.

— De onde? — perguntou ela.

Ele quase sabia. Ele quase sabia a resposta.

— O que o senhor acha que uma fábrica assim estaria produzindo? — perguntou a sra. P.

— O que acha, sr. Gumm? — disse a sra. Keitelbein.

Ele disse:

— Possivelmente… lingotes de alumínio. — Aquilo pareceu soar correto. — Praticamente qualquer coisa básica: mineral, metal, plástico, fibras…

— Tenho muito orgulho desta maquete — disse Walter.

— E deve ter mesmo — disse a sra. F.

Ragle pensou: eu conheço cada um desses prédios. Cada centímetro deles. Cada prédio e cada corredor. Cada sala.

Eu já estive aí dentro, pensou ele. Muitas vezes.

Depois da aula sobre Defesa Civil, ele não voltou para casa. Em vez disso, pegou um ônibus para o centro da cidade, para o bairro comercial.

Caminhou por algum tempo. E então, lá adiante, avistou um amplo estacionamento e um prédio baixo com uma placa: SUPERMERCADO LUCKY PENNY. Que lugar enorme, pensou. Vende-se de tudo aí, menos um rebocador de navios. Cruzou a rua e subiu na mureta de concreto que rodeava o estacionamento. Estendendo os braços para se equilibrar, ele caminhou ao longo da mureta até a parte de trás do supermercado, onde ficava a rampa forrada de metal que dava acesso aos caminhões de carga.

Havia quatro carretas paradas ali. Homens com avental enchiam carrinhos e mais carrinhos com caixas de papelão de comida enlatada, frascos de maionese, caixas com frutas frescas e legumes, sacas de farinha e de açúcar. Uma esteira rolante permitia colocar ali caixas menores, como as de cerveja em lata, que dali seguiam automaticamente para dentro do depósito.

Deve ser divertido, pensou ele. Botar uma caixa naquela esteira e ver como ela vai se afastando, cruzando todo aquele espaço e sumindo por uma portinhola. Onde sem dúvida alguém a pega e a coloca em cima de uma pilha. Um processo invisível na outra ponta… alguém lá para receber, alguém que não é visto, trabalhando sem parar.

Acendeu um cigarro e saiu andando.

O diâmetro das rodas dos caminhões era quase igual à altura de Ragle.

Dirigir uma carreta como essa deve dar uma sensação de poder. Ele examinou as placas na traseira de cada um dos caminhões. Dez placas de dez estados diferentes. Do outro lado das Montanhas Rochosas, da planície salgada do Utah, do deserto de Nevada… neve nas montanhas, sol ofuscante nas planícies. Besouros se esmagando de encontro ao para-brisa. Milhares de drive-ins, motéis, postos de gasolina, placas de sinalização. Montanhas eternamente vistas à distância. A árida monotonia da estrada.

Mas é tão bom estar em movimento. A sensação de estar indo a algum lugar. A mudança física de lugar. Uma cidade diferente a cada noite.

Aventura. Um romance com uma garçonete solitária num café de beira de estrada, uma mulher bonita que sonha em viver na cidade grande, viver uma grande vida. Uma mulher de olhos azuis com dentes lindos, cabelo lindo, criada e educada no ambiente saudável do campo.

Eu tenho a minha própria garçonete. Junie Black. Minha própria aventura nos corredores mal iluminados dos romances onde se rouba a mulher alheia. Naquele ambiente amontoado de casinhas, o carro estacionado debaixo da janela da cozinha, roupas no varal dos fundos, incontáveis tarefas mesquinhas mantendo-a ocupada até que nada mais lhe resta, somente a preocupação com as coisas que precisa fazer, que precisa aprontar.

Isso não é o suficiente para mim? Não me basta?

Talvez por isso sinto essa apreensão. A ansiedade de que Bill Black apareça de repente empunhando uma pistola e me encha de chumbo por estar dando em cima da mulher dele. Que ele me pegue enroscado com ela no meio da tarde, por entre as roupas para lavar e a grama por cortar e as compras por fazer. Minha culpa, transformada em fantasias de tragédia, como punição pelas minhas transgressões. Por mais bobas que sejam.

Pelo menos, pensou ele, é isso que diria um psiquiatra. É isso que diriam todas as esposas, que já leram Harry Stack Sullivan, Karen Horney e Karl Menninger. Ou talvez seja a hostilidade que eu sinto contra Black. Dizem que ansiedade é uma transformação da hostilidade reprimida. Meus problemas domésticos projetados para fora, numa tela do tamanho do mundo. E aquela maquete de Walter. Eu devo estar querendo viver no futuro. Porque aquilo é a maquete de algo que existe no futuro. E quando eu a vi, ela me pareceu perfeitamente natural.

Dando a volta até a parte da frente do supermercado, ele passou diante da fotocélula, fazendo a porta se abrir à sua frente. Cruzou os caixas, foi até o

setor de frutas e verduras. Avistou Vic junto dos balcões de cebola; ele estava atarefado, separando as cebolas estragadas e jogando-as num latão redondo de zinco.

— Oi — disse Ragle, aproximando-se.

— Oi! — disse Vic, e continuou a escolher as cebolas. — Já respondeu o concurso de hoje?

— Sim. Já botei no correio.

— Como está se sentindo hoje?

— Melhor — disse Ragle. A loja estava com pouco movimento àquela hora, então ele disse: — Podemos dar uma volta?

— Se for coisa rápida.

— Vamos para algum lugar onde a gente possa conversar.

Vic tirou o avental e o deixou junto do latão de zinco. Ele e Ragle passaram pelos caixas e Vic avisou que voltaria em dez ou quinze minutos. Então os dois saíram e cruzaram o estacionamento até o lado oposto.

— Que tal o American Diner Café? — perguntou Vic.

— Ótimo — disse Ragle.

Ele seguiu Vic até a rua, no meio do trânsito agressivo de final de tarde. Como sempre, Vic não mostrava a menor hesitação ao disputar espaço na rua com os carros de duas toneladas.

— Você nunca foi atropelado? — perguntou Ragle, quando um Chrysler passou tão perto às suas costas que o escapamento esquentou suas batatas das pernas.

— Por enquanto não — disse Vic, com as mãos nos bolsos.

Quando entraram no café, Ragle viu um dos caminhões verde-oliva de manutenção da prefeitura estacionado a pouca distância.

— O que foi? — disse Vic, quando o viu parar de repente.

Ragle apontou:

— Olhe.

— O que tem? — disse Vic.

— Eu detesto essas coisas. Esses caminhões da prefeitura. — A equipe da prefeitura que estava abrindo buracos na rua em frente da casa provavelmente o tinha visto caminhando até a casa dos Keitelbein. — Esqueça o café — disse ele a Vic. — Vamos voltar para o mercado.

— Como preferir. De qualquer forma, é para lá que vou ter que voltar. — Quando cruzavam a rua de volta, ele perguntou: — Qual é o seu problema

com a prefeitura? Tem algo a ver com Bill Black?

— Possivelmente — respondeu Ragle.

— Margo me disse que Junie apareceu lá ontem, depois que saí para o trabalho. Toda elegante. E falando alguma coisa sobre um advogado.

Sem responder, Ragle entrou no supermercado. Vic o seguiu.

— Aonde podemos ir? — perguntou Ragle.

— Aqui — disse Vic. Puxando uma chave, ele abriu uma cabine usada para contar dinheiro, perto do setor de bebidas. Lá dentro havia um par de banquinhos, e nada mais. Vic fechou a porta depois que entraram e sentou num dos bancos. — A janela está fechada — disse ele, indicando a janelinha por onde eram trocados os cheques. — Ninguém pode nos ouvir aqui. Do que se trata?

— Não tem nada a ver com June — disse Ragle, sentando de frente para o cunhado. — Não tenho nenhuma história sórdida para contar.

— Que bom. De qualquer modo, não estou muito nesse clima. Você está muito diferente desde que o taxista te trouxe para casa. Não sei dizer o que é, mas eu e Margo conversamos sobre isso ontem à noite, antes de dormir.

— O que foi que concluíram?

Vic disse:

— Você parece mais contido.

— Acho que sim.

— Ou mais calmo.

— Não. Não estou mais calmo.

— Ninguém espancou você, não? Naquele bar?

— Não — disse Ragle.

— Foi essa a primeira coisa em que pensei quando Daniels, o tal motorista, colocou você naquele sofá. Mas você não tinha marca nenhuma. E você saberia, se tivesse apanhado: veria as marcas, sentiria dor. Eu levei uma surra, certa vez, anos atrás. Demorei meses para superar aquilo. É o tipo da coisa que demora.

— O que eu sei é que eu quase fugi.

— Fugiu de que?

— Daqui. Deles.

Vic ergueu a cabeça.

— Eu quase consegui transpor o limite e ver as coisas como são. Não da maneira como elas foram criadas para serem vistas, em função de nós. Mas

justo nesse momento eles me agarraram e me trouxeram de volta. E deram um jeito de eu não conseguir lembrar as coisas com clareza, para não me aproveitar do que vi. Mas…

— Mas o quê? — disse Vic. Através da janelinha da cabine, ele mantinha os olhos fixos na loja, nas prateleiras, nos caixas e na porta.

— Eu sei que não passei nove horas no Bar do Frank. Eu acho que estive lá. Tenho uma lembrança do lugar. Mas estive em algum outro lugar por bastante tempo, e depois eu estava num lugar bem alto, onde havia uma casa. Fazendo alguma coisa, com outras pessoas. Foi nessa casa que eu segurei na mão algo que não sei o que foi. E isso é o máximo que consigo detalhar. O resto se perdeu para sempre. Hoje alguém me mostrou uma réplica de algo, e acho que nessa tal casa eu vi uma fotografia da coisa, dessa mesma coisa. Então a prefeitura mandou seus caminhões e…

Ele ficou sem voz.

Nenhum dos dois disse nada em seguida. Depois de algum tempo, Vic falou.

— Tem certeza de que tudo isto não é apenas medo de que Bill Black pegue você com Junie?

— Não — disse Ragle. — Não é isso.

— Está bem — disse Vic.

— Aquelas carretas de mercadorias lá fora. Elas viajam por vários estados, grandes distâncias, não é verdade? Mais do que qualquer outro tipo de veículo.

— Não tão longe quanto um jato comercial, ou um barco a vapor, ou um grande trem — disse Vic. — Mas às vezes percorrem uns três mil quilômetros.

— Isso já é bastante longe. Mais do que consegui naquela noite.

— Você acha que num desses poderia passar?

— Eu acho que sim — disse Ragle.

— E quanto ao seu concurso?

— Não sei.

— Não deveria continuar trabalhando nisso?

— Deveria — disse ele.

Vic disse:

— Você está com problemas.

— Estou. Mas eu quero tentar de novo. Só que desta vez eu já sei que não

posso simplesmente caminhar até conseguir sair. Eles não vão me deixar sair. Vão me trazer de volta todas as vezes.

— E você faria como? Vai se enfiar dentro de um barril para ser embalado junto com os refugos que voltam para a fábrica?

Ragle disse:

— Talvez você possa me dar alguma sugestão. Você vê o tempo todo como eles carregam e descarregam. Eu nunca tinha visto isso antes.

— Tudo que eu sei é que eles trazem as mercadorias dos lugares onde elas são feitas ou produzidas ou colhidas. Não sei dizer se isso é bem inspecionado, quantas vezes abrem a porta para fiscalizar durante o percurso, ou quanto tempo você teria que ficar trancado ali. Pode ser que empacotem você e deixem um mês esperando. Ou pode ser também que eles descarreguem os caminhões assim que saem daqui.

— Conhece algum dos motoristas?

Vic pensou um pouco.

— Não — disse ele por fim. — Na verdade, não. Eu os vejo, mas para mim são apenas nomes. Bob, Mike, Pete, Joe.

— Não consigo ter nenhuma outra ideia do que fazer — disse Ragle. E vou tentar de novo, sim, ele pensou. Eu quero ver aquela fábrica, não a foto nem a maquete, mas a coisa em si. Quero ver a *Ding an sich,* como dizia Kant. — É uma pena que você não se interesse por filosofia — disse ele a Vic.

— Me interesso às vezes — disse Vic. — Mas não agora. Você está falando desses problemas do tipo "Como serão as coisas na realidade"? Dias atrás, voltando para casa de ônibus, eu tive um vislumbre de como as coisas são realmente. Eu enxerguei através da ilusão. As outras pessoas no ônibus não passavam de espantalhos pregados bem eretos nos assentos. O próprio ônibus… — Ele fez com a mão um gesto abarcando tudo. — Era uma casca oca, sem nada além de algumas barras de suporte, mais a minha cadeira e a cadeira do motorista. Mas o motorista era real, sim. Estava de fato me levando para casa. Mas era só eu.

Ragle enfiou a mão no bolso e tirou a caixinha de metal que levava consigo. Abrindo-a, ele a estendeu para Vic.

— O que é isso? — disse Vic.

— A realidade — disse ele. — Estou lhe dando o real.

Vic pegou um dos pedaços de papel e leu o que estava escrito ali.

— Aqui diz "bebedouro". O que significa?

— O que jaz por baixo de tudo — disse Ragle. — A palavra. Talvez seja a palavra de Deus. O logos. “No princípio era o Verbo.” Não sei explicar. Tudo que eu sei são as coisas que vejo e as que me acontecem. Acho que estamos vivendo em algum outro mundo, diferente do mundo que nós vemos, e durante algum tempo eu soube exatamente como era esse outro mundo. Mas eu o perdi desde então. Desde aquela noite. O futuro, talvez.

Entregando-lhe de volta a caixa de palavras, Vic disse:

— Quero que você dê uma olhada numa coisa. — Ele apontou a janelinha de trocar cheques, e Ragle olhou. — Veja lá nos caixas, uma loura alta de suéter preto. A dos peitos.

— Já vi ela antes — disse Ragle. — É de parar o trânsito. — Ele ficou olhando enquanto a garota passava os produtos pela caixa registradora; enquanto trabalhava, ela mantinha um sorriso feliz, um sorriso largo e luminoso de dentes muito brancos. — Acho que você já me apresentou a ela uma vez.

Vic disse:

— Estou falando sério, quero te perguntar uma coisa. Isto pode parecer uma observação de mau gosto, mas eu acho que é da maior importância. Não acha que poderia resolver seus problemas indo naquela direção, ao invés de ir em qualquer outra? Liz é inteligente, ou pelo menos tem mais coisa na cabeça do que Junie Black. Ela é atraente, sem dúvida. E não é casada. Você tem dinheiro o bastante e é famoso o suficiente para despertar o interesse dela. O resto é com você. Leva Liz para sair algumas vezes e depois a gente volta a discutir esse assunto.

— Não acho que isso possa ajudar.

— Mas você daria um oi para ela, não daria?

— Eu sempre dou um oi — disse Ragle. — A esse tipo especialmente.

— Está bem. Se tem certeza, vamos em frente. O que você quer tentar: pegar um dos caminhões?

— Não podíamos?

— Podemos tentar.

— Quer vir junto? — disse Ragle.

— Está bem — disse Vic. — Eu gostaria de ver, sem dúvida. Gostaria de dar uma olhada lá fora.

— Então você me diz depois como é que a gente pode fazer para conseguir um desses caminhões. Isto aqui é sua loja, vou deixar essa parte com você.

Às cinco horas, Bill Black viu os caminhões estacionando no pátio embaixo da janela de sua sala. A certa altura, o telefone soou e sua secretária disse:

— O sr. Neroni quer vê-lo, sr. Black.

— Quero falar com ele. — Ele abriu a porta da sala. Logo depois apareceu um homem musculoso, de cabelo escuro, vestindo macacão e calçando botas de trabalho. — Me diga o que aconteceu hoje.

— Tomei umas notas — disse Neroni, pondo um rolo de fita em cima da mesa. — Para ficar um registro permanente. E há gravações de vídeo, mas as fitas não chegaram ainda. A equipe da companhia telefônica diz que ele recebeu um telefonema da sra. Black por volta das dez horas. Nada de mais nele, exceto que aparentemente ele pensava que os dois iam se encontrar em alguma aula da Defesa Civil. Ela disse que ia encontrar uma amiga no centro da cidade. Depois disso, a mulher que coordena essas aulas da Defesa Civil ligou para lembrá-lo de que a aula era às duas da tarde de hoje. A sra. Keitelbein.

— Não — disse Black. — A sra. Kesselman.

— É uma senhora de meia-idade, com um filho adolescente.

— Essa mesma — disse Black. Ele lembrava de ter encontrado os Kesselman anos atrás, quando toda a situação havia sido planejada. E a sra. Kesselman aparecera pouco tempo atrás, com uma prancheta e alguns panfletos da Defesa Civil. — Ele foi para essa aula de Defesa Civil?

— Foi. Colocou as respostas no correio e depois foi para a casa dela.

Ninguém dissera nada a Black a respeito dessas aulas de Defesa Civil; ele não sabia do que se tratava. Mas os Kesselman não recebiam instruções de ninguém do departamento dele.

— Alguém foi cobrir a aula de Defesa Civil? — perguntou ele.

— Não que eu saiba — disse Neroni.

— Não faz mal. Ela mesma ministra as aulas, não é isso?

— Até onde eu sei, é isso. Quando ele tocou a campainha, ela veio recebê-lo pessoalmente na porta. — Nesse momento, Neroni franziu a testa e disse: — Tem certeza de que estamos falando da mesma pessoa? A sra. Ketelbein?

— Algo assim — disse ele.

Sentia-se prestes a cair. As ações de Ragle Gumm nos últimos dias tinham provocado nele um desconforto constante. A sensação de um dia a dia em equilíbrio precário que tinham alcançado não o abandonara com a volta de

Ragle.

Sabemos agora que ele pode fugir, Black pensou. A despeito de tudo, podemos vir a perdê-lo. Ele pode retornar gradualmente à sanidade, fazer planos e realizá-los; não ficaremos sabendo até ser tarde demais, ou quase isso.

Na próxima vez, provavelmente não conseguiremos mais encontrá-lo. Ou, se não nessa, na vez seguinte. Mais cedo ou mais tarde.

Não vai adiantar de nada me esconder no fundo do armário, pensou Black. Me enfiar embaixo das cobertas, no escuro, sem ninguém me ver… Isso não vai me adiantar de nada.

12

Quando Margo chegou no estacionamento, não viu nenhum sinal do marido. Desligou o motor do Volkswagen e ficou algum tempo sentada, olhando a porta de vidro do supermercado.

A esta hora ele costuma estar livre, pensou ela.

Saiu do carro e caminhou pelo estacionamento na direção da loja.

— Margo! — chamou Vic. Ele estava na parte de trás do mercado, na área de descarga. O seu modo de caminhar, a tensão no seu rosto deixaram claro que alguma coisa tinha acontecido.

— Você está bem? Não aceitou aquela sugestão de trabalhar no domingo, aceitou? — Esta era uma discussão que os dois tinham havia anos.

Vic segurou o braço dela e a conduziu de volta ao carro.

— Não vou para casa com você — disse ele, abrindo o carro, ajudando-a a entrar e entrando depois dela, após o que fechou a porta e ergueu os vidros.

Atrás do mercado, uma enorme carreta de vários eixos tinha começado a se mexer, indo na direção do Volkswagen. Será que esse monstro vai passar por cima de nós?, pensou Margo. Só um toque desse para-choque dianteiro e não sobra nada deste carro ou de nós dois.

— O que ele está fazendo? — ela perguntou a Vic. — Não acho que ele saiba dirigir um caminhão desses. E esses caminhões não saem por este portão aqui, não é assim? Acho que você me disse…

Interrompendo-a, Vic falou:

— Escute. É Ragle que está nesse caminhão.

Ela o encarou. E então ergueu os olhos para a cabine do caminhão. Ragle acenou para ela, um movimento rápido com a mão.

— Como assim, então você não vai para casa comigo? — questionou ela. — Quer dizer que vocês vão levar essa coisa enorme para a nossa casa e estacioná-la lá? — Ela visualizou o caminhão estacionado junto à casa, lembrando a todos os vizinhos que o marido dela trabalhava num

supermercado. — Escute, eu não quero que você volte para casa dirigindo uma dessas coisas. Estou falando sério.

— Eu não vou para casa nisso aí. Seu irmão e eu vamos usá-lo para fazer uma viagem. — Ele pôs o braço em volta dela e a beijou. — Não sei quando volto. Não se preocupe com a gente. Há uma ou duas coisas que eu quero que você faça…

Ela o interrompeu:

— Vocês vão, os dois? — Aquilo não fazia sentido para ela. — Me diga do que se trata.

— A coisa mais importante que eu quero que faça é dizer a Bill Black que eu e Ragle estamos trabalhando aqui no supermercado. Não diga nada mais a ele; não diga que fomos embora; e não diga quando nem como. Entendeu isso? A qualquer momento que os Black aparecerem lá em casa e perguntarem por Ragle, diga que acabou de falar com ele e que ele estava no supermercado. Mesmo que sejam duas da madrugada. Diga que eu pedi a ajuda dele para preparar um balanço, porque estamos passando por uma auditoria de surpresa.

— Posso perguntar uma coisa? — disse ela, esperando conseguir pelo menos alguma informação; era óbvio que ele não queria dizer muita coisa. — Ragle estava com Junie Black naquela noite em que o taxista o trouxe para casa?

— Meu Deus, claro que não.

— Você está levando Ragle para algum lugar só para que Bill Black não encontre e mate ele?

Vic a encarou.

— Você está na pista errada, meu bem. — Ele a beijou de novo, apertando-a, e abriu a porta do carro. — Diga adeus a Sammy por nós. — Virando-se para a boleia do caminhão, ele respondeu “O quê?!” e depois, virando-se para dentro do Volkswagen, falou: — Ragle está pedindo para você dizer a Lowery, do jornal, que ele encontrou um concurso que paga melhor. — Sorrindo para ela, ele deu a volta na boleia do caminhão, e ela o ouviu abrindo a porta do outro lado e subindo, e então o rosto dele apareceu junto ao de Ragle.

— Adeus — gritou Ragle para ela. Ele e Vic acenaram. Rugindo e roncando, soltando fumaça preta pelo escapamento, o caminhão começou a deixar o estacionamento e entrar no tráfego da rua. Carros diminuíram a

marcha à sua chegada; o caminhão descreveu uma curva lenta e laboriosa para a direita e logo tinha desaparecido por trás do supermercado. Por um longo tempo, Margo ainda escutou suas pesadas vibrações enquanto ele ganhava velocidade e sumia à distância.

Eles perderam o juízo, pensou ela, arrasada. Num gesto propositalmente medido e pensado, ela enfiou a chave na ignição do Volkswagen e ligou o motor. Por trás dela, o ruído do carro apagou os últimos ecos da partida do caminhão.

Vic está tentando salvar Ragle, disse ela para si mesma. Tentando levá-lo para algum lugar onde ele fique em segurança. Eu sei que Junie foi consultar um advogado. Será que eles pretendem se casar? Talvez Bill não queira conceder o divórcio a ela.

Que coisa terrível, vir a ter Junie Black como cunhada.

Meditando a respeito disso, ela dirigiu para casa bem devagar.

Enquanto o caminhão avançava por entre o tráfego do anoitecer, Vic disse ao cunhado:

— Você não acha que uma carreta enorme como esta pode muito bem se desvanecer assim que cruzar os limites da cidade?

Ragle disse:

— A comida tem que ser trazida de fora. É a mesma coisa que nós faríamos se quiséssemos manter um zoológico funcionando. — Duas coisas muitíssimo parecidas, pensou ele. — Acho que aqueles homens descarregando caixas e caixas de picles, camarão e toalhas de papel são a conexão entre nós e o mundo real. Pelo menos é algo que faz sentido. A que mais podemos nos agarrar?

— Espero que ele consiga respirar bem aí — disse Vic.

Eles tinham esperado até que todos os outros motoristas tivessem partido, deixando aquele por último. Ted, o motorista, estava na parte de trás da carreta, empilhando caixas, quando ele e Ragle vieram e trancaram por fora as pesadas portas de metal da carroceria. Depois, levaram menos de um minuto para subir à boleia e começar a esquentar o motor a diesel. Enquanto faziam isso, Margo chegou no Volkswagen.

— Pelo menos não é um caminhão frigorífico — disse Ragle. Ou pelo menos é o que Vic havia garantido, enquanto eles esperavam que os outros caminhões fossem embora.

— Não acha que teria sido melhor deixá-lo na loja? Há uns depósitos lá no fundo onde ninguém nunca vai.

Ragle disse:

— Eu tenho a intuição de que ele conseguiria sair. Mas não me pergunte como eu sei disso.

Vic não perguntou. Manteve os olhos na estrada. A esta altura, já haviam deixado para trás o setor comercial do centro da cidade. O tráfego estava menos intenso. As lojas foram aos poucos dando lugar às ruas residenciais, pequenas casas modernas de um andar, com longas antenas de TV e roupas penduradas em arames, cercas altas de madeira, carros estacionados.

— Fico me perguntando onde vão nos parar — disse Ragle.

— Talvez isso não aconteça.

— Sim, eles vão. Mas talvez já estejamos fora, desta vez.

Depois de algum tempo, Vic falou:

— Pense nisto. Se esta tentativa não der certo, eu e você vamos enfrentar um processo por sequestro criminoso, e eu não vou mais arranjar emprego no comércio, e você provavelmente vai ser obrigado a renunciar ao concurso de “Onde o homenzinho verde vai aparecer agora”.

As casas foram rareando. O caminhão passou por postos de gasolina, cafés de mau gosto, sorveterias, motéis. Aquele sórdido desfile de motéis… como se, pensou Ragle, já tivéssemos viajado mais de mil quilômetros e estivéssemos chegando em outra cidade. Nada é tão alheio, tão desolado e tão pouco acolhedor quanto aquela fila interminável de postos de gasolina — postos de gasolina barata — e de motéis nos arredores de sua cidade. Você não se reconhece naquilo. E ao mesmo tempo você se apega profundamente a eles. Não por uma noite apenas, mas por todo o tempo que você viver.

Mas não queremos mais viver aqui. Nós estamos indo embora. Para sempre.

Já terei vindo tão longe antes?, ele pensou. Estavam agora viajando em campo aberto. Passaram por uma última intersecção, uma estrada vicinal servindo indústrias que tinham sido alocadas para terrenos distantes da cidade. Os trilhos da via férrea… ele notou um trem imensamente longo, parado. Os gigantescos tambores de produtos químicos nas torres das fábricas.

— Não existe nada como isto aqui — disse Vic. — Principalmente ao pôr do sol.

O tráfego, agora, se resumia a outros caminhões, com poucos carros de

passeio.

— Lá está o seu bar — disse Vic.

À direita, Ragle avistou a placa, BAR DO FRANK — PETISCOS E DRINQUES. Aparência bem moderna. Um lugar limpo, com certeza. Carros novos estacionados. A carreta passou rugindo diante dele. O bar ficou para trás.

— Bem, desta vez você foi mais longe — disse Vic.

À frente deles, a rodovia levava a uma série de morros. Lá em cima, pensou Ragle. Talvez eu tenha de algum modo conseguido chegar lá no alto. Tenha tentado subir a pé esses morros. Podia estar tão bêbado assim?

Não admira que não tenha conseguido.

E avançaram, mais e mais. A paisagem do descampado ficou monótona. Campinas, colinas suaves, tudo indistinto, com placas de propaganda de vez em quando. E então, sem aviso, as colinas se achataram e eles se viram descendo um declive em linha reta.

— É isso que me faz suar frio — disse Ragle. — Guiar uma carreta pesada como esta numa ladeira muito grande. — Ele já reduzira a marcha o bastante para prender a massa do caminhão. Pelo menos não estavam carregados; o peso do caminhão era suficiente para que ele, com sua limitada experiência, conseguisse controlá-lo. Durante o tempo em que ficara esquentando o motor, ele tinha se familiarizado com as marchas do veículo. Disse para Vic: — De qualquer maneira, a gente tem uma buzina alta como o diabo. — Ele deu duas buzinadas rápidas, só para fazer um teste, e isso fez os dois darem um pulo.

No final da ladeira, uma placa preta e amarela chamou sua atenção. Eles conseguiam avistar um agrupamento de cabanas ou de casas provisórias. Tinha um aspecto soturno.

— Aqui está — disse Vic. — Era disso que você falava.

Diante das cabanas, no acostamento, havia uma fila de caminhões parados. Quando chegaram mais perto, viram alguns homens de uniforme. Por cima da rodovia, uma placa balançava ao vento da noite. POSTO DE INSPEÇÃO AGRÍCOLA INTERESTADUAL - CAMINHÕES: BALANÇA NA PISTA DA DIREITA.

— Isso se refere a nós — disse Vic. — A balança. Vão nos pesar. Se estiverem mesmo fazendo inspeção, vão pedir para abrir o compartimento de carga. — Olhou para Ragle. — Não podíamos parar aqui e tentar fazer algo com Ted?

Tarde demais, percebeu Ragle. Os inspetores já enxergavam perfeitamente

tanto o caminhão quanto eles dois na boleia; qualquer coisa que tentassem fazer seria plenamente visível. Junto da primeira cabana, dois carros da polícia estavam parados numa posição tal que podiam entrar na rodovia em poucos segundos. Também não podemos correr mais do que eles, pensou Ragle. Não há o que fazer senão continuar.

Um inspetor, com calças azuis bem passadas, uma camisa azul-clara, distintivo e boné, aproximou-se morosamente da estrada quando eles começaram a diminuir a marcha. Sem nem olhar para os dois, fez sinal com o braço mandando-os passar.

— Não vamos ter que parar! — disse Ragle, animado. — É de mentira! — Ele acenou de volta para o inspetor e Vic fez o mesmo. O homem já ficara lá para trás. — Eles nem sequer param essas grandes carretas, somente os outros carros. Conseguimos sair.

As cabanas e a placa ficaram mais distantes e finalmente desapareceram lá atrás. Eles haviam saído; tinham conseguido, enfim. Nenhum outro tipo de veículo teria conseguido passar. Mas os caminhões de carga genuínos entravam e saíam o dia inteiro… e pelo espelho retrovisor Ragle viu mais uns dois ou três caminhões sendo convidados a seguir em frente. Os caminhões parados no acostamento eram de mentira, tal como o resto do equipamento.

— Nenhum deles — disse Ragle. — Nenhum desses caminhões precisou parar.

— Você tinha razão — disse Vic. Ele se recostou no banco. — Acho que se tivéssemos tentado passar por aí no Volkswagen, eles nos diriam que o carro estava com os bancos infestados de insetos. Besouros japoneses… “Senhor, vão ter que voltar e aplicar spray e conseguir um formulário de autorização para a nova inspeção com validade de um mês, sujeito a apreensão do veículo por tempo indeterminado.”

Enquanto dirigia, Ragle notou que a rodovia começava a sofrer uma transformação. Agora que tinham passado o posto de inspeção, a estrada se dividia em duas, cada uma com cinco pistas, absolutamente retas e planas. E não era mais de concreto. Ele não reconheceu o material por onde a carreta trafegava agora.

Isto é o lado de fora, ele pensou. A rodovia de fora, que éramos proibidos de ver ou até de saber que existia.

Carretas à frente e atrás deles. Algumas carregadas de mercadorias, indo para a cidade, outras vazias, saindo dela. Fileiras de formigas entrando e

saindo do formigueiro. Um movimento incessante. E não se via um único carro de passageiros. Somente o rugido dos caminhões a diesel.

E, ele percebeu, as placas de propaganda tinham desaparecido.

— É melhor acender os faróis — disse Vic. A penumbra do anoitecer já se espalhava pelos morros e pelas campinas. Um caminhão que cruzou com o deles, na estrada oposta, já vinha com os faróis acesos. — Precisamos obedecer a lei. Sejam elas quais forem.

Ragle acendeu as luzes da carreta. A noite parecia quieta e solitária. Ao longe, um pássaro deu um voo rasante sobre a superfície da terra, com as asas bem esticadas. Depois pousou numa cerca.

— O que me diz do combustível? — perguntou Ragle.

Inclinando-se ao lado dele, Vic olhou o medidor no painel.

— Meio tanque — respondeu. — Para dizer a verdade, não faço a menor ideia da distância que um caminhão como este pode percorrer com um tanque. Ou se ele tem um tanque reserva. Sem carga, temos a chance de ir bem longe. Depende em grande medida do relevo, das ladeiras que tivermos pela frente. Um veículo pesado perde muita força nas subidas; a gente vê caminhões na metade de uma subida, avançando a menos de vinte quilômetros por hora, em primeira marcha.

— Talvez fosse melhor deixarmos Ted sair — disse Ragle. Tinha lhe ocorrido que o dinheiro que traziam talvez não tivesse valor ali. — Vamos precisar comprar combustível e comida e não sabemos onde, nem sequer se podemos fazer isso. Ele talvez tenha algum cartão de crédito. E dinheiro que valha aqui fora.

Vic jogou no colo dele uma porção de papéis.

— Estavam no porta-luvas — disse ele. — Cartões de crédito, mapas, tíquetes de refeição. Mas não há dinheiro. Vamos ver o que conseguimos com os cartões. Geralmente eles valem para… — Ele interrompeu a fala, depois continuou: — Motéis. Se eles tiverem. O que acha que vamos encontrar?

— Não sei — disse Ragle. A escuridão da noite tinha obliterado a paisagem em volta deles. No espaço vazio entre as cidades não havia iluminação pública que lhes desse qualquer ideia do entorno. Somente o campo aberto, e por cima o céu, em que surgia uma espécie de azul-negro onde já brilhavam algumas estrelas.

— Vamos esperar até o amanhecer? — perguntou Vic. — Vamos ter que

dirigir a noite inteira?

— Talvez — disse Ragle. Numa curva, os faróis do caminhão iluminaram um trecho de uma cerca e alguns arbustos por trás dela. Eu tenho a sensação de que isto já aconteceu antes, pensou ele. Vivendo algo pela segunda vez.

Ao lado dele, Vic examinava as coisas que tinha tirado do porta-luvas.

— O que acha disto? — perguntou.

Ele segurava uma longa fita de papel em cores brilhantes. Ragle deu uma olhadela e viu o que estava escrito: UM MUNDO FELIZ.

Em cada ponta da fita, num amarelo luminoso, uma serpente enroscada em forma de S.

— Tem cola por trás — disse Vic. — Deve ser para colar no para-choque.

— Como aquelas propagandas de bigodinho de leite — disse Ragle.

Depois de uma pausa, Vic falou numa voz mais baixa:

— Me deixe segurar o volante um pouco. Quero que você olhe isto mais de perto. — Ele agarrou o volante e entregou a fita adesiva a Ragle. — Embaixo. Uma frase impressa.

Erguendo a fita para perto da luzinha do teto, Ragle leu: “Uso obrigatório de acordo com Lei Federal”.

Ele devolveu o adesivo a Vic.

— Vamos encontrar muito mais coisas que a gente não entende — disse ele. Mas aquela fita o tinha perturbado, também. Muito autoritária… aquilo tinha que estar colado, senão…

Vic falou:

— Tem mais. — Do porta-luvas ele foi tirando vários outros adesivos, dez ou doze, todos idênticos. — Ele deve colar uma todas as vezes que faz uma viagem. E ao entrar na cidade ele arranca.

Quando chegaram a um trecho vazio de estrada, em que não se via nenhum outro veículo, Ragle desviou a carreta para o cascalho do acostamento, parou e puxou o freio de mão.

— Vou dar uma olhada lá atrás — disse ele. — Vou ver se ele tem ar suficiente. — Enquanto abria a porta do compartimento de carga, completou: — E vou perguntar sobre esses adesivos.

Nervoso, Vic se postou atrás do volante.

— Duvido que ele responda alguma coisa — disse.

Caminhando com cuidado, Ragle deu a volta ao caminhão, no escuro, passando pelas enormes rodas, até chegar na traseira. Puxou a escadinha de

metal, subiu e bateu na porta.
— Ted! — disse. — Ou como quer que se chame. Você está bem?
De dentro do compartimento, veio uma voz indistinta:
— Sim, estou bem, sr. Gumm.
Até mesmo aqui, pensou ele. Parado no acostamento de uma estrada, em pleno deserto, longe das cidades. E me reconhecem.
— Escute, sr. Gumm — disse o homem, falando com a boca próxima à fenda entre as duas portas. — O senhor não sabe o que tem lá do lado de fora, sabe? O senhor não faz ideia. Escute: não há nenhuma chance neste mundo de que o senhor encontre algo além de grande perigo, perigo para o senhor e para todo mundo. Tem que acreditar em mim, estou dizendo a verdade. Um dia o senhor vai olhar para trás e vai me dar razão. O senhor vai me agradecer. Olhe isto aqui. — Um pedaço de papel quadrado apareceu pela fenda e caiu flutuando. Ragle apanhou-o no ar. Era um cartão, em cujo verso o motorista tinha rabiscado um número de telefone.
— Para que é isto? — disse Ragle.
O motorista disse:
— Quando chegar na próxima cidade, pare o caminhão e telefone para esse número.
— A que distância fica a próxima cidade?
Uma hesitação, e o homem respondeu:
— Não tenho certeza. Deve estar perto. É difícil calcular a distância estando preso aqui dentro.
— Você tem ar suficiente?
— Tenho, sim. — O homem soava resignado, mas ao mesmo tempo muito nervoso. Ele insistiu, com a mesma voz intensa, tentando convencê-lo: — Sr. Gumm, não me incomodo de ficar aqui o tempo que o senhor achar necessário, mas no máximo em uma ou duas horas o senhor precisa entrar em contato com alguém.
— Por quê? — disse Ragle.
— Não posso dizer. Olhe aqui, o senhor aparentemente já percebeu o bastante para ter a ideia de sequestrar este caminhão e fugir. Então o senhor deve ter alguma ideia. Se já pensou a respeito, o senhor deve perceber que se trata de algo muito importante, não é só um capricho de alguém, construir todas aquelas casas e aquelas ruas e enchê-las de automóveis antigos.
Converse mais, pensou Ragle consigo mesmo.

— O senhor nem mesmo sabe dirigir direito uma carreta deste tamanho. Digamos que o senhor pegue uma subida muito íngreme? Este troço pesa mais de vinte toneladas quando está carregado, embora não esteja carregado agora. Mas o senhor pode falhar em alguma coisa. E aí na frente vai haver algumas barreiras na estrada que o senhor não vai conseguir atravessar. Provavelmente não tem a menor ideia do que fazer para ter permissão de passar. E não vai saber trocar de marchas direito numa ladeira, e assim por diante. — O homem ficou em silêncio.

— Para que serve aquele adesivo? — disse Ragle. — O que tem uma frase e uma serpente.

— Meu Deus do céu — grunhiu o motorista.

— É preciso colocá-lo?

Praguejando, o motorista por fim conseguiu dizer:

— Escute, sr. Gumm, se não estiver usando aquilo eles explodem o caminhão, pelo amor de Deus, eu estou dizendo a verdade!

— Como se usa?

— Me deixe sair e eu mostro. Não vou dizer como é. — A voz do homem estava se elevando a um tom histérico. — É melhor me deixar sair para eu colar o adesivo, senão, juro por Deus, o senhor não vai passar pelo primeiro tanque que o avistar.

Tanques, pensou Ragle. Aquela ideia o deixou pasmo.

Saltando para o chão, Ragle caminhou de volta à boleia.

— Acho que vamos ter que deixar ele sair — disse ele a Vic.

— Eu escutei o que ele disse — disse Vic. — Seja como for, prefiro que ele esteja do lado de fora.

— Ele pode estar nos manipulando.

— Então é melhor não corrermos riscos.

Ragle voltou lá para trás, subiu a escada e destrancou a porta. Ela se abriu para fora, e o motorista, ainda praguejando em voz baixa, saltou direto para o chão de cascalho.

— Aqui está o adesivo — disse ele, estendendo-a para o outro. — O que mais precisamos saber?

— Precisam saber tudo — disse o homem, com voz irritada. Ajoelhando-se, ele descolou uma proteção transparente do verso do adesivo, colou-o com cuidado no para-choque traseiro e depois o alisou com o punho fechado. — Como está pensando em comprar combustível?

— Cartão de crédito — respondeu Ragle.

— Que piada — disse o homem, ficando de pé. — Esses cartões são para uso lá… lá na cidade. São de mentira. São cartões velhos da Standard Oil; não existem cartões assim há mais de vinte anos. — Encarando Ragle, ele prosseguiu: — Tudo é racionado. Querosene para a carreta…

— Querosene — ecoou Ragle. — Pensei que ela usava óleo diesel.

— Não — disse o motorista, depois de uma enorme relutância. Ele cuspiu no cascalho. — Não é diesel. Essa chaminé é falsa. São turbinas. A carreta usa querosene. Mas eles não vão vender nada para você. No primeiro lugar em que parar, eles vão perceber que alguma coisa não está certa. E aqui fora… — A voz dele se elevou novamente, histérica. — Aqui o senhor não pode correr nenhum risco! Nenhum mesmo!

— Quer ir junto com a gente na boleia? — perguntou Ragle. — Ou aqui atrás? Você que escolhe. — Ele estava ansioso para dar partida no caminhão novamente.

O motorista disse:

— Vá para o inferno. — Virando as costas, ele saiu caminhando pelo acostamento, as mãos enterradas nos bolsos, os ombros encurvados.

Vendo o vulto do motorista desaparecer na escuridão, Ragle pensou, a culpa é minha por ter aberto a porta. Não tem nada que eu possa fazer, não posso correr atrás dele e acertá-lo na cabeça. Numa briga, ele acabaria comigo. Acabaria com nós dois.

E de qualquer modo, a resposta não é esta. Não é isso que estamos procurando.

Voltando para a cabine, ele disse a Vic:

— O cara foi embora. Acho que tivemos sorte por ele não sair lá de dentro empunhando uma alavanca.

— É melhor sairmos daqui logo — disse Vic, voltando para o banco do carona. — Quer que eu dirija? Eu posso. Ele colocou o adesivo?

— Colocou — disse Ragle.

— Quanto tempo será que vai levar para ele avisar alguém sobre nós?

Ragle disse:

— A gente ia ter que se livrar dele, cedo ou tarde.

Durante mais uma hora eles não viram nenhum sinal de atividade humana ou de habitações. Então, de repente, quando a carreta chegou ao fim de uma descida abrupta, uma porção de luzes azuladas estava piscando à frente deles,

a uma certa distância, no meio da estrada.

— Tem coisa aí — disse Vic. — É difícil saber o que fazer. Se diminuirmos, ou pararmos…

— Vamos ter que parar — disse Ragle. Ele já distinguia agora os vultos dos carros, ou algum tipo de veículos, parados no meio da rodovia.

Quando o caminhão reduziu a marcha e parou, apareceram homens, acenando com lanternas acesas. Um deles aproximou-se da cabine e falou para o alto:

— Desligue o motor. Deixe os faróis acesos. Desçam todos.

Não havia alternativa. Ragle abriu a porta e desceu para o chão, com Vic atrás dele. O homem que empunhava a lanterna usava uniforme, mas na escuridão Ragle não reconheceu o tipo. O capacete que ele usava tinha sido pintado de modo a ficar fosco. Ele jogou o facho de luz no rosto de Ragle, depois no de Vic, e então disse:

— Abram a traseira.

Ragle obedeceu. O homem e dois dos seus companheiros subiram para o compartimento de carga e remexeram lá por algum tempo. Depois reapareceram e pularam para o chão.

— Tudo bem — disse um deles. Estendeu alguma coisa a Ragle, um pedaço de papel. Recebendo-o, Ragle viu que era algum tipo de cartão perfurado. — Podem seguir.

— Obrigado — disse Ragle. Meio anestesiados, ele e Vic voltaram para a cabine, subiram, e ele ligou o motor e saiu.

Depois de algum tempo, Vic falou:

— Me mostre isso que ele te deu.

Segurando o volante com a mão esquerda, Ragle tirou do bolso o papel. CERTIFICADO DE ZONA DE FRONTEIRA — AUTORIZAÇÃO 31 — 3/4/98.

— Esta é a nossa data — disse Ragle.

Três de abril de 1998. O resto do cartão consistia em perfurações como as que são feitas pelas máquinas IBM.

— Eles pareceram satisfeitos conosco — disse Vic. — O que quer que estivessem procurando, não estava aqui.

— Eles estavam de uniforme.

— Sim, pareciam soldados. Um deles estava armado, mas não deu para ver a arma direito. Deve estar havendo uma guerra, ou algo assim.

Ou então, pensou Ragle, uma ditadura militar.

— Eles olharam se a gente estava com o adesivo? — perguntou Vic. — Naquele nervosismo todo eu não reparei.

— Nem eu — disse Ragle.

Daí a pouco tempo eles avistaram adiante o que parecia ser uma cidade. Uma grande variedade de luzes, em fileiras regulares que pareciam ruas, letreiros em néon com palavras… Em algum bolso do casaco ele guardava o cartão que o motorista lhe dera. É daqui que devemos telefonar, decidiu ele.

— Passamos pela inspeção da fronteira sem problemas — disse Vic. — Se conseguimos fazer isso, com eles apontando lanternas para nossa cara, devemos poder também entrar num pé-sujo qualquer e pedir um prato de panquecas. Não comi nada depois do trabalho. — Ele arregaçou a manga da camisa para olhar o relógio. — São dez e meia. Não como nada desde as duas horas.

— Vamos parar — disse Ragle. — Vamos tentar reabastecer enquanto estivermos aqui. Se não conseguirmos, abandonamos a carreta. — O ponteiro mostrava que o tanque estava quase vazio. O nível tinha caído surpreendentemente rápido. Mas eles tinham percorrido uma boa distância; estavam há horas na estrada.

Quando passavam pelas primeiras casas, ele deu pela falta de alguma coisa.

Postos de combustível. Em geral, quando uma rodovia vai se aproximando de uma cidade, mesmo uma cidadezinha sem importância, se vê uma fileira de postos de combustível, um depois do outro. Antes de qualquer outra coisa. E ali não havia nenhum.

— Isto não é nada bom — disse ele. Mas também não estava vendo nenhum tráfego. Nada de tráfego. Nada de postos de gasolina. Ou postos de querosene, se era este o equivalente local. De repente ele reduziu a marcha da carreta e entrou numa estrada lateral. Depois da primeira curva ele parou e puxou o freio.

— Concordo — disse Vic. — É melhor tentar entrar aí a pé. A gente não tem conhecimento bastante para entrar na cidade dirigindo essa coisa.

Eles desceram da cabine, entorpecidos, e ficaram de pé sob a luz mortiça de um poste de iluminação. As casas pareciam normais. Pequenas, quadradas, um andar, com gramados que pareciam escuros na penumbra da noite. As casas, pensou Ragle, não mudaram muito desde os anos 1930. Especialmente quando vistas à noite. Adiante, um vulto mais alto parecia ser um prédio de apartamentos.

— Se alguém nos parar — disse Vic — e pedir algum tipo de identificação, o que fazemos? É melhor combinarmos desde logo.

Ragle disse:

— Como vamos combinar alguma coisa? Nem sabemos o que eles podem nos pedir. — As coisas ditas pelo motorista ainda o inquietavam. — Vamos ver — disse, e começou a caminhar na direção da rodovia.

As primeiras luzes de que se aproximaram acabaram revelando um restaurante de beira de estrada. Dentro, sentados no balcão, dois rapazes comiam sanduíches. Rapazes ainda em idade escolar, de cabelo louro.

O cabelo deles estava preso no topo da cabeça. Cones altos de cabelo, cada um deles espetado com um pino pontudo e colorido. Os rapazes usavam roupas idênticas. Sandálias, roupões de um azul brilhante que pareciam togas, enrolados em volta do corpo, braceletes de metal nos braços. E quando um deles virou a cabeça para beber, Ragle viu uma tatuagem em sua bochecha. E viu em seguida, sem acreditar, que os dentes do rapaz tinham sido serrilhados.

Atrás do balcão, a garçonete de meia-idade vestia uma blusa simples, verde, e o cabelo tinha um penteado conhecido. Mas os rapazes… Ele e Vic ficaram olhando para os dois, através da janela, até que finalmente a garçonete os avistou.

— É melhor a gente entrar — disse Ragle.

A porta se abriu automaticamente à aproximação dos dois. Como o olho elétrico do supermercado, pensou Ragle.

Os dois rapazes os observaram enquanto eles, visivelmente inibidos, sentavam numa das mesas. O interior do restaurante, os acessórios e os letreiros e a iluminação, tudo parecia normal aos olhos de Ragle. Propaganda de vários tipos de comida… mas os preços não faziam sentido: 4-5, 6-7, 2-0. Obviamente não se tratava de dólares nem de centavos. Ragle ficou olhando em volta, como se estivesse tentando decidir o que pediria. A garçonete pegou um cardápio.

Um dos rapazes, fazendo um gesto da cabeça na direção de Vic e Ragle, disse em bom tom:

— Dois gravatinhas, cheirando medo-medo.

O companheiro dele gargalhou.

A garçonete, parando diante da mesa, disse:

— Boa noite.

— Boa noite — disse Vic baixinho.
— O que vão querer? — perguntou ela.
Ragle disse:
— O que você recomenda?
— Oh, isso depende da fome de vocês.
O dinheiro, pensou Ragle. O maldito dinheiro. Ele disse:
— Que tal um sanduíche de queijo e presunto e um café?
Vic completou:
— O mesmo para mim. E um pouco de torta *à la mode*.
— Perdão?… — disse a garçonete, escrevendo.
— Torta com sorvete — disse Vic.
— Oh — disse ela. Assentindo, voltou para trás do balcão.
Um dos rapazes disse, em voz bem alta:
— Gravatinha só pede velharia. Magina… — Ele enfiou os polegares nos ouvidos. O outro rapaz deu uma risadinha.
Quando chegaram os sanduíches e o café, e a garçonete se afastou, um dos rapazes girou o banco onde estava sentado e ficou de frente para eles. Ragle reparou que as tatuagens que ele trazia nas bochechas tinham sido feitas de acordo com os braceletes que ele usava. Olhou aquelas linhas intrincadas e por fim identificou duas daquelas figuras. Os desenhos tinham sido copiados de vasos áticos. Atenas e sua coruja. Perséfone erguendo-se da Terra.
O rapaz dirigiu-se a Ragle e Vic:
— Ei, lunático.
Um calafrio arrepiou a nuca de Ragle. Ele fingiu estar com toda a atenção voltada para o sanduíche; à sua frente, Vic, pálido e começando a suar, fez a mesma coisa.
— Ei — disse o rapaz.
A garçonete disse:
— Pare com isso ou então caia fora.
Para ela, o rapaz disse:
— Gravatinha. — E enfiou de novo os polegares nos ouvidos. A mulher não pareceu impressionada.
Não consigo aguentar isso, pensou Ragle. Não posso passar por coisas assim. O motorista tinha razão. Ele disse para Vic:
— Vamos embora.
— Tá legal — disse Vic. Ele se levantou, agarrando o sanduíche, curvou-se

para beber o que restava do café e foi na direção da porta.

Agora, a conta, pensou Ragle. E estamos condenados. Não tem como dar certo.

— Vamos ter que sair — disse ele à garçonete. — Esqueça a torta. Quanto foi? — Ele enfiou a mão e mexeu no bolso do casaco, um gesto fútil.

A garçonete fez uma soma rápida e disse:

— Onze-nove.

Ragle abriu a carteira. Os dois rapazes observavam. A garçonete também. Quando viram o dinheiro, as cédulas de papel, a mulher disse:

— Meu deus. Não vejo dinheiro de papel há anos. Acho que ainda serve. — Para o primeiro dos rapazes, ela disse: — Ralf, o governo ainda recompra essas notas antigas?

O rapaz assentiu.

— Então espere. — Ela refez o cálculo da conta. — São um e quarenta — disse. — Mas vou ter que lhe dar o troco em fichas, se não se incomodar. — Meio que pedindo desculpas, ela apanhou na registradora um punhado de discos de plástico, parecendo hóstias, e quando recebeu uma nota de cinco dólares entregou a Ragle seis dos discos. — Obrigada — disse.

Quando ele e Vic saíram, a garçonete voltou para seu lugar e retomou a leitura de um livro que tinha deixado aberto sobre o balcão.

— Que sofrimento — disse Vic. Os dois foram caminhando lado a lado, ambos comendo seus sanduíches. — Esses malditos garotos. Garotos horrorosos.

Lunático, pensou Ragle. Será que me reconheceram?

Na esquina, ele e Vic pararam.

— E agora? — disse Vic. — Pelo menos podemos usar nosso dinheiro. E já temos um pouco do dinheiro deles. — Ele acendeu o isqueiro para examinar uma das plaquinhas. — É de plástico. Obviamente um substituto para o metal. Bastante leve. Como aquelas fichinhas de racionamento do tempo da guerra.

Sim, pensou Ragle. Fichas de racionamento durante a guerra. Moedinhas feitas de uma liga metálica qualquer, em vez de cobre. E agora, fichas.

— Mas não há blecaute — disse ele. — Estão todos com as luzes acesas.

— Não é mais a mesma coisa — disse Vic. — Isso das luzes foi quando… — Ele interrompeu a fala. Depois continuou: — Eu me lembro da Segunda Guerra Mundial. Mas na verdade não lembro, não é? Essa é a verdadeira

questão. Isso foi há cinquenta anos. Antes que eu nascesse. Eu nunca vivi durante os anos 1930, os anos 1940. Nem eu nem você. Tudo que sabemos sobre essa época eles devem ter nos ensinado.

— Ou então lemos a respeito.

— Será que não aprendemos nada? Estamos do lado de fora, agora. Vimos isso tudo. — Ele estremeceu. — Os dentes deles são serrilhados!

— E eles estavam falando num inglês quase incompreensível de tanta gíria.

— Acho que sim.

— E tinham no rosto marcas tribais africanas. E aquelas vestimentas! — Pensou: mas eles olharam para mim e um deles disse, “Ei, seu lunático”. — Eles sabem. Sabem ao meu respeito. Mas não ligam. — De certo modo, aquilo o deixava desconfortável. Espectadores. Aqueles rostos jovens, cínicos, zombeteiros.

— Me surpreende que não estejam no Exército — disse Vic.

— Ainda irão, provavelmente. — Para ele, os garotos não tinham parecido velhos o bastante para isso. Uns dezesseis ou dezessete anos, apenas.

Enquanto ele e Vic estavam parados na esquina, passos ecoaram na rua escura e deserta.

Dois vultos se aproximaram deles.

— Ei, seu lunático — disse um dos dois. Sem nenhuma pressa, os dois rapazes surgiram no cone de luz do poste da esquina, braços cruzados, os rostos frios, impessoais. — Quietinho aí, sem mexe-mexe.

13

O rapaz da direita enfiou a mão na túnica e tirou uma caixinha de couro. Dali ele extraiu um charuto e um par de tesourinhas de ouro; cortou uma ponta do charuto e o colocou na boca. Seu companheiro, com gestos igualmente ritualísticos, tirou um isqueiro cravejado de pedras preciosas e acendeu o charuto do colega.

O rapaz deu baforadas do charuto e disse:

— Gravatinhas, vocês têm cheque-cheque morto. A do-balcão fez ruim-ruim.

O dinheiro, pensou Ragle. A garçonete não deveria ter aceitado. O rapaz tinha dito que aceitasse, mas eles sabiam o mesmo que o motorista: as notas não eram mais uma moeda legal.

— E daí? — disse Vic, entendendo o jargão truncado dos rapazes.

O rapaz com o isqueiro cheio de pedras disse:

— A chefia aceita. Não? Não? Sim. — Ele estendeu a mão. — Chefia aceita. Cadê o cheque-cheque, gravatinha?

— Dê algumas das fichas para ele — disse Vic, baixinho.

Ragle contou quatro das seis fichas de plástico e as pôs na mão estendida.

O rapaz curvou-se da cintura para diante; o cone de cabelo chegou a roçar o chão. Ao lado dele, o amigo ficou impassível, ereto, ignorando a transação.

— Gravatinhas, vão querer tetra? — disse o rapaz do isqueiro, com voz inexpressiva.

— Gravatinhas com olho baixo — disse o outro rapaz. Os dois assentiram ao mesmo tempo. Agora estavam ambos com uma atitude mais séria, como se alguma coisa importante tivesse entrado em discussão. — Flop-flop — disse o rapaz do isqueiro. — Certo, gravatinhas? Flop-flop. — Ele bateu as mãos uma na outra como uma foca aplaudindo. Ragle e Vic o olharam fascinados.

— Claro que sim — disse Vic.

Os dois rapazes conversaram em voz baixa uns instantes. Depois, o primeiro, dando baforadas do charuto e fazendo uma carranca, disse:
— Cheque-cheque morto pode valer muito tetra. Vamos lá no zé?
— Não — interrompeu depressa o companheiro, dando-lhe um tapa de leve no peito. — Boy não vai com cheque-cheque pro zé. Flop-flop. Gravatinhas estão flop-flop.
Girando nos calcanhares, ele saiu andando, inclinando o pescoço e balançando a cabeça de um lado para o outro.
— Espere um instante — disse Ragle, quando o outro se preparava para fazer o mesmo. — Vamos conversar.
Os dois rapazes se detiveram, viraram-se e olharam para ele, surpresos.
Então o rapaz do charuto voltou a estender a mão.
— Cheque-cheque morto — disse.
Ragle tirou a carteira do bolso.
— Uma nota — disse ele. Estendeu a nota de um dólar, e o rapaz a aceitou. — Já é o bastante.
Depois que os dois rapazes conferenciaram de novo, o do cigarro mostrou dois dedos esticados.
— Tudo bem — disse Ragle. E virando-se para Vic: — Tem mais notas aí?
Remexendo no bolso, Vic respondeu:
— Veja bem se você quer mesmo levar isto adiante.
A alternativa, pelo que ele podia avaliar, era ficarem os dois naquela esquina, sem ideia de onde estavam nem do que fazer.
— Vamos arriscar — disse ele, aceitando as notas e as repassando para o rapaz, enquanto dizia: — Então vamos. Onde tem muito tetra?
Os rapazes concordaram, inclinaram-se numa curvatura e partiram. Ele e Vic hesitaram, mas foram atrás dos dois.

O percurso os conduziu por becos úmidos, abafados, de trajeto tortuoso, depois passando ao largo de gramados e avenidas. Por fim pularam todos uma cerca baixa e subiram alguns degraus até uma porta. Um dos rapazes bateu. Alguém abriu.
— Gravatinhas nas internas — explicou sussurrando o rapaz, enquanto ele e o amigo deslizavam para dentro.
Uma luz castanha e instável enchia a sala. Aos olhos de Ragle, era um apartamento comum, sem muita mobília. Através de uma porta aberta ele

entreviu uma cozinha com pia, mesa, fogão, geladeira. Havia duas outras portas, ambas fechadas. Vários rapazes estavam sentados no chão da sala. Os únicos objetos visíveis eram uma luminária, uma mesa, um aparelho de televisão e uma pilha de livros. Alguns dos rapazes usavam o mesmo traje de túnica, sandália, cabelo preso alto e braceletes. Os outros vestiam paletós não transpassados, camisa branca, meias de estampa escocesa, sapatos pretos clássicos. Todos olharam fixamente para Ragle e Vic.

— É aqui o tetra — disse o rapaz do charuto. — Bora, senta-senta. — Ele apontou para o piso.

— O que foi que disse? — perguntou Vic.

Ragle perguntou:

— Podemos levar o tetra para a gente?

— Não — disse um dos rapazes. — Cheira aqui nas internas.

O rapaz do charuto abriu uma porta e sumiu no aposento ao lado. Depois de algum tempo voltou, trazendo uma garrafa que estendeu a Ragle. Todos olharam enquanto Ragle a pegou.

Assim que desenroscou a tampa, ele confirmou o que era.

Vic, aspirando com força ao lado, comentou:

— É tetra mesmo. Tetracloreto de carbono.

— É — disse Ragle. Eles ficam aqui sentados, cheirando tetracloreto de carbono. Esse é o tal do tetra.

— Cheire — disse um dos rapazes.

Ragle aspirou. Em sua vida inteira, ele tivera uma ou outra oportunidade de aspirar o composto. Ele nunca produzira nenhum efeito nele, a não ser dor de cabeça. Ele passou a garrafa para Vic.

— Tome — disse.

Um dos rapazes de paletó disse com voz aguda:

— Gravatinha foi fundo.

Todos em volta sorriram.

— É uma garota — disse Vic. — Essa daí.

Os que estavam trajando ternos, camisas brancas, meias e sapatos clássicos eram moças. Seus cabelos tinham sido totalmente raspados. Mas, pelas feições menores e mais delicadas, Ragle reconheceu que de fato eram mulheres. Não usavam maquiagem. Se uma delas não tivesse falado, ele não perceberia.

Ragle comentou:

— Tetra no capricho esse.
A sala ficou em silêncio.
Uma das moças disse:
— Gravatinha, ele pode tocar “Strange Fruit” pra vocês.
O rosto dos rapazes ficou sombrio. Finalmente um deles se levantou, foi até o canto da sala e pegou uma bolsa de pano comprida. De dentro dela tirou um tubo de plástico com furos ao longo do corpo, a intervalos regulares. Colocou no nariz uma extremidade do tubo, cobriu os buracos com as pontas dos dedos, e então, meio murmurando, meio zumbindo, começou a executar uma melodia. Era uma flauta de nariz.
— Flauta doce-doce — disse uma das garotas de terno.
O rapaz abaixou a flauta, limpou o nariz com um pedaço de tecido colorido que tirou da manga e depois falou para Ragle e Vic:
— Como é isso de ser um lunático?
Abandonaram o jargão, pensou Ragle. Agora que estão mais sensíveis. Os outros na sala, as garotas principalmente, ficaram encarando Ragle e Vic.
— Um lunático? — disse uma delas, com voz débil, dirigindo-se ao rapaz. — É mesmo?
— Claro — disse o rapaz. — O gravatinha é lunático. — Ele deu um sorriso sarcástico, mas também ele parecia pouco à vontade. — Não é verdade?
Ragle não disse nada. Vic, ao lado dele, ignorou a pergunta do rapaz.
— Só estão vocês dois? — outro rapaz perguntou. — Ou tem outros por aí?
— Somente nós — disse Ragle.
Todos o olhavam com intensidade.
— Sim — disse ele. — Eu assumo. — Aquilo parecia provocar um enorme respeito de todos eles, mais do que qualquer outra coisa. — Somos lunáticos.
Nenhum dos jovens se mexeu. Todos continuaram sentados, rígidos.
Um dos rapazes deu uma risada.
— Ora, o gravatinha é um lunático. E daí? — Encolhendo os ombros, ele voltou a empunhar a flauta de nariz.
— Vamos ouvir flauta-flauta — disse uma garota. Logo havia três flautas erguendo seus gemidos.
— Estamos perdendo tempo aqui — disse Vic.
— Estamos — concordou ele. — É melhor irmos embora. — Ele levantou e começou a abrir a porta, mas quando o fez, um dos rapazes removeu a flauta

do nariz e disse:
— Ei, gravatinhas!
Eles pararam.
O rapaz disse:
— A PM está atrás de vocês. Se forem lá para fora, a PM pega. — Ele recomeçou a tocar, enquanto os outros concordavam.
— Sabe o que a PM faz com lunático? — perguntou uma garota. — A PM dá uma dose de c.c.
— O que é isso? — perguntou Vic.
Todos eles riram alto. Nenhum respondeu. As flautas recomeçaram, e eles cantarolavam juntos.
— Gravatinha ficou bem branco — disse um rapaz, entre uma respiração e outra.
Lá fora, na escada, ouviram-se passos pesados, que fizeram vibrar o chão. As flautas cessaram. Houve uma batida na porta.
Pegaram a gente agora, pensou Ragle. Ninguém na sala se mexeu enquanto a porta se abria.
— Ah, meninos danados — disse uma voz áspera. Uma mulher idosa, de cabelo branco, imensa num roupão de seda largo, olhou para dentro da sala. Seus pés estavam enfiados em chinelos peludos. — Já falei a vocês que não quero flauta aqui depois das dez horas. Podem parar! — Ela correu o olhar por todos, com olhos semicerrados, até chegar em Ragle e Vic. — Ah! — exclamou, com suspeita. — E quem são vocês?
Vão contar a ela, pensou Ragle, e ela vai descer a escada aos trambolhões, em estado de pânico. E os tanques, ou seja lá qual for o meio de transporte da tal PM, vão encostar no pé da escada. Ted, o motorista, já teria tido tempo de sobra, a esta altura. A garçonete também. E todo mundo.
De qualquer maneira, pensou ele, conseguimos sair e ficamos sabendo que estamos em 1998, e não em 1959, e que está havendo uma guerra, e que os jovens de hoje falam e se vestem como nativos da África Ocidental, e as garotas usam roupas masculinas e raspam a cabeça. E que o dinheiro, na forma como o conhecemos, deixou de existir a certa altura. Juntamente com os caminhões a diesel. Mas, pensou ele com súbito pessimismo, não sabemos ainda o que acontece de fato no mundo. Por que construíram aquela cidade de época, com carros antigos e ruas antigas, e passaram anos mentindo para nós…

— Quem são estes dois cavalheiros? — perguntou a senhora idosa.

Uma pausa, e então uma das garotas, com um sorriso malicioso, disse:

— Estão procurando quartos.

— O quê? — disse a velha, incrédula.

— Isso mesmo — disse um rapaz. — Vieram aqui procurando um quarto para alugar. Bateram aqui por acaso. A luz da varanda não estava acesa?

— Não — disse a velha. Tirou um lenço e enxugou a testa, a pele macia e cheia de rugas cedia à pressão dos dedos. — Eu já havia me retirado para dormir. — Para Ragle e Vic, ela disse: — Sou a sra. McFee. Sou a dona deste imóvel. Que tipo de quarto vocês querem?

Antes que Ragle pudesse responder, Vic falou:

— Qualquer coisa serve. O que a senhora tem? — Ele lançou um olhar de alívio na direção de Ragle.

— Bem — disse ela, começando a descer devagar os degraus —, se os cavalheiros quiserem me seguir, posso lhes mostrar. — Ainda descendo, ela parou, apoiou-se no corrimão e virou a cabeça para continuar falando com eles. — Podem vir. — Ofegava um pouco, e seu rosto estava inchado pelo esforço. — Tenho umas instalaçõezinhas aqui bem interessantes. Querem ficar juntos, vocês dois? — Olhando-os com ar de dúvida, ela disse: — Vamos aqui no meu escritório, e eu posso conversar com vocês sobre o trabalho que fazem e… — Recomeçou a descer os degraus, de um em um. — E outros detalhes.

No pé da escada, com muitos murmúrios e tossezinhas, ela acabou localizando um interruptor de luz; uma lâmpada desprotegida brilhou, revelando o caminho que conduzia, ao longo da lateral da casa, até a varanda da frente. Na varanda via-se uma velha cadeira de balanço feita de bambu. Antiga até mesmo para eles. Algumas coisas não mudam nunca, pensou Ragle.

— Bem, aqui estamos — disse ela. — Por favor.

Ela desapareceu dentro da casa; ele e Vic a seguiram, por uma sala de visitas escura, cheirando a tecido molhado, atulhada de bricabraque, cadeiras, luminárias, quadros emoldurados nas paredes, tapetes, e, em cima do consolo da lareira, uma quantidade enorme de cartões comemorativos. Também sobre o consolo, tricotada ou tecida em muitas cores, uma faixa com as palavras: UM MUNDO FELIZ TRAZ AS BÊNÇÃOS DA ALEGRIA A TODA A HUMANIDADE.

— O que eu gostaria de saber — disse a sra. McFee, ao se instalar numa

poltrona, — é se os dois têm emprego regular. — Inclinando-se para a frente, ela agarrou um pesado livro-caixa em cima de uma mesa e o transferiu para o colo.

— Sim — disse Ragle —, estamos ambos empregados.

— Em que tipo de trabalho?

Vic disse:

— Mercado varejista. Eu trabalho na seção de produtos agrícolas de um supermercado.

— No quê? — A velha soltou um arquejo e virou a cabeça para escutar melhor. Numa gaiola, um passarinho preto e amarelo soltou um grasnido rouco. — Fique quieto, Dwight — disse ela.

Vic disse:

— Frutas e legumes. Vendas a varejo.

— Que tipo de legumes?

— Todos os tipos — disse ele, impaciente.

— Onde os consegue?

— Vêm de caminhão — disse Vic.

— Oh — disse ela, com um grunhido. Virou-se para Ragle: — E eu suponho que o senhor é o inspetor.

Ragle não disse nada.

— Não confio em quem trabalha com legumes — disse a sra. McFee. — Apareceu um de vocês por aqui, não acho que fosse você, mas pode até ter sido, na semana passada. Os legumes pareciam bons, mas, puxa vida, se eu tivesse comido aquilo eu estaria morta a esta altura. Havia r.a. escrito em cada um deles. Tenho certeza. Claro, os homens me garantiram que eles não tinham sido plantados no chão-chão; que vieram direto dos porões. Me mostraram etiquetas dizendo que eram de quase dois quilômetros de profundidade. Mas eu sinto cheiro de r.a. no ar.

Ragle pensou: radioatividade. Produtos cultivados na superfície, expostos à precipitação atômica. Houve bombardeios, no passado. Contaminação das colheitas. Uma compreensão súbita o invadiu. A visão de caminhões sendo carregados com alimento cultivado no subterrâneo. *Os porões*. E o perigoso mercado ilegal de melões e tomates contaminados…

— Não tem nenhuma r.a. em nossos produtos — disse Vic. E baixinho, para Ragle: — Radioatividade.

— Sim — disse Ragle.

Vic continuou:

— Nós viemos de… de muito longe daqui. Chegamos agora à noite.

— Sei — disse a sra. McFee.

— Estivemos doentes por algum tempo — disse Vic. — O que aconteceu ultimamente?

— O que quer dizer? — perguntou a mulher, parando de folhear as páginas do livro. Ela tinha colocado um par de óculos de aro de tartaruga, e seus olhos, por trás deles, tinham agora um brilho alerta, astuto.

— O que tem acontecido? — perguntou Ragle. — A guerra. Pode nos dizer alguma coisa?

A sra. McFee umedeceu o dedo com a língua e continuou virando as folhas.

— É engraçado que não saibam a respeito da guerra.

— Então nos diga — disse Vic, com intensidade. — Pelo amor de Deus!

— Vocês se alistaram? — perguntou a sra. McFee.

— Não — disse Ragle.

— Eu sou patriota, mas não quero conscritos vivendo na minha casa. Causam muitos problemas.

Nunca vamos conseguir que ela nos conte uma história direito, pensou Ragle. Não há como. Melhor desistir.

Sobre uma mesa havia uma moldura cheia de fotos de um homem jovem, vestindo uniforme. Ragle se inclinou para ver as fotos mais de perto.

— Quem é o rapaz? — perguntou.

— Meu filho — disse a sra. McFee. — Ele está servindo o Exército na Estação de Mísseis de Anvers. Não o vejo há três anos. Desde que a guerra começou.

Tão recente, pensou Ragle. Talvez tenha sido no mesmo tempo em que eles construíram a…

Quando começou o concurso. “Onde o homenzinho verde vai aparecer agora?” Quase três anos…

Ele perguntou:

— Algum lugar foi atingido aqui por perto?

— Não entendi — disse a sra. McFee.

— Não tem importância — disse Ragle. Ele começou a andar à toa pela sala. Através de um arco de madeira escura e polida pôde avistar uma sala de jantar contígua. Uma sólida mesa central, muitas cadeiras, prateleiras, armários com portas de vidro cheios de pratos e copos. E num canto ele

avistou um piano. Caminhou até lá e pegou um punhado de partituras que estavam na estantezinha diante do teclado. Eram cançonetas populares, sentimentais, a maioria falando de soldados e garotas.

Uma das canções tinha o título: “Marcha dos lunáticos em fuga”.

Trouxe a partitura consigo e a estendeu para Vic.

— Veja isto — disse ele. — Leia a letra.

Juntos, os dois leram os versos escritos abaixo das linhas da partitura.

Quanta tolice, Sr. Loon,
Este mundo ninguém vai dividir.
Quanta fanfarronice, Sr. Loon,
Que erro o seu em insistir!
Sua Lua é orgulhosa
seu futuro é cor-de-rosa
mas Tio Sam sabe o que faz!
Então mãos ao alto
Então mãos ao alto
senão vai ser tarde demais!

— O senhor toca piano? — perguntou a velha senhora.

Ragle respondeu:

— O inimigo… São os lunáticos, não são?

O céu, pensou ele. Sr. Loon. Luna. A Lua.

Não era atrás dele e de Vic que a PM estava. Era do inimigo. Aquela guerra estava sendo travada entre a Terra e a Lua. E se os garotos do andar de cima eram capazes de confundir ele e Vic com os lunáticos, era porque os lunáticos eram seres humanos. Não eram outras criaturas. Talvez fossem colonos.

Uma guerra civil.

Eu sei o que eu faço, pensou ele. Eu sei o que é o concurso, e o que eu sou. Eu sou o salvador deste planeta. Quando eu resolvo um problema do concurso, eu estou adivinhando a hora e o local em que vai cair o próximo míssil. Eu mando uma resposta atrás da outra. E estas pessoas, seja lá como elas se autodenominem, mandam uma unidade antimísseis para aquele quadradinho do gráfico. Para aquele lugar e naquela hora. E assim as pessoas continuam vivas, os garotos lá em cima com suas flautas de nariz, a garçonete, Ted motorista, meu cunhado, Bill Black, os Kesselman, os

Keitelbein…

Era isso que a sra. Keitelbein e o filho dela começaram a me dizer. Defesa Civil… *nada mais do que a história da guerra até o momento presente*. Maquetes de 1998, para reativar minha memória.

Mas por que eu esqueci de tudo?

Para a sra. McFee, ele disse:

— O nome Ragle Gumm significa alguma coisa para a senhora?

A mulher deu uma risada.

— Coisíssima nenhuma. Por mim, Ragle Gumm pode ir para os infernos. Não é uma única pessoa que faz aquilo. É uma equipe inteira de pessoas, e eles ficam o tempo todo dizendo que é "Ragle Gumm", mas eu sei como é, desde o começo.

Com uma respiração forte, irregular, Vic disse:

— Eu acho que a senhora está errada, sra. McFee. Acho que essa pessoa existe mesmo e que ela faz o que dizem.

Ela disse, com astúcia:

— E ele acerta sempre, entra dia, sai dia?

— Sim — disse Ragle. Ao seu lado, Vic assentiu.

— Ah, que é isso — disse ela, com voz esganiçada.

— É um talento — disse Ragle. — Uma capacidade de enxergar um padrão.

— Escute — disse a sra. McFee. — Eu sou bem mais velha do que vocês, rapazes. Eu me lembro do tempo em que Ragle Gumm não passava de um desenhista de modas, fazendo aqueles chapéus Adonis, horrorosos.

— Chapéus — repetiu Ragle.

— Na verdade, acho que ainda tenho um deles. — Grunhindo, ela ficou de pé e foi até um armário. Ergueu um chapéu-coco. — Olhe aqui. Nada mais do que um chapéu masculino. Ora, ele deu um jeito de fazer as mulheres usarem chapéus de homens só para se ver livre de uma porção de chapéus velhos, quando os homens deixaram de comprá-los.

— E ele ganhava dinheiro com isso? — perguntou Vic.

— Esses desenhistas de modas ganham milhões — disse a sra. McFee. — Todos ganham, e ele era só mais um. Mas tinha sorte. Essa é a questão: sorte. E depois, quando ele entrou no ramo de alumínio sintético… — Ela refletiu um pouco. — Aluminídio… Foi sorte, também. Um desses sujeitos para quem tudo cai do céu, mas todos sempre acabam da mesma maneira: um dia

a sorte deles vai embora. A dele foi. — Com ar confiante, ela disse: — A sorte dele acabou, mas ninguém nunca nos disse. É por isso que ninguém nunca mais viu Ragle Gumm. A sorte dele acabou, e ele cometeu suicídio. Não é um boato. É um fato. Eu conheço um homem cuja esposa trabalhou para a PM durante um verão, e ela disse ao marido que é fato concreto: Gumm se matou dois anos atrás. E depois disso eles têm usado uma pessoa depois de outra, para prever os tais mísseis.

— Sei — disse Ragle.

Triunfante, a sra. McFee continuou:

— Quando eles o trouxeram, quando ele aceitou a oferta de vir para Denver e fazer as previsões dos mísseis para os militares, eles viram a verdade nua e crua. Viram que tudo nele era blefe. E em vez de passar vergonha em público, todo aquele constrangimento, eles…

Vic a interrompeu:

— Olhe, vamos ter que ir embora.

— Sim — disse Ragle. — Boa noite. — Ele e Vic foram na direção da porta.

— E os quartos de vocês? — perguntou a sra. McFee, acompanhando-os. — Não tive nem a chance de lhes mostrar qualquer coisa.

— Boa noite — disse Ragle. Ele e Vic saíram para a varanda, desceram os degraus e saíram andando pela calçada.

— Vão voltar? — perguntou a sra. McFee de longe.

— Mais tarde — disse Vic.

Os dois caminharam, afastando-se cada vez mais da casa.

— Eu esqueci — disse Ragle. — Eu esqueci isso tudo.

Mas continuei fazendo as previsões, pensou. Continuei fazendo, de toda maneira. Então, num certo sentido, não faz diferença, porque continuei fazendo o meu trabalho.

Vic disse:

— Eu sempre achei que não se podia aprender nada de útil na letra de uma música popular. Eu estava errado.

E tem outra coisa, percebeu Ragle, se amanhã eu não estiver sentado no meu quarto e trabalhando no meu concurso, como sempre faço, nossas vidas podem ser riscadas do mapa. Não admira que o motorista Ted me implorasse tanto. E não admira que minha foto estivesse na capa da revista *Time* como “O Homem do Ano”.

— Eu lembro — disse ele. Parando. — Naquela noite. Os Kesselman. A fotografia da minha indústria de alumínio.

— Aluminídio — disse Vic. — Pelo menos é o que ela disse.

Será que eu lembro de tudo? perguntou-se Ragle. O que mais haverá?

— Podemos voltar — disse Vic. — A gente tem que voltar. Você, pelo menos. Acho que eles precisavam de uma porção de gente à sua volta, para que tudo parecesse uma coisa natural. Margo, eu mesmo, Bill Black. Os reflexos condicionados, como quando eu fiquei procurando no banheiro um fio com interruptor. Eles devem ter fios com interruptor, aqui. Ou pelo menos eu tinha. E quando as pessoas lá no mercado correram todas em grupo. Elas devem ter trabalhado numa loja daqui, trabalhado juntas. Talvez num supermercado, um trabalho parecido. Tudo parecido, só que com quarenta anos de diferença.

Lá adiante deles via-se um aglomerado de luzes faiscando.

— Vamos tentar ali — disse Ragle, apertando o passo. Ainda tinha o cartão que Ted lhe dera. O número anotado provavelmente o colocaria em contato com os militares, ou quem quer que tivesse tido aquela ideia de fabricar a cidade. E ele voltaria. Mas por quê?

— Por que isso é necessário? — perguntou ele. — Por que não posso fazer a mesma coisa aqui? Por que tenho de viver lá, imaginando que estou de volta a 1959, trabalhando num concurso de jornal?

— Não venha perguntar para mim — disse Vic. — Não faço ideia.

As luzes distantes foram entrando em foco e virando palavras. Um letreiro em néon, em várias cores, ardendo na escuridão: DROGARIA E FARMÁCIA WESTERN.

— Uma farmácia — disse Vic. — Podemos telefonar dali.

Entraram na farmácia, que era um lugar espantosamente acanhado, estreito, muito iluminado, cheio de prateleiras e displays. Não havia nenhum cliente à vista, nem mesmo um balconista; Ragle parou no balcão e olhou em volta, à procura de algum telefone público. Será que ainda existem?, pensou ele.

— Posso ajudá-lo? — disse uma voz de mulher perto dele.

— Sim — disse ele. — Precisamos dar um telefonema. É urgente.

— Seria melhor que nos mostrasse como operar o telefone — disse Vic. — Ou talvez pudesse discar um número para nós.

— Certamente — disse a balconista, saindo de trás do balcão com seu guarda-pó branco. Ela sorriu para os dois. Era uma mulher de meia-idade,

usando sapatos de saltos baixos. — Boa noite, sr. Gumm.
Ele a reconheceu.
A sra. Keitelbein.

Cumprimentando-o com um gesto da cabeça, a sra. Keitelbein passou por ele e foi na direção da porta. Fechou a porta e trancou-a por dentro, abaixou as persianas, e só então virou-se para encará-lo.
— Qual é o número do telefone?
Ele lhe entregou o cartão.
— Oh — disse ela, lendo o número. — Eu sei. Esta é a central telefônica das Forças Armadas, em Denver. E a extensão é 62. Isto… — Ela franziu a testa. — Isto provavelmente é algum local ligado à estrutura de defesa contra mísseis. Se eles estiverem lá a esta hora significa que praticamente vivem no trabalho. Isso indica pessoas com cargo elevado. — Ela devolveu o cartão. — Até que ponto o senhor se lembra?
Ragle disse:
— Eu lembro muita coisa.
— O fato de eu ter mostrado uma maquete da sua fábrica ajudou?
— Sim — disse ele. Certamente tinha ajudado. Depois de tê-la visto, ele havia tomado um ônibus e ido para o supermercado.
— Então estou contente — disse ela.
— A senhora está por perto — disse ele — para me fornecer doses sistemáticas de recordações. Então a senhora deve representar as Forças Armadas.
— Sim — disse ela. — Num certo sentido.
— Para começar, por que eu esqueci tudo?
A sra. Keitelbein disse:
— O senhor esqueceu porque o obrigaram a esquecer. Do mesmo modo como o obrigaram a esquecer o que lhe aconteceu naquela noite em que conseguiu chegar ao alto do morro e encontrou os Kesselman.
— Mas eram caminhões da prefeitura. Funcionários municipais. Eles me agarraram. Me pegaram à força. Na manhã seguinte, estavam escavando bem na minha rua. Para ficar de olho em mim. — Isso queria dizer que eram as mesmas pessoas que administravam a cidade. As mesmas que a construíram. — Foram eles que me obrigaram a esquecer tudo desde o início?
— Isso mesmo — disse ela.

— Mas a senhora quer que eu me lembre.

Ela disse:

— Isto é porque eu sou uma lunática. Não do tipo que o senhor é, mas do tipo que os PM querem prender. O senhor havia tomado a decisão de nos procurar, sr. Gumm. Na verdade, chegou mesmo a fazer a mala. Mas alguma coisa deu errado e o senhor nunca veio ao nosso encontro. Eles não queriam se livrar do senhor, porque precisavam de sua ajuda. Então eles o colocaram para resolver o concurso do jornal. Desse modo o senhor poderia continuar usando seu talento em favor deles, sem nenhum conflito ético. — Durante o tempo todo, ela exibia um sorriso alegre, profissional; com seu guarda-pó branco de balconista, ela podia ser também uma enfermeira, talvez uma enfermeira odontológica defendendo uma nova técnica de higiene bucal. Eficiente e prática. E dedicada, pensou ele.

Ele disse:

— Por que eu tinha decidido passar para o lado de vocês?

— Não se lembra disso?

— Não — disse Ragle.

— Então eu tenho algumas coisas para que o senhor leia. Uma espécie de kit de reorientação. — Curvando-se, ela tateou embaixo do balcão e pegou um envelope de papel pardo, que abriu sobre o balcão. — Primeiro, um exemplar da revista *Time*, de 14 de janeiro de 1996, com o seu retrato na capa e sua biografia dentro. Muito completa, quanto às informações que o público tem ao seu respeito.

— Que versão eles sabem? — perguntou Ragle, pensando na sra. McFee e na sua mistura de suspeitas de boatos.

— Dizem que o senhor tem um problema respiratório e por causa disso precisa viver recluso na América do Sul. Numa cidadezinha do interior do Peru chamada Ayacucho. Está tudo aí, na biografia. — Ela lhe estendeu um livro pequeno. — Um manual de história contemporânea para o ensino fundamental. Usado como texto oficial nas escolas do Um Mundo Feliz.

Ragle disse:

— Me explique esse slogan “Um Mundo Feliz”.

— Não é um slogan. É a nomenclatura oficial para o grupo que não acredita no futuro das viagens interplanetárias. Um Mundo Feliz é bom o bastante, aliás bem melhor do que uma porção de desertos áridos que, para começo de conversa, Deus nunca teve a intenção de ocupar com seres humanos. O

senhor sabe, é claro, o que “lunático” significa.

— Sei — disse ele. — Colonos lunares.

— Não exatamente. Mas está tudo aí no livro, junto do relato sobre as origens da guerra. E tem mais uma coisa.

De dentro de uma pasta ela retirou um panfleto com o título: A LUTA CONTRA A TIRANIA.

— O que é isso? — perguntou Ragle, recebendo-o. Ao ver o panfleto, teve uma sensação de estranheza e um choque brusco de familiaridade, como se estivesse diante de algo com que tivera uma relação estreita.

A sra. Keitelbein disse:

— Um panfleto que foi distribuído entre os milhares de trabalhadores da empresa Ragle Gumm, Inc. Em suas diversas instalações fabris. O senhor não abriu mão de seu poder econômico, entenda bem. O senhor se apresentou voluntariamente para servir o governo, por um salário meramente simbólico, num gesto de patriotismo. Ofereceu seu talento para ficar a serviço do povo, defendendo-o dos bombardeios dos lunáticos. Mas, depois de trabalhar para o governo por alguns meses, o governo do Um Mundo Feliz, o senhor teve uma significativa mudança de consciência. O senhor sempre percebeu os padrões em movimento antes de todos os outros.

— Posso levar isto aqui comigo de volta para a cidade? — perguntou Ragle. Ele queria estar pronto para decifrar o problema do dia seguinte, isso era algo que fazia parte dele.

— Não — disse ela. — Eles sabem que o senhor fugiu. Se voltar, eles farão uma nova tentativa de apagar suas lembranças. Eu prefiro que o senhor continue aqui e leia este material. São cerca de onze horas da noite. Há tempo bastante. Eu sei que o senhor está preocupado com amanhã. Não há como evitar.

— Estamos seguros aqui? — perguntou Vic.

— Estamos — respondeu ela.

— Nenhum PM vai aparecer e pedir para olhar aqui dentro? — continuou Vic.

— Olhe pela janela — disse a mulher.

Ragle e Vic foram ao mesmo tempo para a janela da farmácia e espiaram na direção da rua.

A rua tinha sumido. Eles estavam olhando para vastos descampados desertos.

— Estamos no espaço entre duas cidades — disse a sra. Keitelbein. — Desde que vocês entraram aqui estamos em movimento. Estamos nos deslocando. Faz um mês que conseguimos entrar na Cidade Velha, que é como a cúpula da Marinha a chama. Eles a construíram, eles a batizaram. — Ela fez uma pausa, e prosseguiu. — Já lhe ocorreu tentar saber onde vocês viviam? O nome da sua cidade? Do seu condado? O estado?

— Não — disse Ragle, sentindo-se um bobo.

— Sabe onde ela fica, agora?

— Não — admitiu ele.

A sra. Keitelbein disse:

— Wyoming. Estamos no lado ocidental do Wyoming, perto da fronteira com Idaho. Sua cidade foi reconstruída como uma réplica de várias cidades antigas que foram bombardeadas nos primeiros dias da guerra. O batalhão de construção da Marinha conseguiu reproduzir o ambiente bastante bem, baseando-se em textos e gravações. Aquelas ruínas que Margo pedia para serem removidas, por causa da saúde das crianças, as ruínas onde plantamos as listas telefônicas e as tiras de papel com palavras e as revistas, são partes que sobraram de uma cidade de verdade, a cidade de Kemmerer. Um antigo arsenal desta região.

Sentando-se encostado ao balcão, Ragle começou a ler sua biografia na *Time*.

14

Em suas mãos, as páginas da revista se abriam, desdobravam-se, apresentavam aos seus olhos o mundo real. Nomes, rostos, experiências, tudo vinha a ele e recobrava existência. E nenhum homem de macacão brotou das trevas para perturbá-lo. Desta vez ele pôde sentar, segurar a revista e mergulhar dentro dela.

Mais por Moraga, pensou. A velha campanha das eleições presidenciais de 1987. E, pensou ele, *Vencer com Wolfe*. A equipe vencedora. À frente dele estava a silhueta magra e desajeitada do professor de direito de Harvard, e depois o seu vice-presidente. Que contraste, pensou. Uma disparidade que acabou sendo responsável por uma guerra civil. E os dois na mesma chapa. Tentando angariar votos por todos os lados. Tudo num só pacote… mas daria certo? Um professor de direito de Harvard e um ex-capataz de via férrea. Direito romano e direito inglês, e um homem cujo trabalho era anotar o peso de sacas de sal.

— Lembra de John Moraga? — perguntou Ragle a Vic.

A confusão ficou estampada no rosto de Vic, que murmurou:

— Naturalmente.

— É engraçado como um sujeito tão bem-educado pudesse se revelar tão crédulo — disse Ragle. — Instrumento dos interesses econômicos. Muito ingênuo, provavelmente. Muito isolado do mundo. — Teoria demais e pouca experiência, pensou ele.

— Não concordo com você — disse Vic numa voz que ficou repentinamente dura, cheia de convicção. — Um homem dedicado a ver seus princípios realizados na prática, apesar de tudo.

Ragle ergueu os olhos para o cunhado, atônito. Aquela expressão tensa de certeza. Partidarismo, pensou ele. Discussões em mesa de bar durante a noite inteira: “Eu não quero ser visto nem morto usando uma sopeira de minério da Lua”. Não compre ações da Lunar. O boicote. E tudo isso em nome de

princípios.
Ragle disse:
— “Compre minério da Antártida.”
— Compre de quem é de casa — concordou Vic, sem hesitação.
— Por quê? — perguntou Ragle. — Qual é a diferença? Você acha que o continente antártico é a sua casa? — Ele estava perplexo. — Minério da Lua ou minério antártico. Minério é minério. — A grande discussão da política estrangeira. A Lua nunca vai valer nada economicamente para nós, pensou ele. Esqueça isso. Mas digamos que ela acabe valendo algo? Sim, e daí?
Em 1993, o presidente Moraga promulgou a lei que encerrava o investimento econômico dos Estados Unidos na Lua. Hurra! Zip! Zip!
Um desfile sob papel picado na Quinta Avenida.
E depois, a insurreição. Os lobos, pensou ele.
— Vencer com Wolfe — disse em voz alta.
Vic retrucou, com ferocidade:
— Na minha opinião, um bando de traidores.
Parada a certa distância dos dois, a sra. Keitelbein se limitava a assistir e escutar.
— A lei estabelece claramente que em casos de incapacidade da parte do presidente, o vice-presidente assume plenamente as funções da presidência — disse Ragle. — Então como você pode falar em traição?
— Presidente em exercício não é a mesma coisa que presidente. Ele estava lá apenas para fazer com que os desejos do verdadeiro presidente fossem levados a bom termo. Ele não estava lá para distorcer e destruir a política externa do presidente. Ele tirou proveito da doença do presidente. Voltar a conceder fundos aos projetos lunares para agradar um bando de liberais californianos cheios de delírios e sem nenhum senso prático. — Vic arquejava de indignação. — Mentalidade de adolescentes que sentam ao volante de um carro turbinado e querem correr mais e mais depressa. Querem enxergar além da próxima cadeia de montanhas.
Ragle disse:
— Você diz isso porque leu em alguma coluna de jornal. Não são ideias suas.
— Freud explica. Tudo isso tem a ver com alguma vaga pulsão sexual. Por que outra razão alguém ia querer ir para a Lua? Todo esse papo a respeito do “objetivo final da vida”. Uma conversa fiada, absurda. — Vic brandiu o dedo

na direção dele. — E não é legal.

— Se não é legal — disse Ragle —, não importa se é uma vaga pulsão sexual ou não. — A lógica dele está toda confusa, pensou Ragle. Faz afirmações contraditórias. Diz que é imaturo e diz que é ilegal. Diga o que quiser contra isso, o que lhe vier à cabeça. Por que é contra a exploração lunar com tanta veemência? Pressente algo de estranho? Contaminação? Um mundo não familiar se infiltrando pelas frestas do mundo conhecido…

O rádio gritando: "… O presidente John Moraga, gravemente doente com um problema renal, na sua *villa* na Carolina do Sul, declara que, somente depois do mais cuidadoso exame e da mais solene reflexão sobre os interesses da nação, ele irá considerar…".

Cuidadoso exame, pensou Ragle. Doenças renais exigem exames cuidadosos e provocam muita dor. Pobre homem.

— Ele foi um presidente bom pra caramba — disse Vic.

Ragle respondeu:

— Ele foi um idiota.

A sra. Keitelbein assentiu.

O grupo dos colonos lunares declarou que não devolveria as verbas que já havia recebido, e que as agências federais estavam cobrando deles. Em vista disso, o FBI os prendeu, como grupo, por violação de estatutos relativos ao uso indevido de fundos federais e, onde havia maquinaria envolvida, pela posse não autorizada de propriedade federal etc. Pretextos, pensou Ragle Gumm.

Na penumbra do entardecer, a luminosidade do rádio do carro clareava o painel, o joelho dele, o joelho da garota ao seu lado, enquanto os dois se enroscavam, quentes, suados, estendendo a mão de vez em quando para o saco de batatas fritas apoiado nas dobras da saia dela. Ele inclinou a cabeça para tomar um gole da cerveja.

— Por que alguém iria querer morar na Lua? — murmurou a garota.

— Insatisfação crônica — disse ele, sonolento. — Pessoas normais não precisam disso. Pessoas normais estão satisfeitas com a vida do jeito que ela é. — Ele cerrou os olhos e ficou escutando a música dançante que vinha do rádio.

— É bonito lá na Lua? — perguntou a garota.

— Ah, meu Deus, é horrível — disse ele. — Não tem nada além de pedras e

poeira.

A garota disse:

— Quando a gente se casar, eu preferiria morar ali pela Cidade do México. O custo de vida é alto, mas é um ambiente muito cosmopolita.

Nas páginas da revista entre as mãos de Ragle Gumm, o artigo lhe lembrava que ele tinha agora quarenta e seis anos. Já fazia muito tempo desde que ele tinha ficado com a garota naquele carro, ouvindo música no rádio. Era uma garota tão carinhosa, pensou ele. Por que não havia uma foto dela naquele artigo? Talvez eles não soubessem nada a respeito dela. Uma parte da minha vida que não era levada em conta. Que não afetava a humanidade.

Em fevereiro de 1994 irrompeu uma batalha na Base Um, a capital simbólica das colônias lunares. Soldados da base de mísseis vizinha foram atacados pelos colonos, e teve início um confronto com cinco horas de duração. Naquela noite, naves transportando tropas partiram da Terra na direção da Lua.

Hurrah, pensou ele. Zip! Zip!

Dentro de um mês a guerra havia se alastrado.

— Entendi — disse Ragle Gumm e fechou a revista.

A sra. Keitelbein disse:

— Uma guerra civil é o pior tipo possível de guerra. Família contra família. Pai contra filho.

— Os expansionistas… — Com dificuldade, ele se corrigiu: — Os lunáticos na Terra não se deram muito bem.

— Eles ainda combateram durante algum tempo, na Califórnia e em Nova York e em algumas das grandes cidades do interior. Mas em apenas um ano o Um Mundo Feliz tinha assumido controle geral aqui na Terra. — A sra. Keitelbein sorriu para ele, aquele sorriso fixo, profissional; ela se recostou no balcão, de braços cruzados. — De vez em quando, durante a noite, membros da resistência dos lunáticos conseguem cortar fios telefônicos ou explodir uma ponte. Mas a maior parte dos que sobreviveram aqui estão, como se diz, recebendo uma dose de c.c.: campos de concentração. Em Nevada e no Arizona.

Ragle disse:

— Mas vocês têm a Lua.

— Ah, sim — disse ela. — E agora somos praticamente autossuficientes.

Temos os recursos, temos equipamento. O pessoal treinado.
— Eles não jogam bombas em vocês?
— Bem, vocês sabem, a Lua tem um lado oculto em relação à Terra.
Sim, pensou ele. É claro. A base militar ideal. A Terra não tinha essa vantagem. Cedo ou tarde, cada parte da superfície terrestre ficava ao alcance dos observadores lá na Lua.
A sra. Keitelbein disse:
— Todos os nossos legumes e verduras são hidro, produzidos em laboratórios hidropônicos, em tanques abaixo da superfície. Não podem ser contaminados por precipitação radioativa. E nossa atmosfera não é capaz de recolher e espalhar a poeira atômica. A menor gravidade permite que grande parte dessa poeira simplesmente se disperse… e se espalhe pelo espaço. Nossas instalações também são subterrâneas. Casas, escolas. E… — Ela deu um sorriso. — Nós respiramos ar enlatado. Nenhum material bacteriológico pode nos afetar. Vivemos num mundo fechado. Mesmo havendo um número menor de nós agora. Alguns milhares, na verdade.
— E vocês bombardeiam a Terra — disse ele.
— Temos um planejamento ofensivo. Um programa de ataque. Colocamos ogivas atômicas em naves que eram usadas para transporte e as disparamos na direção da Terra. Uma ou duas por semana, além de ataques menores, com foguetes-sonda, que temos em grande quantidade. Além de foguetes de comunicação ou de suprimentos, que são pequenos mas podem atingir algumas fazendas ou uma fábrica. Isto os deixa preocupados porque eles nunca conseguem saber se é um foguete de transporte com uma ogiva de hidrogênio das grandes ou se é uma bomba menor. Isso desorganiza a vida deles.
Ragle disse:
— E é isso que eu prevejo.
— Isso mesmo — disse ela.
— Como é que eu estou me saindo?
— Não tão bem quanto eles lhe dizem. Me refiro a Lowery.
— Sei — disse Ragle.
— Mas não vai mal, também. Estamos conseguindo randomizar nosso procedimento, mais ou menos… Mas você consegue prever alguns ataques, principalmente os dos foguetes de grande porte. Acho que nós nos preocupamos um pouco mais com eles, porque os temos em menor

quantidade. Então nossa tendência é usá-los de forma menos aleatória. E assim você percebe o padrão, você e esse seu talento. Chapéus femininos. O que as mulheres vão usar ano que vem? Um talento oculto.

— Sim — disse ele. — Ou artístico.

— Mas por que você passaria para o lado deles? — questionou Vic. — Eles estão nos bombardeando, matando nossas mulheres e crianças…

— Ele agora sabe por quê — disse a sra. Keitelbein. — Vi isso no rosto dele, enquanto ele lia a revista. Ele agora se lembra.

— Isso mesmo. Eu me lembro agora.

— Por que você passou para o lado deles? — perguntou Vic.

— Porque eles estão certos — disse Ragle. — E os isolacionistas estão errados.

A sra. Keitelbein disse:

— É por isso mesmo.

Quando Margo abriu a porta da frente e viu Bill Black parado na varanda, disse:

— Eles não estão. Os dois foram pro supermercado, fazer um balanço das mercadorias. Ele falou algo a respeito de uma auditoria de surpresa.

— Posso entrar mesmo assim?

Ela o deixou entrar, e ele fechou a porta atrás de si.

— Eu já sei que eles não estão aqui — disse. Estava com uma atitude apática, desanimada. — Mas também não estão lá no mercado.

— Foi onde eu os vi pela última vez — disse ela, incomodada por estar mentindo. — E foi o que eles me disseram. — O que me disseram para dizer, pensou consigo.

Black disse:

— Eles conseguiram sair. Nós achamos o motorista da carreta. Eles o largaram na estrada, a uns cento e cinquenta quilômetros daqui.

— Como você sabe? — perguntou ela, sentindo uma raiva súbita dele. Um ressentimento quase histérico. Ela não entendia por quê, mas tinha uma intuição profunda. — Você e suas lasanhas — disse, quase sufocando. — O tempo todo vindo aqui para espionar, rondando esta casa o tempo todo. Mandando aquela sua esposa vir aqui abanar o rabinho e se esfregar nele.

— Ela não é minha esposa. Ela foi escalada para vir comigo porque eu tinha que criar um ambiente familiar.

Margo virou a cabeça.
— Ela… ela sabe?
— Não.
— Já é alguma coisa. E agora? Você pode ficar aí, com esse risinho na cara, só porque sabe de tudo que está acontecendo.
— Não estou com risinho nenhum — disse Black. — Estou pensando que, no instante em que eu tive a chance de detê-lo, eu pensei, ah, devem ser os Kesselman. As mesmas pessoas. Uma simples confusão de nomes. Fico pensando quem terá bolado este plano. Nunca fui muito bom com nomes. Talvez eles tenham descoberto isto. Mas eu tenho mil e seiscentos nomes para administrar…
— Mil e seiscentos nomes — disse ela. — O que quer dizer com isto?
E aquela sua intuição começou a crescer. Uma sensação da finitude daquele mundo que havia ao seu redor. As ruas e as casas e as lojas e carros e pessoas. Mil e seiscentas pessoas, todas no centro de um grande palco. Cercadas de cenários, de mobília para se sentar, cozinhas para preparar refeições, carros para dirigir, compras para fazer. E lá bem longe, para além do palco principal, os cenários pintados, sem relevo. Casas pintadas vistas à distância. Pessoas pintadas. Ruas pintadas. Sons vindos de alto-falantes nas paredes. Sammy sentado sozinho numa sala de aula, o único aluno da turma. E mesmo o professor não era real. Só uma porção de vídeos sendo exibidos para ele.
— A gente pode saber para que é isso tudo? — perguntou ela.
— Ele sabe. Ragle sabe.
— É por isto então que não temos rádios.
— Com rádios vocês poderiam vir a captar outras transmissões — disse Black.
— É verdade. Captamos vocês.
Ele fez uma careta.
— Era uma questão de tempo. Cedo ou tarde. Mas a gente esperava que ele voltasse a se acomodar de novo, apesar de tudo.
— Mas então apareceu alguém.
— Sim. Duas pessoas. Hoje enviamos uma equipe à casa deles, aquela casa grande no fim da rua, uma de dois andares, mas já tinham desaparecido. Ninguém por lá. Deixaram todas as maquetes. Ministraram um curso de Defesa Civil para ele, vindo até a época presente.

Ela disse:
— Se você não tem mais nada a dizer, preferia que fosse embora.
— Eu vou ficar aqui — disse Black. — A noite inteira. Talvez ele resolva voltar. Achei que você preferiria que Junie não viesse comigo. Posso dormir aqui na sala, assim posso ver se ele reaparecer. — Abrindo a porta da frente, ele pegou uma maleta que havia deixado na varanda. — Minha escova de dentes, meu pijama, alguns objetos pessoais — disse com a mesma voz opaca, sem energia.
— Você está com um problema sério. Não está?
— Você está também — disse Black. Pondo a maleta em cima de uma cadeira, ele a abriu e começou a tirar suas coisas.
— Quem é você, afinal? Caso não seja "Bill Black".
— Eu sou Bill Black. O major William Black, do Escritório de Planejamento Estratégico dos Estados Unidos, Teatro de Operações Ocidental. Originalmente eu trabalhava com Ragle, mapeando os envios de mísseis. Sob um certo ponto de vista, sou um aluno dele.
— Então você não trabalha para a companhia de águas da prefeitura.
A porta da frente se abriu e lá estava Junie Black, de casaco, segurando um relógio. Seu rosto estava vermelho e inchado; era óbvio que tinha chorado.
— Você esqueceu seu relógio — disse ela a Bill Black, estendendo-o para ele. — Por que quer passar a noite aqui? — disse ela numa voz insegura. — É alguma coisa que eu fiz? — Ela olhou para Margo. — Vocês dois estão tendo um caso? É isso? Era isso então, este tempo todo?
Nenhum dos dois disse coisa alguma.
— Por favor, me expliquem — disse Junie.
Bill disse:
— Pelo amor de Deus, pode cair fora daqui? Vá para casa.
Fungando, ela disse:
— Está bem, como você quiser. Você volta para casa amanhã, ou isso é definitivo?
— É só por esta noite — disse Bill.
A porta se fechou e ela sumiu.
— Que praga — disse Bill Black.
— Ela ainda acredita que é sua esposa.
— Vai continuar acreditando até ser reconstruída. Assim como você. Você vai continuar vendo tudo que tem visto. O treinamento está todo aí, num nível

não racional. Gravado no seu sistema.
— É um horror.
— Ah, não sei. Tem coisas piores. E isso é uma tentativa de salvar a vida de vocês.
— Ragle é condicionado, também? Como o restante de nós?
— Não — disse Black, enquanto esticava o pijama em cima do sofá. Margo notou as cores berrantes, as folhas e flores em vermelho vivo. — A situação de Ragle é outra. Ele nos deu a ideia para tudo isto. Ele se viu em um dilema, e a única maneira que teve de solucioná-lo foi se retrair numa psicose.
Ela pensou: então ele é mesmo louco.
— Ele se recolheu para o interior de uma fantasia de tranquilidade — disse Black, dando corda no relógio que Junie trouxera. — De volta ao período de antes da guerra. Para sua infância. Para o final dos anos 1950, quando ele era um menino.
— Não acredito numa só palavra do que você diz — disse ela, resistindo. Mas continuou a escutar.
— E assim nós criamos um sistema pelo qual podíamos deixá-lo viver nesse seu mundo, sem estresse. Relativamente sem estresse, quero dizer. E ainda assim fazer a interceptação dos mísseis para nós. Podia fazer isso, mas agora sem a sensação do peso em seus ombros. O peso das vidas de toda a humanidade. Ele transformou aquilo num problema a ser solucionado, num concurso promovido por um jornal. Esse foi o nosso ponto de partida original. Um dia, quando o visitamos no seu quartel-general em Denver, ele nos cumprimentou dizendo: “O problema do concurso de hoje está quase resolvido”. Uma semana depois, mais ou menos, ele estava em plena fantasia de recuo temporal.
— Ele é mesmo meu irmão? — perguntou ela.
Black hesitou.
— Não — disse.
— É parente meu de alguma maneira?
— Não — disse Black, com alguma relutância.
— Vic é mesmo meu marido?
— N-não.
— Alguém aqui tem alguma ligação ou parentesco com mais alguém? — questionou ela.
Fazendo uma carranca, Black disse:

— Eu… — Ele mordeu o lábio e prosseguiu. — Bem, acontece que eu e você somos casados. Mas o seu tipo de personalidade era o que melhor se encaixava para ajudar a compor um ambiente doméstico para Ragle. Por questões meramente de ordem prática.

Depois disto, nenhum dos dois disse mais nada. Margo caminhou para a cozinha com passos incertos e sentou-se à mesa de lá, mergulhada em reflexões.

Bill Black é meu marido, pensou ela. O major Black.

Na sala, seu marido desdobrou um lençol, forrou o sofá, jogou uma almofada numa das extremidades e preparou-se para passar a noite.

Ela foi até a sala e disse:

— Posso perguntar uma coisa?

Ele assentiu.

— Você sabe de onde vem o fio do interruptor que Vic procurou e não achou no banheiro, naquela noite?

Black disse:

— Vic era gerente de um pequeno supermercado no Oregon. O fio deve ser de lá. Ou do apartamento onde ele morava lá.

— Nós dois somos casados há quanto tempo?

— Seis anos.

Ela perguntou:

— Temos filhos?

— Duas meninas. Quatro e cinco anos.

— E quanto a Sammy? — Sammy já estava dormindo em seu quarto, com a porta fechada. — Ele é parente de alguém? Ou é só um garoto que foi recrutado de passagem no meio de uma fila, como um ator mirim para fazer um papel num filme?

— Ele é filho de Vic. De Vic com a esposa.

— Qual é o nome da esposa dele?

— Vocês nunca se encontraram.

— Então não é aquela lourona do Texas que trabalha com ele no mercado.

Black deu uma risada.

— Não. É uma garota chamada Betty ou Barbara. Eu também não a conheço pessoalmente.

— Que confusão — disse ela.

— É mesmo — disse ele.

Ela voltou à cozinha para se sentar. Depois ouviu quando ele ligou o aparelho de televisão. Ele ouviu música clássica durante uma hora ou mais, e depois ela o ouviu desligar o aparelho, em seguida apagou a luz da sala e depois se enfiou embaixo do lençol. Um pouco depois, ainda sentada à mesa da cozinha, ela cochilou sem querer.

O telefone a acordou. Ela ouviu Bill Black esbarrando nos móveis da sala, à procura dele.

— No corredor — ela disse, ainda zonza.

— Alô — já estava dizendo Black.

O relógio de parede por cima da pia da cozinha lhe dizia que eram três e meia da madrugada. Meu Deus, pensou ela.

— Está bem — disse Black. Ele desligou o fone e voltou arrastando os pés até a sala. Ela ficou à escuta e ouviu-o se vestindo, guardando as coisas na mala, depois ouviu a porta da frente abrindo e fechando. Ele saiu. Ele foi embora.

Não vou ficar esperando, pensou ela, esfregando os olhos e tentando ficar acordada. Sentia-se entrevada e com frio, tremendo. Ficou de pé e parou diante do fogão, tentando se sentir mais aquecida.

Eles não vão voltar, pensou ela. Pelo menos, Ragle não vai voltar. Se fosse isso, Black ficaria esperando.

Lá do seu quarto, Sammy chamou:

— Mamãe! Mamãe!

Ela foi abrir a porta.

— O que houve? — disse.

Sentado na cama, Sammy perguntou:

— Quem estava falando no telefone?

— Ninguém — disse ela. Entrou no quarto e inclinou-se junto da cama para arrumar o cobertor do garoto. — Vamos, volte a dormir.

— Papai já voltou para casa?

— Ainda não.

— Uau — disse Sammy, já deitado de novo e começando a adormecer. — Talvez eles tenham roubado alguma coisa… fugido da cidade…

Ela ainda se demorou no quarto, sentada na beira da cama do menino, fumando um cigarro e forçando-se a ficar acordada.

Eu não acho que eles vão voltar, pensou. Mas vou ficar acordada para esperar, em todo caso. Nunca se sabe.

— O que quer dizer com isto de “eles estão certos”? — perguntou Vic. — Quer dizer então que é certo bombardear cidades, hospitais, igrejas?

Ragle Gumm lembrou-se do dia em que ouvira falar pela primeira vez que os colonos lunares, que já eram chamados de lunáticos, tinham disparado contra tropas federais. Ninguém ficou muito surpreso. Os lunáticos eram, em sua maior parte, pessoas descontentes, casais jovens ainda sem uma vida estável, homens jovens e ambiciosos e suas esposas, poucos deles com filhos, ninguém dono de muitas propriedades ou responsável por muita coisa. Sua primeira reação foi querer entrar na luta. Mas a idade não permitia. E ele tinha algo muito mais valioso para oferecer.

Eles o puseram para trabalhar na previsão dos mísseis inimigos, produzindo seus gráficos e padrões, fazendo pesquisas estatísticas, ele e sua equipe.

O major Black tinha sido seu oficial executivo e era um indivíduo brilhante, ansioso para descobrir de que maneira Gumm conseguia intuir os padrões de lançamento. Durante o primeiro ano tudo correu bem, e então o peso da responsabilidade começou a destruí-lo. A consciência de que todas aquelas vidas dependiam dele. Nesse momento, o comando do Exército decidiu levá-lo para fora da Terra. Colocá-lo a bordo de uma nave e transportá-lo para uma das estações de cura mantidas em Vênus, para onde os oficiais de alta patente costumavam ir e passar longos períodos. O clima de Vênus, ou talvez os sais minerais contidos na água, ou a gravidade — ninguém sabia ao certo — eram capazes de curar casos de câncer e de males cardíacos.

Pela primeira vez na vida ele se viu deixando o planeta Terra. Viajando através do espaço, entre os planetas. Livre da força da gravidade. A mais poderosa das amarras finalmente não mais o prendia. A força fundamental que mantinha o universo da matéria comportando-se como o faz. A teoria de Heisenberg a respeito do campo unificado que conectava toda a energia e todos os fenômenos numa única experiência. Agora, quando a nave deixou a Terra, ele passou daquela experiência para outra, a experiência da liberdade pura.

Aquilo respondia, para ele, a um anseio do qual ele jamais se apercebera. Uma inquietude profunda e ansiosa, sempre presente, sob a superfície, ao longo da vida dele, mas nunca claramente articulada. O anseio de viajar. De migrar.

Seus antepassados tinham migrado. Tinham surgido como nômades, como

coletores de alimentos, não como agricultores, invadindo o Ocidente a partir da Ásia. Quando alcançaram o Mediterrâneo, ali se estabeleceram, porque tinham chegado à derradeira borda do mundo; não havia mais para onde ir. E depois, centenas de anos depois, chegaram até eles alguns relatos sobre a existência de outras terras. Terras do outro lado do mar. Eles nunca tinham sido muito afeitos a navegar os oceanos, a não ser por uma migração abortada para o norte da África. Uma migração feita em barcos, que se transformou numa experiência terrível para eles. Não sabiam para onde estavam indo, mas depois de algum tempo tinham conseguido migrar de um continente para outro. E isso os manteve parados por um tempo, porque mais uma vez sentiram que tinham atingido o limite.

Nenhuma migração fora igual àquela. Para qualquer espécie, qualquer raça. De um planeta para outro. Como alguém podia superá-la? Agora, naquelas naves, eles estavam dando o salto final. Todo ser vivo faz sua migração, se desloca. É uma necessidade universal, uma experiência universal. Mas estas pessoas tinham atingido o derradeiro estágio, e, até onde se sabia, nenhuma outra espécie ou raça tinha ido tão longe.

Aquilo não tinha nada a ver com minérios, recursos, medições científicas. Nem mesmo com exploração e lucro. Tudo isso era mero pretexto. O verdadeiro motivo estava fora do espaço consciente de suas mentes. Ele mesmo não saberia traduzir em palavras esse anseio, mesmo sendo um dos que o experimentavam com plenitude. Ninguém poderia. Era um instinto, o mais primitivo dos impulsos, e ao mesmo tempo o mais nobre e o mais complexo. As duas coisas ao mesmo tempo.

E o mais irônico, pensou ele, é as pessoas dizerem que Deus nunca quis que o homem viajasse pelo espaço.

Os lunáticos estão certos, pensou, porque eles sabem que isso nada tem a ver com o possível lucro futuro das concessões de minério. Estamos apenas fingindo que fomos para a Lua para extrair minério. Não é uma questão política, não é sequer uma questão ética. Mas a gente tem que responder alguma coisa, quando alguém nos pergunta. A gente precisa fingir que sabe por que faz aquilo.

Durante uma semana ele se banhou nas águas termais de Roosevelt Hot Springs, em Vênus. Depois eles o embarcaram de volta para a Terra. Um pouco depois disso, ele começou a passar um tempo enorme pensando nos tempos da sua infância. Pensando nos dias tranquilos, quando seu pai se

sentava na sala e ficava lendo o jornal, e as crianças assistiam "Captain Kangaroo" na televisão. Quando sua mãe saía ao volante do seu Volkswagen novo, e as notícias do rádio não falavam da guerra, mas do novo satélite artificial e das esperanças que a energia nuclear despertava. A possibilidade de fontes inesgotáveis de energia.

Antes das grandes greves, depressões e desordem civil que vieram em seguida.

Essas eram as suas últimas lembranças. Passar o tempo pensando nos anos 1950. E então, um belo dia, ele se viu de volta aos anos 1950. Aos seus olhos, foi um acontecimento miraculoso. Um deslumbramento de tirar o fôlego. De uma hora para outra, desapareceram as sirenes, os edifícios de c.c., os conflitos e o ódio, os adesivos de para-choque proclamando UM MUNDO FELIZ. Os soldados uniformizados à sua volta o dia inteiro, o terror diante do próximo ataque de mísseis, a pressão e a tensão, e acima de tudo a dúvida que todos eles experimentavam. A culpa terrível de uma guerra civil, encoberta por camadas e mais camadas de uma ferocidade crescente. Irmão contra irmão. Uma família voltada contra si mesma.

*

Um Volkswagen veio se aproximando e estacionou. Uma mulher, bonita, sorridente, desceu do carro e disse a ele:

— Está pronto para ir para casa?

Que carrinho pequenininho e prático que eles compraram, pensou. Uma boa compra, sim, senhor. E com um bom valor de revenda.

— Mais ou menos — disse ele para a mãe.

— Preciso comprar algumas coisas na farmácia — disse o pai dele, fechando a porta do carro.

Dê sua navalha na compra de um barbeador elétrico, pensou ele vendo a mãe e o pai entrarem na farmácia do shopping center de Ernie. Sua navalha vale dinheiro, independentemente da marca. Nenhuma preocupação grave: o prazer de comprar. Por cima da cabeça dele, letreiros luminosos. As mudanças de cores nos anúncios. A beleza, o esplendor. Ele andou à toa pelo estacionamento, por entre os automóveis compridos em tom pastel, erguendo o rosto para os letreiros, lendo as palavras que brilhavam nas vitrines. Latas de Café Schilling de meio quilo a sessenta e nove centavos. Puxa vida, pensou ele, que pechincha.

Seus olhos absorviam as imagens de mercadorias, carros, pessoas, balcões; ele pensou: quanta coisa para a gente ver. Quanta coisa para examinar. Uma feira livre, praticamente. No departamento de secos e molhados uma mulher distribuía pedaços de queijo para que os clientes provassem. Ele foi naquela direção. Pedacinhos de queijo amarelo em cima de uma bandeja. A mulher estendia a bandeja para qualquer um. Dava algo em troca de nada. A animação. O vozerio e o murmúrio. Ele entrou na loja e estendeu a mão para pedir seu pedaço de queijo, trêmulo. A mulher, abaixando o rosto para ele e sorrindo, disse:

— Como é que se diz?

— Obrigado — disse ele.

— Gosta disso? — perguntou a mulher. — Andando por aqui e entrando em lojas diferentes enquanto seus pais fazem compras?

— Claro — disse ele, mastigando o queijo.

A mulher disse:

— É porque você tem a sensação de que tudo que você precisa pode ser comprado aqui? Uma grande loja de departamentos, um supermercado, é um mundo completo em si mesmo?

— Acho que sim — admitiu ele.

— Então não há o que temer. Não há necessidade de ficar ansioso. Você pode relaxar. E encontrar a paz aqui.

— É mesmo — disse ele, com uma pitada de ressentimento contra ela, por fazer tantas perguntas. Ele olhou novamente para a bandeja de comida.

— Em que departamento você está agora? — perguntou a mulher.

Ele olhou em volta e viu que estava no departamento de remédios. Entre tubos de pasta de dentes, revistas, óculos escuros e frascos de óleo para as mãos. Mas eu estava no setor de comidas, pensou ele com surpresa. Onde estão as degustações, os pedacinhos de comida para provar. Será que eles dão chiclete e balas de graça aqui? Seria muito legal.

— Sabe — disse a mulher — eles não lhe fizeram nada, não fizeram nada à sua mente. Foi você mesmo quem se transportou para o passado. E se transportou de volta agora, apenas por ter lido a respeito de tudo. Você continua querendo voltar. — Ela agora não segurava mais uma bandeja com pedaços de queijo. — Você sabe quem eu sou? — perguntou ela, com uma voz educada.

— Você me é familiar — disse ele, empacando, sem conseguir se lembrar de fato.

— Sou a sra. Keitelbein — disse a mulher.

— Isso mesmo — concordou ele. Ele se afastou dela. — A senhora me ajudou muito — disse a ela, sentindo-se agradecido.

— Você está conseguindo voltar — disse a sra. Keitelbein. — Mas vai levar tempo. O puxão é muito forte. A atração do passado.

A multidão de sábado à tarde fervilhava em volta dele. Que coisa boa, pensou ele. Esta é a época de ouro. O melhor tempo para se estar vivo. Quem me dera pudesse ser assim a vida toda.

Seu pai, chamando-o com um gesto para o Volkswagen. Os braços cheios de pacotes.

— Vamos — disse o pai.

— Está bem — disse ele, ainda deslumbrado, ainda querendo olhar para tudo, relutando em deixar tudo aquilo para trás. Num canto do pátio do estacionamento havia pilhas de papel colorido que o vento arrastara até ali, papel de presente, caixas, sacolas de papel. Sua mente configurou os padrões, os maços amassados de cigarros, as tampas das caixas de leite batido. E ali no meio de tanto lixo ele avistou algo valioso. Uma nota de um dólar, dobrada. Tinha sido soprada até ali pelo vento, com todo o resto. Inclinando-se, ele a localizou com precisão, pegou-a, desdobrou-a. Sim, um dólar. Perdido por alguém, provavelmente há muito, muito tempo atrás.

— Ei, olhe só o que eu achei — disse ele para o pai e a mãe, correndo na direção do carro deles.

Eles debateram e concluíram com:

— Ele pode ficar com isso? Será que é certo? — Era a mãe, preocupada.

— Nunca vamos conseguir saber quem era o dono — disse o pai. — Claro, pode ficar com ela. — Ele remexeu o cabelo do garoto com os dedos.

— Mas ele não fez por merecer — disse a mãe.

— Eu achei — cantarolou Ragle Gumm, segurando a nota com força. — Eu descobri onde ela estava; sabia que estava lá, no meio daquele lixo todo.

— Sorte — disse o pai. — Vejam só, eu conheço uns caras que são capazes de sair pela rua e encontrar dinheiro na calçada em qualquer dia da semana. Eu não sou. Sou capaz de apostar que em toda minha vida nunca achei dinheiro na rua.

— Eu consigo achar — cantarolou Ragle Gumm. — Eu sei onde está, eu sei como descobrir.

Mais tarde, o pai estava relaxando no sofá da sala, contando histórias sobre a Segunda Guerra Mundial, sua ação na guerra do Pacífico. A mãe estava lavando pratos na cozinha. A tranquilidade da casa…

— O que vai fazer com o seu dólar? — perguntou o pai.

— Vou investir — disse Ragle Gumm. — Assim eu ganho mais.

— Um futuro homem de negócios, hein? — disse o pai. — Não esqueça que as empresas pagam impostos.

— Vou ter dinheiro de sobra — disse ele cheio de confiança, recostando-se numa posição igual à do pai, as mãos cruzadas atrás da cabeça, os cotovelos apontados para fora.

Ele saboreou este momento mais feliz da sua vida.

— Mas por que tão impreciso? — perguntou ele à sra. Keitelbein. — O carro, o Tucker. Um carro bacana, mas…

A sra. Keitelbein disse:

— Você já andou num deles, certa vez.

— Já. Ou pelo menos penso que andei. Quando era garoto. — E, àquela altura das lembranças, ele podia sentir a presença do carro. — Em Los Angeles. Um amigo do meu pai tinha um dos protótipos.

— Está vendo? Isto explica tudo — disse ela.

— Mas o carro nunca entrou em linha de produção. Nunca foi além do estágio de ser feito à mão.

— Mas você precisava dele — disse a sra. Keitelbein. — Era para você.

Ragle Gumm disse:

— *A cabana do Pai Tomás.* — Tinha-lhe parecido perfeitamente natural para ele, naquela hora, quando Vic lhe mostrara o livro do clube. — Aquilo foi escrito um século antes da minha época. É um livro realmente antigo.

Pegando a revista com o artigo sobre ele, a sra. Keitelbein a estendeu, dizendo:

— Uma referência de sua infância — disse ela. — Tente lembrar.

Ali, no artigo, havia uma referência ao romance. Ele possuíra um exemplar e lera o livro vezes sem conta. Uma capa amarela e preta, toda gasta, com ilustrações que pareciam riscadas a carvão, tão melodramáticas quanto o resto do livro. E mais uma vez ele sentiu o peso daquele objeto nas mãos, a textura

áspera e empoeirada da capa, do papel. Era ele, afastado de tudo, na quietude e na sombra do quintal, nariz e olhos enterrados no texto. Guardando-o consigo em seu quarto, relendo-o, porque era um elemento de estabilidade; algo que nunca mudava. Ele lhe transmitia uma sensação de certeza. Uma sensação de que podia confiar que aquele livro estaria sempre ali, igual ao que sempre tinha sido. Mesmo as marcas de lápis que ele fizera na primeira página, rabiscando suas iniciais.

— Tudo de acordo com o que você exigia — disse a sra. Keitelbein. — O que você precisava, para sua segurança e conforto. Por que tinha de ser assim, tão detalhista? Se *A cabana do Pai Tomás* era um desejo seu de infância, ela era incluída.

Como uma fantasia, pensou ele. Cercando-se de tudo que era bom. Deixando de fora o indesejável.

— Se o rádio interferisse, então não haveria rádios — disse a sra. Keitelbein. — Ou pelo menos não deveria haver.

Mas era uma coisa tão natural, pensou ele. Eles acabavam esquecendo um rádio aqui e ali. De vez em quando esqueciam que ali no mundo ilusório os rádios não existiam; de vez em quando escorregavam nesses detalhes. A típica dificuldade de sustentar uma fantasia… elas acabavam não sendo mais consistentes. Sentado à mesa, jogando pôquer conosco, Bill Black viu o rádio de cristal de galena e não lembrou. Era algo tão comum. A mente dele não registrou; ele estava preocupado com coisas mais importantes.

Com seu jeito paciente, a sra. Keitelbein prosseguiu:

— Você reconhece agora que eles construíram para você um ambiente controlado, seguro, e o colocaram onde você podia cumprir suas tarefas sem questionamentos e sem distrações. E sem perceber que estava do lado errado.

Vic disse, com agressividade:

— O lado errado? O lado que estava sendo atacado!

— Numa guerra civil — disse Ragle —, todos os lados estão errados. É inútil tentar separar uns dos outros. Todos são vítimas.

Nos seus períodos de lucidez, antes de o terem removido do seu escritório para transferi-lo para a Cidade Velha, ele chegara a elaborar um plano. Reuniu cuidadosamente suas anotações e seus papéis, empacotou seus objetos pessoais e preparou-se para ir embora. Através de uma série de subterfúgios ele conseguiu entrar em contato com um grupo de lunáticos da Califórnia, que estava num dos campos de concentração do Meio-Oeste.

Doses de treinamento para reorientação ainda não tinham afetado sua lealdade, e eles foram capazes de dar-lhe instruções. Ele deveria encontrar um lunático ainda livre e não identificado, em St. Louis, numa determinada hora, num dia exato. Mas ele nunca chegou lá. Na véspera, o contato dele foi preso e soltou a informação. Isso foi o fim.

Nos campos de concentração, os lunáticos capturados sofriam uma lavagem cerebral sistemática, mas é claro que ela não recebia esse nome. Era chamada de educação de acordo com uma nova linha, ou libertação do indivíduo dos seus preconceitos, de suas convicções distorcidas, obsessões neuróticas, ideias fixas. Ajudava o indivíduo a amadurecer. Era um novo conhecimento. Ele saía de lá sendo um homem melhor.

Quando a Cidade Velha foi construída, as pessoas que se transferiram para lá e se tornaram parte da vida dele foram submetidas à mesma técnica usada nos campos. Foram como voluntários. Todos, menos Ragle Gumm. E nele a técnica do campo ajudou a fixar os derradeiros elementos para consolidar seu retorno ao passado.

Eles fizeram dar certo, pensou ele. *Eu me retraí da realidade, e eles me seguiram, colados em mim. Sempre de olho em mim.*

Vic disse:

— É melhor você pensar bastante. É uma decisão radical, passar para o outro lado.

— Ele já havia tomado essa decisão — disse a sra. Keitelbein. — Três anos atrás.

— Eu não vou com você — disse Vic.

— Sei disso — disse Ragle.

— Você vai abandonar Margo, sua própria irmã?

— Vou — disse Ragle.

— Vai abandonar todo mundo.

— Vou.

— Para que eles possam nos bombardear e matar a população inteira.

— Não.

Porque, depois que ele tomara sua decisão, depois que largara seus negócios particulares e se transferira para Denver, viera a saber de algo de que somente os oficiais de mais alta patente tinham conhecimento e que jamais viera a público. Era um segredo muito bem guardado. Os lunáticos, os colonos da Lua, tinham concordado em fazer um armistício nas primeiras

semanas da guerra. Eles insistiam apenas em dois pontos: que um esforço concreto continuasse a ser feito para a colonização do espaço e que, depois do fim das hostilidades, não houvesse represálias contra eles. Sem Ragle Gumm, o governo sediado em Denver teria concordado com estas exigências. A ameaça dos mísseis teria sido um argumento bastante forte. O sentimento da população contra os colonos ainda não tinha ido longe demais, e três anos de guerra e de sofrimento para ambos os lados tinham feito uma grande diferença.

Vic disse:

— Você é um traidor. — Ele encarou o cunhado. Exceto, pensou Ragle, que eu não sou cunhado dele. Não somos parentes. Eu nem o conhecia, antes da Cidade Velha.

Mas, sim, pensou depois. Eu o conhecia. Quando eu morava em Boyd, no Oregon. Ele era dono de um mercadinho lá. Era dele que eu comprava frutas e verduras. Ele estava sempre circulando, carregando sacos de batatas, com seu avental branco, sorrindo para os fregueses, cuidando para não desperdiçar a mercadoria. Era só até aí que nós dois nos conhecíamos.

E também não tenho uma irmã.

Mas, pensou ele, vou considerá-los minha família, porque nos dois anos e meio em que vivi na Cidade Velha, eles foram uma verdadeira família para mim, eles e Sammy. E June e Bill Black são meus vizinhos. Eu *estou* abandonando todos eles, família, parentes, vizinhos e amigos. É isso que uma guerra civil faz. Num certo sentido, é a mais idealista das guerras. A mais heroica. A que exige maiores sacrifícios e oferece menos vantagens práticas.

Estou fazendo isto porque sei que é o certo. É isto que vem primeiro: o meu dever. Todos os demais, Bill Black, Victor Nielson, Margo, Lowery, a sra. Keitelbein, a sra. Kesselman — todos eles fizeram o que deviam fazer; todos foram fiéis àquilo em que acreditavam. Eu pretendo fazer o mesmo.

Estendendo a mão, ele disse a Vic:

— Adeus.

Vic, com o rosto rígido, o ignorou.

— Vai voltar para a Cidade Velha? — perguntou Ragle.

Ele assentiu.

— Talvez eu reencontre todos vocês — disse Ragle. — Depois que a guerra acabar. — Ele não acreditava que a guerra fosse durar muito tempo. — Não sei se eles vão continuar a manter a Cidade Velha. Sem que eu esteja lá, no

centro.

Dando meia-volta, Vic deu-lhe as costas e foi até a porta da farmácia.

— Existe alguma maneira de sair daqui? — perguntou com uma voz bem alta, de costas para os dois.

— Vamos deixar você sair — disse a sra. Keitelbein. — Vamos largar você na rodovia e você vai conseguir uma carona de volta para a Cidade Velha.

Vic continuou parado junto da porta.

É uma vergonha, pensou Ragle Gumm. Mas as coisas têm sido assim já faz bastante tempo. Não há nada de novo nisto.

— Você me mataria? — perguntou ele a Vic. — Se pudesse?

— Não — disse Vic. — Sempre existe uma chance de que você volte para o nosso lado.

Para a sra. Keitelbein, Ragle falou:

— Vamos embora.

— Sua segunda viagem — disse ela. — Você vai deixar a Terra novamente.

— É verdade — disse Ragle. Mais um lunático se juntando ao grupo que já está lá.

Por trás das janelas da farmácia via-se uma forma escura inclinada, apoiando-se numa das extremidades, em posição de lançamento. Vapores brotavam da sua base. A plataforma de lançamento foi conduzida devagar até lá e se ajustou na posição. Mais ou menos à altura do meio da nave, uma porta se abriu. Um homem pôs a cabeça para fora, piscou, esforçando-se para enxergar na escuridão da noite. Então acendeu uma luz colorida.

O homem que segurava a luz colorida era incrivelmente parecido com Walter Keitelbein. Para falar a verdade, ele *era* Walter Keitelbein.

SOBRE O AUTOR

Philip K. Dick nasceu em Chicago, Illinois, em 1928, e faleceu em Santa Ana, Califórnia, em 1982. Um dos principais autores de ficção científica americana, seu trabalho é reconhecido tanto pela inventividade quanto pelo valor literário. Ganhador de diversos prêmios, seus livros mais conhecidos são *Androides sonham com ovelhas elétricas?*, *O homem do castelo alto*, *Os três estigmas de Palmer Eldritch* e *Ubik*. Muitos de seus trabalhos foram adaptados para o cinema pela mão de diversos cineastas como Ridley Scott, *Blade Runner: O caçador de androides*; Steven Spielberg, *Minority Report: A nova lei*; Paul Verhoeven, *O vingador do futuro*; entre outros.